

VALENTINA



Sem *limites*

EVIE BLAKE

Liberte os seus desejos mais íntimos



VALENTINA SEM LIMITES

Liberte os seus desejos mais íntimos

Romance

Evie Blake

Sobre este livro

A fotógrafa de moda Valentina Rosselli precisa superar a perda de Théo, o amor de sua vida. Um convite para deixar Milão e fazer um trabalho para a revista *Harper's Bazaar* em Nova York pode ser a oportunidade perfeita para mudar de ares. Ela aceita e, quando reencontra Leonardo, seu melhor amigo, aos poucos recupera sua autoestima, liberando seus desejos eróticos mais secretos e inimagináveis. No entanto, um mistério do passado a impede de ser completamente feliz e precisa ser desvendado.

Em 1984, na Berlim Oriental do pós-guerra, Tina Rosselli, a mãe de Valentina, está disposta a abandonar tudo para viver uma paixão repentina por um carismático violoncelista, mas o Muro ainda está de pé e torna o relacionamento impossível. Mesmo assim, o breve mas explosivo caso que tiveram vai marcar Tina para o restante da vida.

À medida que exploram seu passado em busca de respostas, tanto Valentina quanto Tina mergulham em uma zona obscura, repleta de conflitos amorosos e existenciais, que vão transformá-las profundamente. A única certeza é a de que ambas devem libertar seus desejos e procurar a redenção no amor.

Sobre a autora



Evie Blake é o pseudônimo da escritora e roteirista britânica Noëlle Harrison. Nascida em Londres, atualmente vive em Bergen, na Noruega. Autora de uma série de peças de teatro, estreou na literatura com o romance *Beatrice*, de 2004. Escreveu também os romances *A Small part of me* (2005), *I Remember* (2008) e *The Adulteress* (2009), além da novela *The Secret loves of Julia Caesar* (2012). Seus livros estão publicados no Reino Unido e também na Alemanha, Holanda, Hungria e Itália.

www.noelleharrison.com

Título original em inglês: Valentina Unlocked

Copyright © 2013 by Noelle Harrison

Inspirado na personagem Valentina, de Guido Crepax.

Ilustrações © Guido Crepax, Crepax Estate. Todos os direitos reservados.

© Luisa Mandelli, Antonio Giovanni Crepas, Caterina Crepas e Giacomo Emílio Crepas

Todos os direitos no Brasil reservados para Editora Europa, Rua MMDC 121,
São Paulo, SP

Diretor e Publisher Aydano Roriz

Diretor Executivo Luiz Siqueira

Diretor Editorial - Livros Mário Fittipaldi

Revisão Patrizia Zagni

Edição de Arte Jeff Silva

Imagem de Capa Shutterstock.

ISBN 978-85-7960-308-2

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Apêndice 1](#)
[Apêndice 2](#)
[Apêndice 3](#)
[Apêndice 4](#)
[Agradecimentos](#)

Dedicatória

Apesar do tema do livro tratar do amor em todas as suas formas, uma vez que parte da história de Tina se passa em Berlim, gostaria de mencionar o quanto fiquei tocada pelas histórias de todos aqueles que tentaram atravessar o Muro durante a sua existência: 1.065 pessoas morreram tentando cruzar a fronteira para deixar a Alemanha Oriental, durante a travessia ou em uma prisão após a tentativa de fuga. O crime que cometeram foi querer escolher como e onde viver as próprias vidas. Homens, mulheres e crianças foram baleados ou morreram afogados no Rio Spree, tendo sido tratados sem a menor humanidade ou compaixão.

Gostaria de dedicar este livro a todas essas pessoas.

Evie Blake

Tina

1989

ELA SEGURA VALENTINA pela mão. Aperta com força a palma gelada da filha e sente a sua própria esfriar. Tina está suando, apesar do frio daquele dia de meados de novembro. A ansiedade corre por todo o seu corpo, queimando por dentro, encharcando sua pele como se ela e Valentina se derretessem uma na outra. Deslizam pela multidão como se fossem uma só enquanto Tina busca um rosto. Não importa que cinco anos tenham se passado desde a última vez em que viu Karel: nunca esquecerá aquela beleza estonteante. Tem certeza de que vai reconhecê-lo.

Agora que o momento finalmente chegou, não consegue mais esperar, nem por um segundo. Os moradores de Berlim Oriental atravessam a passagem de Borholmerstrasse em polvorosa e ela sabe que ele está entre eles. Afinal, não haviam se prometido um ao outro? Se o muro caísse, não importava quando, não importava como, estaria esperando por ele cinco dias após a abertura da primeira passagem, ao meio-dia. Olha para o relógio e faltam cinco minutos... Em breve, Valentina vai conhecer o pai.

Os últimos dias foram surreais. Nunca vai se esquecer do momento em que se sentou para assistir ao jornal e viu a entrevista com o jornalista da Agência de Notícias Italiana. Era um dia como outro qualquer, atribulado com trabalho e afazeres maternos. Pela manhã, tinha fotografado uma sessão para a revista *Elle* e, à tarde, tinha levado Valentina para brincar de balanço no parque. No caminho de volta para casa, comprou comida e parou para conversar com a vizinha no corredor do prédio. Ligou para o filho, Mattia, nos Estados Unidos, enquanto o molho de tomate apurava e Valentina desenhava com giz de cera na mesa da sala de estar. Era uma criança tão tranquila, não dava trabalho algum.

Despediu-se de Mattia, tirou o molho do fogo e acomodou-se, olhando para a televisão sem prestar atenção enquanto bebericava sua taça de vinho. Naquele instante, o programa foi interrompido para transmitir a entrevista de um membro do Politburo germânico oriental, Gunter Schabowski. Entusiasmado, um jornalista perguntava quando exatamente entrariam em vigor as novas regras de passagem livre em todos os pontos da fronteira que dividia a Alemanha Oriental da Ocidental. A resposta de Schabowski ecoou em sua cabeça:

Se minhas informações estiverem corretas, imediatamente.

A taça caiu no chão, estilhaçando-se e espalhando vinho por todo o carpete – a mancha ela jamais conseguiu remover.

Imediatamente.

Saltou da poltrona, juntando as mãos e soltando um leve grito que chamou a atenção de Valentina. O Muro de Berlim estava caindo. Ela estava certa. Disse para Karel que ele devia ter esperanças e que encontraria, enfim, a liberdade. Nada neste mundo a impediria de estar na passagem da fronteira em cinco dias. Não era por amor a Karel. Certamente, ele já teria encontrado outra mulher, não? Tudo bem, afinal ela tinha Phil. Não era por ela, mas pela sua filha. Aquela era a única e derradeira chance de Valentina conhecer o pai verdadeiro.

— Estou com frio, mami — Valentina está tremendo.

— Agora falta muito pouco, querida— diz.

— Mas por que estamos aqui? — A menina choraminga. — Quero ir pra casa.

Tina não quer revelar sobre o encontro com Karel antes de vê-lo. Não poderia confundir Valentina, a não ser que fosse absolutamente necessário. Antes de contar, precisa saber se Karel ainda quer conhecê-la.

Sobe até o topo da barricada e observa os berlinenses se amontoando para atravessar a ponte. Obviamente, a maioria quer apenas ver como é do outro lado e voltar para casa logo em seguida. Porém, alguns estão fazendo a travessia de forma definitiva, equilibrando caixas enormes, arrastando bicicletas com bagagens amarradas ou empurrando seus velhos Trabants carregados.

Os minutos vão passando. Tina espera e observa. Ao meio-dia e meia, começa a duvidar; à uma hora da tarde, Valentina está rangendo os dentes de tanto frio. O que deve fazer? Talvez algo o tenha atrasado. Se partir agora, vão se desencontrar, caso ele consiga chegar. Olha ao redor e avista uma barraquinha que vende bebidas quentes e pretzels.

Ambas tremiam e Tina dá um gole de chocolate quente para Valentina, cujos lábios já estavam azuis. Valentina sente tanto frio que parou de reclamar. No entanto, constantemente puxa a manga da mãe, mas Tina não consegue tirar os olhos da travessia. Não pode arriscar perdê-lo. As horas passam. Os berlinenses da parte oriental da cidade continuam chegando e a passagem deles é aclamada: alguns choram, os carros buzina, há comemorações e extravasamento. As famílias se reúnem novamente, se abraçando e chorando, e Tina continua esperando por ele. Implora para que ele chegue. Mas a multidão continua a se aglomerar na ponte e Karel não está entre eles. Olha para o relógio e, para seu desalento, já são três horas. Tinha tanta certeza de que ele estaria lá. Tina começa a perceber a gravidade da situação.

* * *

Na noite do anúncio sobre o Muro de Berlim, Tina mal podia esperar para contar para Phil quando ele chegou em casa.

— Você ficou sabendo? — perguntou, surgindo no hall antes mesmo que ele tirasse o casaco.

— Do quê? — estava pálido e parecia extremamente cansado. Tina sentiu uma pontada de preocupação por ele. — O Muro de Berlim... Acabou.

— Verdade? — arregalou os olhos e foi ligar a televisão. As imagens mostravam berlinenses orientais irrompendo pela fronteira em Borholmerstrasse e atravessando a Ponte Bösebrücke.

— É incrível — disse. — Estamos testemunhando a história.

Pousou a mão sobre a de Phil, que se virou para ela.

— Vamos para Berlim — Tina disse.

— O quê, agora? Para ver o muro cair?

— Não, para morarmos lá por um tempo. Você disse que deveríamos deixar a Itália... e agora que a fronteira foi aberta... — inclinou a cabeça em direção a Valentina. — Posso levá-la para conhecê-lo.

Phil olhou para ela sem acreditar.

— Você não está falando sério, Tina.

— Claro que estou. Prometi a Karel que estaria lá com Valentina cinco dias após as fronteiras serem abertas.

— Mas ela não o conhece, Tina. Até onde ela sabe, o pai dela sou eu.

— Mas você *não* é o pai, Phil. Ele é. Não está certo. Preciso levá-la para vê-lo.

Phil pareceu magoado.

— Você sabe que a amo — ele disse.

— Me perdoe, sei disso — percebeu que estava sendo dura. — Você é um pai maravilhoso, mas entende que prometi a Karel que levaria Valentina até ele? — amaciou a voz.

— Ele não pode vir?

— Ele não viria... por causa de você. Sei que não viria.

— Isso é loucura, Tina. Como você conseguirá encontrá-lo? É como procurar uma agulha no palheiro.

— Fizemos um trato... Uma promessa.

— Que romântico — Phil diz com sarcasmo.

— Phil, quero que você também venha. Todos nós juntos.

Ele balançou a cabeça.

— De jeito nenhum. Se você quiser ir se encontrar com esse seu gigolozinho,

vá em frente, mas não vou *mais* te dividir com ninguém.

— O que você quer dizer com mais?

Ele lançou um olhar frio e não disse nada.

Tina ficou confusa com o comportamento assumido por ele. Aquele não era o Phil dela, que costumava ser tão desapegado e fácil de lidar.

— Enfim, *tenho* que ir, Phil, pelo bem de Valentina. Por favor, venha comigo.

— Não. É ele... ou eu.

Tina não podia acreditar que ele estava dizendo aquilo. Será que realmente entendia como era importante que fossem para Berlim?

— Isso não é justo. Pense em Valentina. Você não acha que ela tem o direito de conhecer Karel?

— Ela não se importa ou sequer sabe quem ele é – Phil disse, exaltado. — Eu sou o pai dela até onde ela sabe. Mas, se você não me valoriza mais na vida de vocês, tudo bem. Vou cair fora e deixá-las seguirem o caminho que quiserem.

Saiu da sala feito um furacão e bateu a porta com força. Tina ficou impressionada com a reação dele. De onde veio aquilo? Esperava que voltasse naquela noite para que pudessem conversar um pouco mais, mas o lado da cama no qual ele dormia ficou frio a noite toda. Pela manhã, encontrou um bilhete no qual ele dizia que tinha ido passar um tempo em Londres. Ficou tão chateada que sentiu raiva dele. Como ele podia ser tão egoísta? Tinha prometido a Karel que levaria a filha para conhecê-lo. Não se quebra uma promessa dessas.

Pois Karel quebrou. Isto é, a não ser que ele estivesse literalmente impossibilitado de ir ao seu encontro. Quem sabe estivesse doente ou não morasse mais em Berlim? A única maneira de descobrir era indo até o apartamento dele.

Era estranha a sensação de andar novamente pelas ruas de Berlim Oriental. Todos pareciam estar em movimento, indo em direção ao lado ocidental, para passar o dia ou para sempre. Encontra com facilidade o prédio em que Karel morava em Prenzlauer Berg. Depois da última vez, ela não tinha como esquecer o caminho. Apesar da opulência de outrora, a fachada tinha o aspecto ainda mais dilapidado do que guardava na memória: sujo, janelas quebradas, gesso desmoronando das paredes, expondo os tijolos, e a pintura descascada. Atravessou a porta da frente e subiu as escadas. Valentina estava cansada, arrastando os sapatos e choramingando.

— Venha, seja boazinha. Agora falta pouco — encorajou.

Tina se lembra da última vez em que esteve naquele prédio. Karel a carregou escadas acima, ambos estavam cobertos de neve; ela estava arrepiada, mas o peito dele aquecia a sua barriga: o coração dele batendo com o coração da

menininha que ela esperava. Sentia o seu hálito enquanto ele assoprava os flocos de neve sobre a testa de Tina. A presença de Karel se fazia tão real que ela acreditava poder ouvir os acordes de seu violoncelo descendo as escadas.

Entretanto, quando chegaram ao apartamento, o nome de Karel não estava mais na porta. A música cessara, dando lugar ao eco histérico de uma campainha no corredor vazio. Apertou a mão de Valentina com mais força e rezou em silêncio, por mais que soubesse que esperava pelo mais improvável. A porta foi bruscamente aberta por uma mulher robusta, que devia ter a mesma idade que ela, mas com os cabelos completamente grisalhos. Como não falava alemão, Tina perguntou em inglês.

— Karel Slavik mora aqui? – a mulher balança a cabeça e lança um olhar hostil. Antes mesmo que pudesse perguntar onde ele estava, a mulher bateu a porta na cara de Tina.

Mãe e filha desceram as escadas e voltaram para a rua. Estava começando a escurecer e uma garoa desagradável caía horizontalmente, molhando o rosto delas e penetrando em seus casacos. Ela não podia acreditar que tinha acabado. Que nunca mais voltaria a ver Karel. E também tinha perdido Phil. Estava sozinha. De repente, começou a tremer e sacudir o corpo violentamente.

— O que aconteceu, mami? – Valentina perguntou, olhando para cima com seus grandes olhos de menina.

— Estou me sentindo um pouco triste e sozinha — contou.

— Não fique triste; você não está sozinha, estou aqui.

Sim, mas não é o suficiente, teve vontade de dizer. Preciso de um homem em minha vida para que eu possa me amar, para que eu me sinta plena.

De volta ao hotel, estava tão exausta que adormeceu com a roupa do corpo enquanto lia uma história para Valentina. Tina encontra Karel em seu sonho. Ele está morando com aqueles punks pobres em um dos prédios abandonados da Avenida Schönhauser. Está sentado sobre uma pilha de entulhos, calmo, como se estivesse no lugar mais confortável do mundo para sentar. Equilibra o violoncelo entre as pernas enquanto espera por ela e Valentina. Tina acena para ele.

Estamos aqui, ela chama, trouxe-a até você.

Karel sorri, olhando para Valentina com orgulho. Dá um sorriso magnânimo, cheio de compreensão, compaixão e amor. É um bom pai. Pega o arco e começa a tocar. Oh, é a música que ele compôs para ela. Tina a reconhece imediatamente. Fica parada ao lado do castelo de entulhos e escuta o som do seu amor. A música eleva mãe e filha até que seus pés deixam de tocar o chão. Enquanto observa Karel tocar, sente o arco dele em seu corpo nu. Sente as

cordas roçarem seus seios, demorando-se nos mamilos enquanto ele desce as mãos. Ele a toca como se fosse seu instrumento. Seus dedos hábeis e ágeis sentem as vibrações internas do corpo dela e libertam a música de sua alma.

Enquanto ele toca, ela vê as sombras projetadas sobre os prédios abandonados se transformarem em pessoas que conhecera em Berlim Oriental: Sabine e Rudolf, Hermann e Simone, Lottie. Karel é o mais caloroso, é a luz ao redor da qual todos se juntam.

Ela acorda suada, com a roupa encharcada, grudada na pele. Valentina dorme profundamente. Sai da cama e tira a roupa. Qual poderia ser o significado daquele sonho? De repente, lembra que há um último caminho possível para encontrar Karel. Acende o abajur ao lado da cama e vasculha a bolsa, procurando pela sua agenda de telefone. Pega a agenda e folheia cada página até encontrar o antigo endereço de Lottie em Berlim.

Na manhã seguinte, quando Lottie abre a porta, Tina a reconhece na hora. O visual punk está mais suave: o cabelo preto não está tão espetado e os olhos não têm uma maquiagem tão pesada, mas ainda assim ela mantém aquele extremismo que atraiu Tina, levando-a a contratá-la como uma de suas modelos. Lottie fica boquiaberta por um instante, sem palavras, chocada em revê-la. Afinal de contas, já se passaram cinco anos.

— Meu Deus, Tina! — exclama. — E esta é sua filha? Hello! — diz para Valentina, abaixando e esticando a mão.

— Olá! Prazer em conhecê-la — Valentina diz educadamente em italiano.

— Oh, que fofa — Lottie diz, endireitando-se. — Então, o que você está fazendo aqui em Berlim? — pergunta, efusiva. — Claro, o que mais você estaria fazendo aqui? Finalmente, o muro está caindo... Não é demais? Desde o dia nove, todo dia tem sido uma grande festa.

Lottie as conduz até uma cozinha toda bagunçada.

— Desculpe o estado deste lugar. Quer chá?

— Não, obrigada. Você já atravessou o muro?

— Claro, fui para o Portão de Brandenburgo no dia nove às nove da noite em ponto. Foi incrível. Eu chorei.

— Você viu a Sabine? Vocês devem ter feito uma grande comemoração familiar — Lottie fica estranha e ruboriza.

— Sim, meus pais foram visitar a família — muda de assunto. — A atmosfera da cidade está ótima... Finalmente, todos os alemães estão juntos... — sorri.

— E o Hermann, se encontrou com ele? — Tina pergunta.

Lottie junta as mãos e o seu sorriso se desfaz.

— Hermann morreu — desvia o olhar e se volta para a janela suja da cozinha. Tina fica sem jeito. Como podia ter sido tão insensível?

— Sinto muito, Lottie. Quer me contar o que aconteceu? — pergunta delicadamente.

— É por isso que perdi contato com minha prima Sabine — Lottie diz, sentando-se de frente para Tina e oferecendo uma cadeira para a amiga. — Sempre suspeitei que aquele namorado assustador que ela tinha era do Stasi, mas acontece que Sabine também era informante.

— Mas ela era tão dócil — Tina diz, lembrando-se da carinhosa Sabine.

— Ela não era dócil, era fraca — Lottie diz com amargor. — Na verdade, foi assim que ela conheceu Rudolf. Estava sendo interrogada por ele e acho que a dominou mentalmente de alguma forma... Ele a aterrorizou para que virasse uma informante.

— Mas o que isso tem a ver com Hermann? — Tina quer saber.

— Cometi o erro de contar para Sabine sobre o Hermann e a Simone e sobre o fato de levar música para eles ouvirem e roupas para usarem. Ela contou para Rudolf, que os cercou logo em seguida. Por algum motivo, eles implicaram com o Hermann. Deixaram a Simone ir embora. Já ele foi preso pelo Stasi e começou a ser submetido a torturas mentais. Quando finalmente o libertaram, estava muito lesado — Lottie bate na cabeça. — Acabou se matando. Cortou os pulsos com um pedaço de vidro quebrado.

Desvia o olhar de Tina e, de repente, nota Valentina, que estava olhando para ela com olhos arregalados.

— Desculpe, me esqueci da menina... — fala baixo.

— Não tem problema. Ela não fala inglês — Tina diz, com gentileza. — Sinto muitíssimo pelo Hermann. E o que aconteceu com Simone?

Lottie suspira e balança a cabeça.

— Você viu como ela estava doente... Depois que Hermann se foi, ela simplesmente desistiu... — a voz de Lottie some. — Os dois estão mortos, Tina. É por isso que parei de ir para o lado oriental. Não conseguia suportar... Me sentia de certa forma responsável pela morte deles.

Tina se levanta e coloca a mão sobre o braço de Lottie.

— Você sabe que isso não é verdade — Lottie dá de ombros, pega um maço de cigarros da mesa da cozinha e oferece um para Tina.

— Não, obrigada — Tina balança a cabeça.

Lottie acende o cigarro e solta fumaça, pensativa.

— Ela não quer sentar? — pergunta, apontando para Valentina, que estava imóvel, olhando para Lottie como quem observa uma criatura exótica.

Tina se volta para Valentina e fala com ela em italiano: diz para parar de

encarar e sentar-se à mesa. Relutante, Valentina escorrega para a cadeira, mas não consegue desgrudar os olhos de Lottie.

Tina sente um frio na barriga. Respira fundo. Tem que perguntar para Lottie sobre Karel, mas tem medo do que pode ouvir. Muda de ideia e pega um cigarro do maço. Lottie olha para ela com curiosidade, como se sentisse que Tina estava se preparando para algo. Tina dá uma tragada longa e profunda.

— Então, você sabe o que aconteceu com Karel Slavik, o violoncelista? — Tina pergunta, enfim, da maneira mais fortuita que consegue.

— Você não sabe? — Lottie pergunta.

— Não — balança a cabeça, sentindo um aperto no estômago.

— Eu sabia sobre vocês — Lottie apaga a bituca do cigarro em um pires sobre a mesa. — Eu vi vocês no carro aquela noite...

— Não na frente de Valentina — sussurra, apesar de Valentina não entender uma palavra do que elas estavam falando.

— Oh, desculpe — Lottie examina Valentina, cruzando o olhar com o da menina por um instante. — Jesus! — constata com surpresa, voltando a olhar para Tina. — Agora sei por que você quer encontrar Karel. Ela é a cara dele.

— Então, você sabe onde ele está? — Tina pergunta, já impaciente.

Não aguenta mais não saber.

Lottie olha para Valentina, petrificada. Dá uma chacoalhada, como se estivesse saindo de um transe, antes de voltar seu olhar para Tina, falando tão lentamente que parecia que as palavras se arrastavam.

— Sim, sei onde ele está. Vou te levar lá.

Valentina

2013

INCLINADA NA BEIRA do penhasco, Valentina está se arriscando. Ainda assim, não se move: está hipnotizada pelo mar azul-claro, pelas suas profundezas reluzentes. Théo está em algum lugar lá no fundo.

O oceano zomba dela, pois tem exatamente a mesma cor dos olhos de seu amado morto. Tem um ódio intenso desta ilha, um ódio selvagem e primitivo. Amava aquele lugar, mas foram justamente aquelas águas que o engoliram. Elas o levaram embora e a destruíram.

O vento sopra contra as costas de Valentina à medida que ela se inclina ainda mais para a frente. Seria tão fácil simplesmente escorregar, mergulhar mar adentro e, enfim, unir-se a Théo em seu túmulo aquático. Gaivotas sobrevoam ao redor de sua cabeça como se a alertassem, mas, ainda assim, não dá um passo para trás. Hoje faz um ano que ele desapareceu no Mar Mediterrâneo, na Ilha de Capri.

Nunca encontraram o corpo. Ficou sabendo que os pais dele fizeram uma cerimônia em sua memória em Nova York, mas não quis ir. Como poderia conhecê-los numa circunstância dessas? E pensar que tinha receio de conhecê-los quando Théo ainda estava vivo, com medo de compromisso. Valentina tem vergonha de encará-los agora.

Não pode acreditar que ainda consiga ficar de pé, que seu coração continue a bater, apesar da morte de Théo. Gira o anel de noivado no dedo, sentindo as extremidades da safira com a ponta dos dedos, o que a conforta. Valentina deveria tirá-lo. Poderia enterrá-lo no fundo de um porta-joias, mas não consegue se desfazer da última coisa que ele lhe deu. Olha para o mar azul e vê os olhos de Théo dentro dele. *Fala comigo*, implora, mas só ouve o barulho das gaivotas e do mar esculpindo as rochas.

Suspira e olha para o céu. Desliza pela beira e observa as gaivotas voando para dentro e para fora do vazio acima dela. Lembra-se de outro céu azul, de quando ela e Théo ficaram deitados na grama do Parque Sempione, em Milão. Era um dia quente, em junho, pouco depois de começarem a namorar, quase dois anos atrás. De mãos dadas, observavam a perfeição do abismo azul acima deles.

Valentina se lembra de que foi tomada por uma necessidade espontânea de intimidade. Rolou e subiu em seu corpo, fechou os olhos e beijou-o. Tinham tomado sorvete e a boca de Théo conservava ainda o gosto doce. Sentiu os lábios gelados e cremosos dele contra os seus.

— Abra os olhos — Théo sussurrou.

Ela não queria. Balançou a cabeça, enterrando seu rosto no pescoço macio de Théo, sentindo o cheiro dele.

— Por favor, Valentina — Théo insistiu. — Deixe-me olhar para você.

Sentiu-se um pouco intimidada. Não queria interromper aquele momento no qual seus corpos se fundiam sob o sol. Se abrisse os olhos, seria como uma separação.

— O que foi? — reagiu, levantando a cabeça e arregalando os olhos para ele, com um tom de voz incapaz de disfarçar o seu descontentamento.

Théo olhou-a sem piscar: seus olhos cintilavam. A irritação de Valentina desapareceu. Ele não disse nada, mas o seu olhar valia mais do que mil palavras. Naquele momento, sabia como ele se sentia em relação a ela e isso a assustou ainda mais. Nunca um homem tinha olhado para ela daquele jeito, nenhum homem tinha olhado dentro dela. Ali, naquele momento, descobriu que Théo a amava, meses antes que ele confessasse esse amor e quase um ano antes de admitir para ele que também o amava. Quando ele abriu seu sorriso, o coração de Valentina balançou e ela também se apaixonou.

Percebe agora que foram naqueles momentos, em uma tarde qualquer de junho, em um parque em Milão, que se apaixonaram.

— Que cara séria, Valentina — Théo a provocou, envolvendo-a com seus braços e apertando-a contra o peito até sentirem seus corações batendo um contra o outro. Valentina tinha se deixado afundar nele. Tinha mergulhado no conforto de seu calor. Pela primeira vez na vida, sentia que não estava sozinha.

Valentina abaixa a cabeça, olha para o mar bravio fustigando as encostas da ilha e escuta seus demônios chamarem. Aproxima-se ainda mais da beira do penhasco. Está quase desistindo, mas a lembrança daquela tarde de junho a desperta e ela volta a ouvir a voz de Théo.

— Você é especial, Valentina.

— *Todo mundo* é especial — rebateu.

— Claro — Théo disse pacientemente —, mas o que estou tentando dizer é que você é especial para mim. Nunca conheci uma garota como você.

Valentina rolou de volta para a grama, sentou-se e olhou para ele com indiferença.

— Você sabe que essa cantada é muito brega...

Ele protegeu os olhos do sol com as mãos e olhou para ela. Sombras se projetaram no rosto dele.

— É verdade — disse, com ar sério. — Você é tudo: linda, inteligente e talentosa... Você é tão, tão, sexy — sorriu —, mas o que me atrai ainda mais em você é quem você é e o que você faz.

Olhou para ele surpresa, sem saber o que responder. Nunca tinha saído com um homem que se interessasse pelo seu trabalho; na verdade, os homens costumavam se sentir ameaçados com sua dedicação e perseverança, e sobretudo com o seu sucesso.

— Você tem que me prometer uma coisa, Valentina — Théo disse, erguendo-se e debruçando-se sobre o cotovelo. — Independentemente das dificuldades que tiver que enfrentar na vida, você sempre vai fotografar.

— Mas faça apenas aquilo que minha mãe já fazia, fotos de moda... Estou apenas copiando.

Théo balançou a cabeça, com cara de quem sabia de algo.

— Você é mais do que a filha de Tina Rosselli. Suas fotos têm uma profundidade que as dela nunca tiveram. Tenho certeza absoluta de que seu trabalho atravessará muitas gerações...

Deu uma beliscada de mentira no braço dele, um tanto sem jeito com a fé que ele depositava nela.

— Você está começando a falar como um historiador de arte — argumentou.

— Bem, isso não faria sentido, já que é exatamente isso que eu sou?

Quando se conheceram, Valentina ficou surpresa ao saber que Théo era professor de História da Arte na Universidade de Milão. Ele impressionou por ser o acadêmico menos antiquado que já tinha conhecido: cheio de vida e espirituoso, interessado em descobrir arte nova em Milão. Théo sempre adotava perspectivas diferentes, enxergando a arte por novos prismas. Ele a encorajou a romper as barreiras de sua profissão como fotógrafa de moda. Théo a ensinou muito, não só sobre artes plásticas, mas sobre filmes, livros, música, política, história. Valentina lembra agora que, naqueles primeiros dias, ficou um pouco confusa com aquele homem dinâmico, em constante movimento, que viajava para dar palestras ou para se encontrar com comerciantes de arte mundo afora. Ele não era aquilo que parecia. E Valentina estava certa. Théo era um acadêmico, mas tinha algo a mais, algo perigoso e clandestino, uma profissão que, enfim, o levaria à morte.

É ela quem deveria ter se afogado um ano atrás. Quase se afogou. Mas ele a salvou. É como se ele tivesse lhe dado a própria vida, mas ela quer que ele saiba que a vida dela não vale nada sem ele ao seu lado.

Valentina quer pular. Sente-se atraída pelo abismo. Será que seu corpo se

chocaria contra as rochas e ela morreria instantaneamente ou será que passaria incólume pelas pedras e cairia no mar? Será que afundaria como uma pedra, engolindo água até seus pulmões explodirem? O desejo de se deixar ir é tão forte, mas, ainda assim, se vê recuando.

Você tem que me prometer algo, Valentina. Independentemente das dificuldades que tiver que enfrentar na vida, você sempre vai fotografar.

Tinha prometido a Théo, esse era o problema. Suspira, abre a bolsa e vasculha até encontrar sua câmera digital. Liga a câmera, observa o monitor, aponta para o revolto mar azul e tira uma foto. Vira-se de costas para o mar, estica o braço e vira a câmera contra si mesma, sem saber no que aqueles cliques espontâneos podem dar. Quando olha as fotos que tirou, vê partes do seu rosto, seu cabelo ao vento, seus olhos pesarosos, tendo como fundo o azul do Mar Mediterrâneo e as falésias. Já se sente um pouco melhor. Ao tirar a própria foto, consegue escapar das próprias emoções e documentar um processo. É o processo do seu luto? Seria por isso que ela estava em Capri? Seus amigos acharam que era sofrimento demais ir para lá, sobretudo Leonardo, que tinha escrito um longo e-mail desaconselhando-a.

Leonardo esteve com ela naquela semana desesperadora, um ano atrás. Valentina ligou para ele contando que Théo tinha desaparecido e ele chegou no dia seguinte. Ficou tão aliviada ao vê-lo. Ele não saiu do lado dela e a acompanhou nas incontáveis vezes que foi de barco até a Gruta Azul buscar por sinais de Théo. A luz do dia refletida na água fazia com que o interior do mar parecesse iluminado por holofotes. Quando mergulhava as mãos no brilho azul-celeste, elas ficavam prateadas. Aquele lugar mágico, iridescente, tinha se transformado nos portões do inferno. Dava para enxergar o fundo do mar na Gruta Azul e não tinha nada lá. O que mais ela poderia encontrar além daquilo que a polícia não tinha encontrado? Ainda assim, Leonardo percorreu toda a ilha de Capri com ela, que falou com pescadores, comerciantes, turistas, donos de restaurantes. Não podia acreditar que Théo tinha se afogado. Mas essa era a única conclusão lógica, pois sabia que ele nunca a abandonaria. Era impensável. Tinham acabado de ficar noivos.

Lembra-se da última noite de busca. Durante o jantar, Leonardo disse, da maneira mais gentil que conseguiu, que já era hora de voltarem para Milão. A polícia entraria em contato caso descobrisse algo. Valentina ficou furiosa, mas, no seu íntimo, sabia que ele estava certo. Tinha bebido vinho demais e a bebida catalisou a sua raiva.

De volta ao hotel, foi cruel com o amigo e o acusou de ter outros motivos para estar lá com ela. Nunca se esquecerá da mágoa nos olhos dele, mas, ao mesmo tempo, também notou nele um piscar de olhos, um tremeluzir de cílios que

mostrava que ela tinha ultrapassado os limites, mexido com os nervos dele. Pôde ver um lampejo do sentimento dele por ela.

— Você quer que eu desista do Théo — disse.

— Valentina, estou tentando te ajudar — Leonardo argumentou. — Théo era um de meus melhores amigos.

— Não se refira a ele no passado — gritou. — Ele ainda pode estar vivo... Pode estar ferido... perdido... Pode ter sido sequestrado por Glen.

— Pelo que a polícia disse, tanto Théo quanto aquele homem que estava com vocês, Glen, lutaram no mar e acabaram... Enfim... — Leonardo vacilou.

Valentina tremeu, lembrou-se de Glen com suas feições perfeitas, com aquele cabelo que mais parecia uma auréola loira, mas que era a pessoa mais sinistra que já tinha conhecido. Glen tinha tentando destruí-la e a Théo, e parece que tinha conseguido, apesar de pagar com a própria vida.

Valentina e Leonardo ficaram se olhando enquanto a verdade tomava conta deles. Não havia mais nada a ser dito. Théo tinha partido. Subitamente, toda a energia de Valentina, toda a intensa busca por Théo, a desconfiança da polícia e a raiva que sentia de Leonardo deram lugar a uma profunda onda de sofrimento. Emitiu um urro gordo, difícil de descrever, que soou como um lamento gutural.

— Não quero que ele morra — implorou.

Leonardo a abraçou e a segurou com força. Valentina não conseguia chorar, mas tremia descontroladamente, pois o choque da perda de Théo finalmente batia.

Pediu a Leonardo que dormisse com ela. Ele a abraçou durante toda a noite. Era reconfortante ouvir a sua respiração suave e sentir o movimento do seu tórax enquanto inspirava e expirava, apesar de ela mesma não conseguir dormir. Passou a noite repetindo as mesmas palavras, como um mantra.

O Théo se foi. O Théo se foi.

Enquanto via o sol nascer violeta pela janela aberta, sua alma clamava por proximidade. Virou-se para Leonardo e começou a beijá-lo. Ele se movimentou sonolento e instintivamente a tomou nos braços. Ela se esfregou nele. Fervia de necessidade de afastar a dor. Sentiu o pau duro contra o seu ventre. Porém, quando o amigo realmente acordou, afastou-se dela e balançou a cabeça, com um olhar deprimido. Valentina se sentiu envergonhada e grata por ele não ter dito uma só palavra. Pelo contrário, ele se levantou e foi até o banheiro para que ela pudesse se recompor.

Uma semana depois de voltarem para Milão, Léo anunciou que estava de partida para a Índia para estudar ioga. Valentina sempre se perguntou se tinha algo a ver com aquela decisão. Ele sabia que ela era vulnerável. Mas ele também era. Teria ele fugido dela? Às vezes, ficava com raiva, sentia-se abandonada.

Tinha saudades de Leonardo. Porém, sabia que ele estava fazendo a melhor coisa para proteger a amizade que tinham. Se tivessem transado quando ela estava naquele estado de sofrimento, teria sido um desastre.

Valentina se afasta da beira do penhasco e começa a retornar para o centro de Capri. Tira fotos: uma minúscula flor do campo sendo carregada pelo vento, a costa irregular da ilha, o mar vazio com um único veleiro lá longe, um ilhéu andando de moto. Está tentando manter-se ocupada. É assim que vinha sobrevivendo. Tirando fotos. Trabalhando sem parar. Acha que Théo teria orgulho dela. Quando dá a volta, olha mais uma vez para a beira do penhasco e se dá conta do quão perto estava de escorregar na beira da vida. Valentina viverá graças a Théo, mas será que voltará a amar?

Tina

1984

TINA PASSOU TODO o voo de Milão para Berlim se perguntando por que tinha mentido para Phil. Foi a primeira vez, mas é incrível como a mentira escorregou fácil pela sua boca.

— Tenho que ir para Berlim. Eles não têm ninguém para fazer as fotos. Não tenho escolha.

A sensação que tinha era de que a palavra “mentirosa” estava estampada em sua testa, mas Phil não a questionou. Por que deveria?

— Ah, que pena. Ia te levar para jantar amanhã em comemoração ao nosso aniversário.

— Phil, nem somos casados...

— O aniversário de quando nos conhecemos — deu um riso forçado. — Você se lembra? Você parecia uma louca dirigindo aquele Triumph. Achei que minha hora tivesse chegado.

— Não fui tão má assim — murmura.

— E sei que não somos casados, mas estamos juntos há tanto tempo que é como se fôssemos... Então pensei que devíamos sair, afinal são quinze anos.

Tina virou as costas para ele e se serviu de uma xícara de café expresso.

— Faz tanto tempo assim que você se sente aprisionado? — perguntou.

— Claro que não — Phil disse, envolvendo a cintura de Tina com seus braços e beijando atrás de seu pescoço.

— Ainda que eu sinta falta daqueles primeiros anos em que não conseguíamos tirar as mãos um do outro.

Ela se afastou, dando um gole no expresso.

— As mulheres mudam quando têm um bebê...

— Eu sei, eu sei — Phil suspira. — Conheço essa história. Mas agora o Mattia já está na escola, quase crescido...

— Ele só tem doze anos, Phil...

— Sim, mas como ele foi para o internato, é como se pudéssemos começar tudo de novo — aproximou o rosto do seu pescoço e começou a deslizar as mãos pelas suas costas. Tina Costumava adorar quando Phil a tocava desse jeito, mas se afastou de novo.

— Tenho que ir — disse.

Ele franziu a testa.

— O que foi, Tina?

— Nada — disse, desviando o olhar.

— Você perdeu o interesse por mim?

— Nã... só não estou a fim de transar agora, tá? — retrucou.

— Ei — Phil disse, colocando as mãos para o alto. — Estou apenas perguntando. É que me parece que você não tem estado a fim de transar há muito tempo. O que está acontecendo?

Phil deu a chance para que Tina se abrisse e dissesse como se sentia, mas ela nem sabia por onde começar; não sabia como dizer que, simplesmente, não estava interessada em sexo no momento. Phil levaria isso para o lado pessoal, acharia que era por causa dele, mas não tinha nada a ver com ele. Ela o amava, Phil era o seu companheiro. Acontece que não queria ser tocada por ninguém naquele momento. Queria ficar sozinha. É por isso que tinha mentido sobre Berlim. Era ela quem tinha pedido para fotografar aquele ensaio de moda e não o contrário.

— Nada — respondeu, balançando a cabeça. — É que tem muita coisa acontecendo, estou cheia de coisas para fazer.

Phil inclinou a cabeça para o lado e deu um sorriso triste.

— Sabe, todo homem precisa de um pouco de atenção de vez em quando, caso contrário pode ficar tentado...

— Você está me ameaçando? — disse, aumentando o tom da voz. — Está dizendo que vai comer outra mulher se eu não der pra você?

— Meu Deus, Tina, calma... Estava só brincando.

Lançou um olhar e desapareceu da cozinha, pegando sua bolsa de fotografia que estava pendurada na porta.

— Te vejo em alguns dias — disse.

— Tina, me desculpe — Phil disse, seguindo-a pelo hall — Não vá embora com raiva. É que sinto sua falta.

— Como você pode sentir a minha falta? Moramos juntos.

— Você sabe do que estou falando, amor.

Sentiu ódio de si mesma naquele momento. Qualquer mulher com sangue correndo pelas veias teria se jogado nos braços do amado e mostrado o quanto o amava, mas ela se sentiu fria por dentro, sem entusiasmo algum. Aquilo era perturbador. Havia quase dois anos, todas as transas que tiveram foram um esforço para ela. Simplesmente, não sentia tesão por nada. Agora entendia o que era ser frígida, uma insensível que dava um beijo no rosto dele e atravessava a porta. O seu comportamento iria jogá-lo nos braços de outra mulher. Ficou em pânico com essa ideia, desesperada. Mas não conseguia continuar fingindo. Naquele momento, sentiu como se nunca mais fosse ter vontade de transar.

Durante o pouso, Tina olha pela janela do avião, mas não consegue ver Berlim, pois a cidade está encoberta por uma grossa camada de nuvens. Não sabe se estão sobrevoando o lado oriental ou ocidental neste momento. Retoca a pele com pó compacto e reaplica o batom. Já se sente melhor por estar longe da Itália e preocupada com o ensaio de moda que vai fotografar, com todos os detalhes que tem que acertar. Pode deixar para pensar em Phil e em todos os problemas do relacionamento quando voltar. No fundo, sabe que precisa fazer algo. Phil também não é um santo. Ela pode optar pelo celibato, mas não é justo com ele.

Tina pensa no que sua amiga Isabella falou. Será que ela estaria repelindo qualquer relacionamento de longo prazo por saber que a paixão sempre acaba, não importa com quem esteja? Tina provocou-a, dizendo que aquilo era uma desculpa para ser promíscua, mas Isabella insistiu que o casamento, ou o relacionamento de longo prazo, era o fim do desejo. Foi inflexível ao dizer que duas pessoas não deveriam ficar presas a um relacionamento monógamo para sempre. Se fosse verdade, o que deveria fazer? Dizer para Phil que tudo bem se ele dormisse com outras mulheres? Fica enjoada só de pensar. Ou deveria deixá-lo partir? Deveria terminar tudo com ele? A ideia de terminar faz com que se sinta ainda pior. Pode fingir que é forte, que é uma mulher com uma carreira, independente, mas precisa de Phil em sua vida. Ele a equilibra.

O táxi acelera em Berlim Ocidental e, pouco a pouco, Tina começa a se sentir melhor. A adrenalina de estar realizando um trabalho e tudo o que isso implica levantam o seu ânimo. Sempre quis voltar para Berlim, uma cidade que a fascina desde que era criança. Seu pai tinha sido comunista a vida inteira, porém lembra-se da reação que ele teve no dia em que levantaram o Muro de Berlim em 1961. Na época, Tina tinha a idade de seu filho, Mattia, e estava começando a se interessar pelo mundo além do dia a dia de Milão. Estava claro que tinha puxado o seu pai nesse sentido, apesar de não se parecer nem um pouco com ele. Sua mãe parecia determinada a ensinar-lhe qualidades de uma boa dona de casa: costurar, tricotar, assar pães, tudo aquilo que ela odiava. Preferia ficar na companhia de seu pai. Às vezes, ele a levava para reuniões do partido comunista e ela ficava sentada no fundo da sala, sem ler o livro aberto sobre o colo, escutando o debate, desejando ser um daqueles jovens que fumavam um cigarro atrás do outro e tinham grandes ideais. Quando construíram o Muro de Berlim, seu pai começou a mudar de opinião sobre a Rússia e o Bloco Oriental. Virou algo pessoal para ele. Começou a perceber que os ideais são muito bonitos, mas que as pessoas são imperfeitas e as regras precisam ser flexíveis.

Lembra-se da história que seu pai contou a respeito de um amigo seu de

Roma, Alfredo. Na época, tinha quinze anos e essa história marcou sua vida. Alfredo estava vivendo e trabalhando como engenheiro em Berlim Ocidental. Um dia, foi a uma festa de casamento em Berlim Oriental e conheceu uma linda jovem, Úrsula. Eles se apaixonaram e logo decidiram se casar. Imaginaram que, por estarem noivos, Úrsula gozaria dos mesmos direitos de qualquer futura esposa de estrangeiro. No entanto, seus requerimentos foram recusados: Alfredo não podia viver em Berlim Oriental porque trabalhava em Berlim Ocidental. O casal só via duas escolhas: ou diziam adeus um ao outro, ou ela tentava escapar para o lado ocidental. Os dois estavam tão apaixonados que a primeira escolha não era sequer uma opção.

Alfredo planejou meticulosamente a fuga de Úrsula. Notou que a cancela de madeira que ficava no posto de controle Charlie, e que era levantada toda vez que um carro era autorizado a atravessar, não tinha estacas verticais, e que alguns tipos de carro esporte eram mais baixos que as barreiras de um dos pontos da fronteira. Um dia, Alfredo alugou um desses carros em Berlim Ocidental e dirigiu até Berlim Oriental para buscar Úrsula. Esperaram até duas horas da manhã, quando acharam que os guardas estariam menos vigilantes. Alfredo colocou Úrsula no porta-malas e dirigiu até o posto de controle. A primeira cancela foi levantada e o guarda da fronteira mal verificou o seu passaporte. Foi encaminhado para a área de inspeção de veículo, o momento crucial, pois iriam verificar se o porta-malas estava vazio. Pisou fundo no acelerador e, apesar dos gritos de alerta seguidos de tiros, não parou. Nunca poderá se perdoar por esse erro. Passou por três muros de concreto e, mesmo com todos os guardas da fronteira atirando nele, conseguiu passar por baixo da última cancela. Conseguiu chegar bem do lado ocidental, mas, quando abriu o porta-malas, encontrou Úrsula morta: os tiros atravessaram a lataria do porta-malas e a alvejaram. Quis morrer de culpa: tinha matado o amor de sua vida.

Esta história deixou Guido Rosselli doente, pois, apesar de seus princípios políticos, era um homem que acreditava no amor. Tentou consolar o amigo, dizendo que o assassinato cruel de sua noiva não era culpa dele. Não adiantou. Cerca de três meses depois daquela desastrosa tentativa de fuga, Alfredo se atirou na frente de um trem na estação Freiderickstrasse.

Quanto mais o pai de Tina ouvia histórias de pessoas que morreram tentando cruzar o Muro de Berlim, mais bravo ele ficava.

— Não se pode dividir uma cidade ao meio com um muro! — gritava. — O que há de errado com o mundo? Oriente e Ocidente não podem chegar a nenhum tipo de acordo? Somos bárbaros? Onde está a humanidade de nossa civilização?

Andando de carro pelas ruas de Berlim Ocidental, Tina não via nenhum sinal de conflito ou de intranquilidade. Parecia qualquer outra cidade ocidental. Na

verdade, até mais opulenta, com vitrines exibindo comidas e mercadorias de luxo. Supõe que seja o emblema do Ocidente no Oriente, já que Berlim Ocidental está geograficamente isolada do restante da Europa. Imagina qual deve ser a sensação dos cidadãos. Já devem ter se acostumado com a divisão. Faz 23 anos que o muro foi erguido. O muro não tinha mais aqueles blocos de concreto e cancelas de madeira da época de Alfredo, pois agora era uma sofisticada construção com faixas da morte, torres de vigilância, campos minados, trincheiras, armas automáticas e cachorros. Havia toda uma geração de jovens que nunca tinha conhecido nada diferente daquilo.

O táxi virou à direita e Tina avistou o Muro de Berlim pela primeira vez. O lado ocidental tem um aspecto surpreendentemente inofensivo: um muro de concreto coberto de grafites. Porém, quanto mais ela olha, mais ameaçador parece. Não é tão alto a ponto de não poder ser escalado, mas é uma armadilha mortífera, tão lisa que não tem onde apoiar o pé e com uma extremidade farpada impossível de agarrar.

Olha para o alto e vê uma torre de vigilância bem atrás do muro. Tina vê o contorno de dois guardas dentro da torre e uma arma pendurada nas costas de um deles. Deste lado, o muro parece um muro qualquer, porém se, por acaso, ela tivesse nascido do lado errado, poderia levar um tiro nas costas se resolvesse ultrapassá-lo. Sua vida não teria valor.

Tina gostaria de contar a seu pai que estava em Berlim, mas ele tinha morrido há muito tempo. Seus pais tinham morrido havia exatos nove anos em um acidente de avião. Pensa no quão sozinha ficou: sem irmão, tias ou tios. A família de seu pai era judia e morreu durante a Segunda Guerra Mundial; sua mãe era filha única. Só tinha Belle, sua avó, milagrosamente viva e morando em Veneza; Mattia, seu filho; e, claro, Phil. Não era à toa que precisava dele. Era órfã desde os vinte anos de idade, o que a tornara resiliente, mas um pouco dura demais. Às vezes, gostaria de ser mais frágil, mais feminina, como sua mãe.

Quando o táxi chega ao hotel, Tina começa a se animar. Talvez tenha mentido para Phil porque sabia que precisavam de um tempo. Às vezes, precisamos estar longe da pessoa amada para dar valor a ela. A distância amolece o coração, é o que dizem. Se tivesse ficado, as coisas teriam chegado ao limite na noite do aniversário deles. Era melhor estarem longe um do outro. No entanto, apesar da sua racionalidade, há uma outra sensação: sente um gosto de liberdade na boca. Está sozinha, sem o seu parceiro e o seu filho, em uma cidade onde ninguém a conhece. O que pode acontecer agora?

Valentina

VALENTINA DÁ TRÊS voltas ao redor da caixa antes de se aproximar. Quando voltou de Capri, a encomenda estava esperando por ela no escritório de Antônio, o zelador do prédio. Tinha sido entregue enquanto estava fora. Antônio levou a caixa até o seu apartamento pelo elevador e também entregou o envelope que veio junto.

Agora a carta está aberta em cima da mesa da cozinha, com as extremidades sendo movimentadas pelo vento que adentra pela janela aberta, como se fosse um pássaro com asas quebradas.

Querida Valentina, leu. Levamos um ano para mexer nas coisas do nosso filho. Esta caixa foi enviada para nós por uma galeria de Londres. Ao que parece, Théo comprou esta coleção de arte antes de partir da Inglaterra. Estamos enviando-a porque achamos que pode ter mais valor para você. Ou que talvez você possa usá-la ou vendê-la de novo. Também gostaríamos de reiterar nosso convite para que você venha nos visitar em Nova York. Adoraríamos conhecê-la.

*Desejamos tudo de melhor a você,
Walter & Rachel Steen.*

É só uma caixa com quadros, diz para si mesma. Por que está com tanto medo de abri-la? Quando os dois voltaram, na época de sua exposição em Londres, ele não mencionou nada sobre a compra de quadros, mas, de qualquer forma, sempre adquiria obras de arte aleatoriamente. Tinham partido para a Itália com tanta pressa que ele provavelmente esqueceu.

Quando se ajoelha e começa a abrir a caixa, pensa que ela pode conter segredos sobre Théo, segredos que nunca imaginou. Pode ser um tesouro de arte roubado. O que ela faria nesse caso?

Valentina para e respira. Está sendo idiota. Théo só tomou de volta obras de arte que já tinham sido roubadas e as devolveu aos proprietários originais. O seu alvo era o tesouro nazista de obras que seu avô perdera durante a Segunda Guerra Mundial. Era um tipo de Robin Hood. Um ladrão do bem.

Remove a tampa e mergulha a mão no plástico bolha até agarrar a extremidade fria de uma moldura. Puxa-a para fora e quase deixa cair com o choque. Vê uma de suas próprias fotografias, que estava exposta na mostra de fotografia erótica da qual participou no ano passado. É uma foto especialmente explícita de sua amiga Antonella com o amante Mikhail. Coloca a mão de volta no plástico bolha e tira outra fotografia emoldurada, e outra... assim sucessivamente, até esvaziar a caixa e ter diante de si todas as fotografias eróticas que exibiu em Londres há um ano. A dona da galeria havia dito que

Valentina tinha vendido tudo, mas não que a mesma pessoa tinha comprado todas as suas fotos. Senta sobre os joelhos e coloca as mãos no coração apertado. Sequer estavam juntos na época da exposição. Voltaram só depois, mas lá estava a prova de que ele nunca deixou de amá-la. Foi até a galeria e, com uma despesa pessoal enorme, assegurou que cada uma de suas fotos tivesse um adesivo vermelho. Ficou estupefata com a grandeza daquele gesto. No entanto, estranhamente, uma parte dela se sente um pouco ultrajada. Acreditava que tinha vendido seu trabalho para pessoas que tinham vindo até a galeria e apreciado suas fotos, quando na verdade era Théo quem tinha comprado todas elas. Teria feito isso porque amava todas as imagens? Ou para protegê-la? As razões não importam agora. Tudo o que Valentina sabe com certeza é que ele a amava.

Pega o autorretrato de Veneza. Fez esta foto antes de conhecer Théo. Olha para a garota com sombras cor de sépia, os reflexos de sua nudez na água, e é como se estivesse olhando para outra encarnação dela mesma, como se não fosse Valentina no canal, mas sim uma de suas ancestrais. Será que era mais feliz antes de perder seu coração para Théo?

Põe a foto sobre a mesa, senta em uma cadeira, morde a unha. Não, não era mais feliz porque nunca tinha experimentado a alegria que sentiu quando esteve com ele em Sorrento, logo antes do desaparecimento. Percebe que aqueles poucos dias gloriosos que passou com o amor de sua vida fazem toda a dor valer a pena.

— Ah, Théo — suspira —, cadê você?

A porta do hall se abre com o vento, que também faz voar a carta dos pais de Théo, levando-a suavemente até quase tocar os seus pés. Ocorre-lhe que eles viram todas essas fotos. Fica com a garganta seca ao pensar nisso. Não tem vergonha de seu trabalho; fotografia erótica não é pornografia. Tem paixão pelo que faz, mas, mesmo assim, esta não é a apresentação que tinha em mente. Como poderia ir visitá-los sabendo que eles tinham visto aquelas imagens de Antonella e Mikhail, ou mesmo os nus que fez de si mesma?

Pega o close-up em branco e preto de Antonella chupando o pau de Mikhail. É chocante constatar como todos estavam escandalosamente abertos quando toparam fazer aquela foto. Na época, Valentina era a artista, preocupada com o tom, a iluminação e a sombra, a composição e a textura, mas agora ela observa a imagem como que pelos olhos de Théo. Será que ele a imaginou chupando o seu pau quando viu a foto? Fecha os olhos e começa a lembrar. Vê uma imagem que gostaria de imortalizar, mas só pode guardar na imaginação. Ela e Théo estão deitados em uma cama enorme no hotel de Sorrento, as venezianas da janela francesa estão abertas, as cortinas de tom amarelo-claro ondulando ao vento. Acabaram de tomar uma garrafa de champanhe e comeram morangos com calda

de chocolate. Está lambendo o pau dele, com a língua grossa de cacau, enquanto ele escorrega os lábios pela vagina dela. Estão idolatrando um ao outro, não há outra palavra para isso.

Sente a ponta da língua dele circulando seu clitóris e entre os seus lábios, beijando a parte mais sensível de seu corpo. Ela treme e comprime o pau de Théo com a boca. É tão lento, tão lânguido e exuberante. É como se tivessem todo o tempo do mundo para se amar. E foi a última vez.

Valentina cerra os dentes, abre os olhos e se olha no espelho do hall. Rosto pálido, mãos trêmulas, lábios entreabertos. Não sabia que a perda poderia engendrar uma sensação física. A dor pura: batimento forte no peito, na barriga e na virilha; garganta travada, pele e ossos pesados. Tem que parar de se torturar com memórias de momentos que viveu com Théo.

Ele se foi, repete para si mesma mais uma vez.

O telefone começa a tocar. Espera que não seja sua mãe. Desde que Théo morreu, ela tem ligado com mais frequência, e toda vez a chama para ir visitá-la no Novo México e passar um tempo lá. Valentina não consegue pensar em nada pior do que ficar um tempo com a mãe neste momento. Continua furiosa com ela. Tina Rosselli tinha mentido a vida toda para sua filha sobre a verdadeira identidade de seu pai. Seu comportamento é imperdoável. Além disso, como poderia entender o tamanho da perda da filha quando, até onde Valentina sabe, nunca valorizou um homem em sua vida?

A verdade é que há outra razão para não querer visitar sua mãe. Lá no fundo, teme ficar sozinha com ela e voltar a precisar dela. O que aconteceria se voltasse a depender da mãe? Tina estava destinada a deixá-la mal. Sempre a deixou.

Pega o telefone e, para seu alívio, identifica o número de seu amigo Marco.

— Oi, amore, como vai? — Marco diz com sua voz calorosa.

— Tudo indo.

— Você me parece um pouco pra baixo — Marco diz. — Como foi a viagem para Capri?

— Difícil — engole. Deveria contar que quase se jogou do penhasco?

— Disse que não deveria ir — Marco falou com delicadeza.

— Como está Nova York? — pergunta, mudando bruscamente de assunto.

Apesar dos esforços de seus amigos para que fale sobre Théo, Valentina tem sido inflexível e não fala sobre o que aconteceu. Só Leonardo a viu tão exposta. Não quer virar alvo de caridade, um peso ou algo que as pessoas evitem.

— Bem, é por isso que estou te ligando — Marco parece entusiasmado. — O que você acha de vir fazer um trabalho aqui em Nova York?

Nova York, a cidade natal de Théo. Sente um aperto no peito.

— Valentina, você está aí?

— Sim — gagueja. — Que tipo de trabalho?

— Vou fazer uma matéria incrível para a *Harper's Bazaar* e perguntei se poderia trazer minha própria fotografia... A verdadeira e única Valentina Rosselli. O diretor de arte ficou louco e disse que cobriria as despesas do seu voo e que te pagaria um cachê legal. O que você diz, amada? Você poderia vir para este ensaio e, se gostar, pode buscar mais trabalhos e passar um tempo por aqui.

— Tem certeza de que não é a minha mãe que querem?

— Mas é claro que querem você, Valentina! E sua mãe nem é mais fotógrafa. Mostrei alguns dos seus trabalhos recentes e o diretor de arte, o Taylor, falou que você era uma das melhores.

Valentina não pôde deixar de sentir certo prazer com o lisonjeio.

— Então — Marco continua a falar. — Você vem? Pode ficar comigo e com o Jake. Temos espaço de sobra.

Olha ao redor de seu apartamento em Milão, as fotos espalhadas pelo chão do hall. Sempre se sentiu segura lá, mas, desde que Théo morreu, o apartamento parece um necrotério. Na verdade, é como se tivesse um fantasma vivendo lá. Fez o que pôde para seguir adiante. Até já teve alguns encontros embriagados em noites nas quais tentou esquecer a sua dor indo para a cama com um estranho. Nunca mais levou ninguém para lá, mas já foi para casa com três ou quatro homens diferentes que pegou em festas ou baladas. Tentou ressuscitar a antiga Valentina de espírito livre, mas sempre parou no momento crucial, horrorizada com a sensação de que estava fazendo algo errado. *Ele* não é o Théo. Pulando da cama sem se importar com o espanto do homem para quem estava tirando a roupa havia poucos minutos, Valentina foge. Corre sem ar pelas ruas desertas de Milão ao amanhecer, acompanhando o sol nascente. Porém, quanto mais a vida despertava — pássaros cantando, carros saindo da garagem, pessoas tomando as ruas —, mais seu coração se enchia de uma solidão mortífera e obscura. Convenceu-se de que ninguém nunca substituiria Théo e que ele estava presente em todos os cantos de sua cidade natal. Será que talvez, quem sabe, ela teria uma nova chance de amar se deixasse Milão?

— Não tenho certeza. Quando é o ensaio? — pergunta para Marco.

— Terça-feira que vem, ou seja, você tem quatro dias para estar aqui — Marco faz uma pausa, empregando um tom um pouco mais suave. — Meu amor, isso pode ajudá-la — é tudo o que ele diz e Valentina sabe que ele acredita nisso sem que precisasse dizê-lo literalmente. Se ficar em Milão agora, pode desabar. Mas será que Nova York não vai fazer com que se lembre de Théo ainda mais, já que ele era nascido e criado no Brooklyn? E os pais dele? Será que se sentirá obrigada a visitá-los?

— Não sei — diz, em dúvida.

— Vamos lá — Marco a incentiva. — Onde está minha intrépida Valentina?

Apesar de ser Marco falando, isso é o tipo de argumento que Théo usaria. Sente uma explosão de energia correr dentro de si. Prometeu a Théo que continuaria a fotografar, prometeu-lhe que viveria.

— Ok, eu vou.

Tina

A MODELO NÃO era muito diferente de Tina quando jovem. Na verdade, ela era a cara da estrela de cinema Louise Brooks. No entanto, a garota não era americana como a atriz, mas alemã. Seu nome era Lottie e era uma das estrelas do ensaio de moda que tinha levado Tina a Berlim. Tratava-se de uma sessão inspirada na República de Weimar, implementada na Alemanha nos anos vinte. Anterior a Hitler e aos nazistas, a década de 1920 tinha sido uma época de abertura na Alemanha, ou até de certa promiscuidade, criatividade e liberalismo. Tina achou que aquele seria o pano de fundo perfeito para exhibir alguns dos novos vestidos de Zandra Rhodes que remetiam àquela época.

Foi difícil encontrar a locação perfeita. Em Berlim, quase não restavam prédios construídos antes da guerra, tal era a devastação causada pelo bombardeio dos Aliados. Deveria ter feito o ensaio em um estúdio em Milão e recriado o interior de algum cabaré berlinense da época, mas Tina queria autenticidade. Gostava de controlar seus ensaios de moda o máximo possível e, por isso, era ela quem costumava escolher o cenário e trabalhava com sua própria *stylist*, Otávia. Foi Tina quem fez a seleção final das modelos e escolheu o que iriam vestir. Lottie chamou sua atenção imediatamente. Seus traços vinham de outra época.

Para o ensaio de Berlim, Tina escolheu duas locações, uma interna e uma externa. A primeira era um grande café, que lembrava o estilo vienense. Nessa locação, Tina vestiu as duas modelos — a morena Lottie e a loira Freida, que parecia Marlene Deitrich — com *outwear*. Lottie está usando um longo casaco de estilo militar e um chapéu de aba, enquanto Freida está com um paletó preto risca de giz. A segunda locação é a fachada do Reichstag, um dos últimos símbolos da grandiosidade que Berlim ostentava, do qual se pode ver a presença intrusiva do Muro, de modo que as garotas, com seus vestidos Zandra Rhodes brilhantes e esvoaçantes, pareciam fantasmas dos glamorosos anos vinte. Estão todas neste Ocidente decadente, lembrando um passado de liberalismo em contraste com a afronta brutal que era o muro do regime soviético.

Novamente, a divisão da cidade a assola. Porém, os poucos alemães ocidentais com os quais falou sobre o Muro de Berlim pareceram relutantes em discutir o assunto. Parece haver certa resignação quanto à sua presença. Ou será que eles estão apenas sendo cautelosos para não demonstrarem seus reais sentimentos?

— Você já esteve em Berlim Oriental? — pergunta para Freida.

A modelo balança a cabeça e a observa com seus olhos verdes.

— Por que eu iria até lá? — pergunta, tremendo. — Aqueles guardas da fronteira me dão arrepios. Estão sempre encarando.

Tina consegue ver dois deles agora, lá na torre de vigilância. Estão olhando para baixo; com certeza, estão olhando para elas. Será que olham e sentem saudade das coisas boas do Ocidente, ou sentem certo desdém? Seu pai disse que atiram para matar se alguém tenta escapar pulando o muro. A história de seu amigo Alfredo é um testemunho disso. É difícil acreditar que algo assim possa acontecer tão perto de onde estão, em uma cidade que parece tão civilizada e moderna.

* * *

Gostaria de ter trazido Mattia. Seu filho ficaria fascinado por Berlim, veria os guardas da fronteira, visitaria o posto de controle Charlie para espiar os soldados americanos. Quando Mattia era bem pequeno, Tina costumava levá-lo para os ensaios. Agora ele está crescendo tão rápido...

Se for para ser honesta, Tina se arrepende de ter enviado seu filho para o internato. Sente sua falta. É como se, assim que o seu garotinho vestisse o paletó da escola (que ficaria enorme no início, até que crescesse e o preenchesse por inteiro), deixasse de ser o seu garotinho. Já sentia o seu desprendimento. Tentou abraçá-lo e dizer que estava muito elegante, mas ele deu de ombros. Doeu e pensou por que ela e Phil não tinham tido mais filhos. Tinha sido uma escolha de Tina, mas, ainda assim, sente falta de ser o centro do mundo de uma criança.

Lembra-se dos verões na Sardenha; ela e Mattia de mãos dadas pela praia — ele com uma varinha de pescar em uma mão e ela com um baldinho cheio de conchinhas. Os dois passavam horas naquela praia, construindo castelos e decorando-os com conchinhas. Foram férias deliciosas. Mais tarde, quando Mattia estava dormindo, ela e Phil faziam amor com a janela aberta e o aroma do mar os invadia. Ela continuava de biquíni e Phil soltava os lacinhos de cada lado, passando os dedos pelos seus crespos pelos pubianos temperados com sal da praia. Com suavidade e vagarosamente, acariciava-a até que ela sentisse um desejo indomável e tivesse vontade de gemer. Aqueles dias eram lentos, preguiçosos e repletos de prazer. Ela, Phil e Mattia no pequeno Citroën 2CV, passeando pela costa, parando para jantar peixe fresco, ou, simplesmente, para assistir ao sol se pôr atrás das ondas. Eram dias em que ainda não tinham muito em termos materiais. Tina estava se estabelecendo como fotógrafa de moda e Phil tinha acabado de começar a dar aulas na faculdade. Ele ainda não tinha

começado a trabalhar como jornalista. Mas eram felizes, Tina sabe disso.

Será que, invariavelmente, os casais ficam de saco cheio um do outro? Será que o desejo pelo outro diminui e não há nada que se possa fazer, como afirma sua amiga Isabella? Por que exatamente ela se desinteressou por sexo? Tem a sensação de que ela e Phil estavam sempre com pressa, como se quase nunca houvesse tempo devido aos planos, aos objetivos, a tudo o que buscavam. É difícil desacelerar tudo isso. Mas não é isso, na verdade. É um conjunto de coisas. E envelhecer faz parte disso. Hoje tem uma consciência corporal maior — ganhou uns quilinhos há cerca de dois anos. Tinha relaxado só por alguns meses, deixando de evitar massas, bebendo a segunda taça de vinho e comendo o segundo pedaço de queijo. Quando percebeu, tinha engordado 10 quilos. Phil dizia que ela estava ótima, que adorava os seus peitões, mas Tina odiava estar daquele tamanho. Sentia-se horrível, como se aquele corpo não lhe pertencesse, e perdeu o controle. Ficou obcecada em perder peso e começou a cortar tudo, chegando a jejuar alguns dias. Todo esse processo deixou-a irritada, desgastada e, claro, sem interesse por sexo. Conseguiu emagrecer e, provavelmente, nunca esteve tão magra como agora, mas nunca recuperou aquela sensação de bem-estar com o corpo, como se temesse que ele fugisse ao seu controle novamente caso não prestasse atenção. É uma mulher inteligente e sabe que essa obsessão com o peso é uma besteira, mas não consegue evitar. Sempre foi assim. Quando seus pais morreram, sua obsessão ficou perigosa e descontrolada. Ficou tão magra que sua avó Belle a levou ao médico, que disse que ela deveria voltar a comer imediatamente ou morreria como seu pai e sua mãe.

A luz está começando a baixar e Lottie já está tremendo em seu Zandra Rhodes. É um vestido lindo, finamente costurado como uma peça dos anos vinte. Mas não faz o estilo de Tina, é muito esvoaçante e feminino. Lottie desce as escadas do Reichstag e os agentes de segurança a observam como se fosse uma invasora, mas a *Vogue* tem permissão para fazer seu ensaio ali. Afinal, aquele ensaio de moda ajudaria a promover Berlim Ocidental. A temperatura caiu na última meia-hora e Lottie está quase azul de frio. Tina oferece uma jaqueta e um cigarro.

— Danke — Lottie agradece, em alemão, com seus olhos de estrela de filme mudo. Aquela garota pertencia ao passado.

Aproxima-se e passa a mão no cabelo de Tina.

— Temos o mesmo cabelo — comenta.

— Sim, temos — Tina diz, surpreendida com o gesto de intimidade. — Já ouviu falar em Louise Brooks?

Lottie balança negativamente a cabeça, delicadamente baforando seu cigarro. Tem as mesmas qualidades de Louise Brooks: elegância, mas uma expressão

lânguida que é perigosamente sedutora; uma indolência que Tina sempre quis ter.

— Você se parece muito com ela. Na verdade, seus filmes mais famosos foram de um diretor alemão, Pabst. Sempre choro quando assisto *A Caixa de Pandora*.

— Nunca ouvi falar desses filmes — Lottie diz. — Não me interesso por cinema.

Tina ficou surpresa com a resposta. É raro encontrar uma modelo que não se interesse pela indústria do cinema. A maioria é aspirante a atriz.

— Qual o seu interesse, então? — Tina pergunta. A garota a intriga. Lottie é diferente da maioria das modelos que já conheceu.

— Música — Lottie diz. — Estou estudando violino. Faço aquele trabalho — aponta para o café com certo desprezo — para pagar o aluguel.

Tina dá mais uma tragada em seu cigarro. Sente-se um pouco tonta, esqueceu-se de comer de novo, mas não está com fome.

— Você gosta de música erudita? — Lottie pergunta

— Claro — Tina diz. — Amo Debussy e Chopin, mas também gosto de Dvořák e Shostakovich.

Os olhos de Lottie se iluminam e ganham uma aparência mais animada do que tinham no restante do dia. Tina se sente tentada a pegar a câmera de novo e tirar mais algumas fotos.

— Mesmo? Então, você tem que vir comigo a um concerto amanhã! Quer dizer, se você não tiver que voltar para a Itália.

— Não, estarei em Berlim — Tina diz. — Só vou embora depois de amanhã.

— Que bom — Lottie diz, terminando seu cigarro. — Vou te levar a um concerto de Karel Slavik, o maior violoncelista de toda a Alemanha.

— Acho que nunca ouvi falar dele. O que ele vai tocar?

— Sonata em Ré menor para Violoncelo de Shostakovich, é por isso que você deve vir.

Lottie começa a se afastar, indo em direção ao camarim montado às margens do Rio Spree. Ao anoitecer, ela parece a garota fantasma de um tempo esquecido. Não parece pertencer à Berlim cinzenta de guerra do presente.

Tina vai até o camarim.

— Onde é o concerto? A que horas?

— Vamos nos encontrar em frente ao pavilhão da estação Friedrichstrasse amanhã, às onze.

Lottie acha graça na expressão confusa de Tina.

— O concerto é em Berlim Oriental...

— Você já esteve lá?

— Mas é claro, o tempo todo. Minha prima Sabine mora lá. E também tenho

amigos que vivem em Prenzlauer Berg.

Tina sente uma pontada de excitação. Vai atravessar o muro. Fica fascinada com a ideia de descobrir o que há do outro lado da cidade. Talvez não tenha nenhuma diferença, talvez seja a mesma coisa, só que mais opaco e circunspecto. Ou, então, pode ser completamente diferente, como se fosse um outro continente. Tem que ver com seus olhos. E também tem outra coisa. Está com uma sensação, uma expectativa de que essa viagem para Berlim Oriental será mais do que um mero passeio para assistir a um concerto.

Viu apenas as estações abandonadas S e U Bahn do lado Oriental. Na noite anterior, foi ao metrô explorar a cidade. Em determinado ponto, o trem saiu do túnel escuro em direção a uma estação abandonada. Diminuiu a velocidade, chegando a ficar tentadoramente lento, mas não parou. Ficou confusa por um momento. Por que o trem não parou? A estação estava mal iluminada, inacabada. Assim que deixaram a estação, ela avistou um guarda sozinho com uma arma. Claro, eles estavam passando pelo lado oriental. Essas estações já foram tão cheias de vida e agora são ocultadas de seus moradores. Será que os habitantes de Berlim Oriental sequer imaginavam que eles estivessem lá embaixo, sob os pés deles, se movendo abaixo deles? Como a cidade podia ter sido cortada ao meio deste jeito? Parece impossível.

Então, amanhã, Tina irá para Berlim Oriental. Otávia diz que não há muito a ser visto e que não deveria se dar ao trabalho de ir.

— A comida é terrível e não há lojas decentes — avisa.

Mas Tina nunca se interessou por comida ou compras. Quer ver como são as pessoas. Quer entender como suportam ficar aprisionados no lado oriental. A imagem que tem do inferno é justamente não ser livre para ir aos lugares de que gosta quando quer. Vira-se para observar a massa de concreto do Muro. Será que tentaria atravessá-lo se tivesse o azar de estar do lado errado do muro quando ele foi construído? Gosta de pensar que tentaria, mas como saber ao certo?

Tina caminha em direção ao muro e para a uma certa distância, receosa de que algo possa acontecer caso se aproxime demais. Escuta a correnteza do Rio Spree e pensa em todos os desesperados que tentaram nadar em direção ao Ocidente, tantos que morreram afogados ou foram baleados na água. Esse muro é uma afronta a tudo o que carrega em seu coração: a liberdade de ser honesto consigo mesmo. Mal pode esperar para ver o lado de lá amanhã e conhecer a prima de Lottie, conversar com ela. Na verdade, não está nem aí para o concerto, mas vai ser bom ouvir música.

Além da excitação de estar no Oriente, tem aquela sensação de que algo a aguarda. Sua pele está latejando, sua garganta está seca e seus olhos estão coçando. É exatamente a sensação física que Tina experimenta quando sente

uma tempestade se aproximar.

Valentina

VALENTINA ESTÁ EM uma fila de táxis amarelos que se dirigem em alta velocidade de Newark para Nova York. Avista a ilha à frente: Manhattan deveria estar dentro de uma daquelas bolas de plástico com neve dentro, como o microcosmo perfeitamente mítico de uma cidade com arranha-céus cujas alturas parecem degraus que sobem e descem. Nota um prédio novo com uma cúpula fragmentada em diversos ângulos prateados.

— Que prédio é aquele? — pergunta ao motorista do táxi.

— É o One World Trade Center, que irá substituir o World Trade Center — conta. — É o maior edifício da cidade, mas ainda não foi inaugurado. Só no ano que vem.

Agora que chegaram a Manhattan, o táxi é obrigado a desacelerar devido ao trânsito do começo da noite. Olha para o pedaço de papel sobre seu colo e lê o endereço de Marco, ou melhor, o endereço de seu companheiro, Jake.

448 East 20th Street – Fica em Midtown East, segundo o seu guia. Surpreende-se com o aspecto da velha Manhattan ao ver a ilha por dentro. Não há muitos edifícios modernos no caminho, mas sim prédios de tijolo vermelho e com saídas de emergência preta que dão para ruas amplas. Parece o cenário de um filme dos anos vinte. Também é mais calmo, sem aquela multidão que imaginava. Por que pensou que Nova York se resumia a alta tecnologia e velocidade? Afinal de contas, era uma cidade cujos arranha-céus começaram a ser construídos nos anos vinte e trinta, na época de seu ídolo: sua avó Belle. Por mais que tente se convencer de que não está no centro, Times Square com certeza é tão reluzente quanto Piccadilly Circus em Londres. O táxi vira na 1^a Avenida e entra em uma rua espiral que percorre várias torres de apartamentos. É o último lugar do mundo em que imaginou que Marco viveria.

— Amada mia, você está aqui! — Marco dá um abraço apertado em Valentina. Ela sente o cheiro reconfortante de seu velho amigo e percebe o quanto sentiu sua falta no último ano.

— Sim, estou aqui — diz, recuando para arrastar sua enorme mala porta adentro.

— Jake não está em casa agora, mas te mandou beijos e disse que é bem-vinda em seu apartamento.

— Nunca imaginei que você fosse morar num lugar como esse — Valentina

admite.

— Eu sei — Marco olha para cima. — Mas, meu amor, é de graça, né? A avó de Jake morava aqui e Deus a abençoe por ter deixado este apartamento para ele quando morreu.

— Isso explica — Valentina o provoca com uma cotovelada. — Você sempre foi um aproveitador.

Marco faz uma cara para fingir que está magoado.

— Amore, como você pode dizer uma coisa dessas? Além do que, se eu sou um aproveitador, o que devemos dizer de você? Você é mais do que bem-vinda para ficar o tempo que quiser.

Marco mostra o apartamento para ela. Há uma pequena cozinha com um enorme fogão a gás, uma sala de jantar com estar de tamanho decente, um toalete e dois quartos grandes. A maioria dos cômodos é decorada com móveis pesados e escuros de estilo oriental. Em seu quarto, há uma cama enorme, um armário dramático com portas entalhadas e uma série de ornamentos e esculturas, de sapos e bonecas chinesas até máscaras venezianas.

— Meu Deus, todas essas coisas são do Jake?

Não imaginava que um tipo tão alinhado quanto Jake acumulasse tantas bugigangas.

— Não, são da avó. Ele quer se livrar disso tudo, mas seu pai vive dizendo que virá aqui e cuidará disso. O pai de Jake mora em São Francisco, então não tenho a menor ideia de quando este dia vai chegar. Logo, temos que viver com todas as nossas criaturas — Marco diz, dando um tapinha na cabeça de uma grande estátua de rinoceronte na sala de estar. — Sabe que até gosto de algumas delas agora?

O apartamento cheira a mofo e está em péssimo estado. Valentina pode ver o antigo encanamento do aquecedor, as paredes rachadas, mas também se trata de um espaço rústico.

— Quer beber alguma coisa? Comer?

— Quero um copo-d'água, na verdade. Estou com muita sede.

Marco vai para a cozinha e abre uma geladeira gigante, tira uma jarra de água filtrada e serve um copo-d'água para Valentina antes de se servir. Brindam.

— Bem-vinda a Nova York, Valentina.

O telefone de Marco apita. Ela o segue de volta para a sala. Marco pega o telefone, põe um par de óculos Armani sobre o nariz e lê a mensagem. Valentina nunca tinha visto Marco de óculos. Questiona para si se ele realmente precisa deles ou se é só mais uma de suas tendências.

— Querida — grita enquanto lê a mensagem e ruboriza de animação. — Como você está se sentindo?

— Cansada... São duas da manhã na Itália.
— Claro — ele se acalma —, mas é melhor aguentar e não ir para a cama...
— Acho que sim — reconhece a expressão dele e não se espanta com a frase seguinte.

— E a melhor forma de ficar acordada é indo para uma festa!

Valentina balança a cabeça.

— Não, não estou a fim de festa, Marco.

Ele fica arrasado.

— Mas fomos convidados para a festa mais bacana deste mês. Você tem que ir porque todas as pessoas da *Harper's Bazaar* estarão lá.

— Não quero estar rodeada por pessoas agora. Vai você, Marco. De verdade, vou até gostar de ficar sozinha.

Valentina senta no sofá e olha pela janela aberta. A noite está surpreendentemente calma. Ouve apenas o vento soprando nas árvores. Está cansada e tudo o que quer é deitar nesse sofá e ouvir os sons da vizinhança.

Vou conversar com Théo na minha mente, Valentina planeja.

Mas Marco não desiste tão facilmente. Escorrega ao seu lado no sofá, pega sua mão e aperta com força.

— Você *não* vai ficar sozinha, toda deprimida e solitária. Esta é a sua primeira noite em Nova York... Isso é um novo começo, Valentina. Você vai sair comigo. Você tem que voltar a viver.

— Estou vivendo — ela insiste.

— Meu amor, você não transa há meses!

— Como você sabe disso? — pergunta defensivamente.

— Está na cara...

— E se eu não quiser transar com mais ninguém, qual o problema?

— E virar uma bicha mal-humorada? — Marco suspira, solta sua mão e se levanta.

— Não sou mal-humorada, só estou triste, é isso — resmunga.

— Que seja, mas você tem que dar um jeito nesse ar deprimido. Você não sabe que isso te envelhece, Va? Você precisa se jogar numa paixão louca por uma noite, vai se sentir muito melhor.

— Não quero conhecer ninguém. Não estou pronta.

— Não estou falando de amor, baby, estou falando de sexo. Você sabe separar os dois, não sabe?

Claro que sabe. Antes de Théo, esse era o lance dela: sexo sem compromisso. Porém, desde que ele se foi, não sabe de mais nada. Se transar com outro homem, vai macular sua memória. Como poderia comparar alguém a ele?

Marco a puxa do sofá.

— Vamos lá, meu bem, chega de protesto. Vamos vestir roupa de festa e nos divertir esta noite. Você vai esquecer tudo, prometo.

Três horas depois, Valentina está balançando ao som de reggae em uma festa fechada em uma boate no Chelsea, cujo nome ela já esqueceu. Não faz ideia de quem está dando a festa. Sente-se um pouco fora do ar com o fuso horário e as duas taças de vinho tinto que acabou de tomar. Só quer ir para casa dormir, mas não pode. Marco e Jake desapareceram em meio à multidão que dança na pista. Às vezes, enxerga um deles dançando loucamente e acena pedindo para ir embora, mas, ou eles ignoram os sinais, ou não entendem. Queria ir embora, mas não tem as chaves do apartamento.

Marco prometeu a Valentina que ela esqueceria tudo, mas não podia estar mais errado. Ela não consegue parar de pensar em Théo. Nova York é sua cidade natal. Será que ele já esteve nesta boate? Ficou parado exatamente onde ela está? Gostaria de perguntar para ele. Onde você morava? Para que lugares você costumava ir? Quer que ele lhe mostre. Fecha os olhos por um segundo e a batida da música penetra em seu crânio. Tem que parar de pensar. Vai ficar louca se não conseguir desacelerar sua mente.

— Está tudo bem com você?

Abre os olhos e um homem está parado na sua frente. Ele é alto, moreno e tem grandes olhos castanhos.

— Sim, está tudo bem. — responde.

— É que me pareceu que você ia desmaiar. Seus olhos estavam fechados e você parecia estar caindo.

— Estava me movendo ao som da música, só isso — diz, defensivamente.

Há uma pausa estranha. O primeiro instinto de Valentina é dar as costas e cortar o papo, porém, mais uma vez, ela pensa no que Théo gostaria que ela fizesse. Sabe que a amava tanto que não queria vê-la triste e solitária.

— É minha primeira noite em Nova York — dá a chance. — Estou um pouco atordoada com a mudança de fuso horário.

— De onde você é? — pergunta, olhando para ela com interesse. Na verdade, ele é bem alto e Valentina se sente atraída pelo seu corpo gostoso.

— Itália. Milão.

— Achei mesmo que você tinha muito estilo para ser daqui.

Valentina nota que ele tem uma boca bonita, lábios aveludados e belos dentes.

— Estou muito cansada — diz. — São cinco da manhã para mim.

— Então você precisa de um drink revigorante, um *pick me up*.

— Não sei, não costumo tomar essas coisas.

— Você é de Milão? E não gosta de um bom coquetel? Achei que vocês tinham praticamente inventado o *cocktail hour*. É aperitivo que se fala em

italiano, certo?

Ele a pega pelo cotovelo e a leva em direção ao bar.

— Coquetéis são a minha especialidade — diz. — Trabalhava como barman, criar drinques é um hobby. Tento adaptá-los de acordo com a pessoa que vai beber e como ela está se sentindo.

— Parece arte.

O toque da mão dele sobre o cotovelo de Valentina envia vibrações que descem pelo braço e despertam todo o seu corpo.

— E é arte — diz, enfaticamente. — Aliás, meu nome é Russell.

— Valentina.

— Lindo nome, linda mulher — murmura.

Sente um tremor de pânico no peito. Percebeu que ele gostou dela. E ele é muito bonito, talvez bonito demais. Valentina deveria estar aproveitando a atenção dele, mas está com medo. Nunca tinha tido medo de ser cantada ou do que poderia acontecer em seguida.

Apenas se divirta, Valentina

Parece ouvir Théo sussurrando para ela, dentro de sua cabeça.

— Então, Valentina, me diga — Russell pergunta —, como você se descreveria? O que você faz?

— Sou fotógrafa. Freelancer, trabalho com moda, mas também tenho um trabalho autoral.

— Ok, então você é criativa, estilosa, um pouco ousada.

Olha para ela de cima a baixo. Valentina está com um dos modelitos dos anos sessenta de sua mãe: um microvestido vermelho com decote nas costas e um cinto de corrente em volta do quadril.

— Vejo que você é uma pessoa e tanto. Estaria correto em dizer que você não costuma seguir tendências?

— Talvez — Valentina encolhe os ombros.

— Ok — Russell diz. — Acho que sua bebida precisa de uma base de gim; e limoncello, porque, além de ser uma bebida italiana, é picante e impetuosa... como você.

Ele pisca e Valentina sente que fica vermelha.

— Última pergunta — diz, virando-se repentinamente para ela enquanto se aproximam do balcão. — Você já se apaixonou?

Valentina hesita. Os olhos dele parecem âmbar cintilante na iluminação turva da boate.

— Esta é uma pergunta muito pessoal.

— Então vou considerar como sim... — Russell diz com gentileza. — Desculpe, não quis ser intrometido, mas é que uma pessoa que já amou é alguém

que aceita correr riscos.

Olha para ela e sorri.

— Então, precisamos de algo levemente arriscado para misturar com o gim e que vai dar um contraste interessante com o limoncello. Sim, acho que já sei o que usaremos. Há um licor de framboesa chamado Chambord que acredito que dará a mistura perfeita – diz, triunfante.

— Não gosto de bebidas doces — Valentina protesta.

— Confie em mim — Russell diz.

Percebe que as pessoas abrem espaço para ele. Tem uma certa presença. As garotas se viram para olhá-lo por um segundo a mais do que o normal.

Russell pede que o barman prepare a bebida e dá a medida exata de cada componente. Observam enquanto o drinque é habilmente preparado e servido em duas taças de Martini para eles. Russell faz pompa:

— Tenho a honra de apresentar o drinque especialmente criado para você: gim, limoncello e Chambord, que, claro, batizo de Valentina.

Pega a taça e olha o seu conteúdo com desconfiança. Parece muito forte. Ao mesmo tempo, tem um aspecto fascinante: o licor de framboesa deixou a bebida com cor de sangue. O que acontecerá se beber? Considerando o fuso horário, o vinho, sua solidão... O que será capaz de fazer? Por uma fração de segundo, o peso de sua perda desaparece e sente-se como a antiga Valentina, com o espírito livre e sem limites.

— Isso deve te acordar — Russell diz, pegando um dos drinks também. — Saúde! Como é que dizem em Milão?

— Salute!

Valentina dá um gole para experimentar. No início, a bebida tem um sabor doce, mas a acidez do limoncello neutraliza a framboesa. O gim é sutil o suficiente para não dominar, mas aquece-a do umbigo até o coração. Realmente parece ter um efeito revigorante. Toma mais um gole, e mais outro.

— Então? — Russell pergunta com a cabeça inclinada para o lado.

— É bom — diz. — Não é tão doce como pensei.

— Sim, imaginei que, por gostar de vinho tinto, você não ia querer uma bebida docinha, dessas de menina. Para você, tinha de ser algo mais intenso, mais elaborado, um drinque de mulher.

— Quem diria que preparar uma bebida envolveria tantas variáveis?

— Como eu disse antes, realmente acredito que seja uma forma de arte.

Há uma multidão ao redor do bar e Russell está ainda mais próximo de Valentina, que está ciente das intenções dele e de que o azul de sua camisa a atrai ainda mais.

— Então, o que você faz além de inventar bebidas? – Valentina pergunta, mais

solta com o efeito do álcool.

— Sou um artista de coisas — gaba-se.

— Todos os *barmen* são artistas, ou atores, ou escritores, ou músicos — diz, atrevida.

Ele levanta o queixo dela com o seu dedo e a imobiliza com seus olhos castanhos transparentes.

— Sou para valer — diz.

Valentina estremece com o toque dele. Há quanto tempo um homem não a toca de forma tão íntima?

— Me parece que você precisa de um refil — Russell diz, olhando para o copo vazio.

No final, Marco e Jake vão embora antes dela. Surpreendentemente, Marco tenta convencê-la a ir com eles, mas agora que Valentina acordou, a última coisa que quer é deitar em uma cama vazia e lembrar-se que está totalmente sozinha.

— Tem certeza, meu amor? — Marco chamou-a para o lado. — Talvez você devesse deixar para conhecê-lo outra noite. Você acabou de chegar.

— Mas antes de sairmos você não fez o maior sermão dizendo que devo deixar o passado para trás e seguir adiante?

Marco concorda.

— Sim, mas é que conheço esse cara, o Russell.

Marco lambe os lábios, nervoso.

— E daí? Ele é algum tipo de pervertido?

— Não, nada disso. Ele é mulherengo, um conquistador.

— Está ótimo para mim. Não é exatamente disso que preciso agora segundo você? Sexo sem compromisso?

Não sabe o que deu nela, deve ser a bebida. Sente-se ousada e devassa pela primeira vez desde que perdeu Théo.

Marco a cumprimenta com um tapinha na mão.

— Ok, paixão, mas tome cuidado e ligue se precisar de mim. Aqui está nosso endereço e uma chave. Pegue um táxi de volta pra casa.

O apartamento de Russell é exatamente como imagina que seria o apartamento de Théo se ele tivesse ficado em Nova York, vivendo nos Estados Unidos. Uma vida sem ela, que não tivesse sido interrompida tão cedo. Russell mora no Chelsea e, apesar de Valentina conhecer pouco da cidade, sabe que ele deve ser um artista incrivelmente rico ou bem-sucedido para viver num espaço desses: as paredes têm os tijolos expostos e o chão é de madeira escura, há uma sala ampla com uma cozinha em ilha, e uma janela francesa dá para um pequeno

terraço. No escuro, é difícil ter uma ideia do tamanho do apartamento, mas consegue ver o contorno de algumas plantas e algo que se parece com uma poltrona de costas para o apartamento. No fundo do terraço, tem a impressão de ver mais plantas, pequenas árvores e... aquilo é um reflexo de água mais à frente?

— Tenho vista para o High Line — Russell conta, pegando sua mão e levando-a até a janela.

— O que é High Line? — pergunta.

— O High Line é uma antiga linha férrea elevada transformada em parque linear. É muito bacana, vou te levar lá.

Novamente, Valentina se pergunta como ele consegue viver em um apartamento com uma localização tão incrível. Será que sua avó também morreu e deixou o imóvel para ele? Qual será a história? Será que ele foi casado? Teve o coração partido como ela?

Valentina se senta em um enorme sofá de couro cor creme.

— Posso preparar mais um Valentina pra você? — Russell pergunta, pegando uma garrafa de Chambord e mostrando para ela. — Por acaso, tenho os ingredientes.

— Ok, obrigada. — De repente, Valentina se sente nervosa. Que raios está fazendo ali? Deveria ter ido para casa com Marco e Jake.

Russell desliza ao lado dela no sofá e passa a bebida a ela, que dá um grande gole para ganhar forças. Quase engasga.

— Desculpe — faz cara de inocente —, este ficou mais forte do que aqueles que você tomou na boate.

Pega a mão dela, como se a estivesse inspecionando.

— Não é casada? — pergunta.

Valentina se esquia. Esteve tão perto de casar-se com Théo.

— Não, e você?

Russell balança a cabeça, examinando sua outra mão.

— Isso é um anel de compromisso? — pergunta. — Você está sendo uma má menina, Valentina?

Ela endurece e fecha o punho.

— Não, acabou.

— Nesse caso, você deveria devolver o anel — Russell diz. — Não é muito...

Beija-o para calar a sua boca. A última coisa que deseja é dar explicações sobre Théo.

Imediatamente, Russell a toma em seus braços. Valentina não quer carícias suaves ou preliminares delicadas. Suas peles se tocam e ela sente uma fúria crescer por dentro. Finalmente, está brava. Como Théo ousou deixá-la? Agarra a

camisa de Russell com tanto ímpeto que a rasga. Ele entra no clima e abre o zíper de seu vestido, deixando-o deslizar pelo corpo ao tirá-lo. Abre os olhos e toma o cuidado de não olhar para o rosto de Russell. Prefere se concentrar na barriga dele: como é firme, tem só uma minúscula dobrinha de gordura logo acima da linha da cintura. Desabotoa o cinto e puxa o jeans para baixo, deixando-o só de cueca. Quando a tira, o pau dele salta, ereto. Pega-o entre as mãos e o percorre com os dedos. Sente uma dor em seu âmago. Quer que um homem a preencha como Théo a preenchia. Quer que ele lhe arranque a dor, ainda que seja só por alguns momentos. Russell vai tirando sua calcinha fiodental, puxando as extremidades alternadamente e se movendo tortuosamente. Deita de costas no sofá de couro, pensa como os homens são todos iguais ao cruzar, por um segundo, com o olhar quente e meio clichê de Russell. À meia-luz, ele se parece muito com Théo, exceto pelos olhos. Mas ele não é Théo, é só um cara qualquer que pegou em uma balada. O pânico a invade. O que está fazendo? Tem que parar. Mas seu corpo não deixa.

Valentina se inclina e puxa Russell em direção a si enquanto ele rasga a embalagem da camisinha.

Ela então fecha os olhos. Deitada de costas, nunca se sentiu tão passiva. Mas não se importa: está a caminho do seu mundo encantado. Abre bem as pernas e envolve a cintura de Russell quando ele a penetra. Levanta o púbis para grudar nele e os dois começam a se movimentar. “Mais fundo”, Valentina implora em silêncio, “vai mais fundo”. A sensação do pau de Russell dentro dela, a unidade do movimento deles e a penetração profunda abrem as portas do seu mundo de fantasias.

Agora está livre para encontrar o seu amor. Pode ver Théo: estão em Sorrento. Mais uma vez, encontram-se no quarto do hotel, fazendo amor, nus e entrelaçados. O cabelo grosso e escuro dele se cacheia em volta dos seus dedos enquanto ela se segura nele. Estão se olhando nos olhos. Aqueles olhos cor azul-inverno falam com ela. É tudo o que precisa ouvir. Nos dias anteriores ao desaparecimento, transaram de um jeito que nunca tinham transado antes. Na verdade, eles não fizeram amor, eles foram amor. O sexo se transformou neles. Completavam-se como se um fosse a continuidade do outro, como um círculo perfeito de luz dourada. O tempo cessava e parecia elástico. Fluíam para fora da cama como água, como uma corrente fresca, deliciosa e perfumada. Estavam no centro da vida, juntos.

Agora, Valentina está beijando Théo e recebendo o amor dele dentro de si. Deseja-o demais, quer senti-lo gozando. Está tão perdida em sua fantasia que não vê ou sente o momento se aproximar, mas, de repente, está convulsionando, gozando com ele. É perfeito. Estão completos.

— Valentina?

Uma voz estranha irrompe como uma luz na neblina.

— Valentina, você está bem?

Abre os olhos e fica chocada com o homem estranho que tem diante de si. Qual o nome dele mesmo? Quem é ele? Não se parece nem um pouco com Théo. Fecha os olhos com força e suspira.

— Ei, Valentina?

Abre os olhos de novo. É claro, o nome é Russell. Está sentado sobre os calcanhares do outro lado do sofá. Dá um sorriso para ela.

— Foi incrível — Russell vibra.

— Sim — Valentina concorda. Sente-se melhor, como se tivesse aberto uma pequena fresta em seu sofrimento e deixado um pouco da raiva, da solidão e da frustração reprimida ir embora.

Olha para Russell e pensa que ele é muito mais jovem do que imaginou no início. Não tem cicatrizes como o seu Théo. Olha para o pau dele, relaxado ainda dentro da camisinha leitosa.

Cambaleia, ainda nua, mas não se importa.

— Onde é o banheiro?

Quando volta para a sala, Russell está na cozinha em ilha, apenas de cueca boxer e camiseta branca, preparando café.

— Achei que você gostaria de uma xícara de café — diz, virando-se para apreciá-la.

— Obrigada — diz, indo em direção ao sofá para recuperar suas roupas, enquanto ele a segue com os olhos.

— Adoro o seu corpo — fala de um jeito que faz Valentina pensar que há algo de diferente em seu corpo nu.

— É só um corpo normal de mulher — ela responde, sem maior interesse, pegando seu vestido para cobrir-se rapidamente.

— Não, não é apenas um corpo qualquer de mulher.

— O que você quer dizer? — diz, segurando o vestido na altura da bariga e virando-se para ele.

— Adoro que você seja tão natural. O que eu quero dizer é que, na área em que trabalho, as meninas de hoje são tão malhadas que parecem feitas só de ossos, não têm curvas. Não há mais suavidade. As bundas são musculosas e duras de tanto exercício. E os peitos também: elas enchem de silicone e não é bom de tocar.

— Théo costumava dizer isso — Valentina murmura.

— Quem é Théo? — Russell pergunta.

— Meu ex.

— Ele está certo — não se chateia com a menção. — Gosto do fato de você não ter tentado mudar a sua forma. Tudo é tão natural e isso não significa que você seja hippie porque fica muito chique quando se arruma, mas por baixo...

— Sou mole e caída? — Valentina brinca, cansada.

— Não — Russell diz —, você é um mulherão com curvas, peitos e uma bunda incrível.

— Há anos que meu corpo não é tão minuciosamente analisado — Valentina diz enquanto entra no vestido.

— Não estou te ofendendo, estou?

— Não, claro que não. É só que minha mãe era obcecada com a aparência do corpo. Minha adolescência foi um pesadelo porque ela vivia tentando me convencer a fazer dieta.

Senta-se em um banco na ilha.

— Sua mãe é uma mulher louca — Russell diz, trazendo uma xícara de café até Valentina. — Você é perfeita do jeito que é. Foi isso que eu quis dizer.

Valentina sente uma ligeira gratidão por Russell.

— Enfim — diz, sentando no banco de frente para ela e se inclinando para lhe dar um selinho. — Foi realmente muito bom.

Valentina fica corada. Nunca se prestou a papos pós-transa.

— É melhor eu ir para casa — diz, sem jeito. — Você pode chamar um táxi para mim?

Espera que ele a convide para dormir lá, mas Russell não diz nada.

No caminho de volta para o apartamento de Marco e Jake, tenta se convencer de que não teria dormido lá nem que Russell tivesse pedido. No entanto, no fundo, sabe que isso não é verdade porque não é de sexo que ela mais sente falta, mas sim de intimidade. Valentina sente falta de dormir a noite toda nos braços do seu amor.

Tina

INICIALMENTE, TINA NÃO reconheceu Lottie tal era a sua transformação. Ela parece uma princesa punk, sem mais nenhum vestígio de Louise Brooks. Seus cabelos estão para trás, desgrenhados e pontiagudos; seus olhos estão carregados de lápis preto e suas orelhas carregam fileiras crescentes de minúsculos brincos prateados. Sua roupa parece uma mistura dos modelitos de Madonna e Siouxsie, da banda *Siouxsie and the Banshees*. Está toda de preto com leves toques femininos: luvas sem dedos, de renda, que vão até acima do cotovelo; jeans rasgado justinho, botas Doctor Marten e um tipo de corselete preto envelhecido por cima de uma blusinha preta, também rasgada.

Tina detesta o visual dela, sobretudo a bota pesadona, que lhe empresta um ar desleixado e vai contra todas as regras de moda. A roupa de Lottie faz Tina se sentir um pouco velha em um de seus clássicos favoritos: um pretinho, um bolerinho e botas de salto alto. Tina tem consciência da diferença de idade entre elas. Pode até ter um corpo jovem, mas e a cara? Ficou muito magra com a perda de peso... Será que aparenta os trinta e cinco anos que tem?

— Você está atrasada — a alemã reclama.

Tina olha para o relógio. São apenas onze e seis.

— Não, não estou — diz.

— Minha prima está esperando por nós no apartamento dela. Ela está no intervalo do trabalho, então temos que chegar lá na hora marcada. Sabine quer muito te conhecer. Ela participa de um grupo de fotografia no trabalho.

— O que ela faz? — Tina pergunta.

— Ela é funcionária do Estado — Lottie diz, dando de ombros. — Acho que trabalha no setor de correspondência, mas ela nunca fala sobre o que faz.

Entram na fila da fronteira na estação Frederickstrasse.

— Chamamos este lugar de Tränenpalast, que, ao pé da letra, quer dizer Palácio das Lágrimas — Lottie conta. — É o entroncamento mais utilizado devido aos trens... Muitos adeus são ditos aqui.

O coração de Tina dispara quando vê os guardas da fronteira. Sempre teve horror a homens armados. Acredita que herdou isso de seu pai, que odiava qualquer tipo de arma e toda agressão.

É tão difícil acreditar que seus pais morreram há quase dez anos... Às vezes, aos domingos, ainda se pega esperando pelo telefonema semanal da mãe, que ligava pra fazer uma *checklist* — era como costumava provocá-la. Sua mãe

nunca perguntava sobre o seu trabalho, mas queria saber se tinha comida suficiente para Phil e o bebê, o que pensava em cozinhar para eles; tinha obsessão por Mattia, se tinha tomado todas as vacinas, qual livro ela lia para ele à noite, antes de dormir.

Uma das consequências mais tristes da morte dos seus pais foi o fato de não poderem acompanhar o crescimento do garoto. Tina perdeu todo o apoio de sua mãe, apesar de ter certeza de que Maria Rosselli não aprovaria que ficasse vagabundeando por aí, em vez de ficar em casa cuidando da família. Ficaria desapontada por ela nunca ter se casado com Phil. Porém, Tina acreditava que precisava ser uma mãe feliz se quisesse ser uma boa mãe. E, para ser feliz, precisava ser livre e ter uma carreira.

Claro que Phil entendeu isso, mas foi uma faca de dois gumes. Nos primeiros anos, sentia um pouco de ciúmes quando ele passava mais tempo com Mattia do que ela. Lembra-se de como ficou magoada quando Mattia, com dois anos, se machucou depois de cair do Scooter e cortar o joelho, correndo imediatamente para Phil e não para ela. Quando se queixou, Phil disse:

— Não dá para ser sempre do seu jeito, Tina.

Sentiu-se revoltada com aquele comentário. Por que sua vida não podia ser exatamente como ela queria que fosse? Mãe e, ao mesmo tempo, mulher, com uma carreira? Era tão impossível ser bem-sucedida nas duas esferas?

Estão no começo da fila e, logo antes de atravessarem, Lottie pergunta:

— Você tem 25 marcos alemães? Me esqueci de avisar: tem de pagar para passar.

— Sim, trouxe dinheiro comigo.

— Assim que atravessarmos, podemos tirar um visto de um dia com validade até duas da manhã.

Os guardas da fronteira reparam em Lottie e seu visual punk. Reviram sua bolsa, mas, como não encontram nada, ainda que relutantes, deixam-na atravessar.

A estação Friedrichstrasse e os trilhos de trem ficam para trás e Tina começa a se sentir diferente, como se tivesse voltado no tempo, para uma Berlim mais antiga, dos anos sessenta e setenta. Os carros são praticamente os mesmos, parecem minúsculos Trabants branco e preto. Descem a rua e Tina percebe que as pessoas estão olhando para elas, especialmente para a roupa de Lottie. É evidente que as duas vêm do lado ocidental.

— Como sua prima veio parar do outro lado do muro? — Tina pergunta para Lottie enquanto andam pela rua.

— Originalmente, minha família é de Berlim Oriental, de uma área chamada

Prenzlauer Berg. Mais tarde, vou te levar à rua onde fica a antiga casa em que meu pai e seu irmão cresceram. Todas as casas foram transformadas em apartamentos e estão caindo aos pedaços agora. Quando construíram o muro, meu pai e minha mãe decidiram que não queriam ficar em Berlim Oriental e fugiram.

Lottie diminui tanto o tom de voz que começa a sussurrar, apesar de Tina não imaginar que alguém conseguiria ouvir o que diziam enquanto andavam.

— Passaram por cima do muro? — Tina pergunta.

— Por baixo — Lottie diz. — Atravessaram um túnel. Na época, minha mãe estava grávida de mim e teve medo de ficar entalada. Meu pai teve que a empurrar durante todo o percurso.

— Meu Deus, deve ter sido muito perigoso.

— Sem dúvida. Foram os últimos a atravessar. Alguns do que ficaram para trás foram pegos.

Lottie para e permanece assim por algum tempo. A montanha de concreto ficou para trás. Tina ouve o barulho dos trens passando pela estação Friedrichstrasse, em direção ao Ocidente: são trens que os berlinenses orientais podem ouvir, mas não conseguem ver.

— Meus pais juraram não voltar até que Berlim Oriental esteja livre. Nunca imaginaram que o muro ainda estaria de pé depois de tantos anos. Há muito que não veem suas famílias, a não ser pelos meus avós, que conseguem um passe para o lado ocidental porque são aposentados. Meus pais nunca conheceram a minha prima.

— E quando foi que você a conheceu?

— Assim que completei dezoito anos, quis atravessar para o lado de cá e ver Berlim Oriental com meus próprios olhos. O encontro com Sabine foi como se estivesse conhecendo uma irmã. Temos a mesma idade e quase todos os mesmos gostos. Mas é claro que ela não se veste como eu, afinal isso atrairia muita atenção.

Lottie olha para o relógio.

— Vamos, não queremos nos desencontrar dela.

Apressa Tina pelas ruas. O lado Oriental é menos colorido. Tina repara que, no lugar de anúncios comerciais e outdoors, há placas brancas com texto preto em alemão. Lottie explica que são slogans comunistas, traduzindo um deles:

— Continue a fortalecer a ordem socialista, a disciplina e a limpeza.

A ideia de viver sob regime tão limitado enoja Tina, que sempre detestou qualquer tipo de regra. Costumava deixar as freiras da escola loucas quando chegava tarde todas as noites, não entregava a lição de casa e, ainda assim, sempre tirava as maiores notas da sala.

— Claro que nunca quis morar aqui — Lottie conta —, mas dá para se divertir bastante, sabia? Sabine saía muito mais do que eu quando eramos adolescentes... — dá uma risadinha abusada.

— Ela diz que a vida sexual daqui é muito melhor do que a nossa.

Tina levanta as sobrancelhas.

— Jura? Pensava que uma abordagem mais liberal do sexo teria sido reprimida pelo Estado. Não parece combinar muito com os ideais comunistas.

— Acho que é oficialmente desaprovado pelo governo, mas, como há menos pressão capitalista sobre eles, como ganhar dinheiro ou ter uma carreira bem-sucedida, sobra mais tempo para flertar, fantasiar, se apaixonar...

— Sim, mas e uma pessoa fora da caixa, como um gay, por exemplo, é algo que se tolera?

— Acho que não, mas, até aí, os gays são perseguidos no mundo todo, não é mesmo? — Lottie constata. — Sabine diz que, até mesmo as coisas ruins, como racionamento de comida e energia, podem se traduzir em romance. Por exemplo, ela conheceu o primeiro namorado na fila de alimentação.

— Que história tocante! — Tina diz com certa ironia. Certamente, essa não é sua ideia de romance.

— E você sabe o que dizem... — Lottie pisca. — Os homens da Alemanha Oriental têm o pau maior e mais grosso do que os da Ocidental!

Lottie dá uma risadinha contida, o que faz com que pareça muito jovem, apesar de toda a maquiagem na cara.

— E como você sabe disso? — Tina pergunta.

— É segredo — Lottie pisca outra vez.

O quarteirão no qual vive a prima de Lottie é impecável: sem pichações ou vandalismo, apenas com imóveis em perfeito estado. Parece uma visão futurística da utopia dos anos sessenta. É como um cenário de filme, sem pessoas de verdade realmente vivendo lá. Entram no segundo prédio e, enquanto sobem pelo elevador, Lottie explica que, na verdade, o apartamento pertence ao namorado da prima, Rudolf. Ao que parece, ele tem um emprego muito bom, porém Lottie é um tanto vaga quanto ao que ele faz.

— É tudo muito limpo — Tina comenta enquanto pensa no aspecto estéril daquele lugar. Dá até arrepios.

— Este é um dos melhores lugares para se morar — Lottie diz, novamente em tom de sussurro. — Rudolf tem um cargo muito importante — repete, olhando para Tina como quem sabe de algo a mais. — É um bom socialista. Ele não gosta que Sabine me veja, então é por isso que a visito durante o dia. Ele acha que posso tentá-la com sonhos capitalistas.

Sabine é tão linda quanto Lottie, apesar de seus estilos serem completamente diferentes. Sabine está usando uma camiseta lisa branca e uma saia evasê marrom.

— Oh, que roupa horrível! — Lottie exclama ao ver a prima.

— Trabalho — Sabine faz uma careta e abre a porta para entrarem no apartamento. Assim como no lado externo do prédio, o apartamento é impecável, apesar de completamente sem personalidade.

— Esta é Tina Rosselli — Lottie a apresenta para Sabine e joga sua bolsa sobre a mesa de centro. — É uma fotógrafa de moda famosa da Itália. Veio para o concerto desta noite.

— Você vem da Itália? — Sabine volta-se para Tina com os olhos brilhando de entusiasmo. — E é fotógrafa?

— Sim — Tina diz, tirando sua câmera da bolsa para provar. Sabine pega a câmera nas mãos como se fosse uma joia preciosa e examina-a.

— Gostaria de poder ter uma câmera como esta — suspira.

— É muito antiga — Tina diz. — Tenho essa câmera desde quando comecei.

Sabine devolve a câmera.

— Desculpem, mas tenho de voltar para o trabalho agora — diz, olhando para o relógio. — Acho que nem deveria estar aqui. Se Rudolf souber que não estou trabalhando ainda, ficará bravo.

— Então, vamos — Lottie diz, puxando-a pelo braço. — Não quero te causar problemas.

— Onde você trabalha? — Tina pergunta para Sabine.

— Trabalho no setor de correspondência da Secretaria de Cultura do Estado. Foi lá que ouvi a respeito do violoncelista Karel Slavik.

— O seu governo tem sorte, pois ele é um socialista engajado; caso contrário, tenho certeza de que o Ocidente já o teria arrancado daqui — Lottie diz.

— Shhh — Sabine diz, assustada. — Não diga este tipo de coisa... Não *aqui*.

— Não me diga que o apartamento de Rudolf é monitorado? Não monitorariam alguém como ele, né?

O rosto de Sabine fica vermelho.

— Nunca se sabe — sussurra.

— O Stasi realmente coloca escutas na casa de pessoas comuns? — Tina pergunta para Lottie enquanto descem a rua, saindo do complexo de prédios.

— Parece que sim, apesar de Sabine ter ficado um pouco paranoica desde que seu namorado foi parar na prisão do Stasi.

— Meu Deus, o que ele fez?

— Era suspeito de ajudar alguns vizinhos a fugir.

— E Sabine estava envolvida?

— Ela me disse que não sabia no que ele estava envolvido, mas, mesmo assim, foi submetida a um interrogatório. Sabine não fala sobre isso, só diz que alguém deve ter feito uma denúncia.

— Informantes? Como na Rússia de Stalin?

— Segundo a Sabine, este é o maior problema de se viver aqui. Não se pode confiar completamente em ninguém. Alguém pode resolver implicar com você e denunciar inverdades a seu respeito só para te causar problemas.

— Nossa, as pessoas devem ficar muito neuróticas...

Tina nunca tinha pensado em como tem sorte por viver em um lugar onde nunca é censurada. Quantos de seus ensaios de moda não seriam considerados uma afronta ao Estado? Nem passa pela cabeça de Tina se seu trabalho está ofendendo o Estado ou não. Sempre teve liberdade para trabalhar e se expressar como quisesse.

Tina estreou como fotógrafa na *Vogue*, em 1968, quando tinha apenas dezenove anos. Foi um ensaio inspirado em Jane Fonda, no sensual filme de ficção científica *Barbarella*. Vestiu suas modelos com Paco Rabanne: macacão justo tipo *catsuit* de látex branco e prata, e pendurou painéis de alumínio. Conseguiu chamar a atenção e foi chamada para outro ensaio. Desta vez, vestiu as modelos com chiffon Yves Saint Laurent transparente e plumas de avestruz. Muito antes do que podia esperar, seu nome já estava na boca de todos. Tina Rosselli, nova fotógrafa talentosa, tão linda quanto as modelos que fotografa. Vestia as roupas das grifes que fotografava. Os designers davam peças de presente para ela e diziam que caíam tão bem quanto nas modelos. E era verdade. Tinha o corpo perfeito para as roupas daquela época e o mesmo corte de cabelo curtinho de Louise Brooks.

Tina era convidada para todos os desfiles, aberturas de exposição e festas descoladas, não só em Milão, mas também no sul da França, em Paris, Roma, Londres e Nova York. Era a garota com a qual todos queriam namorar, mas ficou solteira. Na verdade, era uma tímida garota católica em seu coração. Afinal, era muito jovem. Foi uma época vibrante e emocionante, cheia de liberdade e criatividade. Saiu de casa (para desgosto de sua mãe, que queria que ela fizesse faculdade) e foi dividir um apartamento com sua melhor amiga, Isabella, uma jornalista de moda. Trabalhavam bastante e festejavam ainda mais. Conheceu Phil através de Isabella, que o convidara para participar de uma conferência de jornalismo na universidade, em Milão. Inesperadamente, ela teve de ir às pressas para Verona buscar outro conferencista e pediu a Tina que fosse buscar o acadêmico inglês em seu Triumph e o levasse para o hotel.

A primeira impressão que teve de Phil não foi especialmente positiva. Achou-

o antiquado e velho em seu tweed inglês, e ainda, pelo amor de Deus, fumando cachimbo! Quem com menos de trinta anos fuma cachimbo, a não ser que seja de maconha?

Dirigiu como sempre... Muito rápido e cortando o trânsito. Quando chegaram ao hotel Savoie Regency, Phil estava pálido. Ainda assim, ligou para ela naquela noite, convidando-a para jantar. Até hoje, realmente não entende. Será que o jeito como dirigia o excitou? Será que ele ligou porque Tina era a única garota que ele conhecia em Milão? Quase recusou, pois ele parecia muito chato, mas tinha curiosidade sobre os homens ingleses e, pra dizer a verdade, também queria praticar... Ou melhor, exibir o seu inglês.

Algo aconteceu com Tina assim que se sentaram para comer. Até se esqueceu da refeição em si. Estava comendo sem pensar a respeito ou medir a quantidade de comida que levava à boca porque estava fissurada por cada palavra que saía da boca de Phil. Ele sabia tanto a respeito de arte, política, filmes, cultura, história... Até lembrava seu pai, Guido. Havia algo em seu estilo intelectual-acadêmico que a excitava: seus óculos, seu terno formal, talvez. Queria desarrumá-lo, desgrenhar seu cabelo, arrancar seus óculos e rasgar sua camisa engomada.

Conseguiu se segurar durante os três encontros seguintes, até que demonstrou interesse. Quando deixaram as barreiras caírem e se beijaram pela primeira vez, não teve mais caminho de volta. Por trás da porta do quarto, o Doutor Phil Rembrandt pegava fogo. Por mais inexperiente que fosse, sabia que havia algo especial. Nunca um homem tinha feito Tina gozar. E não foi um orgasmo qualquer: foi um clímax profundo, em uma parte do corpo que parecia nunca ter sido tocada. Phil a enchia de tesão e ela estava louca por ele. Não se saciava jamais. É difícil acreditar que, hoje em dia, fique acordada até mais tarde para se certificar de que ele estará dormindo quando ela for se deitar, evitando, assim, transar.

Tinha apenas vinte anos quando começou seu romance com Phil. Era o final dos anos sessenta e o começo de uma nova década. Transbordavam de amor um pelo outro, com esperança e confiança. Sentiam como se o mundo pertencesse a eles. Que diferença em relação a agora, que está parada em uma rua da reprimida Berlim Oriental, em 1984. Era muito ingênua quando conheceu Phil. Só tinha dormido com mais um homem, um orientador da faculdade, um cara mais velho: um erro e um clichê de dar vergonha. Phil também era mais velho que ela, mas não tão mais velho. Eram apenas seis anos de diferença, mas ele era muito experiente. Desde o início, falava como se fossem ficar juntos para sempre, mas isso não fazia com que Tina se sentisse aprisionada, ao contrário. Quando

engravidou de Mattia, por acidente, Phil não sugeriu que ela tirasse o bebê nem por um momento. Ao contrário, curtiu muito a gravidez. Na verdade, algumas das melhores transas que tiveram foi quando estava grávida. Nunca pensou que a chama que existia entre eles fosse se apagar.

Estão juntos há quinze anos, durante todos os vinte anos de Tina. Agora tem trinta e cinco anos e só dormiu com dois homens na vida. Não quer terminar com Phil, claro que não; porém, por mais que o adore, tem certo ressentimento. Ele teve quase a totalidade dos seus vinte anos para aproveitar e experimentar muitas parceiras diferentes, mas ela o conheceu bem aos vinte anos de idade. O que fazer quando se conhece o grande amor da vida tão jovem? Nunca mais dormir com alguém? Não é isso que inúmeras mulheres fazem porque são diferentes dos homens? Não precisam de tanta variedade.

Tina sabe que isso tudo é bobagem. É o tipo de submissão que sua mãe defenderia, mas que ela passou anos rejeitando durante a adolescência. Então, será que ela não quer mais saber de transar com Phil porque está entediada? Será que precisa de mais diversidade em sua vida sexual? No entanto, não quer trair. Quais são suas opções, então? Até agora, tem sido mergulhar a cabeça em outras coisas e se fechar, mas Tina sabe que está reprimindo uma parte de sua essência, aquilo que sua avó Belle chamava de espírito de Louise Brooks, como se aquele corte de cabelo que era a assinatura delas fosse uma declaração em si.

Sou livre como um melro-preto. Posso lhe dar meu corpo, coração e alma, mas nunca me coloque em uma gaiola.

Lottie está à frente e vira-se.

— Você parece estar a quilômetros de distância — diz. — Venha, vou levá-la à Alexanderplatz para você ver o Fernsehturm, a Torre de TV e o relógio mundial. Os alemães orientais podem não ter a possibilidade de visitar todos esses lugares, mas sabem que horas são em outros países.

— Posso tirar fotos?

— Claro que pode. Você vem do lado ocidental. Querem que você tire fotos e exhiba o sucesso da RDA para o restante do mundo — zomba.

Depois de visitarem os pontos turísticos, param para tomar um café e trocar as notas de maior valor. Lottie sugeriu que passassem na antiga casa de sua família, que ficava em uma área chamada Prenzlauer Berg.

Andaram sentido norte por um bairro totalmente contrastante com a Alexanderplatz, o exemplo da República Democrática Alemã, ou a perfeição uniforme de blocos de apartamento onde Sabine mora. A maioria das casas em Prenzlauer Berg está em estado decrépito. Pode-se perceber que foram lindas um dia, pois são grandes construções antigas, mas as fachadas estão literalmente

caindo aos pedaços. É difícil imaginar que sejam habitáveis, mas Tina vê pessoas entrando e saindo, e a atmosfera é diferente de todos os outros lugares em que esteve até então.

— Muitos artistas vivem aqui em Prenzlauer Berg — Lottie conta.

Param em uma floricultura repleta de cravos e margaridas. Lottie compra um ramalhete de margaridas.

— Para uma amiga doente.

Viram em uma rua e Tina pensa que o estado no qual aquela rua se encontra não deve ser muito diferente daquele em que ficou após Berlim ter sido bombardeada pelos Aliados. Não pode acreditar que existam pessoas vivendo ali. Lottie para em frente a uma casa cujo aspecto é especialmente abandonado.

— Aqui está — diz, apontando. — Esta é a casa dos meus ancestrais. Está um pouco detonada — vira-se e lança um olhar triste para Tina.

— Um dia — Lottie diz — vamos tomar esta casa de volta. E vou reformá-la — suspira. — Vamos entrar e conhecer meus amigos?

— Você conhece as pessoas que vivem aqui agora?

— Sim, é curioso. Vim aqui há alguns meses para ver a casa e conheci as pessoas que moram nela. Nos demos bem instantaneamente.

Lottie abre a porta da frente, que quase se desprende da dobradiça.

— A situação é precária, não fique chocada.

Passam por cima de uns escombros na entrada, como garrafas quebradas e latinhas. Tina e Lottie seguem por um corredor úmido e sobem escadas frágeis que parecem poder ruir a qualquer momento. Lá em cima, Lottie bate em uma porta velha e apodrecida. Há um cheiro horrível de umidade e decomposição. Tina se pergunta como alguém consegue viver lá.

A porta é aberta por um jovem com cabelos tingidos de loiro, vestindo regata telinha do tipo *string vest* e jeans lavado justinho com coturnos antigos. Tem aparelho nos dentes.

— Lottie! — o rosto dele se ilumina e dá um grande abraço nela.

— Hi, Hermann — Lottie diz em inglês. Tina percebe que Lottie ruborizou. — Trouxe flores para Simone. Como ela está?

— Oh, você é tão gentil! As flores vão animá-la. Ela está bem... Sim... Enfim, você vai ver.

— E esta é uma amiga, Tina, fotógrafa italiana...

Hermann demonstra interesse.

— Você é jornalista? — pergunta.

— Não, fotógrafa de moda. Lottie posou para um ensaio meu.

Hermann dá um tapinha na barriga de Lottie.

— Ah! Então você virou *top model*, se vendendo para o estilo de vida

superficial do Ocidente — ele fala rindo e Tina percebe que está brincando.

Lottie afasta a mão dele.

— Bem — diz timidamente —, já que o Ocidente é tão superficial, talvez você não queira o seu presente?

— Eu não disse isso.

Lottie abre o zíper de sua bolsa e enfia a mão por dentro do forro.

— Tchã-nã! — diz, tirando uma fita cassete.

— Você é incrível, minha querida Lottie — Hermann diz, dando um beijo em seu rosto, que a faz corar.

— É uma fita pós-punk com alguns sons que acho que você pode gostar. Escrevi o nome das bandas na caixinha.

Hermann agarra a fita.

— Nossa, isso é maravilhoso — entusiasma-se. — Todos os meus favoritos: The Fall, Joy Division, Lene Lovich, My Bloody Valentine, Suicide, Nick Cave, Violent Femmes, Nina Hagen... Você sabe que ela é daqui, né? Safada, escapou nos anos setenta!

— Sim, já assisti a um show dela — Lottie diz. — Brilhante.

— Obrigado, Lottie, gostei demais. — Hermann a abraça e Tina vê que os olhos de Lottie brilham quando olha para ele.

— Também trouxe chocolate e cigarros — diz, tirando de sua bolsa.

— É uma bolsa mágica. Não sei como você consegue passar com tudo isso na inspeção da fronteira — diz. — Entrem, venham dizer oi para Simone e entregar as flores.

Hermann empurra a porta e elas entram em um cômodo que parece ser a sala principal. O estado é chocante. Não há carpete ou tapetes, apenas tábuas de madeira, um sofá com os pés quebrados coberto por um pano de aspecto sujo, além de algumas cadeiras de madeira e uma mesa. As janelas estão quebradas e sujas e há uma velha cortina esfarrapada. Lá fora, o sol apareceu, iluminando o cômodo e realçando a sua miséria. Nas paredes, há quadros enormes exibindo violentas abstrações coloridas. Uma garota punk magrinha está sentada à mesa, misturando-se às pinturas. Ela tem os cabelos escuros e espetados e seus olhos enormes estão delineados com cajal preto estilo egípcio. É tão pálida que sua pele é quase translúcida. Está vestindo uma camiseta esfarrapada, uma corrente com várias voltas em torno do pescoço e um jeans surrado manchado de tinta.

— Olá, Lottie — a garota diz, sem tirar os olhos da palheta.

— Oi, Simone, como vai?

— Tudo bem — a garota levanta os ombros e olha para ela. — Com um pouco de frio.

Como se para confirmar o fato, ela começa a tossir. Mas não é uma tosse

boba. É uma tosse que se transforma em um incômodo ataque de tosse seca e que dura vários minutos. É o tipo de tosse que precisa de tratamento médico.

Os outros parecem não querer chamar muito a atenção para isso. Na verdade, Hermann acende um dos cigarros que Lottie trouxe e observa a rua pela janela.

— Esta é Tina — Lottie a apresenta para Simone. — Ela é fotógrafa.

— Você quer tirar uma foto de mim? — Simone pergunta com uma expressão tão pesarosa que quase parte o coração de Tina.

— Claro — diz. — Estes quadros são seus?

— Sim, estou tentando pintar... mas não sei se sou boa nisso.

— Eles são ótimos — Lottie a encoraja. — Não pare de pintar.

— Talvez eu tenha que parar — Simone diz.

Tina pega a câmera. Percebe que realmente quer registrar aqueles dois jovens naquela casa destruída em Prenzlauer Berg. Parece que ser punk em Berlim Oriental é muito diferente de ser punk no lado ocidental. Aqui há a repressão desafiadora do estado socialista. Estes garotos expressam a recusa de ter o próprio futuro mapeado desde o nascimento até a morte. São verdadeiros rebeldes. No lado ocidental, resta pouco contra o que se revoltar. Os punks são mais seguidores de uma tendência do que qualquer outra coisa.

Após se despedirem e saírem, Lottie anda em silêncio pela rua. Tina se pergunta o que se passa com Hermann e Simone. Será que os dois são um casal? Hermann e Lottie deram um beijo na boca quando ela partiu e Tina pôde constatar o quanto Lottie está na dele, mas não tem certeza quanto a Hermann. Ele parece ter afeto por Lottie, mas há uma distância. Pega o seu maço de cigarros e oferece um para ela.

— Qual é o seu sonho, Lottie? — Tina pergunta para a jovem enquanto acende o seu cigarro.

A garota balança a cabeça e exala a fumaça vagorosamente. Por um segundo, seu rosto fica obscurecido pela fumaça e Tina só consegue ver os seus lábios.

— Não sei. Com certeza, não é ser modelo — Lottie responde enquanto afasta a fumaça abanando as mãos.

— Mas dá um bom dinheiro... E você poderia viajar pelo mundo.

— Sim, mas preferiria fazer algo criativo. Como você.

— A fotografia é só um trabalho pra mim.

— Não falo de fotografia de moda feita em estúdio, não curto muito este mundo. Gosto do fato de você levar isso para fora do estúdio e usar espaços diferentes. As fotos que você tirou de mim, Hermann e Simone, por exemplo. Gostei muito daquilo. Foi expressivo. Gosto de me expressar... Acho que, no meu caso, escolheria música.

— Você gostaria de ser uma artista famosa? — Tina pergunta.

Lottie balança a cabeça.

— Não necessariamente.

A resposta surpreende Tina. Sempre teve esse desejo de ser reconhecida, apreciada e famosa pelo que faz. Sempre trabalhou para isso e achou que bastaria para satisfazê-la, mas, para ser honesta, tem a sensação de que está buscando algo mais na vida, apesar de ter o trabalho dos seus sonhos, um bom homem e um filho. Vive em Milão, uma das cidades mais bacanas do mundo, em um apartamento gigantesco que pertencera a seus pais, bem no coração da cidade. Tem meios para ir onde quiser e fazer o que bem entender. Seu estilo de vida não poderia ser mais diferente da vida de Sabine, aprisionada a um emprego burocrático e vivendo em um bloco de apartamentos em Berlim Oriental, tendo sua vida inteira ambientada em tom cinza uniforme, ou, ainda, da vida daqueles punks subversivos de Prenzlauer Berg, lutando contra o sistema.

Lottie joga o cigarro na rua e o apaga com a sola da bota.

— Acho que o que eu mais quero é encontrar minha alma gêmea — anuncia, de repente.

Tina não poderia ficar mais surpresa com a resposta de Lottie

— Você acredita nisso?

— Sim, acredito — dá uma risadinha vacilante. Ela parece tão jovem por baixo da maquiagem punk. Tina tem vontade de pegar um lenço, arrancar aquela maquiagem e revelar o rosto lindo que existe por baixo. O rosto de Louise Brooks.

— Sabe, você não devia colocar tanta coisa no rosto. Esconde quem você é.

— É uma expressão de quem eu sou — Lottie diz em tom desafiador.

— Imagino que sim — Tina discorda.

— Vamos nessa, devemos ir para o bar — Lottie diz, olhando para o relógio e acelerando o passo. — Sabine vai nos encontrar para uma vodca antes do concerto.

Enquanto atravessam a rua, Tina percebe que um carro que estava estacionado sai assim que elas passam, e não acelera para ultrapassá-las, seguindo lentamente atrás delas durante todo o percurso até Mitte. Tina tem a sensação de que estão sendo seguidas, mas não tem a menor ideia do porquê.

Valentina

VALENTINA PASSOU A manhã flinando por Manhattan, de leste a oeste. Agora está no Chelsea, andando pelas ruas repletas de butikues, cafés e galerias, pensando em como encontrar Russell naquele labirinto.

Não deveria estar desperdiçando seu tempo desse jeito. Amanhã começa o ensaio com Marco. Deveria estar com seu amigo nesse momento, verificando a locação, as roupas e as modelos, mas, mesmo assim, pediu para tirar a manhã. A transa com Russell revelou algo que ela não sabe se é bom ou ruim. Está inquieta e estranhamente desconcentrada no trabalho. Permanece na expectativa de que ele ligue, mesmo que não tenha lhe dado o número. E por que quer que ele ligue? Marco já disse que Russell é um mulherengo. Por que o interesse em voltar a ver um cara desses? Acontece que aquela noite de paixão aliviou um pouco do sofrimento que sente por causa de Théo. Voltou a sentir-se viva.

Tem de continuar caminhando, um passo atrás do outro. Tem de sair desta confusão. Entra na estação do metrô da Rua 28 decidida a visitar o Memorial do World Trade Center, porém, quando entra no trem, não consegue tirar os olhos das linhas coloridas que ligam Manhattan ao Brooklyn. Em um impulso, desce na parada da Rua Chambers e muda de linha. Sabe exatamente para onde vai agora. Talvez fosse sua intenção desde o início, pois acabou descendo quase que no piloto automático na estação Clark Street, no coração da sofisticada área de Brooklyn Heights.

É um ensolarado dia de primavera. Valentina procura forças na luz do sol, mas está mais frio que o normal para o mês de maio. Está tremendo por dentro da jaqueta fininha e enrola sua echarpe de chiffon duas vezes em volta do pescoço. Teme pelo que vai encontrar, mas tem de ir. É o mínimo que poderia fazer por Théo. Quando viviam juntos em Milão, ele queria tanto que Valentina conhecesse seus pais, mas ela sempre resistiu com medo das implicações. Hoje, vê que seu comportamento não fazia sentido.

Desce a Rua Orange, que é assustadoramente silenciosa com suas fileiras de casas estilo Brownstone, de arenito castanho e varandas elegantes. Não esperava tamanha nobreza! Quando Théo disse que tinha crescido em um lugar chamado Rua Orange, em Nova York, Valentina imaginou uma rua que lembrasse a cor laranja: vibrante, succulenta, cheia de vida e agitada. No entanto, a rua é quase um deserto.

Valentina para em frente à varanda da casa de Théo e fica olhando para a porta da frente. Deveria ter escrito ou ligado antes. Provavelmente, a essa hora não tem ninguém. Mas já é o suficiente, basta olhar para o lugar onde ele cresceu. Espreme os olhos e vê o namorado quando menino, correndo pelo jardim com seu cachorrinho de estimação. Ele contou que tinha um Terrier Escocês que se chamava Scottie. O Théo-menino é um garoto magro e alto de cachos selvagens, parecido com um personagem de tragédia grega. Quer levantá-lo e girá-lo bem alto. Tem vontade de sussurrar em seu ouvido: “Sou a mulher do seu futuro”.

Valentina fecha os olhos e suspira profundamente. É melhor ir embora dali, foi uma má ideia.

— Olá! Posso ajudá-la?

Abre os olhos e vê uma mulher na varanda olhando em sua direção. Ela é alta e tem os cabelos brancos como neve. Os olhos desta mulher revelam quem é: são os mesmos de Théo, o mesmo azul-oceano penetrante.

— Está procurando por alguém? – a mulher pergunta.

— Não... eu... — Valentina começa a se afastar. Não sabe como se apresentar.

— Valentina... É você? Você veio, enfim, nos visitar?

O choque percorre o corpo de Valentina, paralisando-a. Sabia que era a mãe de Théo, mas como ela sabe quem é ela?

A mulher desce as escadas.

— É você, não é? — diz, pegando as mãos frias de Valentina e aquecendo-as com as suas.

Sem esperar para ouvir a resposta, a mãe de Théo a conduz escada acima.

Valentina está sentada na sala. Olha por uma grande janela a Rua Orange, onde estava parada ainda agora. Como foi parar dentro da casa da infância de Théo e como essa mulher está lhe servindo uma caneca de café? Como ela sabe que se trata de Valentina?

— Meu marido está na universidade, mas já o avisei. Ele virá assim que possível — diz a mãe de Théo.

— Como sabia que era eu? — Valentina pergunta baixinho.

— Théo nos mandou muitas fotos suas. Claro que te reconheci. Você é inconfundível, minha querida.

Valentina olha para a caneca com café. Suas bochechas estão queimando. É claro que os pais de Théo viram as fotos eróticas que o filho comprara na exposição de Londres e que eles posteriormente enviaram para Milão. Também tinha enviado outras fotos. Lembra-se de que Théo se oferecia para mostrar fotos de seus pais, de sua infância e da época em que fez faculdade em Nova York,

mas ela sempre tinha recusado. Não queria que ele soubesse a respeito de sua mãe, então não aceitava que ele dividisse a própria família com ela. Agora, esse seu comportamento parece tão ridículo.

— Estou hospedada em Manhattan — começa — e pensei em passar... Mas, me desculpe, eu deveria ter ligado ou escrito antes...

— Que sorte que eu estava em casa. Imagine se tivéssemos nos desencontrado! Queria te conhecer desde a primeira vez que Théo nos contou a seu respeito.

— Quando foi isso? — Valentina está cheia de curiosidade. Ela mesma resistiu muito antes de contar para a mãe sobre Théo.

— Nunca vou me esquecer, Valentina. Foi logo que vocês se conheceram, antes de começarem a morar juntos — a Sra. Steen conta. — Costumávamos nos ligar toda semana para falar dos quadros que ele estava tentando recuperar para o meu sogro na Holanda... Enfim, eram telefonemas mais sérios, mas, daquela vez, foi diferente. Juro para você — faz uma pausa, sorrindo de modo nostálgico —, Théo parecia um menino que tinha acabado de ganhar um prêmio. “Eu a encontrei, mãe”, ele me disse; “é ela”.

Valentina olha para a Sra. Steen com espanto, sem tocar no café. Não fazia ideia de que Théo tivera essa conversa com a mãe. Não imaginava que ele acreditasse que ela fosse “ela”.

— Ele era louco por você e eu me sentia tão feliz por ele. Foi terrível quando vocês se separaram e um alívio quando se reencontraram... — a voz da Sra. Steen vacila. Valentina pode ver lágrimas brotando nos olhos da mãe de Théo. O que foi que ela fez, aparecendo repentinamente na casa desta pobre mulher e remexendo nas memórias de seu falecido filho?

Levanta-se subitamente e quase derruba a caneca de café.

— Sinto muitíssimo. Realmente, não devia ter aparecido deste jeito. Queria apenas oferecer minhas condolências.

— Sente-se, querida, por favor.

Valentina hesita e, relutante, volta a sentar-se.

— É por isso que você veio? — a Sra. Steen pergunta. — Para dar os pêsames? É um pouco tarde, querida... O memorial foi há mais de oito meses.

— Não — admite. — Queria conhecê-la, ver o lugar onde Théo cresceu.

As palavras pulsavam dentro de sua cabeça: “Sinto falta dele, sinto falta dele, sinto falta dele”.

A Sra. Steen balança a cabeça:

— Eu disse que ele tinha que parar. Nunca gostei dos trabalhos que o Théo fazia para o avô. Avisei meu marido. Não era seguro, não é?

Valentina junta as mãos.

— Ele me salvou — sussurra. — Morreu por minha causa.

A Sra. Steen fica visivelmente preocupada.

— Não, minha querida, não pense isso.

Ela se debruça e dá um tapinha na mão de Valentina. Ambas permanecem em silêncio por um momento. Olham uma para a outra. Estão pensando na mesma coisa: poderiam ser uma família agora. Poderiam estar lá com Théo. Seu riso e sua vida preencheriam o abismo entre elas. Valentina sente um aperto no peito e sua respiração fica mais curta. Sente como se estivesse sendo enterrada pelo peso do seu luto e do luto da Sra. Steen. Tem de sair de lá. Não vai aguentar conhecer o pai de Théo também. Olha dentro dos olhos da Sra. Steen, tão azuis quanto os do filho.

— Tenho que ir — diz, agitada. — Eu voltarei — não tem certeza se pretende mesmo voltar.

— Tem certeza? Não pode esperar pelo Walter?

Valentina se levanta e balança a cabeça.

— Desculpe, mas tenho um compromisso; preciso mesmo ir.

— Théo me disse que você era forte. Posso enxergar o que ele viu em você — a Sra. Steen observa, levantando-se também.

— É difícil — Valentina confessa.

— Sim — a Sra. Steen concorda —, mas há um caminho. Você o encontrará.

— Você encontrou? — pergunta, mas, em vez de responder, a mãe de Théo toca no anel de noivado na mão de Valentina.

— Você ainda está usando o anel — fala em tom baixo.

— Sim — Valentina responde, sem saber como se explicar.

— Meu pai deu este anel para minha mãe — a Sra. Steen diz. — E dei a Théo para que o entregasse a você.

Valentina fica vermelha de vergonha e começa a tirar o anel do dedo.

— Me desculpe, deveria ter mandado de volta...

Porém, a Sra. Steen coloca sua mão sobre a mão de Valentina.

— Fique com ele, por favor. Sei o quanto você significava para o Théo. Não temos outros filhos, então queremos que o anel fique com você.

— Mas, eu não poderia... — Valentina fica sem jeito com a generosidade da mãe de Théo. Foi certamente desta mulher que ele herdou o seu grande coração.

— Não posso ficar com o anel — Valentina diz, trôpega.

— Por favor, Valentina. É um prazer ver o anel em seu dedo, pois faz com que eu me lembre de como você fez meu filho feliz.

— Obrigada — Valentina sussurra, desistindo de devolvê-lo, enfim.

— Você vai voltar, não vai? — A Sra. Steen pergunta com olhos suplicantes.

— Sim — Valentina confirma, mas não tem tanta certeza.

De volta à Rua Orange, acelera o passo enquanto seu corpo grita de saudades por Théo. Seu coração está se despedaçando no peito e sua mente está de tal maneira invadida por memórias que sente como se estivesse cega. Perdeu as estribeiras e vai esbarrando nas pessoas e tropeçando na calçada. Não suporta a ideia de entrar em um metrô lotado, então cruza a Ponte do Brooklyn a pé. O frio daquele dia de primavera é ainda mais intenso sobre a ponte e um vento penetrante sopra contra seu corpo, mas Valentina segue adiante, até se distanciar o máximo possível da Rua Orange. Após percorrer metade da ponte, ela para. Poderia acabar com tudo agora, como quase fez em Capri. Basta subir no gradil da ponte e mergulhar como um pássaro no céu azul, porém estaria submergindo em águas escuras, exatamente como Théo. Será que o encontraria novamente lá embaixo?

Une as mãos trêmulas e gira o anel no dedo, lembrando-se do momento em que ele escorregou. Nunca mais tirou o anel. Sempre que olha para a safira, lembra-se dos olhos de Théo e do amor que ele tinha por ela. Finalmente, Valentina percebe que tem sorte. Sim, tinha perdido seu amor para sempre, mas todo o sofrimento pelo qual está passando valia a pena diante da história que viveram, ainda que tenha durado pouco. Algumas pessoas nunca viverão este tipo de amor. Agora é a hora de deixar Théo ir embora e dizer adeus. Tem que seguir adiante e ter esperanças de encontrar um amor parecido um dia.

Ao meio-dia está sentada entre Marco e a diretora de arte Taylor em uma reunião de almoço na *Harpers' Bazaar*. Estão cercados pela equipe de criação. Valentina não é mais a garota de duas horas atrás, tremendo de emoção em frente à casa dos Steen. Agora, está na pele da profissional, segura de si, com óculos escuros no alto da cabeça, enquanto clica nas imagens da locação do ensaio em seu laptop.

— Então — Taylor diz —, usaremos o interior da Neue Galerie, na esquina da Rua 86 leste com a 5ª Avenida, ao lado do parque.

— Trata-se de uma antiga mansão dos Rockefeller que abriga peças de arte alemã e austríaca do início do século 21 — Marco acrescenta. — Em especial, Klimt.

— Sendo assim, temos uma conexão — Taylor explica. — Estamos preparando uma edição sobre estampas: em vez de belas estampas florais, exibiremos estampas decorativas mais ousadas, cheias de detalhes em ouro... Acho que as pinturas semiabstratas de Klimt vão interagir muito bem com as roupas.

Valentina observa as imagens do espaço e acha muito atraente. Há uma gigantesca escada em espiral, uma galeria com cornijas em mármore exibindo a

obra do artista austríaco, um hall com pilares brancos, assoalho branco e preto e um café construído em madeira escura de estilo vienense.

— Parece bom — Valentina diz. — Vou dar uma olhada hoje à tarde, antes que feche.

— Não é necessário — Taylor diz, pegando um sushi com os hashis de Valentina e gesticulando enquanto o leva à boca. — Já decidi onde quero que as fotos sejam tiradas.

Valentina vira-se para Marco com cara de interrogação. Seu amigo sabe muito bem que ela, a fotógrafa, gosta de tomar as próprias decisões.

Marco morde os lábios, nervoso. Taylor é uma personagem intimidante, uma mulher alta e musculosa, morena, de cabelos curtíssimos e feições duras.

— Acho que mencionei que Valentina gosta de contribuir com o processo criativo do ensaio — Marco diz para Taylor.

— Não é assim que trabalho — Taylor diz, curta e grossa.

— Sim, mas é assim que eu trabalho — Valentina contesta de forma suave, olhando nos olhos da diretora de arte. — E se você quiser o melhor de mim, preciso que seja um pouco mais flexível quanto ao meu controle sobre as fotos que tirarei para você.

Taylor lança um olhar frio. Por um instante, Valentina pensa que será expulsa e enviada de volta a Milão no primeiro voo.

— Certo — Taylor diz ríspidamente, para surpresa de Valentina. — Acho que você também pode ir até a Neue Galerie e dar uma olhada. Faremos o ensaio amanhã, quando a galeria estará fechada para visitação.

— Vou levá-la lá embaixo um minuto para mostrar as roupas que escolhemos para o ensaio — Marco diz. — Tenho trabalhado muito com a Lori, que vai cuidar da maquiagem. Optamos por um visual luxurioso.

— Maquiagem pesada — Lori conta. — Esfumaçada ou com toques dourados, e lábios cor da pele.

— Ok — Valentina diz. — Quem são as modelos?

— Duas garotas e um homem. Queremos mostrar algumas peças masculinas da coleção com bordados rebuscados e gravatas decorativas — Taylor passa três portfólios para ela.

Valentina pega as imagens. Uma modelo russa e a outra ucraniana. Ambas têm as maçãs do rosto protuberantes, lábios carnudos e olhos em formato de amêndoa. Uma delas tem cabelos longos e escuros e a outra tem cabelos curtos e loiros. Valentina pode ver que ambas darão um bom contraste. Pega a terceira fotografia e quase engasga com o choque de se deparar com a imagem sorridente do seu amante casual, Russell. Ele disse que era um artista, um barman, mas nunca mencionou que posava como modelo.

Valentina passa a foto para Marco.

— Ui, querida — ele suspira.

— Há algum problema com a minha seleção de modelos? — Taylor pergunta, obviamente notando a reação de Valentina.

— Não... Quer dizer... — conjectura se conseguiria dissuadir esta mulher de contratar Russell, mas sequer tem chance de continuar a falar, pois Taylor a interrompe.

— São os modelos que reservei e insisto que você trabalhe com eles independentemente do problema com o qual tenha que lidar.

Levanta-se, olhando para o relógio.

— Tenho outra reunião agora. Vejo vocês amanhã.

Valentina cerra os dentes. Não tem certeza se irá conseguir trabalhar com Taylor como sua diretora de arte. Os diretores com os quais trabalhou até agora foram mais leves e deram mais liberdade de criação... Não consegue ver Taylor sendo mais aberta; ela parece muito pedante.

Marco e Valentina estão descendo pelo elevador para ver as roupas que ele escolheu para o ensaio.

— Você sabia que Russell era um dos modelos contratados para o ensaio? — pergunta para Marco.

— É claro que não — ele responde. — Porém, sabia que ele trabalhava como modelo. Ele tem uma reputação péssima... Valentina, eu te avisei...

Seu amigo não termina a frase.

— Achei que nunca o veria de novo — Valentina lamenta.

— Não se preocupe, querida, ele já deve ter se esquecido de você — Marco dá um tapinha nas costas da amiga.

— Muito obrigada — responde sarcasticamente. — Agora me sinto muito melhor!

A Neue Galerie fica a três quarteirões do Museu Metropolitano, em um imóvel que parece ter sido transportado de Paris do século 19. Assim que atravessa a porta, é como se Valentina estivesse de volta à Europa, mas não na Itália, e sim em Viena. O lobby possui uma escada espiral de mármore daquelas em que você se imagina descendo com vestido de baile para ser recebida pelo acompanhante elegante da noite. Já pode antever uma foto com a modelo de cabelos escuros, com um dos vestidos bordados de dourado, parada na escadaria. A galeria expõe somente obras austríacas do século 20 e se descreve como uma viagem de volta à cultura alemã do início desse século.

Valentina amou o trabalho de Gustav Klimt desde a primeira vez que o viu.

Sua arte pode não parecer algo tão único em um contexto de arte moderna. São painéis decorativos semiabstratos, com cores vibrantes e camadas douradas das quais emerge uma imagem que reproduz perfeitamente o rosto da mulher e parte de seu corpo. Até se identifica, pois ela própria gosta muito de misturar fantasia e realidade em suas fotos. Há algo de muito acessível na abstração de Klimt, talvez as cores de pedras preciosas ou o dourado. Dá vontade de esticar as mãos e tocar na pintura. Acha excitante pensar no mundo em que Klimt vivia, na Áustria da virada do século. Uma nova era se aproximava, com muita liberdade de espírito.

Klimt amava as mulheres, isso é claro. Quase todos os seus quadros apresentam a mulher como protagonista. Porém, nunca as transformou em objeto: as mulheres de Klimt são reais. Não se trata de mulheres distantes e intocáveis, nem oprimidas ou julgadas. Valentina acredita que, através de seus retratos, Klimt é capaz de revelar a divindade que existe em cada uma delas. Está usando as palavras de Leonardo, o que a faz sorrir. Seu amigo sempre diz que todas as mulheres possuem uma divindade dentro de si. Ela o provoca, mas acha sexy sua veneração, sua reverência às mulheres. Tantos homens são profundamente misóginos. Nunca expressariam isso abertamente, mesmo porque acreditam respeitar as mulheres tanto quanto os homens, mas, na verdade, a mulher acaba sempre relegada ao papel de outro nessa relação de alteridade.

Théo revelou a divindade que existe em Valentina e a fez brilhar.

Suspira, tentando se concentrar nos quadros. Será que não consegue ficar uma hora sem se torturar por causa dele?

Seus olhos repousam sobre uma composição colorida, um caleidoscópio mágico de laranja, vermelho, verde, amarelo, azul... O tema do quadro é uma dançarina que se esquia do observador, quase tímida; seus cabelos escuros caem sobre o rosto, sua pele é pálida e delicada. O peito nu revela a proporção delicada de seus seios. Essa imagem faz com que Valentina se lembre da descoberta de sua avó, Maria Rosselli, que parece ter sido uma dançarina, apesar de o fato nunca ter sido mencionado na família. Com a idade, está aprendendo que toda e qualquer família tem os seus segredos, segredos que costumam ser enormes. Há a questão do seu pai. Ao contrário do que sempre acreditou, Phil Rembrandt não era seu pai. Faz um ano que Valentina fez esta descoberta e, a partir de então, encontra-se num limbo com as informações vagas que possui a respeito do seu pai verdadeiro: um violoncelista chamado Karel. Sequer sabe o seu sobrenome e não tem a menor ideia de onde ele esteja, ou, ainda, se está vivo ou morto. Pretendia confrontar sua mãe, porém, com a perda de Théo, não foi capaz de encarar mais complicações emocionais em sua vida e desistiu. Sobreviveu tanto tempo sem um pai, por que precisaria de um justo agora?

Valentina se vira de costas para o quadro da dançarina e atravessa a sala. O grande retrato ornamental de Adele Bloch-Bauer I domina a galeria, mas ela acaba se interessando por uma imagem menor, de uma mulher usando um chapéu de pluma negra. Destoando do restante da obra de Klimt, esse retrato é muito mais opaco, com preponderância de tons em cinza, branco, marrom e preto. A mulher está inclinada para frente, com o rosto apoiado sobre a mão, desviando o olhar do observador e segurando um cigarro com os lábios. Valentina não sabe dizer se a mulher está brava ou triste. Seus olhos estão semicerrados e sua expressão é de consternação. A composição é dominada pelo chapéu de pluma negra, uma monstruosa nuvem escura sobre a sua cabeça. A pluma faz Valentina lembrar-se da pena negra com a qual seu corpo foi submetido a cócegas e tortura na câmara escura de Leonardo no mesmo dia em que Théo se revelou como o arquiteto de suas fantasias sexuais. Tinha sido dele a ideia de envolver Leonardo e o seu clube de sadomasoquismo. Ele compreendeu o seu espírito livre. Sabia o que ela queria, do que precisava e o que iria satisfazê-la. Nunca precisou perguntar.

Valentina se afasta do quadro *O Chapéu de plumas negras* e entra em uma segunda sala. É um cômodo menor, com iluminação suave, cujas paredes estão repletas de desenhos de Schiele, Kubin e Klimt. Imediatamente, se interessa pelos desenhos eróticos de Klimt. Lê os títulos: *Mulher sentada com as coxas abertas*, *Mulher sentada em uma poltrona*, *Mulher reclinada no sofá vestindo um casaco de pele*.

Esses desenhos não são apenas extremamente explícitos, mas Klimt conseguiu captar os momentos mais íntimos e secretos de seus temas. Pode ver a relação próxima entre o artista e a modelo, pois, em muitas obras, a modelo está se masturbando. Seus olhos estão fechados, vê-se que está perdida em seu próprio êxtase, com as pernas abertas, revelando-se, oferecendo-se. São muito mais voluptuosos do que os nus de Schiele. São elegantemente eróticos. Pergunta-se como conseguiria atingir a mesma qualidade por meio da fotografia.

Desviando o olhar das obras sensuais, outro trabalho de Klimt chama a atenção de Valentina. É o retrato de uma criança, cabeça e ombros, encostada em um muro, olhando para o observador. Poderia ser um menino ou uma menina porque a criança tem os cabelos curtos e desgrehados e traços finos. Suspeita que seja um menino devido à data do desenho: 1885, ou seja, um dos primeiros trabalhos do artista, e nenhuma garota teria os cabelos tão curtos naquela época. A criança está fazendo uma pergunta com os olhos; mostra-se curiosa e desconfiada ao mesmo tempo. Traz a memória de alguém, sobretudo pelos traços delicados: nariz fino, boca delicada e olhar incisivo. Enquanto Valentina desce as escadas da galeria, descobre com quem a criança se parece: consigo mesma.

O café da Neue Galerie é todo decorado em estilo vienense, com paredes de madeiras, mesas de mármore e garçons vestidos de preto com aventais brancos compridos. Valentina escolhe uma mesa de canto, ao lado da janela. Raios de sol se projetam sobre as poltronas e esquentam o tecido com estampa de rosas amarelas. Este lugar será perfeito para uma foto de Russell sentado com uma das meninas, olhando para o Central Park pela janela. As rosas amarelas com o fundo vermelho vão contrastar perfeitamente com as roupas de tons azuis e bordados dourados que Marco selecionou. Valentina pensa na história que contará com o casal da foto. Eles estarão distantes um do outro? Ou meio brigados? Ou será uma foto romântica, com ambos apaixonados, contemplando a primavera em esplendor, observando o parque irradiar tons de verde vibrantes? Valentina tenta imaginar como será o seu reencontro com Russell. Decide que se comportará da forma mais profissional possível.

Valentina pede um café vienense e uma fatia de Sarvaskytorte, um bolo de rum e chocolate que não consegue comer até o fim. Verifica as mensagens no seu telefone. Há apenas um recado de Antonella, convidando-a para ir a Moscou e dizendo mais uma vez que a boate de sadomasoquismo que abriu com seu parceiro, Mikhail, está bombando. Não há nenhuma outra mensagem, nem uma palavrinha de Russell. Lembra-se de que ele não tem o seu número de telefone, mas, afinal de contas, não seria difícil consegui-lo, já que ele conhece Marco e todos os seus amigos. Será que ele sabe que é ela quem fará as fotos amanhã? Por um lado, sente-se envergonhada, quase tímida, de pensar na possibilidade de cruzar com ele novamente, afinal de contas deveria ser uma noite e nada mais. Por outro lado, fica animada. Russell tem algo que a seduz, apesar de Marco alertá-la repetidamente de que ele não é confiável.

Come mais uma garfada de bolo e se arrepende instantaneamente. Está estufada. Seu telefone toca; atende na mesma hora, achando que era Marco que ligava para discutir detalhes do ensaio. No entanto, para o seu descontentamento, era sua mãe.

— Oi, querida! — Tina a cumprimenta, com a voz arrastada. — Como está Nova York?

Sente uma pontada de culpa por não ter ligado para ela desde que chegou, mas, também, por que deveria? Ela nunca se interessou muito pela sua vida até pouco tempo atrás.

— Bem, tudo certo.

— Já fez o ensaio para a *Harpers' Bazaar*?

— Não — responde com firmeza, esperando que sua mãe pergunte onde vão fotografar e que tipo de ambiente vão preparar. Porém, surpreendentemente, sua

mãe não parece tão interessada.

— Fiz um ensaio para a *Harpers* em Nova York uma vez. — É tudo o que sua mãe diz.

— Quando foi isso? — Valentina pergunta.

— Anos atrás. Então, está melhor?

— Estou bem.

— Quero saber se já conheceu alguém bacana.

— Definitivamente, não quero ter este tipo de conversa com você agora, mamma.

— Claro — sua mãe diz em tom calmo e seguro, como sempre. — Bom, quando você vem me visitar?

— Não sei... Você não mora tão perto. Eu teria que pegar um voo para Santa Fé, certo?

— Você pegaria um voo para Albuquerque e eu posso te buscar lá. Vou comprar uma passagem para você. Você realmente deve vir, Valentina. Aqui é tão lindo. A paisagem é maravilhosa.

— Não sou muito ligada em paisagens e, além disso, ando muito ocupada.

Sua mãe suspira, entendendo muito bem que está sendo rejeitada.

— Bem, você foi ver Mattia, Debbie e as crianças, onde quer que eles estejam morando?

— É em Woodstock, *mamma*. E não, eu não fui. Já disse que ando atarefada.

— Você não acha que deveria ir visitar o seu irmão, já que é tão perto?

— Não é tão perto assim... Não é minha culpa que ele tenha se mudado de Nova York logo antes de minha chegada.

— Qual o problema, Valentina? — sua mãe pergunta. — Por que você está tão brava com Mattia?

— Não estou brava.

Mas não há como enganar sua mãe. É verdade, Valentina continua brava com o seu irmão. Apesar da diferença de idade, eles sempre foram muito próximos. Achava que Mattia zelava por ela, pois tinha conhecido Théo e gostado muito dele, chegando até a dizer a ela que ele era o cara. No entanto, descobriu que eram filhos de pais diferentes e que Mattia sempre soube, mas nunca lhe contou... Sente-se estranha em relação a ele agora. São apenas meios-irmãos, mas este não é o problema. O problema é ele ter guardado o segredo durante todos esses anos.

— Vá vê-los, Valentina — sua mãe diz. — Vai fazer bem para você estar com as crianças.

— Não acredito que estou ouvindo isso de você.

— Mas por quê? Eu amo crianças — sua mãe diz, tranquilamente.

Valentina dá um riso de deboche. Uma mulher sentada na mesa ao lado se vira e lança um olhar frio.

— É melhor eu desligar, *mamma*. Estou em um café, te ligo mais tarde.

— Não, você não vai ligar — Tina diz e, por um segundo, Valentina poderia jurar que sua mãe parecia magoada.

— Bem, divirta-se em Nova York. Não faça nada que eu não faria — aconselha, voltando a parecer animada.

— Não resta muito a ser feito, de qualquer forma — Valentina resmunga.

O outro lado da linha permanece em silêncio e Valentina não sabe se sua mãe desligou.

— *Mamma*, você ainda está aí?

Suspiro.

— Valentina, espero que um dia você possa me perdoar. Espero que você entenda que não sou a mulher que você pensa que eu sou.

Click.

Valentina fica furiosa. A última palavra sempre tem que ser de sua mãe. E o que ela quis dizer? Perdoá-la pelo quê? Por ser uma porcaria de mãe ou por algo mais específico? Talvez por interferir em sua primeira história de amor com Francesco? Ou por abandoná-la em Milão quando tinha apenas dezenove anos de idade? Ou por estar ausente durante a maior parte de sua infância para se dedicar a ensaios de foto glamorosos? Por forçá-la a fazer regimes durante toda a sua adolescência? Ou seria talvez por apresentar um de seus novos namorados a cada dois meses, dissuadindo-a do sonho de que um deles viesse a se transformar em uma figura paterna? E, por falar em pai, será que permitir que acreditasse que seu ex, Phil Rembrandt, era o seu verdadeiro pai não foi a coisa mais horrível que já fez? Porém, sua mãe não sabe que ela se encontrou com Phil no ano passado, em Londres, e que ele tinha revelado a verdade. Ela acha que pode enganá-la para sempre.

Toma o último gole do café e, esquecendo-se de que está cheia, enfia mais um pedaço de bolo na boca. Nesse momento, Valentina levanta a cabeça e olha para o outro lado da cafeteria. Do lugar onde está sentada, tem uma visão parcial da escadaria de mármore. Uma pessoa descendo as escadas chama a sua atenção. Há algo um pouco familiar nele: a altura, o nariz reto e comprido e o queixo pontiagudo. Com quem ele se parece? O homem de cabelos castanhos está usando um boné de baseball, uma malha listrada azul e branca e de tênis. As roupas parecem não pertencer a ele.

Então, algo surpreendente acontece. Como se pudesse sentir que ela o observava, o homem se vira e olha em sua direção. Ele não a reconhece, pois está longe demais e no canto, mas percebe que ela está olhando para ele. De

repente, seu rosto fica completamente pálido e sua boca seca de pavor. Seus olhos a estavam enganando? O homem que está vendo é igual a Glen! O cabelo é castanho em vez de louro (não poderia ter tingido?) e ele pode estar vestindo roupas que Glen nunca usaria, porém, ao olhar para aquele rosto de traços retos e cruéis, tem certeza de que é ele. Como poderia esquecer o homem que olhou em seus olhos e a puxou para fora do barco na Gruta Azul? Ainda tem pesadelos com aqueles tentáculos de polvo arrastando-a para a morte no fundo do mar. Se não tivesse sido salva por Théo, estaria morta.

Seu primeiro instinto é o de esconder-se. Encolhe-se no canto da poltrona, rezando para que ele não a veja. E se ele entrar no café? É pequeno demais para que não a veja. Então, algo passa pela sua cabeça: *Glen está morto*. Exatamente como Théo. Os dois desapareceram na Gruta Azul naquela tarde e a polícia disse que eles só podem ter se afogado enquanto lutavam no mar. Porém, é ele em carne e osso... Ou será que não é ele? Valentina tem de ter certeza.

Salta da mesa e, na pressa, acaba deixando o seu prato cair, que se quebra e faz o maior estardalhaço.

— Oh, sinto muito...eu... — tenta recolher os cacos enquanto pega a bolsa e joga um punhado de dólares sobre a mesa. — Me desculpe — diz enquanto passa correndo pelo garçom perplexo.

Quando chega ao lobby, ele não está mais lá. Corre para a entrada da galeria e olha para os dois lados. Valentina não o vê. Corre em direção à Avenida Madison, entrecortando a multidão e torcendo para que ele tenha ido nesta mesma direção, mas ele simplesmente desapareceu. Precisa vê-lo, certificar-se, olhar no rosto deste homem e ter certeza de que não é a pessoa que assassinou o seu amado. Muda de direção e corre para o outro lado. Passa novamente pela galeria, mas o homem de boné de baseball e calça jeans tinha desaparecido. Tenta se convencer de que não podia ser Glen. É impossível, pois como ele teria conseguido sobreviver e Théo não? Da última vez que o viu, Glen já estava semimorto, arfando, com os olhos azuis já vermelhos devido à água do mar. Ele não teria forças para matar Théo... Mas aquele homem se parecia muito com Glen. Sua cabeça está a mil e seu coração dispara. O que deve fazer?

Está arrasada. Sua vontade é se jogar no chão e bater no asfalto com os punhos de tanta frustração. Treme de raiva. Aquele homem simplesmente não podia ser Glen. Está com ideia fixa. Tem que parar de pensar sobre aquele dia na Gruta Azul. Tem que seguir adiante. É o que Théo gostaria que fizesse.

Lutando para não chorar enquanto vagorosamente atravessa a rua e entra no Central Park, Valentina toma uma decisão. Para ao lado de uma árvore com flores cor-de-rosa que viu pela janela do café e toca as pétalas que brotam como

líquen de veludo nos ramos. É uma sensação reconfortante. Agarra-se à árvore e àquilo que ela representa: primavera, renascimento, recomeço.

Vai trancar a antiga Valentina e jogar a chave fora. Tem que calar o seu amor por Théo definitivamente. Se não for capaz de fazer isso, não conseguirá fazer mais nada.

Tina

LOTTIE RESMUNGA AO entrar no bar com Tina:

— Não acredito! O bizzarrão veio com ela.

— Bizzarrão? — Tina sussurra um pouco constrangida, pois quase todos os clientes do bar se viram para observá-las.

— O namorado bizzarro de Sabine, o Rudolf — Lottie diz. — Ele não gosta de mim.

O sentimento parece ser recíproco, afinal Lottie fecha a cara como se fosse uma adolescente rabugenta enquanto ele mede o seu visual punk de cima a baixo com cara de nojo.

— Vai a uma festa à fantasia, Lottie? — pergunta.

Ainda assim, ele trata Tina de forma um tanto cordial. A pele de Rudolf tem um aspecto jovem e saudável, o que faz parecer que foi criado no campo, que a cidade não é o seu hábitat natural. Aperta a mão de Tina de modo firme e caloroso.

— Prazer em conhecê-la — diz, em tom formal. — Sabine me falou a respeito de sua visita à nossa cidade. Espero que tenha tirado boas fotografias.

— Não se preocupe, Rudolf. Ela visitou todos os pontos turísticos. Sua câmera está cheia de fotos da Fernsehturm — Lottie fala com sarcasmo.

Rudolf sorri, sem jeito com a rispidez de Lottie.

— Então, você aproveitou o seu dia em Berlim Oriental? — Sabine interrompe, um pouco nervosa. Obviamente, não se sente nem um pouco confortável com a tensão entre o namorado e a prima.

— Aproveitei muito, obrigada. Foi maravilhoso.

— Bem, ainda não acabou. Espere até ouvir Karel Slavik tocar violoncelo.

— Trata-se de um dos maiores músicos de toda a Alemanha — Rudolf diz, entusiasmado. — Esta noite, ele interpretará a sonata para violoncelo e piano de Shostakovich, mas Slavik também compõe algumas das partituras que executa. Sua música é uma expressão do que representamos em nosso país: a verdadeira irmandade.

Tina pode sentir Lottie se corroendo de raiva ao seu lado. Espera que ela não diga nada de rude ou sarcástico. O comentário de Rudolf é um prato cheio para deboche, mas Lottie vê como Sabine está nervosa. Esse jovem tem uma beleza jovial, mas não sabe como ele é de verdade. O seu apartamento diz algo sobre os meios em que deve transitar. O mesmo pensamento deve ter passado pela cabeça

de Lottie, pois conseguiu se controlar.

— Mal posso esperar para vê-lo tocar. Ele é um herói para mim — diz, emocionada.

Terminam suas vodcas e, em seguida, as três mulheres seguem Rudolf para fora do bar, descendo a rua em direção à casa de espetáculos. As pessoas se amontoam para entrar. Quando consegue se sentar, Tina nota que o lugar está absolutamente lotado. Seu lugar é entre Lottie e Sabine. Claro que todos reparam na roupa de Lottie. Tina gostaria que ela estivesse vestida de forma mais discreta.

As luzes se apagam, a cortina se levanta e a plateia aplaude. Vê um piano com um jovem loiro e sério preparado para tocar. Ao seu lado, no palco, com o violoncelo apoiado entre as pernas e levemente inclinado, Tina vê o homem mais incrível que já viu na vida. A visão quase a deixa sem ar. O rosto dele é o mais maravilhoso: maçãs do rosto eslavas, sobrancelhas grossas e escuras e olhos de um castanho profundo. O público se acalma e ele começa a tocar.

Tina não estava preparada para a emoção de ser transportada pela musicalidade daquele homem. Já ouviu a *Sonata para violoncelo e piano em Ré menor*, de Shostakovich, mais de cem vezes. Na verdade, é uma de suas peças favoritas. Mesmo assim, ao tocar essa obra, aquele violoncelista a leva a um lugar onde nunca esteve antes. Eleva o seu coração para além do corpo e a faz sentir-se voando para recuperá-lo em meio ao ar denso do teatro.

A música daquele jovem faz com que Tina queira se perder. Quando ele pausa para puxar uma das cordas, Tina imagina aqueles dedos a tocando e, pela primeira vez em meses, sente um pouco de tesão. Ele desliza os dedos para cima e para baixo pelo braço do violoncelo e bate o arco no corpo do instrumento. Suas mãos e seus dedos se movimentam com incrível habilidade e velocidade. A sonata de Shostakovich parece mais rápida e furiosa do que nunca. Tina imagina Slavik tocando-a da mesma forma, deslizando as mãos pelo seu corpo, para cima e para baixo. Lambe os lábios, nervosa, sentindo-se culpada como se alguém pudesse ler os seus pensamentos, mas todos estão arrebatados pela música: Lottie inclinada para frente em sua poltrona, emocionada; Sabine e Rudolf de mãos dadas. Percebe que a mão de Rudolf está embaixo da saia de Sabine e, quando volta a olhar, a vê ruborizar. Rapidamente desvia o olhar, constrangida, mas fica ofegante ao imaginar Rudolf acariciando Sabine ao ritmo da sonata. Quando foi a última vez que teve um orgasmo? Não consegue lembrar. Às vezes pensa em se masturbar, mas todo o processo faz com que se sinta deprimida. Além do mais, anda muito ocupada.

Muito ocupada para ter prazer? — uma voz interna pergunta. Isso é o mesmo que estar muito ocupada para viver.

O ombro e o braço de Sabine estão encostados nos seus e Tina imagina sentir aquela vibração sexual, como se a excitação da amiga sendo masturbada se transferisse para seu corpo. Afasta-se, contorce-se na poltrona, tenta acalmar os pensamentos e concentrar-se na música; porém, a forma como ele toca o violoncelo, acariciando-o, golpeando-o, puxando-o, roçando-o... Tudo isso é muito sexual. Sente uma pulsação profunda entre as pernas, como se sua vagina estivesse se abrindo e implorando por atenção. Fecha os punhos com força, junta as pernas e respira fundo, lutando para se conter. Nessa hora, escuta Sabine dar um leve gemido e a vibração dos movimentos da mão de Rudolf cessa. Tina respira, se recompõe e tenta parecer séria, mas seu coração bate loucamente enquanto o violoncelista leva a plateia ao clímax da sonata. Volta a sentir aquela pulsação, se aproximando do limite, até ele trazer a calma de volta. Parece ter sido rápido demais. O jovem se levanta para ser ovacionado por uma frenética salva de palmas, inclina-se e deixa o palco com o violoncelo. Lottie vira-se para Tina com os olhos brilhando.

— Não foi simplesmente incrível?

Estão prestes a se levantar e sair quando um homem se aproxima de Rudolf e começa a falar com ele em alemão. As meninas pegam suas bolsas e aguardam pacientemente pelo fim da conversa.

— Este é o ministro da Cultura— Rudolf vira-se para Tina e Lottie quando o homem se retira para conversar com outro grupo sentado na plateia. — Convidou-nos para uma festa.

— Devemos ir? — Lottie pergunta.

— É claro que devemos ir — Rudolf diz. — Seria um grande insulto se não fôssemos. Além disso — fala em tom quase simpático, esquecendo-se da hostilidade com Lottie de agora há pouco — você terá a chance de conhecer Karel Slavik. A festa é em sua homenagem.

Sabine junta as mãos de alegria.

— Que incrível. Nunca fui a uma festa assim antes.

* * *

Meia hora depois, Tina se pergunta por que seria incrível estar em uma festa chata como esta. A festa está acontecendo nos bastidores do teatro, num espaço meio sujo, iluminado com lâmpadas fluorescentes, com mesas de fórmica e cadeiras de plástico. A música é estranha. Uma banda está tocando valsas sem graça e paradas demais. Pergunta se o pop ocidental teria sido banido da RDA. O jazz é permitido? Não há nem sinal da estrela da noite, Karel Slavik. Os

convidados são, em sua maioria, homens de meia-idade barrigudos, que devem ser figuras importantes, de braços dados com jovens mulheres que, obviamente, não são as esposas. Rudolf e Sabine estão dançando sob um ritmo maçante, valsando pela sala. Lottie está se empanturrando com um tipo de linguiça fatiada e um pão que parece duro e que diz que é horrível. Tina não entende por que ela continua comendo. A modelo já bebeu bastante vodka e Tina começa a achar que devem ir embora. Tem medo de que, em meio a tantos comunistas importantes (como é que foram parar ali mesmo?), Lottie resolva começar a falar o que não deve e coloque Sabine em apuros.

Passa por entre os dançarinos para avisar Sabine e Rudolf que precisa ir. Não tem certeza de como chegar à passagem da fronteira e precisa da ajuda deles. Uma confusão começa a se formar atrás dela, seguida de uma salva de palmas; há até mesmo um homem que chega a gritar. Vira-se e vê o violoncelista Karel Slavik à sua frente, curvando-se em reverência aos presentes. Nunca tinha visto um artista da música clássica ser saudado como se fosse uma estrela do rock. Ele se curva pela segunda vez e, quando está se levantando, nota o olhar de Tina.

Karel Slavik é para ser contemplado. Não importa que suas roupas sejam baratas e fora de moda. Poderia estar vestido com andrajos e, ainda assim, continuaria divino. O que mais a atrai são as sobrancelhas espessas, escuras e quase esculpidas de tão expressivas. Seus olhos parecem olhos de gato com cílios compridos e sua pele também tem um tom escuro. É alto, tem as pernas finas e fortes, braços poderosos e ele se move de forma fluida. Sua presença deixa os outros homens da sala tensos. Tina o aprecia como quem observa um belo objeto proibido de tocar. Ele deve ser pelo menos dez anos mais jovem do que ela.

Para seu deleite, Slavik a olha de volta.

— Olá — diz em alemão. — Quem é você?

— Me desculpe, não falo alemão — Tina responde em inglês.

Fica surpreso que ela tenha falado em um idioma estrangeiro.

— Você é inglesa? — pergunta.

— Não, sou italiana. Meu nome é Tina Rosselli e estou aqui com amigos — aponta para Sabine e Rudolf, que continuam dançando. — Eles me trouxeram para assistir ao seu concerto... Foi incrível... Eu...

Slavik coloca a mão sobre o braço de Tina e ela sente um frissom atravessar o seu corpo.

— Por favor, preferiria se não falássemos de meu concerto esta noite.

— Claro — concorda sem saber o que dizer em seguida.

Ele dá um passo em sua direção.

— Você gostaria de dançar?

— Oh — sente que está ficando vermelha. — Eu... Tem certeza?

— Claro — sorri e oferece mão.

Tina não consegue se lembrar da última vez em que dançou uma valsa antiquada. Agora se sente praticamente grata por a música ser lenta e monótona. No início, fica com medo de pisar no pé dele ou de tropeçar, mas ele é um grande dançarino e a conduz pelo salão, fazendo-a praticamente flutuar. Giram sem parar e ela não consegue tirar os olhos dele. Ele sorri para ela, sem a seriedade e intensidade do músico. Agora, parece apenas um menino dançando com uma garota. Se bem que ela não é mais uma garota. É uma mulher consideravelmente mais velha do que ele. Por que ele quis dançar com ela, sendo que há tantas meninas mais jovens implorando por um pouco de sua atenção? No entanto, Karel Slavik parece só ter olhos para ela. Talvez porque seja uma estranha, uma ocidental; novidade, portanto. Rudolf disse que ele era um socialista devoto, um defensor da RDA, então por que alguém como ela, que representa a decadência do Ocidente, despertaria nele algum interesse?

Alguém bate em uma taça com uma colher, pedindo silêncio, e a música para. Por um instante demorado, ficam parados; os braços de Slavik estão ao redor de Tina. Ficam olhando um para o outro até que ela dá um passo para trás para verificar o que está acontecendo. O ministro da cultura, já com o rosto vermelho de tanta vodca, está de pé no meio da sala, pronto para fazer um discurso. Enquanto o escuta, Tina percebe que ela e Karel continuam de mãos dadas. Na verdade, estão mais do que de mãos dadas: Karel está acariciando cada um dos seus dedos com um dedo seu. É um movimento sutil, mas cujo impacto reverbera por todo o seu corpo.

— Estamos aqui esta noite para homenagear o talento de nosso jovem músico Karel Slavik — o ministro da cultura começa.

— Meu amigo, esta noite, sua interpretação da *Sonata para violoncelo e piano em Ré menor*, de nosso grande compositor soviético Dmitri Shostakovich, foi sublime.

Neste momento, todos aplaudem. Karel volta a inclinar-se em agradecimento, mas continua segurando uma das mãos de Tina. Será que todos estão vendo? Tina espia Lottie sentada em uma cadeira no fundo da sala com a cabeça caindo de um lado para o outro. Precisa levá-la de volta a Berlim Ocidental, está obviamente bêbada. Não vê Sabine e Rudolf e tenta imaginar para onde teriam ido.

— Aproveito esta oportunidade para dizer o quanto eu e meus colegas estamos entusiasmados. Na verdade, esta festa está acontecendo porque Karel

concluiu sua nova obra, *Wir-Gefühl*, que é a expressão da alma de nosso povo, de nossa bravura, de nossa diligência e de nossa ética socialista. Estou ainda mais contente por anunciar que demos um visto de três meses a ele para que possa sair em turnê com este trabalho, mostrando para o resto do mundo uma das joias da cultura da Alemanha Oriental e o talento de nossa República Democrática Alemã.

O ministro faz uma saudação e todos o acompanham, brindando ao mesmo tempo. Tina solta a mão de Karel para aplaudi-lo. Sente o desconforto dele. Por trás daquele sorriso, ele não está apreciando toda essa atenção. *Somos diferentes*, Tina pensa. Ele quer exercer sua arte sem toda a pompa. Porém, impossível não ser o centro das atenções, pois sua beleza é estonteante.

Uma horda de pessoas se aglomera ao redor de Karel para cumprimentá-lo, acabando por separá-lo de Tina. Melhor assim. Ela tem de encontrar Lottie e tirá-la de lá. Olha para o relógio: é meia-noite e dez. Ainda tem tempo... Quase duas horas até que o visto expire.

— Venha, Lottie — diz, pegando a jovem modelo pelo braço e ajudando-a a se levantar. Lottie tropeça no cadarço desamarrado de suas botas Doctor Marten. *Porcaria de botas*, Tina pensa enquanto tenta ajudar a garota a sair de lá sem chamar muito a atenção. Procura por Sabine e Rudolf em meio à multidão, mas continua sem saber onde estão.

— Preciso ir ao banheiro — Lottie resmunga.

— Ok — Tina diz. — Tenho certeza de que deve haver um aqui fora.

Passam pela porta e adentram um corredor gelado com chão de linóleo esburacado. Seguem balançando até encontrarem um pequeno banheiro de madeira. Tina empurra Lottie para dentro.

— Volto em um minuto — diz. — Só preciso encontrar Sabine e Rudolf para que nos mostrem o caminho de volta para a fronteira.

— Eu conheço o caminho — Lottie balbucia dentro do toalete.

— Sim, mas acho que você pode precisar de ajuda esta noite.

Tina ouve vozes. Continua percorrendo o corredor até chegar a uma porta que dá para um cômodo vazio. Não há luz, então leva um minuto até que seus olhos se acostumem à escuridão. Ela fica de queixo caído quando percebe que o vulto que está curvado sobre uma mesa, com os olhos espremidos, é Sabine. E logo percebe que Rudolf a está comendo por trás. Não parece muito carinhoso. Rudolf fala com ela de forma hostil, em alemão. Tina não entende o que ele está dizendo, mas Sabine repete Ja, Ja, Ja, ou seja, sim, sim, sim.

Tina fecha a porta e dá meia-volta no corredor. Seu coração está a mil. O aspecto saudável de Rudolf é uma farsa completa e Sabine parece não se

importar com isso.

Volta para o toalete. Acha melhor deixá-los ali e tentar conseguir um táxi para Lottie e ela.

Enquanto espera do lado de fora do banheiro, a porta da festa se abre e Tina se vê cara a cara com Karel novamente. Sente que vai ficando vermelha do pescoço até a testa, sobretudo por saber o que está se passando entre Sabine e Rudolf logo ali, no final do corredor.

— Olá — ele diz. — Estava procurando por você. O que está fazendo?

— Esperando pela minha amiga — diz. — Temos de ir embora.

— Ir aonde? — ele pergunta.

— Temos salvos-condutos. Precisamos voltar para Berlim Ocidental.

Karel franze a testa.

— Então vocês só estão aqui por um dia? — pergunta. — Não vão voltar?

Tina balança a cabeça.

— Não — diz, sentindo-se ridiculamente triste com isso por alguma razão. — Moro em Milão. Volto para a Itália amanhã.

— Ah — diz. — Sabe, sonho com a Itália.

— Já esteve lá?

Ele inclina a cabeça para o lado e sorri para Tina com se ela fosse boba.

— Claro que não — diz. — Nasci na Tchecoslováquia e minha família mudou-se para Berlim Oriental quando eu tinha três anos de idade. Viajei um pouco pelo Bloco do Leste; voltei para Praga e visitei Budapeste, por exemplo, mas nunca fui para o Ocidente.

— Mas você vai — Tina diz. — Quando começa a sua turnê internacional?

— Mal posso esperar... — ele suspira e dá um passo em direção a ela. Seu hálito quente provoca calafrios.

— O que mais quero conhecer é a Itália — Karel continua. — Quero ver se Florença é tão extraordinária quanto em meus sonhos.

— Com certeza é — Tina assevera.

— Como você sabe como é a Florença dos meus sonhos? — Karel ri.

— Não sei. Mas a Toscana é mais linda do que você pode imaginar.

Tina escuta o barulho da descarga e Lottie tentando abrir a porta.

— Você está bem? — pergunta.

— Levemente presa. Já estou indo.

A porta se abre num rompante e Lottie quase cai nos braços de Karel. Ela dá um grito.

— Meu Deus, é você! — começa a falar em alemão, mas Karel a interrompe.

— Acho que deveríamos conversar em inglês para que Tina possa nos entender — ele diz.

— Sim, claro, você foi incrível — Lottie se emociona.

— Obrigado — Karel responde, mas Tina percebe que ele ficou constrangido com o elogio.

Decide salvá-lo de Lottie, que já está agarrada na camisa dele, pedindo um autógrafo.

— Bem, acho melhor irmos embora — diz. — Foi um prazer conhecê-lo.

— Temos que ir agora? — Lottie lamenta.

— Sim — Tina responde com firmeza.

— Por onde vocês vão atravessar? — Karel pergunta.

— Pela estação Freiderickstrasse. É longe daqui?

— Um pouquinho... — ele morde os lábios. — É o seguinte: esta festa está muito chata e ninguém irá notar se eu sumir um pouco. Posso levá-las até a fronteira de carro.

— Você tem um carro? — Tina pergunta.

— Bom, tenho um carro esta noite — corrige. — Tenho um motorista.

Ele deve ser importante, Tina pensa enquanto senta no banco de trás de um grande Volvo preto. Assim que começam o percurso, Lottie adormece no assento ao seu lado, grudada na janela. Tina está sentada entre ela e Karel. Os braços dele estão sobre os seus ombros e ela sente o corpo dele contra o seu. Essa proximidade a deixa com calor. Por que ele tem esse efeito sobre ela?

— Gostaria que tivéssemos dançado mais — Karel diz, olhando-a no carro escuro. O rosto dele está encoberto por sombras, mas Tina vê o brilho em seus olhos. Não está sonhando, ele está realmente flertando com ela.

— Eu também — Tina escuta a si mesma.

— Tina — Karel pergunta —, você acha que pode voltar para me visitar?

— Em Berlim?

— Sim.

— Não sei — responde honestamente.

Quando voltar para o mundo real, vai ter que esquecer este jovem lindo. Não é para ela.

— Por favor — Karel suspira, inclinando-se para beijá-la nos lábios. Tina não consegue não o beijar também. Ele é irresistível.

Karel puxa Tina para mais perto, afastando-a da adormecida Lottie, e seus corpos se enroscam. Ele coloca a perna dela sobre as suas e desliza as mãos pelas coxas dela, para cima e para baixo, sob o vestido. Tina não faz ideia de quanto tempo ainda têm. Poderiam chegar na passagem da fronteira a qualquer momento, ou Lottie poderia acordar, sem mencionar o motorista, que está vendo tudo. O que ele deve estar pensando? Mas todos esses pensamentos racionais

acabam varridos pelo tesão. É como se ela tivesse esquecido como fazer para se acender e, agora que Karel lhe deu um fósforo, começou a queimar em um segundo. Está pegando fogo e nada pode apagar o incêndio. Os beijos vão ficando cada vez mais intensos e a mão dele vai subindo pelas suas coxas até que seus dedos ultrapassam a extremidade das meias sete oitavos e tocam sua calcinha. Começa a acariciar seu clitóris com os dedos e ela sente uma vibração profunda na ponta do estômago, como se sua alma estivesse despertando, retornando. Havia muito que não se sentia assim. Não é só a excitação, mas sentir-se verdadeiramente sensual em seu próprio corpo, saber que o homem que a está beijando a deseja mais do que tudo neste momento. Sente o pau duro de Karel contra o seu corpo e imagina como deve ser senti-lo dentro de si. Mas o poder do toque de seus dedos a paralisa. É sua prisioneira e ele faz carícias fortes com as mãos entre seus lábios vaginais, abrindo-a, alisando-a.

Ele a levanta e a puxa para si, fazendo com que Tina fique de costas, entre suas pernas. Ela sente o pau duro dele nas suas costas. Arrepiam-se quando ele começa a beijá-la na nuca e a descer as mãos até o seu decote, abrindo os botões e enfiando as duas mãos dentro do sutiã para acariciar seus seios. Em seguida, desliza uma das mãos de volta para o meio de suas pernas e volta a tocá-la. Tina sente os dedos quentes entrando em sua vagina, tocando um lugar que ficou adormecido por dois anos.

Karel começa a fazer movimentos circulares delicados enquanto a outra mão estimula o clitóris. Tina está nas mãos dele, exatamente como o violoncelo que estava havia pouco entre as mesmas pernas. Karel controla sua essência, sua sonoridade, como se conhecesse cada nuance das reações de seu corpo, apesar de ambos serem praticamente dois estranhos. Ele a leva quase ao limite. Tina abre a boca, geme de desejo, apoia a nuca no pescoço dele e goza, seu corpo inteiro vibrando com aqueles dedos elegantes. Sente como se uma porta trancada se abrisse dentro do seu corpo, liberando toda a tensão e estresse dos últimos dois anos. Tem vontade de rir e chorar.

Como se compreendesse a sua emoção, Karel a envolve com os braços, abaixa sua saia e a segura firme, como que a estivesse protegendo. Tina não sabe o que dizer de tão extasiada. Nenhum dos dois fala nada e o carro acelera pelas ruas escuras e desertas de Berlim Oriental.

Depois de um tempo, Tina vê as luzes das torres de vigilância e holofotes impiedosos iluminarem o muro de Berlim à medida que se aproximam. O carro para na entrada da fronteira. Tina escorrega para fora do colo de Karel e os dois olham um para o outro. Inesperadamente, ele parece tão atordoado quanto ela. Tina estava pensando que ele fazia isso o tempo todo...

— Volte amanhã — ele sussurra com os olhos cintilando.

— Volto para Milão amanhã — declara.

— Só mais um dia.

Fica confusa. Na verdade, está pensando mesmo em fazer isso.

— Não posso... Tenho uma família... — ela gagueja.

Karel não pisca.

— Eu não me importo — sussurra. — Só eu e você por um dia apenas. Você não sentiu a conexão que há entre nós?

Tina quer dizer que não, mas não consegue. Entende o que ele está dizendo. Há uma química incrível entre eles que faz com que ela queria se jogar em cima dele, senti-lo dentro de seu corpo.

— Tá bom — diz, quase sem voz. — Vou tentar.

Os olhos de Karel se iluminam.

— Encontre-me no Palasthotel, às duas da tarde.

Tina inclina-se para beijá-lo, mas ele coloca as mãos sobre seus lábios, impedindo-a.

— Amanhã — ele promete.

Valentina

RUSSELL ESTÁ SENTADO no último degrau da escada da Neue Galerie com pose de modelo. Está inclinado para trás e com as pernas esticadas, vestindo um par de jeans e uma camiseta branca justa o suficiente para mostrar o corpo musculoso. O cabelo castanho faz cachos em volta de seu rosto perfeitamente simétrico. Sorri maliciosamente para Valentina. Está claro que se lembra exatamente de quem ela é. Valentina está na defensiva, um pouco constrangida. Será que ele contou sobre a noite de sexo que tiveram para todo mundo? Será que as outras modelos e a equipe de produção sabem? Até mesmo a azeda da Taylor? A ideia de tamanha exposição a apavora. Porém, apesar de ficar irritada com essa avaliação abusada e aberta a seu respeito, Valentina sobe as escadas em direção a Russell, desejando que ele ainda a ache atraente. Está vestida para matar: minivestido branco e preto com listras geométricas que pertenciam à sua mãe e botas até a altura da coxa. Não pode negar que se vestiu pensando em Russell. É a nova Valentina, que quer voltar a seduzir.

— Bom dia, Valentina — Russell diz animado, levantando-se e andando ao lado dela enquanto entram na galeria principal, a locação para a primeira série de fotos.

Olha de soslaio para ele.

— Você não me disse que era modelo.

Russell encolhe os ombros.

— Acho que isso repele as mulheres — responde, passando as mãos pelos cachos. — Elas acham que vou ficar mais preocupado com a minha própria aparência do que com elas.

— Posso te perguntar uma coisa? — Valentina se vira para ele, tentando parecer o mais desencanada e indiferente possível.

— Você sabia quem eu era quando puxou papo comigo na outra noite?

Russell levanta a cabeça para um lado.

— É claro que sabia. Assim que você disse que vinha de Milão, logo imaginei que fosse a fotógrafa do ensaio para a *Harper's*.

— E por que não me disse que íamos trabalhar juntos?

— Porque achei que podia estragar o momento. Achei que você ia me dar um fora se soubesse que eu seria um dos seus modelos...

Valentina para ao lado do retrato da mulher com chapéu de plumas negras e olha para Russell com desdém.

— Você tem razão. Não costumo transar com os meus modelos — diz com uma pontada de ironia.

Russell se inclina para frente e coloca a mão sobre o braço de Valentina, que se arrepia toda.

— Tá vendo... fiz a coisa certa, não? — sussurra. — Quem sabe você não quebra sua regra mais uma vez, só pra mim?

Ela fica tímida, balança a cabeça, mas já sente sua resolução enfraquecendo.

Depois de uma batalha inicial com Taylor sobre a seleção final dos locais das fotos, o ensaio flui surpreendentemente bem. Ao final, decidem fazer algumas últimas fotos em frente ao principal quadro de dançarina de Klimt na galeria. Uma no térreo, na base da escada, na livraria, usando as prateleiras como pano de fundo para uma das modelos encostada em uma escada e duas fotos de Russell com uma das meninas no café. Optou pela cena romântica em vez do casal brigando.

Por mais focada que esteja, Valentina não consegue deixar de se sentir um pouco tensa. E se voltar a ver aquele homem que se parece com Glen? Deve se aproximar e perguntar quem ele é? Ela treme de raiva. Tem que esquecer aquele homem misterioso. Não há a menor possibilidade de ser realmente ele. De qualquer forma, qual é a possibilidade de voltar a vê-lo na imensidão de Nova York?

Quando termina a sessão no andar de cima, a equipe entra em ação para as últimas fotos: troca de roupa das modelos, Marco faz o *styling*, Lori cuida da maquiagem e Shannon, a *hair stylist*, arruma os penteados. Como Russell não participou das últimas fotos, já está pronto para a cena da cafeteria. Valentina está sentada no chão, checando as fotos que tirou quando ele aparece com uma xícara de café.

— Obrigada — agradece. — Como você sabe que prefiro expresso?

— Por causa da outra noite, no meu apartamento...

— Sim, claro — tenta se conter, afinal, ele está trabalhando para ela hoje. Precisa manter uma certa distância profissional, mas a proximidade de Russell agachado ao seu lado, no chão, mexe com ela. Valentina sente um leve frio na barriga e suas mãos tremem enquanto troca a objetiva da câmera. Está curvada no alto da escada e, quando olha pelo visor, nota que tem uma visão perfeita da curvatura da escada com sua bela balaustrada de ferro. É como se estivesse olhando para uma jaula do lado de fora. Como sempre acontece, Valentina tem uma ideia repentina: e se tirasse uma foto desse jovem poderoso por trás das grades da balaustrada? Está enjaulado como um tigre, mas indomesticável? Ou é a própria observadora que está presa na jaula do tigre? Adora a ambiguidade

dessa ideia.

— Russell, você posaria para mim na escada? — pede.

— Com uma das meninas?

— Não, só você.

— Mas achei que não faria fotos sozinho — olha para ela com curiosidade. — Não sou só um acessório para as meninas? Meu visual faz as roupas delas sobressaírem ainda mais.

— Não tem a ver com as roupas — revela.

— Legal — diz, levantando-se, sem fazer mais perguntas. — É só dizer onde você quer que eu fique. — Valentina tira uma foto em branco e preto de Russell descendo a escadaria e virando-se para trás, olhando para ela, que está no alto.

— Olhe para mim como se fosse me deixar para sempre, mas você também está magoado — ela o dirige. — Como Rhett Butler em *E o vento levou*, sabe aquela frase? *Francamente, querida, eu não dou a mínima...*

O olhar de Russell é intenso. *Poderia ser ator*, Valentina pensa.

Está tão concentrada que não percebe que o restante da equipe se juntou para assistir até que Taylor a interrompe.

— O que você está fazendo?

— Uma pequena improvisação — Valentina responde, esforçando-se para ignorar a titã.

— Mas não programamos isso... Estamos mostrando a coleção feminina.

Valentina vira-se para Taylor.

— Confie em mim, por favor.

Quando olha nos olhos cinza e inflexíveis da editora de arte, algo a distrai: um homem alto usando um boné de beisebol e calça jeans, de costas para ela, conversando com Lori, a maquiadora.

— Quem é aquele homem? — pergunta baixinho para Taylor, com a garganta seca de apreensão.

Taylor olha por cima do ombro.

— Ele? Acho que é o namorado da Lori. É estagiário da Neue Galerie. Foi a Lori quem sugeriu essa locação.

— Um pouco velho pra ela, você não acha? — Marco comenta quando todos se viram para olhar para o estranho.

— Como ele se chama? — O coração dela está a mil. De costas, realmente parece Glen.

— Não sei — Taylor responde irritada. — Peter ou algo parecido. Ele é inglês. Será que podemos continuar? Já acabou a cena? — aponta para Russell, que continua na escada. Valentina não está escutando. Está caminhando em direção a Lori e seu namorado.

Quando ele se vira, Valentina quase desmaia. Quer arrancar um dos inestimáveis quadros da parede e quebrar na cabeça dele. Deseja destruí-lo exatamente como ele a destruiu. Apesar do cabelo castanho e da roupa informal, Valentina não tem a menor dúvida: é o seu velho inimigo Glen. Está furiosa, tremendo de espanto, morrendo de ódio, mas Glen dá um olhar indiferente, sem demonstrar nenhuma emoção.

— Valentina, este é o meu namorado, Peter — Lori o apresenta com olhar curioso, pois é óbvio que há algo errado com Valentina.

— Peter? —revolta-se. — Achei que seu nome fosse Glen — ignora Lori e o encara.

Peter balança a cabeça.

— Acho que você deve ter me confundido com outra pessoa. Meu nome é Peter Clarke — ele fala como quem tem uma batata quente na boca, com um sotaque bem britânico.

Agora Valentina tem certeza absoluta. Nunca se esquecerá daquela voz, da forma como invadiu seus sonhos à noite, das coisas malévolas que disse para ela.

Eu vou te pegar.

Glen chegou para personificar a sua culpa.

— Qual é seu nome verdadeiro? — provoca, fechando os punhos. Quer bater naquela cara presunçosa, porém, mais do que isso, quer saber o que aconteceu. No entanto, está no meio de um grande ensaio de moda. Não pode surtar.

— O que está acontecendo? — Taylor pergunta, aproximando-se e constatando a hostilidade encrespada de Valentina.

— Você pode sair do set? — ordena a Peter. Vira-se para Lori. — Eu já te disse para não trazer ninguém de fora...

— Sim, mas acontece que Peter trabalha aqui — Lori o defende e olha para Valentina com indignação. — E trouxe doces da padaria para nós — diz, mostrando a caixa.

Valentina é incapaz de se mover, está grudada naquele ponto, encarando seu inimigo.

— Onde ele está? — sussurra.

Peter ou Glen interpreta muito bem a cena e se faz de confuso.

— Desculpe, onde está quem?

— Você sabe — diz em voz alta. — O que aconteceu na Gruta Azul?

— Na Gruta o quê? — ele olha para Lori e encolhe os ombros como quem diz “eu não tenho a menor ideia de quem é essa louca”. Valentina tem uma explosão de raiva, não consegue se conter. Agarra o braço dele e crava as suas unhas.

— Você acha que sou palhaça, Glen?

— Ei — ele diz, cordialmente constrangido, dando um passo para trás e

tentando afastar a mão dela. Os dedos gelados dele tentam arrancar as unhas de seu braço. Valentina se lembra de como ele é frio, de como esse toque deixa sua pele arrepiada. Agora estão tão próximos que ela pode até sentir o cheiro dele. Nunca se esquecerá desse aroma forte de almíscar que a apavora. Mas ela luta contra seu olfato. O que ele pode fazer agora? Já levou aquilo que ela tinha de mais precioso, Théo. Agora, Valentina não tem nada a perder. Aperta-o ainda mais forte, furando a pele dele com as unhas.

— Por favor, me solte, não sou quem você pensa que sou — diz. — Você está me machucando...

— Valentina — Marco está ao seu lado e delicadamente coloca a mão sobre seu ombro. — Deixe-o ir.

Todos estão olhando para ela. Um silêncio invade a galeria.

— Não, ele tem que dizer a verdade.

Glen se contorce enquanto Valentina crava as unhas nele ainda mais. Está interpretando o papel de Peter, um cavalheiro inglês que nunca tocaria no fio de cabelo de uma mulher. Vê que ele está doido para atacá-la, arremessá-la contra a parede. E ela quer que ele faça isso. Quer expô-lo.

— Me deixe — Peter diz, tentando arrancar os seus dedos de cima dele, mas ela já está totalmente grudada.

— Pare! — Lori aumenta a voz, perturbada. — Você está machucando o Peter.

— Que porra é essa?! — Taylor exclama enquanto Marco tenta soltá-los, mas Valentina está tão furiosa que é impossível. Se Glen está vivo, só há uma razão para Théo estar morto... Ele o matou. Agarra a garganta dele. Sente-se como um animal, com um ódio primitivo, mas, de repente, é puxada para trás e sente braços fortes a impedindo, tentando dar abrigo. É Russell. Ele abaixa os braços de Valentina e coloca-os em volta de si, abraçando-a enquanto ela tenta se soltar.

— Vá embora daqui — ameaça Peter.

Peter acaricia o próprio braço.

— Meu Deus! Eu só vim trazer bolos de passas pra vocês. Não fiz nada para ser agredido!

Quando ele se vira para sair, olha nos olhos de Valentina e ela pode ver. O brilho do triunfo. Glen.

Taylor pede cinco minutos. Valentina não consegue parar de tremer. Todos olham para ela de forma estranha, especialmente Lori. Está na cara que todos a acham louca. Russell pega mais um café para ela enquanto Marco a leva até um canto para se sentar.

— O que foi aquilo? — ele sussurra.

— Aquele homem é o Glen... Ele estava no barco com o Théo e comigo na

Gruta Azul – sua voz se enfraquece. — Marco, ele matou o Théo e eu sei disso. Preciso ir até a polícia — pega a mão dele.

— Valentina, você tem certeza de que é a mesma pessoa? — Marco olha para ela com preocupação. — Lori me disse que esse cara mora em Nova York há dois anos. Você tem certeza de que ele não é só parecido com Glen?

Balança a cabeça, engolindo a emoção, tentando se acalmar.

— É ele, Marco. Tenho certeza.

Russell aparece com sua bebida.

— Acho que você precisa de algo mais forte — diz, entregando o café para ela.

Valentina toma um gole do café quente e amargo.

— Então, quem era aquele cara? — pergunta. — Algum ex?

Marco faz cara de bravo para Russell.

— É, algo assim — Valentina balbucia. Não está a fim de dar explicações agora. A equipe inteira deve pensar que ela é uma mulher louca. É o seu primeiro ensaio de moda em Nova York e ela arruinou tudo. Depois da cena que fez, nunca mais vai ser chamada para trabalhar com a *Harper's*. Porém, para seu espanto, Taylor se mostra atenciosa e educada quando se aproxima para ver como ela está.

— Você acha que consegue continuar? — pergunta, dando um tapinha gentil em seu braço.

— Claro.

Valentina desliga as emoções e abafa a confusão e a raiva que sente de Glen. Vai encontrá-lo e resolver isso depois. No momento, tem um trabalho a fazer. Tira algumas fotos de uma das meninas ao pé da escada, na livraria e, depois, se dirigem ao café, onde tira fotos de Russell com a outra modelo. Sua foto favorita é com Russell olhando pela janela e a modelo apoiando a cabeça atrás dos ombros dele e olhando para a câmera. É um olhar de quem se sente segura no amor.

Isso não existe!

É o que Valentina quer gritar. Porém, são essas imagens de sonho de amor perfeito entre pessoas lindas que vendem moda. Quantas vezes Valentina não teve que defender sua profissão, não apenas para estranhos, mas até mesmo para amigos, como sua amiga Antonella, que é artista e sempre tentou convencê-la a abandonar a fotografia de moda porque, segundo ela, alimenta o consumismo na sociedade e isso é uma doença. Mas Valentina não vê a indústria da moda desse jeito. Para ela, é uma área na qual pode explorar sua criatividade e, às vezes, até subverter padrões, com a vantagem de ser bem remunerada por isso. Valentina e

Marco compartilham essa paixão, a possibilidade de enxergar as sutilezas de imagens e roupas. Quando vê Marco trabalhando, alfinetando a roupa nas modelos para que tenham o caimento perfeito para cada foto, cuidando para que cada mínimo detalhe atenda aos seus mais altos padrões, Valentina sabe que alguns chamariam seu amigo de ridículo e diriam que ele tem obsessão por um mundo que é superficial, onde o que importa é a aparência e o que você veste, mas o que ela vê é um homem tão perfeccionista quanto o escultor ou pintor mais sofisticado. Modelagem é a arte dele, assim como fotografia é a sua.

Estão arrumando as coisas para ir embora quando Russell pega sua mão. Volta a vê-lo com as roupas de um cidadão qualquer. Por alguma razão, quando fez as fotos no café e ele estava vestindo ternos bordados e paletós enfeitados, com o cabelo penteado para trás como se fosse um aristocrata russo, Valentina conseguiu separá-lo do homem com o qual transou. Russell foi um tema, um componente da sua criação, o que permitiu que ela se concentrasse na foto sem se preocupar com o que ele ou alguma outra pessoa pensa a seu respeito. No entanto, agora Valentina está de volta à realidade. O toque da mão dele a deixa toda arrepiada.

— Então — diz. — Quer ir tomar um drink? Você deve estar precisando depois do encontro que teve hoje.

Valentina balança a cabeça.

— Não, estou detonada — responde. — Vou pra casa com o Marco.

Na verdade, seu plano é esperar todos irem embora para descobrir onde está Glen.

— Ah, tudo bem — ele não parece muito decepcionado, mas Valentina pode ver em seus olhos que continua interessado.

— E domingo?

— Domingo? — repete. — Na verdade, não pensei em nada tão distante. Vou estar ocupada trabalhando nessas fotos nos próximos dias.

— Então, já reserva a data — ele diz. — Quero te levar a uma exposição no MoMA.

Valentina se vê dizendo que sim simplesmente porque não consegue pensar em um motivo para recusar. Alguma coisa em sua presença física mexe com ela. De repente, a imagem dos dois nus na cama vem à sua mente.

Vai ficar na expectativa de que ela transe com ele de novo, mas Valentina não sabe se é isso que ela quer. Ela o viu flertar com todas as outras mulheres do set o dia todo. Marco estava certo. Russell não é confiável. Mas foi ele quem assumiu o controle quando Valentina atacou Glen e a confortou em seus braços,

acalmando-a. Sentiu um pouco de paz pela primeira vez em meses.

Quando todos já tinham arrumado suas coisas e ido embora, a galeria ficou deserta, a não ser pelo segurança. Não havia sinal de Glen. Lori já tinha ido embora. Depois do incidente, passou a olhar atravessado para Valentina. Com certeza, pensa que eles tiveram um caso, mas Valentina não se importa com o que a garota pensa. Se terminar com Glen por causa disso, bom para ela porque sua vida será muito melhor sem alguém como aquele monstro. Sabe que Marco acha que ela está imaginando tratar-se de Glen, mas ele nunca o conheceu. Se tivesse visto Glen antes, saberia que está certa.

— Você conhece o estagiário, Peter Clarke? — pergunta para o segurança.

— Não muito — responde sem olhar para ela. — Ele trabalha aqui há uns dois meses. Só acho que é um pouco velho para ser estagiário...

Percebe gotículas de suor na testa do guarda, apesar de estar frio dentro da galeria.

— É o que pensei.

— Acho que deve ser um cara rico querendo mudar de vida. Ouvi dizer que era um figurão de Wall Street, que tem um monte de grana.

O segurança dá de ombros. Parece impaciente para que ela saia.

— Mas isso tudo pode ser um monte de lixo — ele completa quando Valentina atravessa a porta.

De volta à rua, Valentina se sente vulnerável. Olha ao redor, em parte na expectativa de voltar a ver Glen, mas também não há nenhum rosto familiar entre os apressados nova-iorquinos a caminho do trabalho. Está tentando entender a revelação que teve hoje. Tem tanta certeza de que Peter é Glen, mas será que pode estar errada? Por um lado, gostaria de estar enganada, pois o que ela poderia fazer se esse homem for o assassino de Théo? Como ela poderia provar? O que ela sabe com certeza absoluta é que quer vingança. Amanhã, vai conversar com Lori, descobrir onde ele mora... Depois, não sabe ao certo o que fará.

Quando Valentina e Marco chegam ao escritório da *Harpers' Bazaar* no dia seguinte, todos estão em polvorosa.

— Vocês ouviram? — Jilly, a recepcionista, quase grita assim que saem do elevador.

— Ouviram o quê? — Marco pergunta.

— Invadiram a Neue Galerie ontem à noite — diz, sem ar. — Levaram uma

das obras de Klimt.

Valentina olha para Marco e sente o sangue subindo pelo rosto. Só pode ter sido Glen. Ela estava certa.

— Meu Deus — Marco diz, colocando a mão no peito. — É como no filme *A Arte do crime*. Pegaram o ladrão?

— Ainda não, mas você estava certa, Valentina — Jilly volta-se para ela. — Peter não era Peter.

Valentina fica surpresa. Como essa garota sabe do incidente com Glen? Não estava lá ontem... Então, o escritório inteiro já deve estar sabendo.

— Parece que ele está por trás da invasão — Jilly continua a fofocar. — Mas está desaparecido, assim como o segurança.

Marco olha para ela com os olhos arregalados.

— Valentina, me perdoe, não tinha acreditado em você...

Ela balança a cabeça mostrando que está tudo bem. Será que ela não teria achado que ele se enganou se a situação fosse inversa?

— Os policiais estão colhendo depoimentos de todo mundo. Coitada da Lori — Jilly dramatiza. — Está com o coração partido — abaixa o tom de voz até quase sussurrar. — Mas me pergunto se ela sabia de alguma coisa — suspeita.

Valentina olha para o jornal sobre a mesa de centro na área da recepção. “Klimt de milhões de dólares é roubado da Neue Galerie em Nova York.”

Como que Marco e ela passaram batidos por uma notícia dessas no caminho que fizeram até lá?

Marco pega o jornal e lê em voz alta:

— A polícia de Nova York está em busca de um dos suspeitos do ousado roubo do quadro *O Chapéu de plumas negras*, do artista austríaco Gustav Klimt, da Neue Galerie, em Nova York, na noite anterior — ele olha para Valentina. — Você se lembra do quadro? — pergunta.

Valentina aquiesce. Era um dos seus favoritos, porém, os tons sóbrios daquela pintura destoam do resto da obra de Klimt. Estranha que os ladrões tenham escolhido justo aquela tela.

Marco continua.

— A polícia acredita que pelo menos dois criminosos profissionais estejam envolvidos no roubo. E investiga o paradeiro do segurança da galeria, Wayne Datcher, visto pela última vez deixando a galeria por volta de 21 horas da noite do roubo, e Peter Clarke, um estagiário da galeria, visto pela última vez no mesmo horário, em companhia do Sr. Datcher.

Então Glen continuava na galeria quando ela foi embora. O guarda mentiu. Valentina morde os lábios. Tenta se lembrar da aparência do segurança, mas só

registrou que ele estava suado, tinha cabelos escuros e barba rala.

— Os policiais vão colher o depoimento de todos vocês — Jilly diz. — Especialmente de você, Valentina, por causa do que aconteceu... No ensaio, sabe, quando você partiu para cima do tal Peter...

— Ela não partiu para cima dele — Marco a corrige. — Houve apenas um pequeno desentendimento. Você poderia ser gentil e parar de espalhar essa besteira para o escritório inteiro, Jilly.

A garota fica vermelha.

— Me desculpe... É que todo mundo está comentando... — olha nervosa para Valentina, como se fosse ser tratada da mesma forma que Peter. Mas Valentina sequer está escutando. Está pensando em mil coisas. O que deve contar à polícia, que acredita que ele seja um assassino?

O telefone da recepção começa a tocar. Jilly atende.

— Sim, ela acabou de chegar — diz, desligando.

— Era Taylor — Jilly conta. — A polícia quer falar com você. Estão esperando no escritório dela.

Marco dá um tapinha nas costas de Valentina.

— Apenas fale a verdade — aconselha.

Valentina conta tudo. Que mal pode fazer a Théo agora que já está morto? Diz que está convencida de que Peter é Glen, um ladrão internacional de obras de arte, que concorria com seu ex-noivo, Théo Steen. Tinham ido atrás dele em Milão e Londres. A polícia a levou a sério e tomou nota de tudo.

— Parece que você está certa — diz o policial de voz rouca e cabelos ruivos, Delaney. — Não temos registro de nenhum Peter Clarke de Cambridge, mas há um Glen Clarke em nosso sistema. Chegou a Nova York há dois anos, mas, a partir de então, tem entrado e saído do país com muita frequência. Não há ocorrências, mas já ouvi que é escorregadio em alguns círculos.

— Então, vocês acham que ele estava planejando esse roubo havia dois anos?

— Provavelmente. Esses criminosos profissionais são perfeccionistas, levam o tempo que for preciso para planejar um roubo — diz o outro policial, o Detetive Balducci. Valentina acha que ele é italiano, apesar de não parecer nem soar italiano.

— Mas por que alguém roubaria um quadro tão famoso? — Valentina pergunta, plenamente ciente de que o quadro de Klimt não tinha nada a ver com o tesouro nazista, a única razão que ela conhecesse para Glen roubar obras de arte. — Como se vende um quadro desses pelo que realmente vale sem ser pego?

— Muitos fazem apenas pelo prestígio. Para provar que conseguem — diz Delaney.

— Eles gostam de nos fazer correr em círculos — Balducci complementa. — Na verdade, nunca chegam a vender os quadros. É um jogo para eles.

— Não é um jogo para Glen — diz, lembrando-se de que o desafeto exigiu que Théo pagasse pela tela que roubou debaixo de seu nariz e devolveu ao verdadeiro dono. Glen perdeu muito dinheiro. Foi o que o levou a atacá-los na Gruta Azul.

— Ele é um assassino — diz.

— A senhorita pode explicar um pouco melhor? — Delaney pede.

Valentina conta mais a respeito de Théo.

— Então vamos esclarecer — Balducci diz. — O seu namorado roubou quadros e os devolveu às famílias que os perderam para o tesouro nazista durante a Segunda Guerra Mundial?

— Sim, mas, no final das contas, não se tratava de roubo... — Valentina ressalta. — Quando ele conversava com os novos proprietários e contava a verdadeira história por trás dos quadros que tentava recuperar, a maioria desistia deles sem maiores problemas e retirava todas as queixas. Ficavam com vergonha da real procedência das obras. Nem todos tinham sido roubados pelos nazistas, alguns também tinham sido roubados pelos soldados dos Aliados no final da guerra.

— Então, onde é que este Glen Clarke se encaixa? — Delaney pergunta.

— Ele era um concorrente de Théo. A diferença é que recebia dinheiro, às vezes até milhões, para devolver as obras para famílias que estavam desesperadas para recuperá-las.

— O que não entendo é por que essas pessoas não seguiram o caminho da lei. Por que não tentaram recuperar as telas através da justiça? — Balducci questiona.

— Nem sempre é o que preferem. O processo pode levar anos e muitos dos proprietários originais já estão muito velhos. Só querem o que é deles de volta.

— Mas por que o tal Théo entrou nessa se não tinha dinheiro envolvido? — Delaney insiste.

— Porque ele estava tentando consertar um erro — Valentina faz uma pausa para respirar. — Sua família é originalmente de Amsterdã. Seu avô trabalhou para o colecionador de arte judeu Albert Goldstein nos anos trinta. No início da guerra, muitas famílias judias e outros refugiados confiaram suas obras de arte a Goldstein para que ele as mantivesse em segurança. Porém, quando os nazistas invadiram a Holanda, Goldstein teve que fugir e deixou as obras sob os cuidados do avô de Théo, que foi forçado a vender tudo por uma ninharia para o grupo de Herman Goering.

Valentina faz uma nova pausa e junta as mãos sobre as coxas. Não pode

acreditar que está revelando a empreitada secreta da família Steen para a polícia. Pensa no rosto da Sra. Steen por um instante: aqueles olhos azuis, o queixo delicado, o sorriso maternal. Será que estaria colocando-os em apuros? Já causou a perda do único filho que tinham. Como pode prejudicá-los ainda mais? No entanto, sua necessidade de vingar-se de Glen é mais forte. Se tiver que colaborar com a polícia para pegá-lo, vai contar tudo o que sabe para que a ajudem.

— O avô de Théo passou o restante da vida tentando recuperar as telas que estavam sob sua guarda para os seus donos. Théo estava tentando ajudá-lo.

Balducci assobia.

— Uau, não sabia que ainda existiam homens assim.

— O que você quer dizer, parceiro? — Delaney pergunta.

— Alguém que arrisca a própria liberdade para fazer algo pelo bem dos outros. Esse Théo parece ser um cara e tanto.

— Sim, ele era... — Valentina suspira, respirando fundo. Os dois olham para ela, intrigados.

— Ele está morto. Glen o matou.

Delaney levanta as sobrancelhas.

— Não achávamos que se tratasse de um assassino — Balducci comenta.

— Acredite, ele é. Eu estava lá — respira fundo mais uma vez.

Valentina conta sobre a Gruta Azul, sobre como ela e Théo remaram até a pequena caverna e foram seguidos por Glen, que os atacou e a jogou na água. Théo a salvou, insistiu para que Valentina remasse sozinha de volta para o barco no qual tinham ido e pediu ajuda para o comandante. Prometeu que iria em seguida no outro bote, levando Glen.

Não vou te abandonar, Valentina.

Mas abandonou, pois nem Théo, nem Glen voltaram.

— A polícia italiana achou que eles tinham se engalfinhado e se afogado, mas nunca encontrou os corpos. Se Glen está circulando em Nova York isso só pode significar que ele matou Théo — Valentina diz com voz trêmula.

— Também há outra alternativa — Delaney fala tão baixo que Valentina quase não o escuta.

— O que você está querendo dizer? — Valentina pergunta, sentindo um frio no coração.

— Você disse que não encontraram os corpos na Gruta Azul. E se eles fizeram um acordo? — Delaney conjectura. — O roubo deste Klimt foi um grande trabalho. Foi necessária a participação de um especialista para desligar o sistema de alarme da galeria. E se Glen e o seu Théo estiverem trabalhando juntos?

Valentina levanta-se e derruba sua caneca de café no chão.

— De jeito nenhum! — responde veementemente. — Ele tentou me matar, Théo o odiava...

— Ok, querida, sente-se — Delaney diz, tentando fazer com que ela se acalme.— É só uma hipótese...

Balducci dá um olhar de aviso para o parceiro, que retribui. Em seguida, Delaney se vira para Valentina e diz:

— Não ligue para ele. Está sempre criando teorias mirabolantes.

Mas Valentina vê o olhar que Balducci e Delaney trocaram. Sabe que estão considerando o envolvimento de Théo no roubo da galeria.

— Não é possível — Valentina repete. — Théo nunca teria desaparecido daquele jeito sem me avisar. Ele me amava — sua voz vai ficando embargada. Sente vergonha de estar tão exposta diante daqueles dois homens. Sabe o que estão pensando. Acontece o tempo todo. As pessoas fogem umas das outras mesmo quando estão apaixonadas.

Tina

TINA SENTE-SE COM dezoito anos de idade novamente. Passa a noite em claro no quarto de hotel em Berlim Ocidental com o coração batendo forte no peito e a cabeça rodando. Uma voz racional grita para ela. *Volta para casa*. Para Phil, para Milão, para uma vida segura. Mas não consegue pensar direito... Karel Slavik acionou algo dentro dela que, após dois anos adormecida, a fez se sentir viva novamente. A última coisa que quer na vida é magoar Phil, porém não consegue se conter. Só consegue se imaginar entrando no hotel em Berlim Oriental e vendo Karel esperando por ela, desejando-a. Precisa saber que aquele jovem lindo a deseja. Tenta se convencer de que vai aprender uma lição porque, evidentemente, Karel não vai aparecer e ela vai voltar para casa com o rabo entre as pernas, ainda mais grata por ter Phil. Mas não consegue esquecer o olhar que ele lhe deu quando se despediram ontem à noite. Fizeram uma promessa.

Tina se veste num rompante: corselete azul meia-noite com fitas pretas e uma minúscula calcinha de renda preta combinando. Não pode negar que sua lingerie está sendo usada para ser vista. Por cima, põe um vestido envelope de Diane von Furstenberg. É um vestido simples, de malha com estampa sinuosa azul e verde-esmeralda. Sente-se feminina e sexy com ele. Faz autocrítica enquanto se maquia. O que aconteceu com ela? Um jovem qualquer se interessa e ela já está se comportando como uma colegial apaixonada. Precisa cair em si. Ainda dá tempo de ir para casa. Consegue pegar o voo se correr. No entanto, vê-se pegando o telefone.

— Ah, que pena — Phil diz.

— Sinto muito, mas vou ter que refazer uma parte do ensaio que não deu certo ontem — Tina olha para sua cara deslavada no espelho.

— Ok. Bem, não se estresse demais, sei como você é perfeccionista. Tente relaxar hoje à noite.

Treme com a ironia das palavras dele.

— Phil, eu realmente sinto muito.

— Tudo bem, querida, não é o fim do mundo. Até amanhã!

Desliga o telefone e volta a se olhar no espelho.

Vaca!

Porém, outra voz a lembra de que Phil não disse que a ama. Na verdade, sequer pareceu chateado por Tina não voltar para casa... O que ele estará aprontando? Não transam há seis meses... Quanto tempo um homem aguenta

ficar sem sexo? Talvez ele tenha gostado de saber que ela ficará longe por mais uma noite. Será que pensa em traí-la? Tina sabe que isso tudo é bobagem. Confia cegamente em Phil, apesar de não confiar em si mesma.

Chegou o momento da verdade. Está do lado de fora do Palasthotel, de costas para o escuro e turbulento Rio Spree, toda ocidental em seu vestido envelope Furstenberg. Ainda tem a chance de dar meia-volta e ir embora, mas é tomada pelo instinto e atravessa a porta de entrada sem hesitar.

Karel está esperando por ela. Levanta-se e parece muito aliviado quando a vê. Tina percebe que ele pensou que ela não viria. Está vestido melhor do que ontem, com calças escuras e justas e uma camisa branca impecável, mas ela não liga para as roupas porque ele fica maravilhoso de qualquer jeito. Novamente, seu rosto a faz pensar em um príncipe russo: maçãs do rosto proeminentes, olhos de gato reluzentes, que ela sempre achou incrivelmente sexy em homens. Parece exótico e perigoso.

— Você está linda — diz, pegando-a pela mão e dando um beijo discreto em seu rosto.

— Pensei que poderíamos começar comendo no restaurante Domkause, o melhor da RDA. O que você acha?

Tina não está com fome, mas um drink cairia bem.

— Sim, claro.

O restaurante é todo revestido em madeira e bem discreto. São conduzidos até uma mesa no canto. Felizmente, a iluminação é fraca, talvez ele a ache mais velha hoje.

Tina lê o cardápio e não entende nada.

— O que você quer? — Karel pergunta.

— Não sei... O que você recomenda?

— Jägerschnitzel é muito bom — diz. — É lombo à milanesa com molho de tomate. Outra opção é o prato do chef, Broiler, que leva frango.

— Vou experimentar Jägerschnitzel — diz.

— E para beber, a cerveja Berliner Bürgerbrau é muito boa.

— Não gosto muito de beber cerveja, mas acho que vou tentar.

— Hoje você vai viver uma experiência autêntica da Alemanha Oriental — Karel anuncia. Tina fica vermelha com a ironia de suas palavras.

Após fazerem o pedido, ficam em silêncio por um momento. Tina começa a se perguntar se essa é uma boa ideia, mas, enquanto pensa, Karel pega sua mão e olha em seus olhos com uma expressão sonhadora.

— Você é a mulher mais linda que já vi em toda a minha vida.

Tina fica toda vermelha.

— Impossível — discorda.

— Assim que a vi parada na minha frente na noite passada, eu te desejei. Poderia ter dançado com você a noite inteira.

— Não dançava há séculos — admite. Tina sente a boca seca e dá um gole na cerveja, surpreendentemente refrescante.

— Mas quando você foi embora correndo como a Cinderela, não me deixou nada, nem um sapato de cristal...

— Te deixei uma promessa — Tina diz.

— É verdade — ele dá um sorriso de cair o queixo e Tina se derrete por baixo do vestido.

A comida chega. O aroma não é muito convidativo, mas Tina experimenta por educação enquanto toma um gole de cerveja.

— Gostei da cerveja — comenta.

— Eu falei que era boa — diz, atacando seu Jägerschnitzel com gosto. Karel se alimenta como um homem que não come direito há dias.

— Você cresceu em Berlim Oriental?

— Meu pai é de Praga e minha mãe, de Berlim Oriental. A família de minha mãe viveu um tempo em Praga nos anos cinquenta. Eles se conheceram na universidade. Eu tinha três anos quando se mudaram de lá para Berlim.

— E o muro sempre esteve lá?

— Sim. Quando chegamos, o muro tinha sido construído havia um ano.

— O que os seus pais acharam?

Karel para de comer e olha para Tina como se fosse louca.

— Você sabe onde estamos? — sussurra. — Você pensa que os cidadãos comuns da RDA comem neste lugar? — arregala os olhos e fala baixinho.

Tina ruboriza e sente o rosto ficar quente por causa do seu constrangimento.

— Desculpe, foi uma tolice da minha parte.

— Acho mais seguro falarmos sobre você. Minha vida é chata. Sou eu, meu violoncelo e minha música. Acredito na RDA. É simples. Já você... Imagino que viva as complexidades e complicações da maioria das mulheres ocidentais...

— Você já conheceu alguma outra mulher do Ocidente? — pergunta-se se ele faz isso o tempo todo.

— Não — diz. — Você é a primeira. Sempre achei as mulheres do Ocidente convencidas e fúteis... Até te conhecer.

Pelo olhar sincero de Karel, Tina vê que ele não está mentindo.

— Sou fotógrafa de moda — conta. — Trabalho muito, viajo bastante.

— Então, você já percorreu o mundo — Karel diz cheio de curiosidade. — Me diga quais países você já visitou.

— Bem, moro na Itália e já fui para França, Espanha, Portugal, Estados Unidos, Hong Kong, Singapura, Índia, Iugoslávia...

— Tem mais? — ele quer saber.

— Sim. Holanda, é claro, Bélgica, Grécia, Áustria, Egito, Marrocos...

— E são todos muito diferentes? — pergunta.

— Sim, muito.

— E você sempre vai sozinha? — pergunta.

Tina olha para o Jägerschnitzel que ela já espetou muitas vezes, mas ainda não comeu.

— Não — toma fôlego. — Às vezes, levo meu namorado... e meu filho.

Levanta os olhos e Karel não parece nem um pouco surpreso.

— Foi o que imaginei. Percebi que você não tem aliança, mas como uma mulher como você conseguiria ficar sozinha?

— Estamos juntos há muito tempo.

— E quantos anos o seu filho tem?

— Doze.

— Mas não parece que você tem um filho dessa idade.

— Você é um amor — diz —, mas tenho certeza que parece.

Karel a encara por um momento, analisando-a.

— Então, por que você está aqui comigo se tem um parceiro?

— Honestamente, eu não sei — confessa. — Tinha necessidade de te ver novamente — sussurra.

Sente as pernas de Karel se entrelaçando nas suas por baixo da mesa, roçando suas coxas e enchendo seu corpo de tesão.

— Quer ver onde moro? — pergunta.

Tina concorda.

— Não é chique — ele diz.

— Eu não ligo.

Karel a conduz pelas ruas de Berlim, para cima e longe do rio. À direita, vê a enorme Fernsehturm, da qual tirou fotos ontem. A casa da família de Lottie é perto de lá, mas o bairro de Karel é um pouco menos detonado. Ele segura sua mão enquanto andam e Tina sente um frisson de energia percorrer o seu corpo. Não está se sentindo como uma mãe e esposa de trinta e cinco anos, mas como quando era jovem, aberta às aventuras que o mundo tem a oferecer.

Quando entra no apartamento de Karel, é como se estivesse em casa. Não é nada parecido com o bloco de apartamentos utilitários onde moram Sabine e Rudolf, nem com as ruínas abandonadas dos amigos punks de Lottie. Na

verdade, o apartamento de Karel lembra o seu próprio apartamento em Milão. As paredes são repletas de prateleiras cheias de livros. Tem certeza de que, se analisasse os livros das prateleiras, sentiria falta de alguns clássicos considerados demasiado burgueses. Ao lado da janela, há uma vitrola com pilhas de discos. Dá uma olhada. São os discos de música clássica mais adorados em Berlim Oriental: Shostakovich, Beethoven, Bartók, Hans Eisler. Karel tem o repertório completo, mas Tina tem certeza de que aqui também faltam alguns dos compositores não aprovados. Karel se aproxima e serve uma pequena taça de vodka antes de escolher um disco. Escolhe o segundo movimento do concerto para piano nº 5, conhecido como *Concerto do imperador*.

— Como você sabia que eu ia gostar disso? — pergunta.

— Que mulher de alma romântica não gostaria?

Por um segundo, Tina está a ponto de colocar um ponto final nisso. Quando está prestes a devolver o drink e ir embora, Karel leva a taça até os lábios dela, que abre a boca e dá um gole. A bebida queima a sua garganta e a enche de coragem. Karel tira a taça das mãos de Tina, coloca as mãos sobre sua cintura e puxa-a em direção a si. Ele a beija. É um beijo longo, lento, um beijo esperado desde que se despediram na noite passada. Ele abre os lábios de Tina com a língua e lambe seu lábio inferior e seus dentes. Mordisca seu lábio superior e o lambe também. Karel parece uma grande pantera provando o gosto de sua presa, pois ela está sob o seu poder. Penetra a língua mais fundo e lambe o céu da boca de Tina, que já está com as pernas bambas. Vai ficando molhada, sente-se viva novamente. Parece que sua libido voltou de vez e para valer. Enquanto ele a beija e lambe, Tina imagina como seria sentir essa língua em todas as outras partes de seu corpo. Fica chocada com o próprio pensamento porque nunca deixou que Phil a chupasse e tem evitado fazer boquete nele. Mas, agora, está louca pra colocar o pau de Karel na boca, chupá-lo profundamente e sem parar. O que está acontecendo consigo?

— Gosto do seu vestido — Karel comenta.

Parou de beijá-la e está desamarrando o laço. O vestido se abre e cai, revelando a lingerie rendada.

— Oh, meu Deus — sibila. — É assim que as mulheres ocidentais se vestem o tempo todo? — pergunta.

— Não, só eu — ela sorri.

Karel a toma em seus braços e crava o rosto em seu pescoço.

— O seu perfume é maravilhoso — diz, antes de voltar a beijá-la. O tesão aumenta. O fogo que acenderam ontem à noite não se apagou. Ardeu lentamente durante a noite e agora se intensificou subitamente, flamejando entre eles. Não aguentam. Tina arranca a camisa dele sem sequer a desabotoar, rasgando-a.

Enquanto isso, ele tira as calças e os dois caem no tapete da sala. A música se intensifica com a mesma paixão. Karel desabotoa o sutiã rendado de Tina enquanto ela tira a calcinha. Ávida, abaixa-se e puxa a cueca dele, faminta, liberando o pau que tanto deseja. É lindo. Inclina-se e lambe a cabeça. Gosto agridoce. Quer senti-lo bem fundo dentro de si. De repente, Karel se abaixa e coloca os braços abaixo dos joelhos de Tina, levantando seu bumbum do carpete. Está ajoelhado entre as pernas de Tina, inclinando seu corpo em cima do dela. Agora Tina pode sentir a pressão do pau dele contra a pele macia de sua vagina. Pega nele com as duas mãos. É agora. Vai transar com outro homem pela primeira vez em quinze anos, maculando o que construiu com Phil. É tão absurdamente autodestrutivo, mas se sente completamente à vontade. Nunca se sentiu tão cheia de vida, tão sexy, tão jovem. Enfia o pau de Karel sem pensar em contracepção, apesar de encher o saco de Phil para que se protejam de uma nova gravidez. O que deu nela?

Está hipnotizada pelo braço musculoso de Karel, que puxa seu bumbum para si a cada medida. O pau desliza fundo dentro dela, tocando um lugar que ela sequer se lembrava que existia. Está vibrando, plena. Nunca achou que voltaria a se sentir assim. Karel encosta o bumbum dela o chão e se inclina sobre ela. Ainda dentro, ele gruda seu corpo inteiro nela. Estão com os rostos colados, beijando-se novamente, com um tesão louco. Ele mete cada vez mais rápido e sua respiração vai acelerando e ficando mais profunda à medida que ela vai chegando quase lá. Karel a leva para além do limite. Tina está chorando, rindo, se libertando quando goza com ele. Sente como se seu ser tivesse se partido em dois e que nunca mais voltaria a ser uma só.

Foi só um prelúdio. Ficam deitados no tapete por alguns instantes, exaustos com a entrega mútua. Depois de um tempo, Karel a toma em seus braços e, com a facilidade e elegância de um jovem forte, carrega-a até o banheiro. Liga a torneira da banheira e, enquanto ela vai enchendo, Karel banha o pescoço e os ombros de Tina com beijinhos. Entram juntos na banheira e um lava o outro. Ele ensaboa os seios dela, massageando-os com carinho e destreza. Ela vê o pau de Karel crescendo dentro da água e imagina que é uma serpente mágica cujo esperma a enche de vida e juventude. Empurra seus quadris em direção a ele, que a envolve com suas pernas e se deixa deslizar, penetrando-a delicadamente. Transam na banheira espirrando água para todos os lados, encharcando o chão de azulejo e rindo como crianças desinibidas.

Saem do banheiro e vão para o quarto, onde se demoram. Agora que já saciaram a fome inicial que sentiam um pelo outro, começam a explorar mais seus corpos, a alimentar e cativar a sensualidade um do outro.

Tina beija o corpo de Karel da boca até o tórax. Lambe os seus mamilos,

desce até o tórax, passando pelo abdome firme e reto como uma rocha. O pau duro roça o rosto de Tina e ela o enfia na boca, fazendo movimentos circulares com a língua em volta da cabeça. Enquanto isso, Karel brinca com os poderosos dedos de violoncelista e tamborila os lábios vaginais, delicadamente pressionando a ponta do clitóris com o dedão. Ela deita em cima dele como se pudesse mergulhar nele. Diverte-se com o pau de Karel, intercalando lambidas da base até a cabeça com chupadas, fazendo uma leve pressão com os lábios. Quando se dá conta, Karel içou o corpo de Tina pelos quadris e ela está quase sentada na cara dele. Fica tensa por um momento, mas Karel não sabe que ela não gosta disso. Começa a lambê-la e, para sua surpresa, Tina relaxa, esquecendo que está em uma posição em que se sente vulnerável demais. Acariciam um ao outro com suas bocas. São animais, porém inocentes. É puro tesão, sem programação ou expectativas, estão apenas unindo seus corpos, compartilhando sexo sublime. Tina começa a entender por que tantas mulheres adoram receber sexo oral. Nunca experimentou um prazer tão sutil, essas vibrações frágeis, porém profundas.

Depois do gozo, os dois se agarram como se fossem náufragos sobreviventes à deriva. De fato, a julgar pela situação, a cama e o quarto poderiam ser vistos como um santuário. Sem que nada seja dito, sabem que esta pode ser a única noite que terão e que nem será uma noite inteira. Tina precisa voltar para a Itália amanhã e ele tem de ficar atrás do muro.

Dormem, fazem amor, contam histórias de suas infâncias, fazem amor de novo. Tina conta sobre sua avó Belle, de Veneza, sobre a vida dupla que levava como cortesã, sobre a dramática história de amor com o aventureiro Santos Devine.

— É uma história real? — Karel pergunta, incrédulo. — Digo, aconteceu de verdade?

— Claro, minha mãe era filha deles.

— Por que as melhores histórias de amor são tão tristes? — ele pergunta. — Nenhuma delas tem final feliz?

— É claro que há histórias de amor com final feliz, milhares delas: Cinderela, Bela Adormecida, Rapunzel, Branca de Neve...

— São contos de fadas — Karel a interrompe. — Estou falando de histórias de amor reais. Você conhece duas pessoas que tenham se amado completamente durante toda a vida? Que sempre estiveram juntas? Que nunca tenham tido reveses, ciúmes ou desentendimentos? Você consegue pensar em duas pessoas que tenham sido fiéis e verdadeiras uma com a outra do início ao fim?

Por um momento, Tina pensa nela e em Phil, mas agora ela maculou a história deles. São imperfeitos por causa do que fez.

— Meus pais — Karel conta.

— Tem certeza? Eu costumava pensar que meus pais eram o casal mais feliz do mundo, mas um dia descobri que meu pai estava tendo um caso com uma mulher do trabalho... Acabaram se divorciando quando eu tinha quinze anos. Fiquei em choque por quase dois anos.

— Juro pra você que meu pai era totalmente louco pela minha mãe — Tina vê o rosto gentil de seu pai e lembra-se de como seus olhos brilhavam cada vez que sua mãe entrava na sala.

— Sim, mas e sua mãe?

— Deus do céu, ela *nunca* traiu meu pai. Para começar, ela era muito religiosa.

— Então, ainda estão juntos, depois de todos estes anos? — Karel pergunta com curiosidade.

— Não, eles morreram... De certa forma, juntos. Os dois morreram em um acidente de avião nove anos atrás.

Karel fica muito triste por ela.

— Que triste para você, eu sinto muito. Você devia ser muito jovem quando os perdeu.

Tina deita de costas, olha para o teto e sente o rosto queimando.

— Na verdade, eu tinha a sua idade — diz.

Karel se debruça sobre ela e começa a delicadamente beijar os seus lábios.

— Você vê, essa é mais uma trágica história de amor — diz, entre um beijo e outro. — Seus pais também não foram felizes para sempre.

As horas correm rápido. Tina vê as horas passando no relógio sobre a cômoda ao lado da cama. Transam de tudo quanto é jeito. Ela senta sobre o pau dele e cavalga se agarrando no estrado, vira-se e senta com as costas voltadas para ele, afundando-se com ele dentro de si, deslizando a cada metida, movendo seus quadris para frente e para trás. Quando ele goza, precipita-se para a frente e Tina tem de se agarrar em seus pés para não cair da cama, de tão grande que é a força do orgasmo.

Diminuem os ânimos, deitando-se de lado, um de frente para o outro, nas extremidades da cama. Tina engancha a perna de Karel com a sua e o puxa para mais perto, deslizando-o para dentro de si. Karel mantém a posição, sem impulso ou penetração, apenas embalando a cabeça de seu pau na boceta macia e calorosa de Tina. Começam, então, a brincar com os pés um do outro, até que Tina acaricia as bolas dele. Em resposta, ele começa a tocar o clitóris dela, girando os dedos ao redor dele, dando leve puxadas, como se fosse uma corda de seu violoncelo. Fazem isso por muito tempo, até que Tina sente muito desejo de ser penetrada mais fundo. De repente, ele a vira de costas e se contorce, ficando

de joelhos acima dela e penetrando-a profundamente. Tina levanta os joelhos e responde aos impulsos, abrindo-se ainda mais. Ela envolve as mãos ao redor do pescoço dele e olham nos olhos um do outro. Nenhum dos dois desvia o olhar, fecha os olhos ou sequer pisca enquanto se unem inteiramente: corpo, coração e alma.

Tina está deitada nos braços de Karel, que brinca com os seus cabelos. Sente-se amada, como uma gata manhosa. A sensação em seu corpo é maravilhosa, está palpitando de tesão, aberta e confiante. Não se sentia assim havia anos. Olha para o relógio, já é uma da manhã. É hora de ir.

— Karel — sussurra. — Tenho que ir agora.

Ele a abraça com força.

— Queria que você pudesse ficar — diz. Tina percebe um tremor na voz de Karel. Está sendo sincero, ela é importante para ele.

— O que aconteceria se eu ficasse até de manhã? Teria algum problema?

— Sim — ele diz, sério. — Muitos problemas. Você tem que cruzar até às duas da manhã.

— Prisão? — murmura. Preferiria morrer a ficar trancafiada em uma prisão.

— Honestamente, não sei — diz. — Só sei que você não poderá cruzar a fronteira depois do horário estipulado.

Tina ri.

— Tenho tempo para uma ducha?

Fazem amor uma última vez no banho. Enquanto a água cai sobre eles, Karel começa a falar.

— Prometa-me que vai voltar — diz.

— Não posso, tenho que ir para a Itália amanhã. Meu filho vai voltar da escola. O pai dele está esperando por mim.

— Não fale de seu marido, por favor — Karel pede, levantando a cabeça e lavando o rosto. Tina fica na ponta dos pés e beija o seu pescoço.

— Ele não é meu marido, é meu namorado e nunca ninguém me fez sentir deste jeito, nem você — diz.

Karel olha em seus olhos.

— Eu te amo — ele diz.

As palavras de Karel atingem o corpo de Tina como um golpe.

— Mas acabamos de nos conhecer — ela retruca.

— Eu sei, mas sinto como se te amasse desde sempre...

— Como se tivéssemos vivido uma história de amor em outra vida?

— Nunca acreditei nisso, não acredito em Deus. Acho a religião uma coisa

ruim... — chacoalha-se espirrando gotas-d'água sobre Tina. Ela abre a boca para sentir as gotas na ponta da língua.

— No que você acredita? — Tina pergunta enquanto ele levanta a sua perna e a coloca em volta de sua cintura, apoiando-a contra a parede de azulejo e metendo outra vez.

— Acredito no bem comum — diz, com os dentes cerrados. — Socialismo.

— Você acredita em um muro que não permite que eu te veja?

— Sim — ele diz. — Está lá para nos proteger do Ocidente superficial e depravado... A vida é melhor para todos que estão deste lado do muro.

Tina segura o rosto de Karel com as mãos e aperta suas pernas contra a bunda firme dele.

— Você está mentindo — sussurra. — Você não pensa isso de verdade.

Karel balança a cabeça e não diz mais nada, mas Tina vê em seus olhos a mesma fome que viu quando ela contou sobre todos os países que já visitou.

Com a boca próxima da orelha de Karel, Tina sussurra:

— Vou vê-lo tocar em Viena... Vou ajudá-lo a desertar...

Voltando pelas ruas desertas de Prenzlauer Berg em direção à passagem da fronteira, Valentina imagina ver as sombras daqueles punks subversivos, Hermann e Simone. Suas imagens estão impressas no filme dentro da câmera. Que tipo de futuro espera aqueles garotos? Ao menos Karel tem a chance de ir para a liberdade. Terá que dar as costas para tudo o que possui em Berlim Oriental, mas é tão talentoso que vai vencer no Ocidente. O que a leva a querer ajudá-lo a fugir? Pretende terminar com Phil e começar uma vida nova com Karel? A ideia de expulsar Phil de sua vida a aterroriza, mas quando corre pelas ruas de Berlim com Karel, volta a se sentir jovem e apaixonada. Apesar de estarem prestes a serem separados pelas leis brutais do regime socialista, Tina se sente livre, como se estivesse flutuando, como se estrelas brilhassem em seus cabelos. Está tão imersa que não percebe o carro preto que os segue até os holofotes de neon que iluminam o cruel muro de concreto.

Valentina

ENQUANTO DIVIDEM O espelho do banheiro, Marco olha para a imagem de Valentina e dispara:

— Tem certeza de que quer sair com esse tal de Russell?

— Foi você quem me disse pra transar — retruca, apontando para o rosto de Marco.

— Sim, eu sei que falei que você precisava transar, mas uma noite de sexo já bastava. Não acho que você esteja pronta para voltar a namorar — Marco aconselha, aproximando-se, colocando o cabelo de Valentina atrás da orelha.

— Qual é a diferença? — desafia.

— É enorme — Marco diz. — Russell não foi feito para namorar. Você pode se machucar ou se decepcionar. Você é muito vulnerável.

Será que Marco tem razão? Bom, agora é tarde demais. É domingo e Valentina já está no saguão do MoMA, esperando. O que há de mal em encontrar Russell aqui? Podem dar uma olhada no museu e passar algumas horas juntos. Qualquer coisa é melhor do que a espera. Desde o interrogatório com Delaney e Balducci na quarta-feira, nenhum dos detetives a procurou. Quando não estão trabalhando na pós-produção do ensaio da *Harpers' Bazaar*, Valentina e Marco acompanham os jornais avidamente, porém parece não haver nenhum avanço no caso do roubo da obra de arte, nem sobre o paradeiro de Glen. Precisa parar de pensar nisso, está ficando louca.

Como é domingo, o museu está lotado. Russell e Valentina atravessam a multidão e sobem até o terceiro andar para ver as exposições de fotografia.

— Queria te mostrar os nus de Bill Brandt — Russell diz, levando Valentina para uma exposição chamada *Sombra de luz*.

— Adoro os retratos de Bill Brandt — Russell continua a falar. Valentina se surpreende com o fato de um modelo se interessar tanto por fotografia, mas ele disse que também era artista quando se conheceram. Valentina segue Russell pela exposição que reúne diversos trabalhos de Brandt sobre o Reino Unido nos anos 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial. Reconhece algumas de suas fotografias icônicas de Londres durante a Blitz, alguns retratos e uma série de intrigantes nus de alto contraste dos anos 1950. Os nus de Brandt não são realmente eróticos. Ele torna objetos partes do corpo nu, como se fossem lindos

momentos na natureza. Valentina gosta especialmente das fotos abstratas de partes do corpo que foram tiradas no litoral de East Sussex. Alguns nus são distorcidos e Russell explica que Brandt costumava usar objetivas supergrandes angulares, como em fotografias de cena de crime. As imagens ganham certa narrativa dramática, como a da mulher sentada à mesa, com os seios à mostra, estendendo a mão, ou a foto das costas de uma mulher que parecem um violoncelo.

Passam horas nas exposições de fotografia e, quando terminam, têm fome e sede.

— Posso convidá-la para almoçar no The Modern? — Russell sugere.

— Obrigada — aceita, escorregando as mãos pelas de Russell a caminho das escadas. Seu coração acelera um pouco com a audácia de sua ação.

Russell gira a robusta taça de vinho e a ergue para conferir a cor. A bebida cintila como mel e, com a incidência da luz, ganha o mesmo tom que os seus olhos castanhos. Saboreiam um delicioso almoço e tomam várias taças de vinho, papeando sobre arte. Valentina descobre que, além de trabalhar como modelo, Russell está realmente tentando se tornar um artista. Ele conta que pinta retratos.

— É por isso que adoro os retratos de Brandt. Apesar de serem fotografia, são mais do que pura representação.

— Li algo que ele escreveu — Valentina diz. — Ele menciona que o fotógrafo tem que esperar que algo entre sonho e ação se projete na expressão da pessoa.

— Sim, definitivamente — Russell diz. — É isso que estou tentando fazer nos meus quadros também.

De repente, Russell se estica e pega a mão de Valentina como se quisesse examinar seus dedos.

— Mãos fortes — sussurra, olhando para ela com malícia. — Então, quem era aquele cara com quem você estava discutindo na terça? É o suspeito pelo roubo, certo?

Valentina volta para o presente. Sente-se tensa novamente.

— É uma longa história — diz.

— Era um ex-namorado seu? Você faz o tipo ciumenta?

Valentina saca que é isso que ele pensa e fica tentada a deixá-lo acreditar nisso. Porém, não quer que ele pense que é possessiva com seus homens, nem que se sente rejeitada.

— Credo, não! — responde. — Nos conhecemos na Itália... Ele é... Asqueroso.

— Ele te machucou? — Russell inclina a cabeça para o lado. Não parece preocupado, mas curioso.

Valentina balança a cabeça.

— Ele me atacou uma vez, mas Théo...

— Seu ex, Théo?

— Sim, Théo... — sua voz começa a sumir. Engole — Théo morreu...
Acredito que aquele homem, Glen, seja o responsável pela sua morte.

Russell levanta as sobrancelhas com espanto. Não dá os pêsames como todos os outros.

— Conta mais.

Valentina não conta tudo, como fez com os policiais, mas conta sobre a vingança de Glen contra ela e sobre o que aconteceu na Gruta Azul. Quando termina, percebe que continua segurando as mãos de Russell e, que, na verdade, está apertando. Solta-as repentinamente, envergonhada de sua longa história desgraçada.

— Então, agora você já sabe — diz, com frieza. — Provavelmente, vai querer deixar para uma próxima. Sou meio ferrada.

Espera que Russell seja gentil ou diga algo do tipo que, obviamente, ela ainda não está pronta para voltar a namorar e se despeça. Mas, não; Russell pega sua mão de novo e a olha com seus olhos escuros.

— Gosto de corações partidos — diz.

Então, levando as mãos de Valentina até seus lábios, Russell diz a última coisa que ela esperava ouvir.

— E aí, tá a fim de transar agora?

Valentina fica de queixo caído.

— Vou fazer... Vou fazer você se sentir muito melhor — diz com olhar penetrante.

— Estamos no meio do dia — retruca. — E no museu de arte!

— Melhor ainda — Russell sussurra. — Sexo proibido fora de hora e de lugar é puro tesão...

Ele a hipnotiza com o brilho de seus olhos.

— E como você sugere que façamos isso sem sermos presos?

— Confie em mim — Russell pisca. — Apenas faça exatamente o que eu disser. Tudo o que tenho a dizer é que estou feliz por você estar usando um vestido hoje.

Valentina não pode acreditar que ele esteja falando sério, ainda mais depois de ouvir sua longa e dramática história de perda e desolação. Parece que ficou ainda mais interessado nela.

Depois de deixar dinheiro sobre a mesa para pagar a conta, Russell se levanta e estende a mão.

— Pronta? — pergunta com um sorriso malicioso.

Saem do restaurante de mãos dadas e atravessam o corredor, voltando para a galeria principal. A sala está lotada de turistas.

— Você quer que eu te diga o que fazer, Valentina? — Russell sussurra em seu ouvido com a voz levemente diferente.

— Sim — ela sussurra de volta, para sua própria surpresa. O comando e a segurança de Russell fazem-na se lembrar de Théo. Ainda de mãos dadas, seguem até o elevador.

— Onde estamos indo? — ela pergunta.

Russell põe o indicador sobre os lábios de Valentina, fazendo o sinal de silêncio.

Entram no elevador. Russell fica atrás de Valentina, com os braços em volta de sua cintura, puxando-a em direção a ele. Sente o pau duro de Russell contra suas costas e fica excitada com o que a aguarda. Sente-se em conflito: como pode ter verdadeiramente amado Théo e estar com tanto tesão por esse homem?

Sobem até o último andar. Russell não diz nada, apenas beija delicadamente sua nuca e passa a língua na ponta do osso da coluna. Ninguém parece notar e, se notou, ignorou. Valentina sente seus mamilos retesarem-se e se excita com a seda do vestido deslizando sobre seu corpo enquanto Russell segura sua cintura.

Quando chegam, saem do elevador e Russell mantém uma das mãos na cintura de Valentina. Caminham vagorosamente pela galeria, mas não prestam atenção nos quadros. Russell passeia os dedos pela espinha dorsal de Valentina, abaixo da jaqueta, fazendo-a estremecer. Toda a sensação está concentrada atrás: costas, bumbum, quadris e a mão que desce cada vez mais. Valentina se sente como uma das imagens de Bill Brandt, com se tivesse uma parte de seu corpo em close, intensificada.

Na terceira galeria em que entram, há uma grande sala escura para a qual Russell a conduz. Um filme está sendo projetado na parede distante. É um *loop* de imagens em preto e branco de um jovem correndo. Não há ninguém além deles naquele espaço. Quando Valentina faz menção de sentar, Russell coloca a mão sobre seu ombro e a impede.

— Espere — sussurra, sentando-se primeiro e colocando a mão no assento ao lado. Em vez de dar um tapinha na poltrona e convidá-la para se sentar, ele vira a palma da mão para cima e levanta o polegar. Os olhos de Russell transbordam de contentamento.

Essa satisfação alivia o coração de Valentina. Senta em cima da mão de Russell e a cobre com a saia. Sente o polegar invadir sua calcinha e pressionar seu clitóris com suavidade. Vira-se para olhá-lo, mas ele não corresponde: está concentrado na videoinstalação. Valentina também olha para a tela. A imagem mudou. Agora vê uma mulher em branco e preto nadando sob a água, nua.

Não presta muita atenção no significado daquela imagem; a única coisa que sente é o polegar de Russell massageando o seu clitóris. É uma sensação agradável e provocadora. É transgressor, mas não muito perigoso. Tem certeza de que pode manter o controle. Porém, um segundo depois, começa a sentir outros dois dedos de Russell explorando-a delicadamente.

De repente, a ponto de Valentina quase suspirar, Russell enfia os dois dedos para dentro e continua massageando o clitóris. As imagens no vídeo ficam desfocadas e o desejo dela cresce. Ela, então, procura levar a mão entre as coxas de Russell. Não consegue enxergar no escuro, mas sente o relevo duro e imagina aquele pau dentro de si. Os dedos dele acabam atingindo um ponto que a deixa fora de si. Ela começa a respirar devagar e profundamente, tentando se acalmar, mas não adianta. Russell circula os dedos dentro dela e continua estimulando o clitóris.

Valentina se derrete, mas não pode gozar. Não em um museu de arte. Mas não consegue se controlar. Uma parte dela odeia Russell. Está completamente sob seu poder. Ele poderia parar agora, porém ela não sabe se ficaria aliviada ou chateada com a frustração de não ir até o fim. Russell não para. Continua masturbando Valentina, levando-a cada vez mais para o limite do êxtase.

Uma imagem do vídeo prende Valentina. É a imagem colorida de uma mulher nua mergulhando em uma piscina azul-celeste e as ondulações que se formam na água ao seu redor. Fecha os olhos e vê outra piscina com ondulações se formando em volta das pernas musculosas e da bunda do seu amante enquanto ele trepa com ela. Revisita a transa que teve com Théo na piscina em Sorrento, à noite. Ouve os grilos, vê os vagalumes brilhando ao seu redor, sente o bálsamo do início de verão mediterrâneo sobre sua pele, o toque sedoso de seus corpos se misturando. Sente Théo todinho por dentro de si. Ela se contrai e o mantém lá, inteiro, enquanto explode como um vidro que explode e se projeta para fora da janela. Comprime os lábios com toda a força para não gritar.

Russell enfim tira a mão e puxa Valentina para sua poltrona sem dizer nada. Será que percebeu que ela estava pensando em Théo quando gozou? Ela se pergunta se ele pode sentir a dor que há em seu coração através das vibrações que seu corpo emite.

Nada dura para sempre.

Valentina pensa nas palavras de sua mãe toda vez que encontra Russell. Precisa parar de sair com ele antes que se apegue. Sempre que o vê, repete para si mesma que é a última vez que transarão, mas, quando ele liga, não consegue dizer não. Sabe, o sexo com ele não é convencional. A primeira transa que tiveram foi a única vez em que fizeram “sexo baunilha”, como ele gosta de dizer.

Ele confessa que a primeira coisa que o interessou quando se conheceram foi o trauma de Valentina. É muito sincero a respeito disso. Diz que não se interessa por meninas alegres, gosta das tristes. Curte mesmo garotas introspectivas, cujos rostos exprimem emoções como as nuvens que correm no céu. São elas que Russell quer pintar. Diz a Valentina que ela é uma inspiração. Que aquilo que partiu seu coração também a fez corajosa, e que ele gosta de quem se arrisca. Russell diz que está consertando Valentina. Sempre que a amarra na cama e a come, diz que ela vai se sentir melhor depois. E é verdade. Valentina se sente melhor, o que é estranho. Sente a mesma paz de quando ele segurou seus braços na Neue Galerie e impediu que atacasse Glen. Chega a gostar. Nas sessões de S&M, claro que há muito mais prazer do que dor, porém, às vezes, Russell vai um pouco além da conta. Definiram uma palavra de segurança, mas Valentina nunca a usou. É um desafio para ela porque quer ver até onde ele vai. Está fragmentada e, por mais bizarro que pareça, realmente acredita que Russell a esteja reerguendo. Se sente dor, então ao menos sente alguma coisa.

Na beira da cama de Russell há um grande busto, algo que parece um tesouro de pirata, só que pintado de verniz preto e decorado com dragões chineses vermelhos. Fica trancado com um cadeado. Às vezes, Russell coloca a chave em uma corrente que usa no pescoço. Diz que é o seu busto erótico. Na segunda noite que passaram juntos, ele mostrou o conteúdo para Valentina: algemas, vendas, mordanças, palmatórias, pequenos chicotes com franjas de couro e penas negras. Valentina fica interessada por uma macia corda branca retorcida, inocentemente largada em meio à toda parafernália de tons escuros. Nada daquilo é novidade para ela. Foi apresentada para todo tipo de *toy* sadomasoquista que existe no antigo clube de fetiche de Leonardo em Milão. Imagina o que seu amigo faria com esse tesouro. Atualmente, Leonardo parece não ter mais interesse por S&M, já que fechou o clube e, a julgar pelos e-mails intermitentes que manda da Índia, virou um tipo de guru de ioga tântrico.

Na noite em que Russell fez Valentina gozar no MoMA, viveram a primeira fantasia sadomasoquista deles. Assumiram facilmente os papéis de submissa e dominador.

Ele a amarrou na cama com a macia corda branca, de braços e pernas abertos. A sensação da corda em sua pele, imobilizando-a, foi quase agradável. Estava de costas, exposta para ele. Totalmente entregue, sentiu alívio. Tudo o que tinha a fazer era receber o que ele tinha para dar a ela.

Quando Russell se inclina sobre Valentina e olha em seus olhos, aquele olhar de menino travesso do MoMA tinha desaparecido. Agora ele a observa de modo firme, severo.

— Vou te usar esta noite — disse com olhos pretos e não mais castanhos.

Parou por um instante e colocou um lenço preto nos olhos de Valentina.

— Do mesmo jeito que você me usou hoje — completou.

— Eu...

Antes que terminasse a frase, Russell colocou um dedo sobre seus lábios.

— Você quer brincar, Valentina? — perguntou.

Ela disse que sim.

— Então, tem que ficar em silêncio. A única palavra que você pode pronunciar é a palavra de segurança. Certo? — Valentina não tinha a intenção de interrompê-lo porque quer que Russell a leve para o limite da razão.

Agora está deitada na cama, vendada, de braços e pernas abertos. A ansiedade aumenta vagarosamente. O que ela sabia a respeito desse cara? Será que ele seria capaz de deixá-la amarrada durante dias? Quando já estava pensando em gritar para pedir ajuda, sentiu um peso no colchão. Russell começou a acariciar o interior de suas coxas e foi subindo as mãos até tocar sua vagina com os dedos.

— Ah, a espera te deixou macia, suave, complacente... — sussurrou.

É verdade, ficou molhada com a expectativa. O que ele ia fazer com ela? Foder com força ou provocá-la lentamente?

— Tenho uma surpresinha pra você, Valentina — Russell disse.

Percebeu que ele se inclinou para trás e voltou rapidamente para se debruçar sobre ela. Começou sentindo algo quente em seu mamilo esquerdo. Era tão quente que quase a queimou, mas não chegou a tanto. Era um objeto duro como vidro, e ardia em seu peito quando ele o girava primeiro ao redor de um mamilo e depois do outro. Assim que Russell removeu o objeto quente, Valentina gritou de susto ao sentir a ponta gelada de um outro objeto de vidro em seu peito. Enquanto ele girava o gelado ao redor dos mamilos, ela percebeu que ele voltou a se inclinar para trás. Sentiu calor entre as pernas. Uma parte dela queria travar, mas estava amarrada, imobilizada. Não tinha escolha. Tinha que confiar nele, um homem que conhecera havia poucos dias. O aviso de Marco se repetia em sua cabeça:

Você pode se machucar ou se decepcionar. Você é muito vulnerável.

Porém, a outra parte de Valentina, o seu lado selvagem, queria que Russell continuasse. Queria aquele calor dentro de si. Lentamente, ele gira o objeto de vidro quente — que Valentina imagina que seja um bastão — em volta de seu clitóris, enquanto retira o objeto frio de seus seios, posicionando-se na parte inferior de seu corpo, de modo que Valentina sente que ele vai se concentrar em sua região mais vulnerável. Russell retira o bastão quente e repete os mesmos movimentos com o frio na ponta do seu clitóris. De repente, toda a gentileza desapareceu. Uma onda de calor intensa percorreu seu corpo quando ele enfia o bastão quente nela. Queria queimá-la? Machucá-la? Respirou fundo, mas não

disse a palavra de segurança. Russell estimulava seu clitóris com o bastão gelado e a fodia com o bastão quente. Valentina derretia-se por dentro. Estava febril com as sensações contrastantes de quente e frio, suando e tremendo ao mesmo tempo, aumentando sua tolerância e alimentando o desejo. Quando estava quase gozando, prestes a se desintegrar, ele retirou os bastões subitamente.

— Ainda não, Valentina. Lembre-se de que vou te usar.

Estava ofegante, louca para ser libertada, mas ele se movimentou na cama e, agora, ela sentia o peso dele sobre seu corpo, o pau roçando seus lábios. Instintivamente, Valentina abriu a boca.

— É isso aí, gata — disse, suavemente.

Queria fazer o melhor boquete da vida dele, mas suas mãos estavam amarradas e dispunha apenas de língua, lábios e dentes. Não conseguia sequer mover a cabeça mais do que um ou dois centímetros ou mesmo erguer o torso. Era Russell que tinha que enfiar o pau dentro da sua boca. E, uma vez entre seus lábios, ela não tinha como tirar. Sente uma pulsação no meio das pernas que acompanha o ritmo das estocadas suaves em sua boca. Com os dentes, delicadamente pressiona a ponta do pau e, projetando os lábios para frente, gira a língua em volta da cabeça, afastando a minúscula pele daquela região. O corpo de Valentina respondia a cada tremor de desejo de Russell. Enquanto lambia e chupava, sentia Russell se inclinando e enfiando os dedos dentro dela, bem fundo, como já tinha feito mais cedo no museu. Não demorou até ambos gozarem. Valentina se contorceu na cama e seu orgasmo fez com que desejasse intensamente beber Russell.

Depois que Russell a desamarrou e guardou todos os brinquedos eróticos, trancou o busto negro e a tomou em seus braços. Valentina estava exausta. Tudo o que queria era passar o restante do dia aninhada nos braços de Russell. Não queria enfrentar o mundo lá fora e pensar na falta de notícias sobre Glen ou sobre o roubo. Podia esquecer-se de tudo isso no quarto dele. Podia ignorar todos os sinais de alarme.

Russell é um amante exigente. Diz que o que realmente o excita é desempenhar seus papéis fora da cama.

— Como assim? — Valentina pergunta enquanto dividem um cigarro pós-transa na cama. Sua boceta está palpitando e suas costas estão doendo devido ao sexo bruto que acabaram de fazer. — Como no museu?

— Mais do que isso, baby — diz. — Aquilo foi só um aperitivo.

Valentina dá uma tragada e passa o cigarro.

— Estou falando do que nós chamamos de jogo do limite, ou *edgeplay* — diz, virando-se para ela.

A quem ele se refere quando diz “nós”?, ela pensa, mas acaba perguntando outra coisa:

— O que é o jogo do limite?

— É ir ao limite extremo do BDSM que praticamos, Valentina — Russell se inclina para frente e delicadamente acaricia a testa de Valentina enquanto passa o cigarro de volta para ela. É difícil imaginar que ele estava usando essas mesmas mãos para dar palmadas nela uma hora atrás.

— Como? — pergunta.

— Fazemos um acordo através do qual você concorda em se submeter a todas as exigências eróticas que eu fizer onde quer que seja.

— Em qualquer lugar?

Russell sorri.

— É por isso que é tão sexy. Pelo perigo. Posso exigir que você se masturbe enquanto estivermos jantando com amigos, ou que a gente transe no banheiro da estação de metrô Grand Central, ou que ande o dia todo por Manhattan sem calcinha... Pode ser qualquer coisa, mas o acordo é que você se obrigue a se submeter antes mesmo de saber de qual fantasia se trata. É isso que é erótico.

Russell se aproxima mais e Valentina sente seu pau endurecendo. Apesar de parecer perigoso, esses atos exibicionistas a excitam um pouco.

— Fico com tesão só de te imaginar fazendo essas coisas — Russell provoca.

Faz exatamente uma semana que a obra de Klimt foi roubada e não houve nenhum avanço no caso. Nem Glen, nem o segurança foram vistos. Segundo Delaney e Balducci, não deixaram pistas. Valentina tem vontade de ligar para eles, mas resiste. Não quer que voltem a pensar em Théo. Tenta conversar com Lori, que afirma não ter nada mais a dizer. Fala que já contou tudo para a polícia. Valentina sabe que ela está mentindo, pois repara em seus olhos inchados e vermelhos de tanto chorar e sabe reconhecer um coração partido. Lori ama Glen por alguma razão absurda, mas quando se ama alguém, você tenta proteger essa pessoa, independentemente do que ela seja ou fez. Valentina sabe muito bem disso.

É o seu primeiro dia livre desde o ensaio. Acabou a seleção das fotos. Tem uma reunião com Taylor amanhã para discutir a seleção final das imagens. Semana que vem, começará um novo projeto com Marco para a revista *Elle*. Não vê a hora de estar ocupada novamente.

Agora toma seu café da manhã no apartamento vazio de Marco e Jake, pois os dois foram viajar por alguns dias, quando o telefone toca.

— Me encontre em frente ao Met em uma hora — Russell a instrui pelo telefone. — Vista algo longo e esvoaçante.

Valentina não é do tipo que usa vestidos esvoaçantes nem achou que Russell, que gosta tanto de S&M, fosse fã de vestidos soltos e floridos. Acaba encontrando uma saia longa vermelha em um brechó na Rua 18. Usa a saia com uma blusinha de seda estilo mandarim com decote bordado e botões vermelhos que comprou em Chinatown no dia anterior. Penteia os cabelos até ficarem brilhosos como as penas negras de uma graúna, igual ao cabelo macio e elegante de sua heroína, Louise Brooks. Pinta os lábios de vermelho.

Pela primeira vez desde que chegou a Nova York, sente o otimismo de um dia de verão. Põe óculos escuros e se deleita com o calor do sol sobre seus braços nus; arde, mas é gostoso. Talvez esse lance com Russell dê certo e ela acabe ficando por lá. Poderia ir morar com ele. Pode até ouvir sua mãe dizendo, *Você enlouqueceu? Nunca dependa de um homem... É o caminho da perdição*. Ela é um pouco dramática, mas sua mãe tem certa razão.

A fachada do Met está uma bagunça, cheia de andaimes e tábuas. Russell acena para Valentina da esquina. Está segurando algo que parece um cesto de piquenique. *Então, ele também é romântico*, ela pensa. Já os visualiza comendo morangos e tomando champanhe embaixo de um salgueiro, como o casal de uma tela impressionista. No entanto, logo fica claro que ele tem outros planos. A primeira coisa que faz é tocar a saia de Valentina. Escorrega as mãos pela seda e prensa o tecido entre os dedos.

— Perfeito — diz, pegando-a pelo braço. — Queria ter dito para você também vir sem calcinha.

Valentina levanta a sobancelha.

— Bom, naturalmente, estou de calcinha.

— Tem que tirar. Anda — Russell fala de forma tão prosaica que Valentina se sente um pouco afrontada.

É um jogo, não se lembra?, Valentina diz a si mesma. *Tem que deixar rolar, se divertir*.

Entram no parque e caminham até o banheiro público.

— Entra lá, tira a calcinha e guarda na bolsa.

Valentina fica com nojo do aspecto sujo dos banheiros.

— Tenho mesmo que fazer isso?

Russell se vira, surpreso.

— Achei que você tivesse topado, Valentina — fala de um jeito que parece que ela está dando para trás. — Se não quiser se arriscar nem brincar, podemos ir pra casa. Tudo bem.

Mas a expressão de Russell diz outra coisa. Nunca voltará a vê-lo se recusar e, por alguma razão, Valentina precisa dele. Não sabe por quê.

Valentina dá de ombros e vai até uma moita.

— Vou me esconder aqui e tirar a calcinha — vira-se e dá uma piscada.

— Essa é a minha garota — Russell sorri.

Andam muito. Saem da via principal e vão para o coração do parque. Na verdade, é gostoso estar sem calcinha; sente uma brisa delicada por baixo da saia de seda. O parque está lotado, porém Russell encontra um lugar mais tranquilo, cercado de árvores e com vista para um dos lagos. Repousa a cesta sobre a grama e tira um lençol, que estende sobre o chão.

— Está com fome? — ele pergunta.

— Sim.

— Bem, você não vai comer ainda — diz, severo. — E está com sede?

Valentina diz que sim.

Russell tira um saco de gelo da cesta.

— Trouxe champanhe geladinho, mas ainda não. Quero você sóbria.

Senta no lençol e estica as pernas. Parece muito relaxado, como se estivesse tomando sol. Valentina percebe a ereção de Russell forçando o tecido da calça.

— Sente em mim — ordena.

Valentina sabe o que ele quer. É por isso que mandou que ela usasse uma saia longa e esvoaçante. Não tem nada a ver com romance ou com ele pintá-la como uma heroína vitoriana. Valentina senta nas coxas de Russell e dobra as pernas para trás como se estivesse se equilibrando sobre uma boia no mar. Ele se esfrega nela enquanto arruma a saia dela em volta deles. A saia parece um veleiro vermelho, uma piscina de sangue na grama verde. Os lábios vaginais de Valentina tocam o zíper da calça de Russell. O metal gelado em contato com sua carne vulnerável confere uma sensação de perigo.

— Põe o meu pau pra fora — diz. Mais uma vez, Valentina se surpreende com o tesão que sente quando recebe ordens de Russell.

Escorrega as mãos por baixo da saia, abre o zíper e desafivela o cinto. Libera então a rola que, imediatamente, pressiona a entrada da vagina, como se estivesse procurando por ela.

Russell a olha com olhos bem abertos, sem sorrir. Não precisa dizer mais nada. Valentina o desliza para dentro dela e ajeita a saia para ter certeza de que está tudo coberto. Ficam sentados assim durante um tempo: Russell crescendo dentro de Valentina e ela comprimindo-o.

— Devagar. — ele respira, fechando os olhos.

Ela contrai os músculos pélvicos três vezes.

— Rápido — ele sussurra, e Valentina faz três contrações curtas e velozes.

— Agora, devagar de novo — diz, sentindo em seguida três contrações lentas.

— Agora manda ver — Russell sibila com os dentes cerrados.

Valentina se movimenta delicadamente para frente e para trás, levemente, e

faz três pequenas contrações em seguida. Sente o pau duro por dentro, penetrando mais fundo. Seu coração está a mil com o piquenique imprudente que estão tendo. Seu corpo materializa a necessidade premente de transar com esse homem.

De repente, ouve vozes do outro lado da moita. Isso quebra seu transe e a traz de volta para a realidade. Que diabos está fazendo? Não estão apenas transando abertamente em público, mas ela também está fazendo tudo o que ele manda. O que aconteceu com ela? Quer parar, mas não consegue só porque Russell a manda continuar.

— De novo — Russell murmura com os olhos quase fechados. — Três vezes, lentamente.

Valentina o comprime com força. Uma, duas, três vezes; devagar e firme.

— Rápido — Russell fecha os olhos e se entrega à sensação de seu pau enterrado na boceta macia de Valentina. Uma, duas, três contrações velozes.

Ouve as vozes se aproximando e começa a entrar em pânico.

— Acho que devemos parar — sussurra. — As pessoas estão se aproximando.

— Não — Russell diz, abrindo os olhos, quase bravo. — Você não pode parar. Tem que fazer o que eu mando.

— Mas...

— Quieta! — diz, bruscamente. — Mexe do jeito que eu mandar.

Por que ela não para? É só levantar e mandá-lo ir se catar. Mas não pode. É como se estivesse colada nele. Sente o pau dele dentro de si, pulsando, como se sua boceta pertencesse a ele, como se tivesse perdido o controle sobre tudo.

— Rápido — Russell manda e Valentina pega o ritmo de novo. Seu coração está saindo pela boca de medo de serem descobertos. Sente que Russell está perdendo as forças, quase gozando. Fecha os olhos e imagina Théo. Ele está saindo do meio dos arbustos, vindo em direção a ela. Vai tirá-la de Russell e tomá-la em seus braços. Vai fugir com ela pela mata do Central Park, correr pelas águas como se fosse um deus. Valentina não terá peso, será como se ela fosse uma criança, e ele, seu herói. Água nenhuma deste mundo seria capaz de afogar o amor entre eles.

— Meu Deus, Valentina!

Sente Russell gozar e o esperma escorregar entre suas coxas. Nesse instante, perdeu Théo, que se desintegrou na sua frente. Abaixa a cabeça e é tomada pela vergonha. Não porque acabou de transar com Russell no Central Park, mas por ter feito algo que não queria realmente fazer. Em toda a sua vida, nunca tinha feito sexo quando não queria. Sente-se pequena e perdida, confusa com a própria reação.

— Valentina, você está bem? — Russell pergunta com delicadeza, deixando o

seu tom dominador de lado.

Ela fica em silêncio, não consegue olhar nos olhos dele.

Russell a traz para seu peito e a envolve em seus braços. Valentina se sente um pouco melhor.

É bom sentir o calor de Russell, sentir o seu coração batendo.

Mais tarde, à noite, Russell a amarra com cordas japonesas e Valentina volta ao seu mundo de fantasia com Théo.

Está de joelhos aos pés da cama. Seus braços e pernas estão amarrados juntos, para trás. A corda está solta o suficiente para que não fique desconfortável, mas, ainda assim, sente-se prisioneira. Russell anda em volta dela. Está usando um terno risca de giz e a única parte descoberta de seu corpo é o pé. Analisa cada milímetro do corpo nu de Valentina. Ela está cheia de expectativa. Ele a inclina para frente de modo que seu queixo toca o tapete de pele de carneiro e suas costas ficam no alto. Ele abaixa e Valentina sente os dedos dele se aproximando por baixo, tocando seu clitóris, penetrando sua vagina, buscando o seu ponto mais vulnerável, a porta de entrada do êxtase.

— Vou pegar aquilo que eu quero agora — Russell diz, friamente. — Do jeito que eu quiser e quanto eu quiser.

Ele a vira de bruços. Os joelhos de Valentina continuam dobrados e suas pernas estão no alto. Suas mãos continuam amarradas aos pés. Não é exatamente cômodo, mas o deixa continuar. Essa dominação poderosa faz com que ela se sinta melhor, pois se lembra de um jogo que fez com Théo uma vez. Russell não se despe. Valentina sente o tecido de algodão raspando atrás de suas pernas quando ele a penetra. Fecha os olhos enquanto ele remexe os quadris, circulando dentro dela. Sente-o apertar suas coxas e ir cada vez mais fundo. Imagina Théo novamente, dentro de seu corpo para sempre. De repente, Russell se foi. Valentina arqueja e, antes que possa dizer qualquer coisa, ele volta e a penetra com força e vigorosamente. Manda ver. Sem parar, estoca violentamente e tira o pau fora, voltando a meter com força, até que Valentina quase perde as esperanças, frustrada. Sempre que tenta prendê-lo com a pélvis, ele retira o pau, deixando-a vazia. Finalmente, Russell se compadece e pressiona suas coxas contra as coxas de Valentina, penetrando-a profundamente, permitindo que ela o prenda, mas não por muito tempo. Começa a se movimentar de novo, mas agora com uma cadência diferente: estocadas rítmicas e rápidas, mantendo o pau firme. Sente a urgência de Russell e imagina que é Théo, de volta do além. Ele não se afogou naquele dia. Apenas bateu a cabeça nas rochas e ficou boiando no mar até ser resgatado por uma embarcação. Aconteceu como com Jason Bourne no filme *A Identidade bourne*. Ele não sabe quem é, esqueceu-se de sua identidade.

Mas, um dia, ela vai encontrá-lo e, quando fizerem amor, ele vai se lembrar, pois o amor que sentem nunca morreu. O fogo vai se acender novamente e vão arder novamente, juntos.

Valentina está quente, mas tão quente, que é como se estivesse com febre. Comprime o pau de Russell, empina a bunda ao máximo e o escuta arfar com o calor da paixão. “Goza em mim, amor”, grita em silêncio em seu coração e, quando sente o orgasmo de Théo, não precisa gozar porque a realização de Théo é a sua realização e, dessa vez, foi tão perfeito que tem certeza de que engravidou. Vê os anos passando. Ela, Théo e o bebê. O bebê está virando uma criança. Outro bebê. E mais bebês. Que família linda que eles construiriam: Valentina, Théo e filhos alegres, de cabelos escuros e olhos azuis. Valentina e Théo vivem todas as fases do casal: maternidade e paternidade, segunda lua de mel, meia idade, velhice, até morrerem juntos.

Depois, quando volta para Russell, sua cama e seu apartamento, deitada em seus braços enquanto ele dorme, Valentina se dá conta da sua perda. Não consegue dormir e as sombras da noite vão desaparecendo pouco a pouco. Seu mundo é cinza. Théo está morto. Lágrimas escorrem silenciosamente pelo seu rosto, molhando o travesseiro; lágrimas que Valentina nunca permitiu que ninguém presenciasse. Quando amanhece, os lençóis estão encharcados. Russell acredita que é devido ao calor e suor da transa que tiveram, mas Valentina sabe que é a marca do luto, pois não perdeu apenas Théo, mas a si mesma também.

Ainda assim, lá no fundo, há uma fagulha de força, que é alimentada pelas palavras de sua mãe.

Mantenha-se ocupada, Valentina.

Uma vez na vida, faz o que Tina aconselhou. Todos os dias, Valentina se levanta e vai fazer fotos. Sua reputação progride e consegue trabalho em todas as principais revistas. É como se estivessem anunciando em cada esquina: *Valentina Rosselli está na cidade. Venham tirar uma casquinha enquanto há tempo!*

É assim que se sente, dilacerada. Mas seguir adiante é melhor do que parar. Às noites, quando precisa, vai até Russell e permite que ele a conserte do jeito que ele quer.

Tina

NAS SEMANAS SEGUINTEs à sua viagem a Berlim, Tina vê a experiência que teve como um tipo de febre. É como se tivesse sido tomada, como se seu corpo tivesse sido invadido por desejo e paixão. Se, por um lado, a traição foi horrível, por outro, por mais perverso que seja, o que Karel e ela fizeram foi bom para o relacionamento com Phil. Sente-se assolada pela culpa toda vez que olha para ele, porém, ao mesmo tempo, voltou a se interessar por sexo com o parceiro. Então, não teria essa febre sido uma febre boa, que a curou de uma doença? Seria cruel de sua parte? Karel disse que a amava. Não pode acreditar nisso. Ele é um jovem sensual e sexy. Sim, tiveram uma conexão incrível, uma química sexual inacreditável, mas, amor? Talvez tenham se amado em vidas passadas como Karel disse, mas o que conta agora é o mundo presente e é Phil que ela ama.

Na noite em que voltou de Berlim, Tina e Phil saíram para comemorar, com um pouco de atraso, o aniversário de namoro em um restaurante sofisticado de Milão. Foi uma noite romântica, que a fez lembrar-se dos primeiros anos que passaram juntos. Phil foi tão atencioso: disse a ela que estava linda e que era o centro do seu universo. A comida ficou presa na garganta. Sentia-se tão mal. Não devia ter feito o que fez. Como poderia voltar a olhar nos olhos dele? Ao final da noite, ele a presentou com um lindo anel de rubi e diamantes.

— Meu Deus, Phil! — exclamou, com o coração imerso em culpa.

— Você merece — disse. — Afinal, não somos casados e eu reconheço que, nesse estágio de nossas vidas, você fez por merecer este anel.

— Eu amei — Tina teve vontade de chorar quando ele colocou o anel em seu dedo e aproximou-o da luz da vela para ver o brilho.

Seu corpo continuava ardendo com todos os efeitos secundários de Berlim, a sensibilidade à flor da pele. Mal podia esperar para tocar e ser tocada. Sentiu o desejo pelo seu parceiro desabrochar novamente.

Em casa, Tina foi até a cozinha, pegou uma garrafa de champanhe da geladeira com uma mão e, com a outra, puxou Phil pela gravata até o quarto. Ele a olhou cheio de expectativa, excitado com a intenção dela.

Tina o sentou na cama, abriu a garrafa e encheu duas taças que tinha deixado ao lado da cama mais cedo.

— Este é o meu presente para você — anunciou, dando um gole e deixando a luxúria espumante descer pela garganta.

Seu corpo era novamente seu. Depois de estar com Karel, voltou a ser a Tina que sempre foi. Sentia-se quente, sedutora e desejada.

— Você pode olhar, mas não pode tocar — ela avisou. — Ainda não.

Foi até o armário e ligou o som, que já estava preparado com uma fita cassete. Os *riffs* da guitarra de Jimi Hendrix explodiram no quarto: *Foxy lady*. Phil deu um sorriso de orelha a orelha quando escutou a música porque também se lembrava. Quando se conheceram, era essa a música que estava tocando no rádio enquanto Tina dirigia feito uma lunática no centro de Milão.

Começou a movimentar os quadris no ritmo da música, olhando-o diretamente nos olhos, acariciando o próprio corpo por cima da roupa. Levantou a saia do vestido até as coxas para mostrar a cinta-liga e abaixou as alças do ombro. Lentamente, abriu o zíper, deixando que a peça de roupa escorregasse pelo corpo até cair no chão. Phil a olhava com tanto desejo que Tina quase se jogou em cima dele, mas queria provocá-lo um pouco mais, transformar o momento em algo especial. Estava usando o tipo de lingerie que Phil adora: sutiã preto rendado e calcinha minúscula, cinta-liga, meia sete oitavos e salto alto. Dançou para ele com sua lingerie sexy, exibindo os seios, o bumbum, no ritmo perfeito. Andou em direção a ele e virou-se de costas.

— Tira o meu sutiã— ordenou.

Phil abriu o sutiã com os dedos pegajosos.

Tina virou-se e deixou o sutiã cair, enfiando os seios na cara de Phil. Ele tentou tocá-los, mas Tina recuou.

— Sem tocar! — desaprovou.

Dançou mais um pouco e começou a descer os dedos até a borda da calcinha, puxando-a pouco a pouco para os lados, mostrando cada vez mais. Olhou para o chão, fazendo-se de tímida, imaginando que esta seria a primeira vez entre eles de novo. Girou e ficou de costas para ele. Com as pernas esticadas, Tina se inclinou, empinando o bumbum para o alto, e arrancou a calcinha de uma só vez, se oferecendo para ele. Ouviu Phil gemer e, quando se virou de volta, viu que ele tinha abaixado as calças e liberado o pau, já duro e sequioso. Tina sorriu, envergonhada, dançando em direção a ele só de meias e salto. Enfim, permitiu que a tocasse, abaixando seu rosto para que ele a beijasse. O desejo de Phil fluiu através de seus lábios e Tina percebeu que tinha negado o amor de seu homem por tempo demais. Não entendia por quê. Sentou-se sobre as coxas de Phil, deixando que o pau dele roçasse o seu umbigo.

Phil beijou-a com tanta paixão que ela quase ficou sem ar. Abraçou-a um pouco e Tina recuou, saindo de cima dele. Phil fez cara de pânico, com medo de que ela desistisse. Mas quem poderia culpá-lo? Quantas vezes nos últimos dois anos ela deu as costas para ele na cama? Sorriu para que Phil voltasse a ganhar

confiança, pegou a taça e deu um gole. Em seguida, ajoelhou-se e, sem engolir, colocou o pau dele na boca, deixando-o sentir a efervescência do champanhe. Lambeu-o e acariciou-o. Quando olhou para cima, viu que ele arquejava e a observava com adoração. Levantou-se de novo, segurando o pau dele. Enquanto o acariciava com uma mão, tirou uma camisinha da gaveta da cômoda ao lado da cama. Colocou-a delicadamente, beijou-o e, em seguida, sentou-se sobre ele e enfiou o pau para dentro de seu corpo. Quando olhou para ele, viu lágrimas em seus olhos.

— Oh, Tina — sussurrou. — Senti tanto a sua falta.

Tina sentiu seu coração acalmar quando percebeu que o amor e a necessidade que Phil tinha por ela alimentaram o seu amor. Não podia entender por que o rejeitou durante os dois últimos anos, mas, agora, queria fazer a coisa certa. Sentia-se grata a seu jovem amigo de Berlim. Karel fez seu corpo despertar novamente, devolvendo sua confiança e deixando-a sexy e atraente para Phil. Percebeu como o sexo é importante para mostrar a um homem o quanto ele é amado.

Caem na cama e, juntos, voltam no tempo para a primeira vez em que transaram, quando seus corações estavam repletos de esperança e expectativa, cheios de sonhos para o futuro. Será que ficarão juntos para sempre?

Quando olha para trás, Tina chama as deliciosas semanas que tiveram depois de sua chegada de Berlim de segunda lua de mel. Tina e Phil fizeram amor todos os dias, às vezes logo que acordavam, às vezes à noite, às vezes em plena tarde se estivessem em casa. Da noite para o dia, Phil parecia um novo homem: acordava feliz de manhã em vez de se enfiar no escritório para fumar; até deixava de escrever um pouco nos finais de semana para levar Tina e Mattia para passear em Veneza, Florença e até Roma. Estava superatencioso, presenteava Tina com flores e lingerie, dizia o tempo todo que ela era linda e o quanto a amava.

Tina estava imersa neste êxtase, queria Phil mais e mais. Ocasionalmente, pensava em Karel, pensava que tinha que descobrir quando seria o seu concerto em Viena. Não tinha se esquecido de sua promessa e, quando a hora certa chegasse, contaria a Phil que tinha um amigo de Berlim Oriental que precisava de ajuda para desertar. Tinha certeza de que Phil o ajudaria. O que iria acontecer depois que Karel fugisse, bem, não queria pensar nisso. Porém, o mínimo que podia fazer era ajudá-lo a encontrar a liberdade. Tina devia isso a ele.

Em um dia, toda aquela harmonia se foi. Fazia um mês que tinha ido a Berlim. Ela folheia o jornal pela manhã quando lê a manchete:

Violoncelista da RDA tem o direito de viajar recusado. Turnê internacional cancelada.

Imediatamente, tem certeza de que se trata de Karel. Lê a matéria, que é curta e informa que a RDA proibiu um de seus mais pródigos músicos socialistas, Karel Slavik, de deixar a Alemanha Oriental para se apresentar em Viena, em 17 de outubro. O jornalista escreve que a proibição se estenderá por sete anos. Acredita-se que as autoridades do Estado da Alemanha Oriental suspeitam que ele estava planejando fugir para o Ocidente.

Sente-se enjoada quando lê a matéria. Evidentemente, ela não comentou com ninguém sobre a proposta de fugir que fez a Karel e, quando falou sobre isso com ele no apartamento, foi debaixo do chuveiro. Ainda que Karel estivesse sendo monitorado, certamente não conseguiriam ouvir a proposta que Tina sussurrou com ambos sob a água!

Gira a colher na xícara de café sem parar, tentando pensar em uma forma de ajudá-lo, mas sabe que não adianta. Pobre Karel. Sabe o quanto ele desejava essa liberdade, apesar de fingir ser um defensor ferrenho do regime socialista na RDA. Dá uma mordida na brioche, toma um gole de café e não se sente bem. Tenta engolir o pão, mas sente ânsia de vômito. Corre para o banheiro e vomita. Agacha-se e coloca a mão na testa. Não está com febre, apenas enjoada. *Deve ser o choque com a história de Karel*, pensa. O que mais poderia deixá-la enjoada daquele jeito? De repente, senta com tudo no chão do banheiro e leva a mão até a boca, desesperada. Tenta se lembrar de quando menstruou pela última vez, faz as contas. Mesmo sem ter ido ao médico, sabe que está grávida, pois é exatamente assim que se sentiu quando engravidou de Mattia: enjoada e com os peitos inchados. O bebê só pode ser de Karel porque ela e Phil se protegeram todas as vezes que fizeram amor desde que Tina voltou de Berlim e, antes da viagem, não transavam havia meses. Começa a tremer de medo. O que deveria fazer? Como será que Phil reagiria se ela contasse? Como podia esperar que ele não a rejeitasse? Será que conseguiria esconder isso e fazer um aborto? Não, apesar de a gravidez poder destruir sua família, Tina não pode pensar em tirar o bebê. Percebe que a quer (já sente que é uma menina). Espera que Phil possa aceitar a bebê e o que ela significa, aceitar que ela não é a mulher que finge ser, a amante e parceira dedicada. Não, não é nada disso. É uma mulher que destrói coisas e que machuca aqueles que ama. Espera que ele possa perdoá-la porque não consegue imaginar sua vida sem Phil.

Valentina

É UM DOS jogos favoritos de Russell. Ele prende Valentina em uma cadeira: afasta as pernas dela, amarra os tornozelos nas pernas da cadeira e prende os braços atrás das costas. Coloca uma mordaca em sua boca. Isso significa que ela não tem como dizer a palavra de segurança e deve confiar totalmente nele. Tem uma onda de pânico quando vê Russell circulando pelo quarto com os pés descalços e o torso nu, só de jeans, examinando-a. Estão no apartamento de Marco e Jake. O casal continua viajando e Russell insistiu para que “batizassem” o lugar.

Valentina não gostou tanto da ideia. Sentia que era mais fácil se submeter no apartamento dele, acessando o mundo sexual encantado onde encontrava Théo. Mas aqui, neste espaço, com todos esses cacarecos e enfeites de animais, parece estranho. Tentou explicar isso a Russell, mas ele insistiu que é exatamente por isso que quer fazer um sexo mais perverso na casa de Marco e Jake.

— Quanto mais inapropriado, Valentina, maior o limite.

Estavam bebendo uma garrafa de vinho e conversando no sofá quando falavam sobre isso.

Valentina queria tanto voltar para o esconderijo de Russell, para o seu belo apartamento, decorado com peças de design, mas totalmente sem alma.

— Como você consegue manter aquele apartamento no Chelsea? — Valentina pergunta, subitamente curiosa. — É da sua família?

— Não — balança a cabeça. — É de... — parou para lamber os lábios — uma pessoa com quem tenho amizade.

— Ah, então não é seu.

— É meu. Ela me deu.

Valentina repousou a taça sobre a mesa e virou-se para Russell.

— Ela?

Russell respira fundo, girando os olhos.

— Valentina, sempre fui claro quanto a não termos um relacionamento de exclusividade, não?

— Claro — tenta soar o mais suave possível. — Até onde sei, sequer estamos namorando. Apenas gostaria de saber quem é ela.

— É uma amante, uma amante rica. Ela é casada, mas seu marido sabe de tudo.

Bebe um bom gole de vinho e dá um sorriso atrevido.

— Na verdade, ele gosta de assistir.

— E onde eles estão agora? — Valentina perguntou, imaginando se essa mulher rica exigiria que ela participasse de um *ménage à trois* com ela e o seu gigolô.

— Eles passam a maior parte do ano em Los Angeles. São muito ricos, Valentina... Então, cuido do apê de Nova York. Fico com o apartamento enquanto jogar o jogo deles. Todo mundo ganha.

Enquanto falava, Russell deitou-se no sofá. Sabia se virar. Olhou para Valentina e deu um de seus sorrisos magnéticos de modelo. Parecia ter tudo: aparência, carreira, grana, talento, apartamento descolado no coração de Manhattan. O que mais ele poderia querer? No entanto, por trás daquele sorriso falso, Valentina pôde ver que ele era tão ferrado quanto ela. Notou uma contração no canto do olho enquanto ele falava a respeito dos seus benfeitores. Havia uma tensão no corpo dele e, sem que precisasse dizer, ela percebeu que, de alguma forma, ele estava emocionalmente ligado ao casal rico. Será que era apaixonado pela esposa? Não tinha como conseguir aquilo que realmente queria, era um mero escravo? Russell desejava a vulnerabilidade de Valentina porque isso fazia com que ele se sentisse melhor. Entendeu que, apesar do que ele dizia, as sessões que faziam não eram para o bem dela, mas para o bem dele também. Para seu espanto, não ficou brava com ele. Pelo contrário, sentiu pena. Teria se levantado e mostrado a porta da rua, porém, quando Russell pegou a cadeira e a colocou no meio do quarto de forma tão teatral, abrindo os braços e oferecendo o lugar para Valentina sentar, ela não rejeitou. Deixou que a amarrasse.

Russell se ajoelha à sua frente e começa a correr as mãos por dentro de suas coxas. Já tinha instruído Valentina a não usar calcinha. Ela passou o dia todo em um ensaio de moda em Long Island usando um vestido sem nada por baixo. Sentiu como se estivesse quebrando um tabu sagrado. Não podia negar que se sentiu excitada.

Russell começa a tocá-la. Desliza os dedos indicador e médio para cima e para baixo entre os lábios vaginais, um de cada lado, tocando as pontas no clitóris. Valentina está com tanto tesão e tão molhada que, se não estivesse atada à cadeira, com certeza iria cair no chão de tanto prazer. Russell lambe os dedos antes de massagear novamente o clitóris. Valentina sente-o posicionar um dedo de cada lado do seu clitóris e torcê-lo. A sensação é tão incrível, tão intensa e excitante. Russell a puxa da cadeira, expondo totalmente sua bunda. Aperta-a com uma das mãos, enquanto continua passeando os dedos da outra pela vagina, massageando-a. Desliza um dos dedos para dentro dela ao mesmo tempo em que acaricia delicadamente o clitóris com o dedão, estimulando-a ainda mais.

Valentina está fora de si, logo chegará ao ápice. Não consegue se controlar e goza, seu corpo quer explodir as amarras. Ele sorri e continua a masturbá-la, levando-a a outro gozo. Finalmente, Russell para, coloca-a de volta na cadeira e se levanta. Começa a tirar as amarras.

— Você gostaria de ser uma virgem para mim, Valentina? — Russell pergunta com os olhos escurecidos.

Não sabe ao certo o que ele quer dizer. Será que ele quer que ela se vista com uma camisola de renda branca e o deixe violentá-la?

Russell tira a mordaca de sua boca.

— Como assim? — pergunta, ofegante.

— Quando nos conhecemos, eu não disse que iria consertá-la? — pergunta.

Valentina diz que sim.

— Sendo assim, você tem que me deixar entrar em cada pedacinho seu, Valentina — observa-a como um falcão.

— Acho que ninguém comeu a sua bundinha ainda — diz, passando a mão nas nádegas de Valentina. Ela fica vermelha e se levanta.

— Acho que não quero. Não parece certo fazer isso aqui na casa de Marco e Jake.

— Por que não? — pergunta, desafiando-a. Pega Valentina pela mão e a conduz para fora da sala, abrindo a porta do quarto de Marco e Jake.

— Na verdade, deveríamos fazer na cama deles — diz, entrando no quarto com ela.

— Não — Valentina diz com firmeza. — Eu realmente acho que não devemos.

— Você está me desafiando, Valentina? — Russell pergunta.

Ela morde os lábios, sem saber o que dizer. Sente que é errado fazer isso na casa de Marco e Jake, ainda mais na cama dos dois. No entanto, uma parte sua também quer quebrar as regras, como disse Russell. Quer saber como ele se sentiria comendo-a de um jeito diferente. Antonella diz que faz sexo anal com Mikhail o tempo todo e que ambos adoram. Imagina sua amiga artista exibicionista usando uma de suas roupas pervertidas de S&M, com os seios de fora, meia arrastão, chicote e lábios grossos pintados de vermelho. O que Antonella diria de seu caso com Russell? Por algum motivo que Valentina desconhece, acha que Antonella não iria gostar dele.

Enquanto divaga por seus pensamentos, Russell a empurra em direção à cama. Ela está quase cedendo quando o interfone toca.

— Ignore — Russell diz, apertando-a com força.

Valentina hesita. O interfone toca novamente.

— Acho que devo atender — diz, tirando as mãos de Russell.

Ele se joga na cama.

— Ok. Quem quer que seja, diga para ir embora, não deixe ninguém vir aqui. Estou te esperando...

Quando Valentina volta para a sala, ouve alguém bater na porta. A pessoa que estava tocando o interfone subiu até o apartamento. Rapidamente, coloca o vestido que tinha deixado no sofá e espia pelo olho mágico. Não pode acreditar em seus olhos, é Leonardo que está ali. Não hesita nem por um segundo e escancara a porta.

— Leonardo!

Ele está diferente: mais magro, mais velho, com os cabelos mais curtos e mais escuros. O luxuoso ar mediterrâneo se foi e deu lugar a um homem delgado, castigado e amarrotado. Parece ter dado a volta ao mundo várias vezes, não apenas uma.

— Você está aqui! — ele dá um sorriso radiante.

É o mesmo sorriso, os mesmos olhos que a acalentam e a fazem sentir tão segura.

Puxa-o porta adentro e se abraçam. Tem muita vontade de beijá-lo, mais especificamente nos lábios, mas claro que não faz isso.

— O que você está fazendo aqui em Nova York? — pergunta.

— Pensei em passar um tempo aqui... — lambe os lábios. — Foi o Marco que sugeriu.

— Ele nunca me disse nada! — fica surpresa por Marco e Leonardo estarem se comunicando.

— Valentina, por que está demorando tanto? — Russell chama do quarto de Marco e Jake.

Leonardo levanta as sobrancelhas e faz cara de interrogação.

— Obviamente, não vim em um horário apropriado. Volto mais tarde.

Valentina fica totalmente vermelha, sem saber como se explicar.

— Eu mandei você vir aqui, sua vadia! — Russell ordena com a sua mais maligna voz de dominante.

Leonardo não diz nada, apenas olha para ela. Valentina não consegue olhá-lo nos olhos.

— Desculpe, você tem razão. Não é uma boa hora... — gagueja, ansiosa. Tem que voltar pra Russell.

Leonardo repara na cadeira no meio da sala, nas amarras no chão, na mordaca. Olha novamente para Valentina. Pega seu braço e examina-o. Não tinha percebido antes, mas está coberto de marcas. Seus pulsos têm as marcas das amarras que Russell usou para prendê-la na cadeira. Talvez tenha apertado

demais. Pega o outro braço, que está no mesmo estado.

— O que aconteceu com você, Valentina? — Leonardo pergunta com uma voz suave, mas seus olhos castanhos assumem uma expressão brava e severa.

— Não é nada— Valentina tenta repelir Leonardo. — Quero dizer, você deveria saber — diz defensivamente.

Por que Leonardo está agindo assim? Foi ele quem a apresentou para o mundo do S&M. Por que essa hipocrisia agora?

— Você nunca gostou de nada pesado, Valentina — diz, examinando-a melhor.

— Valentina! Eu te mandei vir aqui! — Russell rosna do quarto.

— É melhor você ir — Valentina diz a Leonardo, sentindo-se humilhada. — Me diz onde está hospedado que vou te ver assim que puder.

— Não — Leonardo diz, com firmeza. — Acho que é ele quem tem que ir.

— O quê?

Fica chocada com as palavras de Leonardo. Tenta achar uma resposta.

— Leonardo, é muito bom te ver, mas estou terminando algo.

Leonardo respira.

— Valentina, não estou em Nova York por acaso. Estou aqui por sua causa.

— O que você quer dizer?

— Marco escreveu para mim porque está preocupado com você... Disse que você não é mais a mesma, que está muito nervosa com a reaparição do tal de Glen. Vejo que ele tem razão.

— Estou ótima — sente-se afrontada por seus amigos discutirem sua vida pelas suas costas. Sabe que Marco não gosta de Russell, mas foi longe demais ao procurar Léo.

— Você tem sorte, pois ele poderia ter ligado para Antonella pedindo que ela viesse para cá! — Leonardo diz.

— Não sou uma criança que precisa de cuidados — diz, percebendo que soa rabugenta.

— Que porra é essa? — Russell diz, parado na porta do quarto de Marco e Jake, com seu 1,90 m, cabelos desgrenhados e sem camisa. — Quem é esse cara?

— Meu nome é Leonardo.

— Bem, você se importaria de passar mais tarde, parceiro? — Russell põe as mãos em volta de Valentina, demarcando o território.

— Não vou a lugar algum — Leonardo diz, amigavelmente. — A não ser que Valentina queira que eu vá embora.

Os dois olham para Valentina. Sente o peso dos braços de Russell em seus ombros, suas unhas encravadas no seu braço, beliscando-o, machucando-o até.

Está me intimidando. Valentina está a ponto de dizer para Leonardo ir. Mas quando olha para ele, lembra-se de todas as vezes que esteve ao seu lado. Lembra-se de como cuidou dela depois que Théo morreu. De como ele sempre esteve ao seu lado quando realmente precisou, como agora.

Tira o braço de Russell de seus ombros.

— Acho que você deve ir, Russell — diz, sem olhá-lo nos olhos.

— Tem certeza, Valentina? — ameaça. — Porque, se eu for, acabou. Você sabe como gosto que as coisas sejam.

— Sim, eu sei como você gosta que as coisas sejam. Gosta de garotas com coração partido. Não foi isso que você disse?

Leonardo olha para o outro homem com cara de desdém.

— Não sou seu brinquedinho, Russell... — diz, tentando se reerguer, recuperar o amor-próprio e a dignidade.

Russell pega a camiseta e enfia na cabeça. Está furioso.

— Não finja que não gostou — ele diz, contrariado. — Você me usou tanto quanto eu te usei — aponta o dedo. — Eu sabia que você fantasiava sobre o maldito do seu namorado morto quando estava comigo. Não negue! Você ficava tão entusiasmada quando gritava o nome dele... — ele se vira para Leonardo e dá um sorriso maldoso: — O sexo é sempre melhor com garotas ferradas como Valentina. Aproveite!

Russell vai embora, batendo a porta do apartamento com força. Valentina fica paralisada. Está completamente chocada com o que ele acabou de dizer, talvez porque seja verdade. Gostava do que faziam justamente porque podia ficar com Théo através das fantasias sexuais. Agora que Russell se foi, realmente terá que deixar Théo partir.

— Tudo bem, Valentina — Leonardo aperta sua mão. — É melhor deixá-lo ir. Valentina não sabe se ele está falando de Russell ou de Théo.

Tina

ASSIM QUE CRUZA a travessia Heinrich-Heine-Strasse começa a nevar, como que marcando sua entrada para um mundo mais frio e mais cruel. Sabe que os cidadãos da RDA pensam assim. Na verdade, pensam que o Ocidente é um lugar da maior brutalidade, uma sociedade na qual cobra come cobra e o que vale é a lei do mais forte. Aqui na RDA, o Estado protege, pois os cidadãos sempre terão casa e trabalho. Cuida-se da população. Para Tina, esse cuidado nada mais é que uma forma de controle. Se quiser ser diferente e expressar seus sentimentos livremente, ninguém vai cuidar de você. Vai ter que dormir ao relento.

Espera que Karel esteja bem. Está preocupada pelo motivo que levou ao cancelamento de sua turnê e que o proibiu de sair da RDA durante sete anos. Da última vez em que esteve aqui, ele era o queridinho do regime, apoiado e paparicado (carros com motorista, festas após os concertos). Será que o contato que teve com ela teria encorajado Karel a dizer o que pensa? Poderia estar na prisão do Stasi? Fica enjoada só de pensar, mas não conseguiu obter nenhuma informação. Pegou o endereço de Lottie na agência de modelos que a *Vogue* contratou em Berlim e escreveu para ela, pedindo que perguntasse o endereço de Karel para Sabine. Lottie respondeu dizendo que não via mais sua prima, nem a visitava em Berlim Oriental. Não entrou em detalhes, mas foi clara ao dizer que as duas brigaram e que não tinha como a ajudar.

Tina está grávida de quatro meses, mas ainda não aparenta. Mesmo assim, está na hora de contar a Karel que será pai. Quando descobriu que estava grávida, achou melhor não contar nada, mas foi Phil quem a convenceu a contar. É inacreditável como seu parceiro tem sido incrível a respeito da gravidez. Phil está pronto para assumir a filha de outro homem e criá-la como se fosse sua, sem nunca sugerir uma outra opção.

Claro que, assim que contou que estava grávida, cerca de uma semana após descobrir, quando não aguentava mais esconder a verdade, Phil ficou louco. Xingou-a de tudo quanto é nome: vagabunda, puta, vadia. Desapareceu do apartamento. Tina realmente acreditou que nunca mais voltaria a vê-lo. Nunca se sentiu tão mal em toda a vida. Arrastou-se até a cama e se enfiou debaixo das cobertas, chorando.

Mas Phil voltou cinco horas depois. Estava pálido e abalado. Sentou na beira da cama e confessou que também tinha escorregado. Uma única vez. Tinha sido no ano anterior, quando não transavam havia muito tempo e ele estava realmente

frustrado. Uma noite, ficou bêbado com uma doutoranda visitante dos Estados Unidos e uma coisa levou à outra. Ficou arrasado pela traição e sentia-se culpado.

— Está brava comigo por eu ser tão hipócrita? — perguntou, consternado.

Tina o agarrou e abraçou-o com força.

— Nem um pouco, estou aliviada. Não sou a única pecadora, então!

Beijou-o com ternura.

— Como posso culpá-lo sendo que te evitava o tempo todo? Sei que tem necessidades.

Phil olhou para ela um pouco envergonhado.

— Do jeito que você fala, parece que sou um homem das cavernas — disse.

— Todos nós somos primitivos nesse assunto.

— Bem, pelo menos não engraidei ninguém, né? — Phil fala com um pouco de raiva. — Não posso acreditar, Tina, você sempre foi tão cuidadosa.

Tina abraçou os joelhos e olhou para Phil com arrependimento.

— Não sei como pude ser tão idiota... Sinto muito, Phil.

Ele a envolveu com seus braços.

— Também sinto muito por ter te traído — sussurrou.

Depois de contar toda a história para Phil, teve a impressão que ele sentiu mais pena do que ciúmes de Karel.

— Coitado do menino. Obviamente, ficou fora de si quando te conheceu.

— Como assim?

— Você não tem a menor ideia do seu poder, né?

— Nem vem, Phil. Não sou nenhuma *femme fatale*. Sou como qualquer outra mulher.

Phil olhou em seus olhos com sinceridade profunda.

— Tina Rosselli, você está longe de se comparar a qualquer outra mulher que eu conheça.

Beijou-a na testa e ficou pensativo por um instante.

— Tina, você deveria contar a ele que terá um bebê. Ele tem o direito de saber.

Queria que Phil fosse visitar Karel com ela, mas ele se recusou. Disse que não seria justo.

— Mas você confia em mim? — perguntou, intrigada por ele estar tão tranquilo a respeito de sua visita.

— O que eu faria com o amor que tenho por você se não confiasse?

* * *

Não tem o endereço de Karel, mas pensa que se lembrará do caminho. Se subir a Alexanderplatz, pode ir pela mesma rua que pegaram quando foram para o apartamento dele naquele dia. No entanto, agora ela está no meio da Alexanderplatz e não sabe para onde ir. Fecha os olhos e respira. Flocos de neve caem sobre o seu rosto gelado e sobre seus cílios. Quando volta a abri-los, os flocos derretidos parecem lágrimas. Lembra-se daquele dia maravilhoso em setembro e, então, consegue identificar as ruas, mesmo que estejam cobertas de neve. Olha para a torre de TV e lembra-se de que o apartamento fica à direita e para trás. Já sabe o caminho.

A calçada está escorregadia por causa da neve. Caminha com cuidado para não cair, protegendo-se com o casaco. O enjoo da manhã já passou, mas não se sente tão disposta quanto antes. Anda com dificuldade pelas ruas sombrias. O percurso parece levar o dobro do tempo em comparação àquela vez. Finalmente, chega a uma rua que reconhece. Tem certeza de que é aqui. É o prédio da esquina. Para no portão e junta as mãos cobertas com luvas. Não sabe se deveria ter vindo, mas agora é tarde demais. Tem que ir até o final.

Passa pelo portão de entrada e chega ao hall do prédio. Não está tão aquecido lá dentro. Sobe até o primeiro andar. Lembra-se de que Karel mora no apartamento do lado esquerdo. Fica aliviada ao ver o nome dele na porta. Ele continua lá, o que significa que não foi expulso. Toca a campainha e espera. E se Karel tiver saído? Não tinha pensado nessa hipótese. Está frio demais para ficar esperando parada na porta. De repente, escuta passos do lado de dentro do apartamento e, antes que chegue a entrar em pânico, a porta é aberta.

Karel fica sem palavras. De queixo caído, olha para Tina em choque.

Tina receava que ele a tivesse esquecido, mas a reação dele prova o contrário.

— Tina! Meu Deus — puxa-a para dentro do apartamento. — Me dê seu casaco e venha para o fogo; você deve estar congelando.

Tina treme, mas não é de frio. Está com medo do que tem a dizer ou da reação dele. Não quer machucá-lo. Assim que Karel abriu a porta, Tina se lembrou do que a atraiu tanto: não foi apenas o seu rosto eslavo perfeito, sua altura e sua força, mas sua iniciativa, uma qualidade selvagem que combinava muito bem com sua vulnerabilidade irresistível. Uma qualidade que não demonstrava em público, já que vivia na RDA, mas que era muito clara na intimidade. Karel é romântico.

Ele tira o pesado casaco de neve de Tina e pendura-o atrás da porta, conduzindo-a até a sala, que está com a lareira acesa. Do lado de fora, a neve se intensificou; parece uma nevasca. Tina tem a sensação de que estão presos no

apartamento dele.

— Algo para beber? Café?

Desde que engravidou, não suporta o gosto de café.

— Você tem chá?

— Sim, claro. Vou procurar.

Desaparece na cozinha.

— É tão bom te ver — diz, ao longe.

Tina se acomoda no sofá, arrumando lugar entre partituras e cadernos. A sala está bagunçada, mas é aconchegante. Novamente, tem aquela sensação de se sentir em casa, exatamente como se sentiu na primeira vez em que esteve aqui. Tina fica vermelha quando se lembra de que fizeram amor nesse mesmo tapete em que está pisando agora. Provavelmente, foi ali que sua filha foi concebida. Onde já se viu fazer um bebê com uma pessoa na primeira vez que dorme com ela?

Karel sai da cozinha com um bule fumegante e o coloca sobre a mesa de centro. Volta para a cozinha para pegar xícaras e pires.

— Me desculpe, mas não tenho leite — diz.

— Não tem problema.

— Em compensação, tenho muito açúcar — brinca, oferecendo o açucareiro. Tina despeja três colheres cheias na sua xícara e dá um gole.

— Então, tudo bem? — pergunta animado, como se tivessem se visto recentemente.

— Tudo bem — ela cruza as pernas e se inclina para frente. — Mas, Karel, me diga por que a sua turnê foi cancelada. Por que o proibiram de viajar durante sete anos?

Karel fica assustado.

— Foi um mal-entendido — diz, tenso.

Então, pega um caderno e um lápis que estavam sobre o sofá, escreve algo e passa para Tina.

Não diga nada a respeito da turnê. Estou sendo monitorado.

Tina pega o lápis da mão de Karel

Por quê?

Karel apoia o caderno nos joelhos e escreve:

Depois do chá, vamos dar uma volta, ok?

Tina olha para a nevasca. Dar uma volta lá fora não parece uma boa ideia, mas imagina que eles não têm outra opção se querem privacidade.

Karel a leva para o parque. De luvas, anda de mãos dadas com ela pela trilha de neve. Não há quase ninguém na rua, a não ser algumas crianças brincando de

trenó. Assim que se afastam de possíveis olhares e ouvidos, Karel começa a falar.

— Agora é seguro conversarmos.

— Meu Deus, Karel. O que aconteceu? Você está correndo perigo?

— Não, não — ele a acalma. — Estou apenas sendo vigiado.

— Mas o que você fez?

Karel coloca as mãos nos bolsos e olha para Tina:

— Cometi um erro, compus uma canção de amor — diz, quase orgulhoso de si mesmo.

— O quê? — fica confusa. — Mas qual perigo pode haver em uma canção de amor?

— Compus uma canção romântica demais... Eles não gostaram disso.

— Qual o problema de música romântica?

— É vaidosa, sentimental, burguesa. O grande Lênin me disse pessoalmente que a arte pertence ao povo. Minha música não pertence a mim, portanto devo escrever o que eles querem.

— O que aconteceu, então?

— Disseram que eu não podia tocá-la. Não aceitei.

— Oh, Karel... Era só uma música.

Novamente, Tina viu um brilho de impulsividade em seus olhos.

— Não era só uma música para mim. Era sobre você.

Tina fica muda de espanto. Nunca tinham escrito uma música para ela.

— Não achei que fosse grave — Karel parece levemente arrependido. — Mas pelo visto era, já que cancelaram a turnê... Me proibiram de viajar. Acho que o verdadeiro motivo não tem nada a ver com a música. Acho que viram uma semente de descontentamento em mim e, talvez, a tentação de estar no exterior me subverteria e eles perderiam seu estimado músico.

— Você teria desertado?

Karel olhou furtivamente ao seu redor, mas só se ouvia o som dos galhos das árvores balançando com o peso da camada de neve.

— É claro que sim — sorri.

Em seguida, pega a mão de Tina e olha para ela. Seus olhos brilham como ônix com a neve branca ao fundo.

— Estou tão feliz em vê-la! Pensei muito em você nas últimas semanas. Tinha esperanças de que viria.

Tenta beijá-la, mas ela o evita. Karel se surpreende com a resistência.

— O que foi, Tina?

Ela balança a cabeça, sem saber por onde começar.

— Por que veio me ver se não quer ficar comigo?

— Você escreveu uma música para mim? — Tina sussurra, evitando a pergunta. — Nem acredito.

— Por que você não acreditaria? — Karel a questiona. — Eu disse que te amava.

— Achei que você tinha dito aquilo no calor do momento.

Karel olha para Tina com a cabeça inclinada para o lado.

— Nunca disse isso a nenhuma outra mulher.

Tina é atingida em cheio por essas palavras. Não devia ter vindo, está enchendo Karel de falsas esperanças.

— Por favor, não diga que aquela noite não foi especial — continua a falar, preocupado.

Tina fecha os olhos e respira. Não vai mentir para ele.

— Foi a noite mais incrível da minha vida, Karel.

Karel fica aliviado e aperta sua mão com força.

— Por que não voltamos para minha casa e corremos atrás das semanas perdidas? — propõe.

— Não seremos ouvidos?

— Quem se importa com eles? Deixe que escutem. Não me importo.

Começa a levá-la por uma ladeira coberta de neve para pegar um atalho até a entrada do parque, mas Tina crava seu salto no chão e o força a parar.

— Por favor, espere... Preciso te contar uma coisa.

Tina gagueja um pouco, mas tem que acabar logo com isso.

Karel se vira e a observa com ansiedade. Tina não consegue achar as palavras certas, mas, sem que ela precise dizer alguma coisa, Karel parece saber. Olha para sua barriga e para seu rosto com cara de interrogação. Tina balança a cabeça afirmativamente. Ele tropeça na neve, vibrando de felicidade. Toma Tina em seus braços e a abraça intensamente. Em seguida, coloca as mãos com luvas sobre seu ventre.

— Você está esperando nosso filho — sussurra. — Nosso amado bebê!

Não era essa a reação que Tina estava esperando. Achou que ele ia questioná-la, duvidar que o bebê fosse seu. Achou que Karel não iria querer saber da criança, especialmente quando descobrisse que ela e Phil estão firmes. Tinha se convencido de que o propósito desta viagem era apenas informá-lo de que estava esperando uma filha sua. Não estava preparada para encontrar tanta alegria e comoção.

— Achei que você devia saber — Tina diz, de repente.

Karel dá um passo pra trás e olha para ela, intrigado. A neve está caindo sobre sua cabeça desprotegida, cobrindo seus cabelos escuros de branco.

— Achei que você devia saber que estou esperando um bebê seu — Tina

repete, sem saber como se explicar.

— Então é por isso que você veio me ver?

— Sim. E porque eu estava preocupada com você.

Karel fica pensativo.

— E esse bebê, que você acha tão importante que eu saiba que exista, chegarei a vê-lo? Quem sabe até chegarei a fazer parte de sua vida?

Tina fica muito sentida. Não devia ter dado ouvidos a Phil. Não devia ter vindo aqui hoje. Phil pensou que Karel fosse um cara como outro qualquer, irresponsável e aliviado em saber que alguém cuidaria do seu problema por ele. Não Karel.

— É claro que vai — Tina fala com delicadeza.

— E o que você sugere que eu faça, Tina? Lembre, não posso deixar a RDA durante sete anos. Tenho a impressão de que você não gostaria de viver aqui... Então, o que me resta?

— Posso visitar você e trazer a criança, e você pode escrever e solicitar uma autorização para viajar por razões familiares. Nunca negaria os seus direitos de pai.

Karel balança a cabeça. Vira-se com os olhos em chamas.

— Por que você tinha que me contar? Não vê que isso vai me torturar?

— Me desculpe... Apenas achei que você devia saber...

Ele fecha os punhos e cobre os olhos.

— Não posso suportar. Sinto como se estivessem me arrancando a própria vida. Sou um prisioneiro em minha própria casa.

Tina sente compaixão por Karel. Dá um passo em direção a ele e tira o punho de seus olhos.

— Não perca a esperança — ela sussurra enquanto abre cada um de seus dedos. — Aquele muro não vai existir pra sempre.

— Ele já está de pé há 23 anos. Como você pode ter certeza de que não serão mais 23 anos? Quantos anos meu filho terá?

— Karel, vou te contar tudo sobre nossa criança... Viremos visitá-lo...

Karel continua balançando a cabeça e Tina não sabe se seu rosto está banhado de lágrimas ou molhado de neve.

— Não — ele diz. — Não fale sobre mim para o bebê. Não venha. Prometa-me. Será pior se você fizer isso.

— Mas...

— Você continua com o seu namorado? — interrompe-a, vermelho de nervoso.

Tina olha para o chão coberto de neve.

— Sim — fala como quem se sente culpada.

— E ele sabe?

— Sim — Tina tosse. — Ele aceitou.

— Bom, ao menos nosso filho terá um pai, ainda que não seja eu — desenterra o pé da neve e começa a se afastar.

— Karel, pare! Por favor!

Tina escorrega e, na afobação, se desequilibra e cai de costas na neve. Sente uma dor forte e grita. Karel corre até ela.

— Você está bem? — diz, inclinando-se.

— Minhas costas estão doendo, mas acho que sim — diz, sentando.

Karel se abaixa e a pega no colo.

— Tudo bem, eu consigo andar — recusa a ajuda.

— Você não vai andar até chegarmos ao meu apartamento e verificarmos se você está bem mesmo. Você está carregando algo precioso agora. Não podemos correr nenhum risco.

Karel fica tão lindo quando está sério... Ele a carrega pelo parque com cuidado para não escorregar. Tina fica com o coração partido de vê-lo dessa forma; não por ela, mas pelo pai que ele seria. Seria um pai maravilhoso, como seu próprio pai, como Phil. Enfia a cabeça no peito de Karel e tenta guardar o seu cheiro na memória.

De volta ao apartamento, Karel tira todas as partituras do sofá e a acomoda, cobrindo-a com uma manta. Alimenta o fogo da lareira e vai até a cozinha preparar mais chá. Quando ele volta para a sala, Tina se sente aconchegada e segura de novo.

— Acho que estou bem — diz.

Ele se senta ao seu lado e começa a tatear suas costas, perguntando se dói em algum lugar.

— Não, está tudo bem — começa a rir quando Karel faz cócegas.

— Bom, não quero que nada aconteça por causa do meu chilique.

— Não foi um chilique — Tina o defende instintivamente. — Você ficou transtornado.

Olham-se nos olhos por um momento longo.

— Antes de ir embora — Karel diz, quebrando o silêncio —, quer ouvir a música que compus para você?

— Você pode tocá-la agora?

— Claro que posso — diz.

Karel pega o violoncelo, senta em uma cadeira e o posiciona entre as pernas. Tina se lembra de como ele a posicionou entre as pernas quando fizeram amor e de como ele a tocou com os dedos. Parece que foi um sonho, que aconteceu em

outra vida e não há quatro meses. Karel dedilha as cordas para afinar o instrumento.

Tina quer muito registrar esse momento. De repente, sente que precisa tirar uma foto de Karel. Estica-se no sofá, pega a bolsa e tira sua câmera.

— Posso tirar uma foto sua? — pergunta.

Karel para de ajustar o violoncelo e olha para Tina, surpreso.

— Claro.

— Finja que não estou aqui. Continue o que você estava fazendo.

Karel volta a afinar o violoncelo e, quando termina, respira profundamente, como se estivesse tomando fôlego para subir uma montanha correndo. Tina capta o momento exato, o momento em que Karel olha para ela logo antes abaixar a cabeça para começar a tocar. Sabe que será um de seus melhores retratos antes mesmo de revelar a foto.

Karel começa a tocar e Tina deixa a câmera de lado. No início, não ouve a música, só consegue prestar atenção nele. Nota seu corpo se mexendo suavemente ao ritmo da música, a paixão que imprime no movimento dos braços, a concentração marcada em seu rosto. Ele é tão sublime, tão intenso, que Tina teme por sua sobrevivência. Sabe que ele é raro. As notas de seu amor por ela penetram em seu coração e a transportam de volta para o momento em que o conheceu. Foi amor à primeira vista. Não importa o quanto Tina negue, sabe que ela também se apaixonou. Essa constatação a deixa confusa porque também ama Phil. É possível amar dois homens ao mesmo tempo?

Esse dilema desaparece à medida que o som do cello a arrepia por inteiro. A música reverbera em seu corpo como um grito de acasalamento. É como se a criança que carrega estendesse a mão quando ela se levanta e fica parada na frente de Karel. Enquanto ele toca, Tina tira a roupa. Joga o suéter no chão e desabotoa a blusa. Abre o zíper e deixa a saia cair, ficando só de botas, meiacalça e sutiã. Karel não para, continua tocando, só que olhando para Tina com saudade infinita. Não precisa de partitura, sabe a música de cor. Tina pensa em quantas vezes ele deve ter tocado essa música, esperando que ela voltasse para ele. Agora que está aqui, seu instinto a manda sentir aquela proximidade novamente, quer que se tornem um só: ela, ele e a bebê. Solta o sutiã, que escorrega pelos seus seios, também tira as botas e as meias. A sala está aquecida com a lareira, mas Tina está tremendo.

Nunca ouviu o final da música porque, diante de seu corpo nu, Karel joga o arco no chão e deixa o violoncelo de lado. Pega Tina nos braços e a carrega até o quarto.

Karel e Tina viajam no tempo. Vão para um tempo onde só eles existem em um lugar onde são livres. Karel entra fundo dentro dela, tocando um lugar tão

sagrado e sensível que os dois choram quando gozam.

Em seguida, enquanto ficam abraçados na cama vendo a neve cair do lado de fora, Tina sabe que, dessa vez, não contará para Phil. É o mínimo que pode fazer por Karel.

— Quando o muro cair... — ela sussurra

— Se o muro cair — Karel a corrige, acariciando seu braço.

— Se o muro cair, virei até você. Vou trazê-la comigo.

— Você acha que o bebê é uma menina?

— Sim.

— Como nos encontraremos?

— Se o muro cair e abrirem as fronteiras, virei encontrá-lo cinco dias depois, na primeira fronteira que abrir. Estarei esperando lá por você, ao meio-dia, e trarei sua filha, aconteça o que acontecer.

— Disse para você não falar de mim... — Karel se lembra, desviando o olhar, com a voz embargada.

— Não vou falar... Você poderá contar pessoalmente quando encontrá-la após a queda do muro.

— Você sabe que esse dia pode não chegar — ele sussurra, virando-se para ela com o olhar muito triste.

— Sim, mas temos que ter esperança. Não deixe de ter esperança.

— Vou dar um jeito — Karel diz quando Tina está adormecendo, de modo que, depois, ela não tem certeza se ele realmente disse isso ou se estava sonhando.

— Eu vou encontrar minha filha...

Valentina

VALENTINA ACORDA CEDO. Seu corpo ainda não se acostumou totalmente ao o fuso horário de Nova York. Desliza para fora da cama e olha o relógio sobre a cômoda: seis da manhã. Salta de susto quando vê o clarão de um raio e, segundos depois, escuta trovejar. A chuva cai intensamente. Olha para Leonardo, que dorme tranquilo apesar da tempestade. Se aproxima e beija a testa de seu amigo. É inacreditável que ele realmente esteja aqui, dormindo em sua cama. Ontem à noite, adormeceram juntos, como antigamente. Dois amigos, sem sexo nem obrigações. É um alívio tão grande depois de todas as exigências que Russell fazia.

Seu caso com Russell já é história do passado. Quando se lembra, é como se fosse outra garota. Ao olhar para Leonardo, vê que precisa dele. Decide que não vai deixá-lo fugir para a Índia desta vez.

Anda pelo quarto na ponta dos pés e veste o quimono. Na cozinha, pega um grande copo-d'água da jarra da geladeira. A água gelada tem um gosto doce e percorre seu corpo. Boceja e espreguiça. Há muito tempo que não se sentia tão bem.

— Bom dia!

Valentina quase cospe a água de susto. Leonardo está de pé, diabolicamente sexy, apenas de cueca.

— Nossa, achei que você estivesse dormindo profundamente — diz.

Leonardo pega o copo da mão de Valentina e dá um gole.

— Hora do meu treino matinal — ele diz.

— Ioga?

— Quer fazer comigo?

Mais um raio cai lá fora e a chuva se intensifica.

— Ah, não sei... — Valentina se espreguiça.

— Você é quem sabe — Leonardo dá de ombros, andando pela sala e acendendo um incenso que tira de uma de suas malas no corredor.

Valentina segue Leonardo, que estende sua esteira de ioga sobre o tapete turco. Não consegue deixar de reparar em como ele está muito mais tonificado do que da última vez em que o viu. Está mais magro, mas é puro músculo. Vê a força das pernas e das costas de Léo quando ele se abaixa.

Impulsivamente, ela tira o quimono e veste uma camiseta que pega de uma

das malas de Leonardo. Ele dá um olhar de aprovação.

— Pode usar minha esteira se quiser, fico no tapete. Já fez a saudação ao sol?

Valentina balança negativamente a cabeça.

— É só me acompanhar.

Leonardo fala suavemente, dando instruções e ressaltando a importância de respirar devagar e profundamente com a barriga. Fala dos fechos: fecho da raiz, assoalho pélvico... Valentina não entende muito bem o que ele quer dizer. A ioga é mais física do que imaginava. Leonardo faz a saudação ao sol, depois algumas outras posições e, pouco tempo depois, Valentina está suando. Apesar de seu esforço para acompanhá-lo, a sensação de estar focada em seu próprio corpo é tão gostosa que nem pensa em Russell, Théo ou no mistério envolvendo Glen. Tem que viver o presente.

Repetem uma série de posições, quase não descansando entre uma e outra. Achou que ioga fosse algo lento e sutil... mas a que estão praticando não é nada disso. Finalmente, Leonardo diz para deitarem-se de costas. Pede a Valentina que feche os olhos e relaxe inteira, membro por membro, osso por osso. Sente como se estivesse afundando no chão do apartamento, como se seu corpo não fosse feito de matéria sólida, mas de puro líquido. Deixa-se levar pela corrente.

Valentina não sabe quanto tempo fica deitada, mas quando volta a si, ouve uma voz de mulher cantando suavemente um cântico espiritual. Senta-se de frente para Leonardo, que está no sofá, na posição lótus, comendo uma laranja e a observando.

— Está se sentindo melhor? — ele oferece metade da laranja.

Valentina diz que sim, pegando a laranja e chupando-a até seu sumo explodir dentro da boca.

— Você estava muito tensa — comenta. — Nunca tinha te visto assim.

— Assim como? — quer saber.

— Tão... — Leonardo tem dificuldade em achar a palavra — travada.

Sente-se aliviada, pois, enfim, alguém entende o grande medo que tem de intimidade.

— Tem razão — diz, vestindo novamente o quimono. — Pensei que se fizesse coisas absurdas com Russell, como transar em público e deixá-lo me amarrar, eu me libertaria.

— E você se libertou? — Leonardo pergunta.

— Você sabe qual é a resposta... É claro que não. Só fiquei com mais receio ainda de intimidade — molha os lábios. — Obrigada por me salvar na noite passada.

— De nada — diz, abrindo espaço para ela, de modo que os dois ficam aninhados no sofá.

— Me conta de você. Como foi na Índia?

— Incrível — Leonardo conta. — Sou outro homem.

— Praticou muita ioga?

— Sim. Agora sou professor de vinyasa ioga e tantra.

— O que é tantra? — Valentina arregala os olhos de curiosidade.

— Dentre muitas outras coisas, o tantra pode ser uma forma diferente de fazer amor — conta. — Não se resume ao ato sexual em si, mas em abrir o coração, o que é feito libertando o corpo sexualmente.

Leonardo oferece-lhe outra meia laranja.

— Sexo tântrico é o êxtase mais intenso que se pode experimentar. Sadomasoquismo não chega nem perto.

Valentina apoia a cabeça no peito de Leonardo. Ele está com cheiro de laranja e do aroma cítrico do incenso que estava queimando.

— Você me libertaria? — Valentina sussurra. — Me mostraria os segredos do sexo tântrico?

Leonardo se inclina para trás e olha para ela.

— Não vim aqui para transar com você, Valentina. Vim porque me importo com você como minha amiga. Todos estão preocupados com você.

— Eu sei — ela dá um meio sorriso. — Mas preciso que você me ajude a aprender a amar de novo... Por favor.

Ele a olha em silêncio. Valentina pode ver o apego que Leonardo tem por ela, até amor. Valentina precisa desse amor. Quer voltar a senti-lo.

— Ok — ele concorda com voz suave. — Se é o que você realmente quer.

Valentina dá um beijo no rosto do amigo.

— Ok — ela diz, aninhando-se em Leonardo de novo. — O que fazemos agora, então?

Ele ri:

— Calma aí! Simplesmente cair na cama para dar uma rapidinha quando der vontade não vai curar nada... É preciso começar pelo começo. Quero levá-la de volta para dentro do seu corpo, para que você se descubra e se ame, pois essa é a melhor forma de dar e receber amor.

— Tá — ela diz, impaciente. — E por onde começamos, então?

— Começamos — enquanto fala, Leonardo afasta Valentina de seu peito — dando uma volta.

— Vamos sair? — ela pergunta, surpresa.

Valentina olha pela janela do apartamento. Já parou de chover. O sol está ardendo impiedoso lá fora. Antevê a fumaça subindo pelas ruas e sente o cheiro do aroma intenso das folhas e flores molhadas.

— Sim — Leonardo afirma enfaticamente. — Você está livre hoje?

— Sim, Marco só volta amanhã. Temos mais um ensaio com a *Vogue* na quinta — vira-se para Leonardo e pega as cascas de laranja do sofá. — Vamos fotografar no High Line. Estava pensando em dar um pulo lá hoje.

— Perfeito — Leonardo diz. — Vamos lá.

Leonardo se senta em uma das grandes espreguiçadeiras de madeiras do High Line e pergunta:

— Ouviu falar do grande assalto a banco?

— Não — Valentina responde, escorregando ao seu lado.

Seu corpo é quente e continua com cheiro de laranja.

— Parece que tem alguma ligação com o roubo na Neue Galerie — conta.

É a primeira vez que Leonardo toca diretamente no assunto desde que chegou.

Valentina fica tensa. Delaney e Balducci não a procuraram mais. Sente que perderam o rastro da tela de Klimt.

— Como? — pergunta.

— Bem, os ladrões invadiram vários sistemas de banco. Exatamente na hora seguinte ao roubo do quadro, centenas de membros da gangue circularam pela cidade fazendo saques em caixas eletrônicos que chegaram a 4 milhões de dólares — Leonardo explica.

— Então teria sido uma manobra para atrair a atenção da polícia e evitar que notassem os saques?

— Exatamente — Leonardo diz. — Na verdade, nunca quiseram o quadro. Provavelmente, será encontrado em alguma caçamba em uma ruela do Soho antes do final da semana. Não vale nada para eles, pois não teriam como vender.

Valentina franze a testa.

— Me parece um pouco demais — diz, pensando em Glen. Não a espanta que seu inimigo tenha se metido com uma gangue criminosa. Apesar de seu aspecto impecável, sempre achou que, no fundo, ele era um gângster.

— Sim, mas pense... — Leonardo diz. — Roubaram milhões enquanto os policiais se mobilizavam para achar o quadro. Deu certo.

Olha para um dos jardins do High Line. Não resiste e fica bolando possíveis enquadramentos. Imagina uma das modelos, uma garota do Vietnã de estrutura diminuta entre os antigos trilhos, rodeada de verde, com um leve desfoque ressaltando o pano de fundo.

— Como você se sentiu quando viu Glen de novo? — Leonardo pergunta com a voz baixa.

Sente um nó no estômago.

— Queria matá-lo — diz, apagando instantaneamente a imagem que estava em sua mente.

— Posso entender — Leonardo diz. — Valentina, você tem que tentar esquecê-lo.

— Já esqueci — despista, mas está mentindo.

Encosta em Leonardo e sente o osso do quadril dele tocando sua pele. Sente-se lânguida e sensual deitada sob o sol. É bom sentir o corpo de um homem ao lado do seu. Esta é a hora do dia em que ligaria para Russell. Está tão perto de seu apartamento, a um ou dois quarteirões apenas. Felizmente está com Leonardo. Não sabe se cairia em tentação ou não.

Vira-se para o amigo.

— E aí, você vai revelar os segredos do tantra para mim? Vamos transar o dia inteiro, a noite inteira e o dia seguinte sem gozar?

Leonardo sorri, satisfeito.

— Adoro quando você fala de sacanagem, Valentina — pisca. — Mas, sério, tantra é muito mais do que sexo lento. Quando se pratica, o sexo pode se tornar um meio de contato com o seu núcleo, seu mundo interior e seu eu silencioso.

Valentina dá um bocejo de brincadeira.

— Parece um pouco chato, querido.

Leonardo se inclina e aperta a cintura de Valentina, que dá um gritinho de susto. Começa a fazer cócegas embaixo de seus braços.

— Para! Para!

— Estou te ensinando a não ser desrespeitosa, sua safada.

Valentina se contorce, mas Leonardo não para de fazer cócegas nela. Os passantes olham para eles, mas Valentina não liga porque Léo a faz rir. Fica eufórica com a tensão que libera do corpo. De repente, ele se abaixa e a beija de leve nos lábios. Valentina olha para ele. Agora, está sério.

— Vou cuidar de você, Valentina.

— Você sabe que não preciso de cuidados, Leonardo.

— E você sabe que não estou falando literalmente.

Senta-se e cruza as pernas sobre as pernas de Léo.

— Vai, diz qual é a primeira chave para liberar o meu eu tântrico.

— Primeiro, tenho que te contar qual o segredo do tantra.

Leonardo cruza os braços e Valentina examina sua pele, bronzeada e brilhosa como madeira encerada depois de alguns meses na Índia.

— O segredo do tantra é manter a energia sexual dentro do seu corpo e não liberar no orgasmo, como normalmente fazemos.

— Mas não é justamente nisso que está o prazer do sexo? Em chegar ao orgasmo?

— Não. Essa energia sexual que permanece dentro do corpo é revitalizada e é assim que alcançamos um êxtase mais intenso.

— Continuo sem entender. Você está falando uma linguagem codificada.

— Veja, no tantra, claro que podemos direcionar a energia sexual do jeito comum, que é pelo orgasmo, mas também podemos redirecioná-la para ter mais energia, mais amor. A ideia é “ser” mais do que “fazer”. Assim, por meio do relaxamento em vez da tensão, nós nos abrimos e nos expandimos. O sexo pode se tornar um arrebatamento total, um êxtase completo de corpo, mente e alma, ao passo que o sexo comum foca apenas um ponto de liberação.

Agora, Valentina está curiosa.

Andam pela High Line, por entre aromas de flores da primavera e a grama verde, pelas tábuas de madeira e acima das ruas caóticas. É quase uma analogia com o que Leonardo acaba de dizer. Toda a correria para chegar a um dos lugares lá embaixo é como o sexo obcecado por um objetivo que impera na Idade Moderna. Sexo não é realmente sexo se não acaba em orgasmo. Quem disse? Há outros caminhos para a paixão avassaladora? O High Line simboliza o tantra de Leonardo: repleto de paz interior, movimento externo, energia fluindo pelo corpo de Manhattan através das antigas linhas de bonde, algo antigo, simples e urbano transformado em algo novo, uma opulência de maravilhosa natureza.

Leonardo pega sua mão e entrelaça seus dedos.

— Então, essa é a primeira chave. — Leonardo diz. — Quando se faz amor tântrico, é normal ficar de olhos abertos. Os olhos são um poderoso canal para a energia sexual.

— Acho difícil conseguir ficar excitada quando meus olhos estão abertos — Valentina conta. — É mais fácil me soltar quando estou com eles fechados

— Você falou em se soltar... No tantra, isso é a última coisa que você quer fazer. Você quer estar mais consciente, mais presente para o seu amante.

Valentina se lembra das sessões de sadomasoquismo com Russell, de como ela quase sempre queria ser vendada para não ter que ver o rosto dele e, em vez disso, imaginar Théo, perdendo-se em fantasias com o seu falecido amor.

— O contato visual com o amante é uma arte em si — Leonardo explica. — Você tem que mudar a forma de olhar. Normalmente, olhamos de dentro para fora, mas no tantra a ideia é tentar olhar de fora para dentro: seus olhos seriam como janelas que se abrem e recebem. Quando se olha para o amante deste jeito, você se permite ser vista.

Leonardo para em frente a uma árvore jovem com folhas verde-claras e vibrantes.

— Olhe para esta árvore — diz. — Olhe de verdade para ela, para o verde saudável de suas folhas e para sua vitalidade. Agora, feche os olhos.

Valentina olha para a árvore. Está balançando levemente com a leve brisa no alto do High Line. Fecha os olhos.

— Pode abrir os olhos de novo — Leonardo avisa. — Pense que você não está mais olhando para a árvore, mas é a árvore que está te olhando.

Valentina abre os olhos e imagina que está sendo observada pela árvore. A ideia é ridícula, mas Leonardo está certo, tudo parece diferente. Sente sua energia verde vital preenchendo-a, imagina que está absorvendo sua seiva doce e viva.

— É incrível — sussurra.

Leonardo está sorrindo.

Agora, ele para à frente dela, bloqueando sua visão da árvore, e pousa as mãos sobre seus ombros. Valentina olha para ele.

— Agora, olhe nos meus olhos do mesmo jeito, suavemente. Permita-se ver e ser vista. Convide-me para dentro de você com seus olhos.

Valentina olha nos olhos de Leonardo. Primeiro, foca mais em seu olho esquerdo, concentrando-se para receber o calor de seus tons castanhos-quentes. Em seguida, observa o olho direito e percebe que há um tom castanho levemente diferente, que é um pouco mais claro, com pigmentos verde-escuros. Esse olho não é tão bonito quanto o outro, mas Valentina sente que lhe causa mais impacto. Ficam a poucos centímetros de distância, como se fossem feitos de pedra; pessoas vagueiam ao redor e desaparecem. Valentina sente que poderiam ficar parados em sua minúscula nuvem em um céu de desejo. Já deitou com Leonardo várias vezes. Ele sempre foi um amigo com quem transa, mas nunca sentiu tanto desejo por ele como agora, só de olhar em seus olhos. Não precisa dizer, não precisa contar o quanto o deseja. Ele pode ver isso nos olhos dela. Valentina não sabe quanto tempo passam se olhando assim. Estão em seu próprio círculo de luz. Finalmente, Leonardo tira as mãos dos ombros de Valentina e abaixa a cabeça, quebrando a ligação entre eles.

— Consegue entender como fazer amor cara a cara e com os olhos abertos enche o sexo de sensualidade?

Ela aquiesce, um pouco abalada com a repentina tensão sexual entre eles. Como é que podia querer tanto transar com Leonardo só de olhar em seus olhos? Resolve conferir:

— O que isso tudo tem a ver com me libertar, Leonardo?

— Você tem feito sexo com a cabeça e é por isso que tem se machucado tanto. Quero levá-la de volta para o seu corpo, Valentina, pois ele é o caminho para curar o seu coração.

— Então, essa é a primeira chave... Os olhos?

— Sim, é isso. Simples, porém mais erótico do que acreditamos. Olhe nos

olhos da pessoa com quem estiver transando.

Pegam um táxi de volta para o apartamento onde Leonardo está hospedado. Ele conta que é de um tio que está morando em Dubai e o emprestou. Valentina fica feliz ao constatar que fica a menos de cinco minutos a pé do apartamento de Marco, perto do Gramercy Park. É parcamente decorado. Leonardo explica que o tio tirou todas as suas coisas para deixar espaço livre para ele. No momento, há um futon no chão da sala e cortinas de seda cor-de-laranja com bordados na janela. No futon, há lençóis e toalhas vermelhas. Ao lado do futon, há um vaso com duas grandes plumas negras de avestruz que lembram as plumas da tela de Klimt.

— Então, Valentina — Leonardo desafia —, vou preparar um pouco de chá. Você gostaria de uma massagem yoni em seguida?

Ele a convida para sentar no futon.

— O que é massagem yoni?

— Yoni é vagina em hindi. Acho que o nome é autoexplicativo.

— Oh... Não sei... — hesita.

— Tem alto poder de cura — ele a tranquiliza — e é suave, não machuca.

— Não é isso, é que.... Me sinto um pouco exposta...

— Mas já não fizemos amor tantas vezes? Já conheço tudo, minha amiga.

— Mas você não vai aproveitar porque toda a sua atenção estará voltada para mim. Assim eu me sinto um pouco egoísta.

— Acredite, estarei aproveitando, Valentina. Quando faço massagem, não estou preocupado com a técnica; foco em mim mesmo e na alegria de tocar e dar. É tão prazeroso para mim quanto para você.

Léo olha para Valentina de um jeito que ela tem certeza de que não está mentindo. *Ele me ama*, ela pensa. Em vez de ficar preocupada com isso, sente-se mais forte. Precisa do amor dele.

— E então — Leonardo diz, passando uma xícara de chá de menta para Valentina cinco minutos depois: — Pronta?

O sol da primavera entra pelas janelas da sala tântrica de Leonardo. Ele se senta no próprio eixo e se alonga como uma pantera. Valentina volta a se sentir como no High Line. Não deseja se sentir melhor ou até mesmo fingir que está com Théo. Deseja Leonardo.

— Pronta.

Valentina está deitada de costas na cama vermelha. As cortinas estão fechadas, apenas alguns poucos raios de luz atravessam o tecido. Leonardo acendeu velas

nos cantos da sala. Além da cama, há um difusor com óleo perfumado. O aroma exótico apimentado invade o cômodo, fazendo-a relaxar ainda mais.

Ela se envolve em um sarongue de seda vermelha, sem nada por baixo. Leonardo está ao seu lado na cama, de joelhos. Também veste um sarongue vermelho amarrado na cintura. Olha para ele, um pouco tensa, sem saber o que esperar da massagem yoni. Está com medo de não conseguir se controlar e gozar logo, estragando tudo.

— Devo ficar com os olhos abertos, olhando pra você? — pergunta.

— Você que sabe. Porém, como é a primeira vez, talvez deva fechá-los para se concentrar em si mesma e nada mais. Libere as sensações do seu corpo, não se preocupe comigo.

Valentina fecha os olhos e Leonardo começa. Ele tira o sarongue dela como se a estivesse desabalando. A seda escorrega pelo corpo e Valentina fica totalmente nua. Leonardo massageia seus ombros. Suas mãos ficam escorregadias com o óleo perfumado. Desce as mãos pelos dois braços, tirando a tensão de suas mãos, dedo por dedo. Massageia suas coxas, suas pernas, seus pés, sua barriga, indo da área pélvica até os seios. Valentina acredita que ele encheu as mãos de óleo perfumado, pois seus seios estão banhados em óleo. Sente que vai se abrindo de coração enquanto Leonardo massageia cada um de seus seios, passando as mãos por eles de forma ágil. Por um instante, começa a entrar em uma fantasia, um sonho no qual passa a lua de mel com Théo no Marrocos. Seu marido está massageando seu corpo com óleos, mas, de repente, Valentina corta a imaginação. Diz para si mesma que ela é que tem de viver aquele momento, experimentar as sensações com o próprio corpo.

Não sabe dizer durante quanto tempo Leonardo massageia seus seios, porém, quando ele pede para que Valentina se vire, ela está inteiramente relaxada. O toque suave dessa massagem penetrou sua solidão muito mais do que todas as sessões de S&M que teve com Russell. Agora, Leonardo massageia suas costas e vai descendo pela coluna, desde a nuca até o bumbum. Valentina percebe que ele se movimenta e, em seguida, sente carícias deliciosas. Deve estar usando as plumas. Valentina nunca imaginou que a sensação de plumas em contato com a pele poderia ser tão intensa, tão poderosa. Ele escorrega uma pluma de cada vez pelas suas costas, aumentando a velocidade até sua pele latejar com a sensação do movimento, como se fossem milhares de beijinhos de borboleta sobre seu corpo nu.

Leonardo retira as plumas e derrama mais óleo quente perfumado sobre as costas dela, massageando para que penetre na pele. Valentina sente que não é uma massagem comum. É como se ela e o seu massagista fossem uma unidade, como se todas as sensações de seu corpo fossem transmitidas a ele e voltassem

para ela em seguida. Leonardo faz pressão sobre suas costas com as mãos e, então, deita em cima dela, mas não solta todo o peso. Valentina se surpreende com a sensação da pele nua de Leonardo, surpreendentemente macia, em contato com a sua.

Lentamente, Leonardo vai desgrudando do corpo de Valentina e todo resquício de tensão que existia dentro dela desaparece.

— Vire-se de novo, por favor — Leonardo pede, suavemente.

Valentina abre os olhos e, por um breve instante, quando está se virando, vê Leonardo a olhando de um jeito que nunca olhou para ela. É um olhar de profundo amor e compreensão. Fecha os olhos, comovida com aquela expressão. Leonardo fica ao seu lado, de joelhos. Volta a acariciar seus seios, seu ventre. Levanta um pouco a perna esquerda dela, apoiando-a sobre sua coxa, virada para fora. Agora, Valentina está totalmente revelada. Ele lambuza a pele dela com óleo, passando também na vagina, acabando com o receio de Valentina expor-se demais. Tudo se funde em uma única sensação deliciosa de óleo escorregadio misturado à sua própria seiva.

Sente-o massagear o monte de vênus e os lábios externos de sua yoni. Leonardo não se apressa, gentilmente pressionando seus lábios externos, para então deslizar para cima e para baixo pelos lábios internos. É incrível. Escorrega, desliza, para cima, para baixo, de novo, mais. Nunca sentiu nada parecido.

Acaricia delicadamente o clitóris, girando os dedos no sentido horário e no anti-horário, pressionando-o em seguida. Valentina está imersa em seu próprio êxtase, em sua entrega. Leonardo derrama mais óleo e Valentina sente o cuidado com o qual ele enfia o dedo na sua yoni. É como se ele estivesse tentando explorá-la por dentro, massageando cada uma de suas células internas. Não há expectativa de término da massagem, nem de orgasmo. Leonardo está levando o tempo necessário, sentindo-a para cima e para baixo, de lado, variando a profundidade, a velocidade e a pressão. O corpo de Valentina cantarolando, como se sua alma emitisse uma música que nunca ouviu antes. Agora, sabe que ele deve estar tocando aquilo que chama de ponto sagrado, o ponto G. Leonardo mexe de um lado para o outro, para frente e para trás e, ao mesmo tempo, faz círculos em seu clitóris de novo. Valentina está pulsando profundamente, tremendo; como se um beija-flor estivesse batendo asas dentro de seu corpo. Não consegue mais se controlar e goza com o toque de Leonardo.

— Continue respirando — ele sussurra.

Valentina quer parar, já foi suficiente, mas Leonardo continua a massagem.

— Não desista — incentiva. — Continue respirando.

Valentina mergulha novamente na sensação do toque de Leonardo e desacelera a respiração. Ele continua a massagear o seu ponto sagrado e o

clitóris ao mesmo tempo. Valentina sente uma pulsação profunda que vem de dentro de seu ventre e goza de novo. Leonardo não para de massageá-la e Valentina tenta estabilizar a respiração, mas está arrebatada de sensação e emoção. Goza de novo, só que, dessa vez, o orgasmo é ainda mais intenso do que os outros dois. Agora não tem mais controle nenhum e, cada vez que goza, o êxtase é maior. É como se um orgasmo puro viesse da raiz de sua própria sexualidade, sem necessidade de fantasias sadomasoquistas para excitá-la, nem fantasias com Théo e com o amor que ela tinha por ela. Isto é amor e aceitação do próprio ser.

Gradualmente, Leonardo remove o dedo de dentro de Valentina, sempre acariciando suas coxas e sua barriga. Ela continua vibrando por dentro. Abre os olhos e Leonardo está olhando para ela, sorrindo levemente. Valentina se senta e abraça o parceiro.

— Obrigada — sussurra.

Já é tarde. O sol deve ter se posto, pois a sala está escura e cheia de sombras. As velas piscam, algumas já queimaram até o fim. O quarto está repleto com o aroma dos óleos que Leonardo usou em seu corpo. Sente-se lânguida, mas extremamente excitada também. Deitam juntos no colchão, de frente um para o outro, com os corpos levemente separados, sem nenhum contato físico.

— Você quer saber qual a segunda chave, Valentina? — Leonardo pergunta, desafiador.

Ela está louca para saber, seduzida pelo brilho escuro dos olhos obsidianos de Leonardo.

— É a respiração — ele revela. Respire devagar e profundamente enquanto estiver fazendo amor, ao invés de respirar de forma breve e rápida. O efeito da respiração na energia sexual é absurdo.

Valentina nunca tinha pensado na forma como respirava até praticar yoga com Leonardo pela manhã. Agora, sente-se aberta para tentar algo novo.

— Quero que esqueça que estou deitado aqui olhando para você. Feche os olhos. Quero que foque sua atenção em inalar e exalar, em sentir sua respiração, direto do diafragma.

Fecha os olhos. Se estivessem em Milão, Valentina teria provocado Leonardo por falar em sentir a respiração, mas a massagem yoni teve um profundo efeito de abertura nela. Sente que a porta de um novo mundo se abriu. Um jardim secreto cheio de êxtase e amor que já visitou com Théo, mas só por acaso. Queria que ele estivesse aqui para que dividissem esse momento.

Pare de pensar, apenas respire.

Ela mesma se instrui. Sente sua barriga se movimentando para dentro e para

fora, e imagina que está seguindo um caminho circular em seu corpo, começando pelo bumbum, passando pela coluna, cabeça, percorrendo a parte anterior de seu ventre e chegando até o meio das pernas. Depois de alguns minutos, sente-se mais relaxada, seu rosto vai relaxando, assim como seus maxilares. Abre a boca e emite um suave “o”.

— Abra os olhos, Valentina — Leonardo pede.

Olha para Leonardo e pensa enxergar a respiração percorrendo o corpo dele como uma espiral de fumaça que gira no interior do corpo. Instintivamente, aproximam-se um do outro, pouco a pouco. Valentina olha nos olhos de dele o tempo todo. Juntam as pontas dos dedos e, vagarosamente, unem as palmas das mãos. Os seios de Valentina tocam o peitoral do parceiro, sua testa toca o nariz dele. Não consegue mais olhar nos olhos de Leonardo porque estão muito próximos, mas sente cada parte do corpo de cada um deles quando começam a se envolver. Agora entende o que ele dizia sobre ser sexo em vez de fazer sexo porque não têm que fazer nada. Seus corpos se unem naturalmente, como se fossem dois ímãs. Sente o pau duro de Leonardo em seu corpo. Sua boceta continua pulsando, macia e receptiva depois dos óleos quentes com os quais a massageou. Abre-se para ele e é como se o sugasse para dentro de si.

Leonardo a segura firme e os dois rolam, de modo que ele fica por baixo e ela por cima. Valentina senta em Leonardo. Seus dedos continuam entrelaçados, então ela o puxa para que ele sente também. As pernas dele se abrem em posição de flor de lótus, enquanto as pernas de Valentina envolvem a pélvis dele. Estão de olhos abertos e olham um para o outro: Valentina suaviza o seu olhar para recebê-lo. Imagina que Leonardo está inalando pelo coração e exalando pelo pau, assim ela toma essa respiração pela boceta e a exala pelo coração. É como se a respiração fosse uma luz dourada movendo-se em círculos. Ele inala, ela exala e os dois formam uma única entrega. É sublime sentir uma intimidade tão grande com um homem pela primeira vez desde que perdeu Théo. Porém, apesar da paz que esse ato de amor traz, há algo faltando, uma sensação que, às vezes, faz sua respiração parar na garganta por um segundo, uma sensação que a faz querer engolir o ar de volta.

Quando deixa o apartamento de Leonardo, já está bem tarde. Não se apressa enquanto caminha os poucos quarteirões que a separam do apartamento de Marco e Jake, parando em um dos portões do Gramercy Park para inalar o aroma das flores da primavera. A massagem yoni e o amor que fizeram transformaram Valentina. Agora, entende o que as mulheres querem dizer com cavalgar a onda orgásmica no sexo tântrico. Nunca imaginou que conseguiria ter tantos orgasmos em uma única transa.

Valentina fica um pouco preocupada com Leonardo. Tem muito medo de machucá-lo, mas ele a acalma, dizendo que sua intenção é abrir um centro de cura tântrica no seu novo apartamento e que ela é sua primeira cliente. Pretende fazer massagem yoni em outras mulheres que precisam de cura sexual. Disse que a yoni, ou vagina, de uma mulher pode acumular uma série de medos e traumas e que a massagem yoni tem alto poder curativo para qualquer mulher que tenha problemas ligados à sexualidade ou a um relacionamento, sobretudo as que foram estupradas ou sofreram algum outro tipo de abuso.

— Mas será que essas mulheres não ficarão desconfortáveis com um homem massageando suas partes íntimas? — Valentina questionou.

— Você ficaria surpresa — disse, colocando um morango em sua boca, que pegou de uma tigela que deixou entre eles na cama. — No mais, terei uma terapeuta trabalhando comigo para o caso de preferirem uma mulher.

Quando Valentina atravessa a First Avenue, pensa no amigo Leonardo. Ele mudou. Está mais pensativo, mas também está menos sério. Lembra-se de como ele estava no ano passado, quando foi para Londres logo depois de terminar com a namorada, Raquel. Estava radical, disse que praticaria o celibato até se encontrar. Aquele foi outro momento no qual ele apareceu exatamente quando Valentina mais precisava. Apesar de terem ficado um ano sem se ver, Valentina nunca se sentiu tão próxima dele quanto agora. Talvez seja por causa do tantra. O que quer que seja, parece haver uma conexão crescente entre eles. É possível que tenham levado a amizade um estágio adiante? Será que ela está se apaixonando por ele?

Quando chega ao apartamento de Marco, já passa da meia-noite. Entra o mais silenciosamente possível, andando na ponta dos pés da sala até o seu quarto. Escuta um dos meninos roncando, mas não sabe qual. Vai provocá-los com isso amanhã no café da manhã.

Há um pacote sobre sua cama. Pega-o e examina-o. É um tubo daqueles de embalar pôsteres ou impressões. Olha o carimbo postal: Manhattan. Seu endereço está impresso. Será que são amostras de fotos de algum de seus ensaios? Rasga o papel marrom e tira a tampa do tubo. No interior, há um rolo de papel espesso, que Valentina retira e desenrola. Quase grita de susto quando vê do que se trata. Eis que tem em suas mãos o retrato de criança que Klimt desenhou e que ela tanto admirou na tarde que passou sozinha na Neue Galerie. É o retrato que se parece com ela mesma; é também o desenho que foi roubado com a tela *O Chapéu de plumas negras* na semana passada. Não pode ser o original, pensa, sentando-se na cama e examinando a obra. Porém, quanto mais ela olha, mais parece ser verdadeiro. Sua suspeita é confirmada quando um

pedaço de papel cai de dentro do tubo. Valentina pega o papel que possui a seguinte mensagem, com letras recortadas de uma revista ou um jornal:

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA, VALENTINA.

Coloca o papel sobre a cama, seu coração bate freneticamente. Glen voltou. No fundo, sempre soube que ele não conseguiria resistir e a procuraria, especialmente depois do confronto na Neue Galerie. Têm assuntos pendentes, os dois sabem disso. Valentina cerra os punhos. Ela quer acabar com ele, esfregar em seu nariz o fato de que assassinou Théo e conseguiu escapar impune de mais um crime. Não vai deixar Glen se safar. Ainda não sabe como fará isso, mas ela jura que, aconteça o que acontecer, vai fazê-lo ter o que merece. Sente ódio e quer vingança, mas não deixa de sentir medo também. Pois Valentina sabe que estará arriscando a vida se for atrás de Glen.

Tina

1985

COM VALENTINA NÃO é a mesma coisa. É diferente de Mattia. Assim que sua filha nasce, Tina se transforma. Não se trata de amar mais Valentina, claro que não. Mattia é o seu primeiro filho, também é especial. No entanto, sente uma ligação muito forte com a menina desde o início. Ela a entende.

Valentina nunca precisou chorar para avisar que está com fome ou que precisa trocar a fralda. Instintivamente, Tina sabe. Mattia era um bebê risonho, sempre sorrindo e fazendo gracinhas. Valentina é diferente. Fala com as mãos e passa horas segurando e soltando os dedos da mãe, olhando-a com olhos sérios: os olhos de Karel. Pode ser só um pequeno bebê, mas seu toque é marcante. Tina tem a impressão de que Valentina conversa com ela por meio das mãos.

Preciso de você, ela parece dizer. *Não me deixe*. Para espanto de todos, inclusive dela mesma, Tina estende a licença maternidade de três para seis meses.

— Você não quis parar de trabalhar esse tempo todo quando o Mattia nasceu — Phil comenta, observando-a.

— Eu era mais jovem, não sabia aproveitar esses momentos com o bebê — Tina se defende.

Valentina geme em seu berço e Phil se abaixa para pegá-la. Parte de Tina está morrendo de vontade de pegá-la dos braços de Phil, mas se controla. Ele tem sido maravilhoso com Valentina desde o seu nascimento. Nunca a tratou de forma diferente por não ser sua, o que faz com que Tina o ame ainda mais. Porém, ficou diferente com ela.

Valentina nasceu há seis meses e, depois disso, ainda não fizeram amor. No início, Tina estava muito cansada e inchada. Ficou tão absorta com a chegada de Valentina, que é possível que tenha negligenciado Phil, mas, dois meses depois, sentia falta de seu toque, desejava senti-lo dentro de si, ser uma só com ele. Porém, as semanas passaram e Phil continuava sem fazer nada. Tina começou a ficar magoada, pois ele se deitava de costas para ela na cama todas as noites. Agora, mudou-se para o quarto de hóspedes, dizendo que é melhor deixar a cama para Tina e Valentina e que, assim, ele pode dormir melhor.

— Afinal — ele tenta explicar —, você ainda está amamentando, então não tenho como alimentar Valentina durante a noite. Por que nós dois vamos passar a noite acordados? Tenho que levantar cedo para trabalhar.

É claro que ele tinha razão. Mesmo assim, sentiu-se rejeitada. Isso a afastou um pouco dele. Tina voltou todo o seu amor para Valentina.

De manhã, Phil costuma sair antes que as duas se levantem. Mattia está na escola, então mãe e filha passam o dia todo juntas, só as duas. Tina podia passar duas horas inteiras deitada no sofá com Valentina, cantando para ela, dormindo com ela sobre sua barriga, com a cabecinha encaixada debaixo do seu queixo. A vida que levava antes como fotógrafa de moda agora parece uma memória caótica de correria, estresse e barulho. Para que tudo isso? Eles têm tudo o que precisam aqui neste santuário que é o seu apartamento em Milão. Nessas horas, não sente falta de Phil, pois Valentina preenche todo o seu coração. Cada piscar de olhos, cada respiração, cada gemido é registrado e armazenado. Arrepende-se de não ter prestado tanta atenção em Mattia quando ele era um bebê. Estava muito ocupada tentando começar sua carreira.

Nos momentos em que está sozinha em seu apartamento, Tina acha que pode ver o fantasma de sua mãe, Maria. Pela primeira vez na vida, para de criticá-la. Quase consegue entendê-la. Sua mãe direcionava toda a sua criatividade para o bem-estar da família. E por que não? Tina sempre foi contra a opção de sua mãe, mas ela estava certa, afinal. Nada é mais importante do que os filhos. Eles sempre devem vir primeiro. Hoje pensa que gostaria de ter aprendido algumas prendas caseiras com sua mãe, mas era tão revoltada quando adolescente; dizia que aquilo tudo era muito chato e inútil. Agora, tenta seguir os passos de sua mãe, mas a verdade é que não sabe dar um ponto de tricô nem pregar um botão, além de ser uma péssima cozinheira. Quanto à limpeza, apesar de estar em casa todos os dias, o que a levou a dispensar a faxineira, acha impossível manter o apartamento em ordem. Não é melhor para Valentina que sua mãe brinque com ela em vez de ficar passando aspirador no carpete e encerando o chão do hall? E quando Valentina dorme, Tina precisa dormir também. Mesmo lavar a roupa parece uma tarefa tão pesada que Phil acaba cuidando disso quando chega em casa, o que tem ocorrido cada vez mais tarde ultimamente.

No início, ele tenta cozinhar para Tina, mas ela não tem vontade de comer.

— Você está ficando magra demais — ele diz. — A amamentação te consome demais, Tina, você precisa comer mais.

Mas ela não tem apetite.

— Tudo bem, estou perdendo os quilos que ganhei com a gravidez — explica.

Phil não diz nada, mas ela sabe o que ele está pensando: *O que está acontecendo com você?*

Quando se olha no espelho, mal se reconhece: pálida, sem tomar banho, sem maquiagem, cabelo sujo, esquelética. Às vezes, passa o dia todo de pijama.

Uma noite, Tina está sentada na cama, amamentando Valentina, quando Phil entra no quarto e se senta na ponta da cama. Não diz nada por um instante, apenas assiste a Valentina mamar. Tina tira delicadamente um cabelinho solto na testa da filha.

— Não é perfeita? — sussurra para Phil, olhando para ele.

— Sim, ela é — diz, com a testa franzida.

— O que foi? — Tina pergunta.

— Tina — ele assume um tom grave —, acho que você precisa ir ao médico.

— Por quê?

— Você está magra demais, não está comendo. Acho que você não está dando conta.

Tina sente uma pontada de raiva. Ele acha que ela não é uma boa mãe? Não provou que é uma mãe atenciosa e dedicada?

— Estou muito bem — diz, firme.

— Não, não está — suspira. — Tina, você está deprimida. Não acho que parar de trabalhar e passar o dia em casa esteja te fazendo bem. Você não é assim.

Ele só pode estar com ciúmes de Valentina, é o que Tina pensa. Não quer que passe tanto tempo com a filha.

— Mas, no início, você achou que era uma boa ideia.

— Sim, eu achei, admito. Mas tenho te visto muito pra baixo.

— Estou ótima! — diz, enfurecida. — Que mãe não fica um pouco cansada? É um trabalho de tempo integral... O bebê vem em primeiro lugar...

— Tina, você não sai do apartamento há semanas. Isso não é normal — sua voz titubeia. — Não posso viver assim — suspira. — Você mudou.

— É porque ela não é sua filha, né? Você não quer que eu ame Valentina tanto quanto amo Mattia, não é isso?

Olha para Tina indignado e se levanta. Tina vê que ele está bravo, mas Phil não diz nada, apenas desaparece do quarto.

Não queria machucá-lo, nem mencionar o fato de que Valentina não é filha dele. Vomitou aquelas palavras como um reflexo. A verdade é que está com medo de voltar a trabalhar e encarar o mundo real. É mais seguro aqui com Valentina; esse pacotinho que pertence só a ela, que precisa dela.

Na manhã seguinte, Tina se olha no espelho com os olhos de Phil e fica horrorizada. Ele tem razão. Tem que fazer um esforço. Decide se arrumar e, com Valentina, fazer uma surpresa para ele na faculdade. Vão almoçar em um de seus restaurantes favoritos. Imagina que Phil ficará muito contente com ela. Vai almoçar com ele e pedir desculpas. Sente falta dele, quer tê-lo de volta na cama. Promete a si mesma que, naquela noite, vai pôr Valentina para dormir no berço e

fará amor com Phil. Deseja tanto sentir-se envolvida pelos seus braços. Como é possível que duas pessoas que foram tão próximas se estranhem tanto durante todos esses meses?

Tina põe um dos vestidos favoritos de Phil. De malha vermelha, costumava ficar justo, mas agora está muito largo. Ela parece um espantalho. Tira o vestido, desolada, e veste um par de calças pretas e sua menor blusa, que, ainda assim, fica larguinha. Está pálida e com olheiras. Usa maquiagem para tentar disfarçar o cansaço e iluminar o rosto, mas o blush a deixa parecendo uma boneca pintada. Até o cabelo, que era o seu ponto forte, está opaco e ralo. Precisa cortá-lo e hidratá-lo. Melancolicamente, constata que descuidou completamente de si mesma nos últimos seis meses. Para compensar, deixa Valentina encantadora. Veste sua bebezinha com um vestido amarelo-limão bordado de branco, meias brancas, sapatos amarelos e um chapeuzinho branco com uma fita amarela.

Desce animada pela rua com Valentina bem coberta no carrinho. É um dia agradável de novembro. O sol atravessa as folhas douradas e sente uma leve brisa contra o rosto. Milão parece iluminado pelo sol, cheio de pessoas sorrindo e se cumprimentando. Mal pode esperar para ver a alegria de Phil quando fizerem a surpresa.

Chega à universidade um pouco depois do que planejava. Espera que ele ainda não tenha saído para almoçar. Vira na esquina, olhando para o relógio e, de repente, vê Phil saindo do prédio de artes. Ele não a vê. Tina está prestes a chamá-lo, porém, assim que levanta a mão, percebe que ele não está sozinho. Uma jovem voluptuosa, de longos cabelos loiros, o acompanha, carregando uma pilha de livros. *Provavelmente, é uma aluna*, Tina tenta se convencer, mas há algo no jeito de como essa garota anda ao lado dele. Estão de braços dados ou é impressão sua? Recua com o carrinho e se esconde na esquina, espiando enquanto se afastam em direção à outra saída da universidade. Segue-os, mas mantém uma distância razoável porque não saberia como se explicar caso Phil virasse para trás e desse de cara com ela. Sente-se besta, como uma patética esposa ciumenta.

Phil e a loira param para atravessar a rua. Tina os observa como um gavião. Quando a garota se vira para falar com ele, Tina vê o seu olhar de apaixonada. Phil sorri daquele jeito caloroso e sexy. Ele não olha para Tina daquele jeito há meses. Chega, já viu o suficiente. Não importa se dormiu com essa garota ou não. Está claro que ele a deseja. Olha de novo para sua rival. Ela é jovem e cheia de curvas, tem seios grandes e bumbum empinado e durinho. Em resumo, ela é tudo que Tina não é: jovem, saudável e radiante.

Quando volta para o apartamento, Tina senta Valentina sobre suas coxas, de

frente para ela. Sua bebê olha para ela com os olhos de uma velha sábia e com os lábios em formato de botão de rosas.

Sente a primeira pontada, um golpe no coração. Percebe que ter um filho implica uma série de separações. Não tinha tanta consciência disso com Mattia, mas agora que Valentina chegou, vê que tem tentado recuperar os meses que passou distante de seu filho, mergulhada no trabalho, sem encarar a maternidade. Porém, foi longe demais. Não tem negligenciado apenas o pobrezinho do Mattia, que está longe, na escola, mas também o seu homem. Se não tiver cuidado, vai perdê-lo.

Tina levanta do sofá, carregando Valentina nos braços. Precisa criar um pequeno espaço entre ela e sua bebê ou vai acabar sufocando-a, como sua mãe fez com ela. Valentina acabará tendo o mesmo ressentimento que ela tinha de sua própria mãe quando era adolescente. Gostaria de poder conversar com ela agora. Mas é tarde demais. Maria Rosselli já não estava mais entre eles.

Pela primeira vez, Valentina começa a tentar se comunicar.

— O que foi, querida? — Tina fica entusiasmada. — O que você quer dizer? Sua filha a olha com aqueles grandes olhos de cortar o coração.

— Papa — ela diz.

— Sim, Papa — Tina concorda. — Baba ama Papa.

Põe Valentina para dormir. Dá corda nos pequenos pássaros azuis pendurados no berço e a observa enquanto batem as minúsculas asas no ritmo da música. Pela primeira vez desde que Valentina nasceu, Tina não a nina para dormir. Espera que ela chore chamando por ela, mas Valentina não faz nada. *Boa menina*, Tina sussurra para si.

No corredor, Tina pega o telefone e faz três ligações: uma para o editor da *Vogue*, informando de sua disponibilidade para fotografar em Roma na semana seguinte, outra para a faxineira, pedindo que volte ao trabalho assim que possível e, por fim, para uma agência de babás.

Quando Phil chega em casa, Tina está esperando com uma garrafa de vinho tinto sobre a mesa e dois bifes mal passados (a única coisa que sabe cozinhar) já servidos no prato. Come cada pedaço do bife com prazer enquanto Phil a observa com aprovação. Quando já está cheia de carne e vinho, leva seu homem pela mão até o quarto.

— Onde está Valentina? — Phil pergunta, surpreso.

— Está dormindo no quarto dela — Tina diz, beijando Phil no pescoço e nos ombros.

— Ela não está mais dormindo com você? — ele se surpreende.

— Não, agora é você quem está.

Valentina

VALENTINA ESPERA ATÉ de manhã para ligar para a polícia. Na verdade, adia até depois do café da manhã com Marco e Jake.

— Como foi a viagem? — pergunta para eles.

— Simplesmente fabulosa — Marco responde exultante, passando a jarra de café.

— Estamos planejando como será a casa que compraremos no Hamptons assim que ganharmos nosso primeiro milhão — Jake brinca, sorrindo para Valentina.

— O primeiro milhão de cinco, na verdade — Marco ri.

Será que deve contar para eles a respeito da obra de Klimt? O desenho que está sobre sua cama neste momento deve valer o preço de uma casa no Hamptons. Não que a obra pudesse ser vendida ou que ela pensasse em fazer isso. Decide não falar sobre o assunto. Não quer que Marco fique desesperado com o bilhete ameaçador que Glen mandou para ela. Melhor contar só para a polícia e deixar por isso mesmo.

— Marco, queria falar sobre uma coisa que me chateou — Valentina diz, esticando-se para pegar uma torrada do prato dele.

— Sério, querida? — diz, olhando para ela com um pouco de timidez.

Ele já sabe o que vou dizer, Valentina pensa.

— Por que você falou para o Leonardo que eu não estava bem?

Educadamente, Jake começa a tirar a mesa e a levar os pratos para a pia.

— Bem, amor... Porque você não está bem... — Marco começa a dizer.

— Quem disse? — soa mais brava do que de fato está.

— Por causa do lance com o tal de Russell — Marco diz.

Jake se vira com um par de luvas de limpeza nas mãos.

— O Russell tem uma reputação, Valentina — diz, defendendo Marco. — Ele só pega mulheres vulneráveis...

— Então por que vocês não me avisaram desde o início?

— Achei que tinha feito isso — Marco diz, exasperado —, mas você não me deu ouvidos. Sei o quão teimosa você é. A única pessoa que você escutaria é o Leonardo. Ele te ligou?

— Ele fez mais do que isso. Apareceu aqui no seu apartamento.

Marco fica espantado.

— Jura? Não acredito! Quando entrei em contato, ele estava em Goa, na Índia.

Disse que estava no meio de um treinamento de ioga e que não podia largar o curso.

— Bem — diz Jake —, parece que largou. Ele deve gostar muito de você, Valentina.

Ele me ama, Valentina pensa, mas não quer contar a seus amigos.

— Leonardo apareceu aqui e pôs o Russell pra correr.

Marco bateu palmas.

— Que maravilha — exclama. — Que herói!

Sim, um herói, Valentina pensa enquanto morde o lábio. Nesse momento, decide que não pode contar a ele sobre o bilhete ameaçador de Glen. A última coisa que quer é que mais um homem que ama seja ferido por aquele desgraçado.

— E você está bem com isso? — Marco pergunta, parecendo preocupado. — Você se apaixonou por Russell?

Valentina balança a cabeça.

— Não, estou bem. Não sei o que vi nele...

— Alguns casos são assim — Jake diz como quem já passou por isso. — Intensos, mas breves. São mais uma obsessão do que amor de verdade — dá a volta na mesa e toca a ponta do nariz de Marco com o dedo ensaboado. — Exatamente como a obsessão que você tem por mim.

Marco ri, empurrando a mão de seu parceiro.

— Só se for em sonho, querido — diz.

Valentina vê o lado bom do amor que têm um pelo outro. É feito para durar.

Quando seus amigos saem de casa, Valentina pega o cartão de Balducci na bolsa de sua câmera. Ele atende no primeiro toque.

— Mike Balducci.

— Oi, aqui é Valentina Rosselli — diz.

— Pois não? — percebe que ele não se lembra de quem ela é.

— Você colheu meu depoimento para o caso do roubo do Klimt... Conheço Glen Clarke, o principal suspeito.

— Ah, sim... A morena, fotógrafa?

— Sim, sou eu.

— Você tem mais alguma informação para nós?

— Algo muito estranho aconteceu — diz. — Acho que vocês devem vir até o meu apartamento.

Balducci e Delaney sentam no sofá, ambos de luvas. Delaney observa o desenho enquanto Balducci analisa o bilhete.

— Então você acha que é original e não uma brincadeira idiota? — Delaney pergunta.

— Não posso afirmar com certeza antes da avaliação de um especialista, mas esse é o tipo de coisa que Glen faria.

— Você conhece bem esse Glen? — Delaney levanta a cabeça.

— Não, não sei muito a respeito dele, a não ser que é um perfeccionista e muito perigoso. Ele nunca me mandaria uma obra falsa.

— Ok, vamos mandar para análise...

— E esse bilhete, senhorita Rosselli? — Balducci pergunta. — Por que acha que é uma ameaça? Quero dizer... Não está sozinha... É o que ele escreveu. Me parece um pouco ambíguo.

— Porque significa que ele está de olho em mim — Valentina explica, paciente. *Será que todos os policiais são burros?*

— Ele me seguia em Milão e em Londres. Sempre teve uma coisa comigo — diz, sem querer.

— Por que você não contou isso no outro dia? — Delaney pergunta incisivamente.

— Não achei que fosse relevante.

Delaney balança a cabeça e enrola o desenho.

— Ok, providenciaremos alguém que ficará em um carro, aqui fora, de olho nas coisas. Se ele realmente estiver te seguindo, essa é a nossa chance de pegarmos o cara. Mas duvido que ele esteja em Nova York.

— Você conhece algum dos seus comparsas... Qualquer pessoa? — Balducci pergunta.

— Não, não conheço ninguém, além da Lori.

— Já falamos com ela, não sabe de nada — Delaney avisa.

— E como você tem tanta certeza de que o bilhete é de Glen e de que ele está te ameaçando?

— Quem mais poderia ter roubado o desenho? — Valentina pergunta, exasperada.

Os policiais se entreolham.

— Temos que levar todas as possibilidades em consideração.

Acham que Théo está por trás disso. O fato de imaginarem-no fazendo uma coisa dessas enfurece Valentina.

— Já disse que Glen matou Théo.

— Mas não temos nenhuma prova desta teoria, senhorita Rosselli — Delaney diz.

Valentina aperta os punhos.

— Vocês não acreditam em mim? — seu tom é inquisidor.

— Claro que acreditamos em você — Balducci diz suavemente. — Vamos, Al — diz, levantando-se. — É melhor levarmos essas coisas para a delegacia e chamar um especialista. Obrigada por ter nos ligado, senhorita Rosselli. Se houver mais alguma coisa, é só chamar.

— Recomendo que você fique por perto de casa por um tempo, até o pegarmos — Delaney recomenda.

— Vou trabalhar num ensaio amanhã, no Central Park — Valentina avisa.

— Ok. Bem, não fique vagando por aí sozinha... Por precaução — Balducci reforça, dando um tapinha em seu braço.

Depois que os policiais vão embora, Valentina senta no sofá, abraçando os joelhos junto ao peito e se balançando para frente e para trás. Quer muito pegar Glen e acabar com essa história. Mas como? Precisa atraí-lo. Para isso, precisa fazer exatamente o oposto do que a polícia mandou.

Passa as três horas seguintes vagando por Manhattan. Anda desde uptown até o coração da cidade, em meio a turistas, passando pelo Empire State Building e pelo Rockefeller Center. Segue em direção a Chelsea, desce até o Meatpacking district e chega a Greenwich Village. Vagueia por lojas e cafés, facilitando que a sigam. Porém, toda vez que se vira, não vê sinal de Glen. Está por conta própria. Tem saudade de Leonardo. Queria estar com ele e esquecer-se de Glen e da vingança. Em um rompante, chama um táxi e vai para Gramercy Park. Quer que Leonardo a ensine mais. Precisa sentir o seu amor.

Estão na cama de Leonardo. Hoje, os lençóis de seda são cor de safira e a cama está cheia de almofadas bordadas de roxo. Ele encheu a sala de velas e está acendendo um incenso Nag Champa. A atmosfera é calma e sensual. Deitam-se de lado e distantes. Fazem contato visual.

— Quero que sintonize seu corpo um pouco — Leonardo pede. — Use sua respiração como te mostrei ontem.

Valentina fecha os olhos e começa a respirar devagar e profundamente com a barriga. Escuta a voz de Leonardo em seu ouvido.

— Agora, sinta a presença do meu corpo, de como estamos próximos.

Valentina continua respirando e sente um calor irradiado pelo corpo de Leonardo. Abre os olhos e ele está olhando para ela com aquele olhar de amor e compreensão do dia anterior.

— Quero que você fique com as sensações dentro do corpo e me diga qual é a sensação — Leonardo sussurra. — Agora, vamos apenas falar sobre o que está acontecendo com nosso corpo e coração. Não vamos começar uma conversa e a fazer perguntas um para o outro, não vamos discutir por que estamos nos

sentindo assim; vamos apenas sentir. Entendeu?

Valentina concorda.

— Ok, você começa. Como sente o seu corpo hoje?

— Frio. Há um frio em minha barriga que não consigo acalmar — Valentina diz.

— Meu coração está apertado — Leonardo retruca. — Estou com medo.

Valentina quase pergunta por que, mas volta a se concentrar no que está sentindo em seu corpo. Rememora as instruções: sem perguntas, sem análises.

— Meus dedos dos pés estão frios, mas minha cabeça está ardendo. Sinto como se tivesse andado no gelo. Estou me sentindo sozinha.

— Há um fogo em meu ventre — é a vez de Leonardo. — Sinto que ele está se espalhando para o meu estômago e para o meu peito. Minha pele está formigando. Continuo assustado, mas também excitado.

— Sinto um pouco do seu calor em meu peito — Valentina leva as mãos até os seios. — Não estou mais com tanto frio.

— E você está me refrescando, liquefazendo meu fogo, que está se espalhando pelos meus quadris, deixando minhas pernas ágeis, como se pudessem correr quilômetros.

— Seu calor me amolece; meus ossos rígidos vão se acomodando.

Todas as palavras que saem da boca de Valentina são puramente espontâneas. Sente como se estivesse recitando um poema sobre o prazer. Ao descreverem a sensação de seus corpos, sente que sua energia corporal vai se tornando dinâmica e fica mais fisicamente atraída por Leonardo.

Instintivamente, abraçam-se exatamente no mesmo momento. Leonardo cobre os olhos de Valentina com as mãos e ela inala o seu rico aroma almiscarado. Ele cobre seu rosto de beijinhos. Em seguida, Valentina sente-o lambendo seus lábios, forçando-os a se abrir. Leonardo chupa seu lábio inferior e delicadamente passa a língua pela sua boca. Passa a língua em seu lábio superior e também o chupa. A sensação da língua dele lambendo e chupando alimenta o calor que se espalha entre as pernas de Valentina. Ela abre a boca e Leonardo chupa sua língua delicadamente. Ele tira as mãos dos olhos dela e os dois rolam na cama, até que ele esteja por cima, com o seu corpo sobre o dela, acariciando sua cabeça com as mãos e beijando-a intensamente. Valentina começa a abrir as pernas, quer senti-lo por dentro, mas Leonardo sobe um pouco seu corpo de modo que a base de seu pau fica apoiada sobre o clitóris, roçando delicadamente nele em vez de invadi-la. Valentina percebe que ele quer dar prazer a ela. Sente como se eles estivessem se fundindo. Respiram em uníssono. De olhos abertos e sentindo o medo do qual Leonardo quer se libertar, ela goza. É como se algo tivesse se aberto na base de sua coluna, como se aquele frio estivesse deixando seu corpo e

o amor de Leonardo estivesse enchendo-a de luz. Apesar desse êxtase, a cura de Leonardo não consegue silenciar as palavras que assombram sua mente:

Você não está sozinha, Valentina.

Então ela se dá conta de que Théo também costumava dizer isso.

Tina

1988

EM ABRIL, TINA participa de um ensaio para a revista *Elle* em Barcelona. O tema é inspirado na moda dos anos 1950 e ela pesquisa os detalhes. Decidiu focar na Europa daquela década, em vez dos Estados Unidos, o que se vê pelas duas modelos que escolheu. Uma delas parece Sophia Loren, com curvas generosas e cabelos castanhos ondulados. A outra modelo lembra mais Leslie Caron, a dançarina francesa, de cabelo escuro curtinho e um belo nariz arrebitado. Veste as modelos com vestidos coquetel mais clássicos, chapéu sem abas estilo *pillbox* e luvas, contrastando com calças corsário coloridas e bolerinho.

É dia de São Jorge em Barcelona e as ruas estão cheias de vendedores de rosas e livreiros. Tina enche as mãos de suas modelos com rosas e tira uma foto da modelo que se parece com Leslie Caron usando um corsário verde muito fofo com uma blusa listrada parando para comprar livros. Otávia conta que o Dia de São Jorge é uma versão catalã do Dia dos Namorados, apesar de ser muito mais romântica do que cartões de mau gosto e chocolates. O homem compra uma rosa vermelha para a mulher e a mulher compra um livro para o homem.

— Gostaria da rosa e do livro — Tina comenta.

— Isso é a sua cara — Otávia provoca. — Você quer tudo.

O ensaio flui muito bem. Sente que pegou o ritmo de novo. No início, foi difícil voltar a trabalhar. Sofreu muito quando teve que deixar Valentina com a babá. Nos primeiros ensaios, ficava muito preocupada, sempre atrás de um telefone para ligar pra casa, ansiosa para acabar e voltar o quanto antes. Agora já começa a relaxar um pouco.

Sua vida e a de Phil andam ocupadas. Ele começou a pegar mais trabalhos jornalísticos, então não fica tanto em casa. Nos finais de semana, quando Mattia vem da escola, anda para cima e para baixo com seus amigos; parece tão sociável quanto o pai. Tina também está sempre trabalhando. Tem viajado a trabalho para o exterior com frequência cada vez maior. Sempre que viaja, sente-se culpada em deixar Valentina, mas sabe que logo ela terá idade para acompanhá-la. *Vão se divertir tanto*, pensa. Ela e sua garotinha explorando cidades pela Europa. No mais, Valentina é uma criança tão fácil de lidar que todas as babás se apaixonam por ela imediatamente.

Seus amigos disseram que Tina não devia contratar uma babá jovem através de um programa de *au pair*. Otávia disse que uma pessoa com mais experiência, mais velha, seria melhor. Já Isabella foi mais enfática:

— Mamma mia — disse de Londres, na conversa por telefone. — Você está louca? Quer que uma gostosa de dezenove anos que veio da Suécia balance os peitões na frente do seu homem?

— Phil não é assim — Tina argumentou, apesar de nunca ter esquecido a cena dele com aquela loira na universidade. Será que ele dormiu com ela? Tina decidiu que nunca perguntaria. Não quer saber.

Ignorou o conselho de suas amigas e, duas semanas depois, Inger chegou da Noruega. Não tinha nada a ver com o estereótipo escandinavo: baixa, delgada, de cabelos escuros e encaracolados e pele quase morena.

— Você não parece muito norueguesa — Tina comentou quando a viu pela primeira vez.

— Nem todas as norueguesas são loiras. Sou de Bergen, no litoral oeste, que foi um porto de navegação durante séculos. Navegantes de todos os cantos do mundo misturaram seus genes com as bergenesas.

Gosta de Inger. É eficiente, atenciosa e excelente com Valentina.

A babá costuma cantar para ela — canções folclóricas da Noruega — e o som doce de sua voz deixa Tina feliz de tê-la cuidando de sua filha. Inger enche Valentina de doçura e esperança, mantendo-a livre das frustrações e culpa da mãe.

Phil não gostou da ideia de contratar uma *au pair* no início. Disse que o apartamento era pequeno demais, mas mudou de ideia quando Inger chegou. A norueguesa trancou a faculdade e os estudos em mídia durante um ano. Seguiu a política atual e conversava com Phil sobre a situação dos palestinos ou a Glasnost depois no jantar, na cozinha. Tina observava os dois para ver se notava alguma atração, mas nunca detectou nada. Phil tinha o dobro da idade de Inger.

Às vezes, Tina se sentia um pouco excluída daqueles debates calorosos. Phil se envolveu com a investigação de alguns crimes da máfia no sul da Itália. Escuta quando ele conversa um pouco com Inger sobre isso. Ele fala das coisas horróricas que os gângsters são capazes de fazer para controlar o comércio de drogas. Fica estressada quando escuta Phil falando sobre isso e pede para parar. Ele diz que ela não se interessa, mas não é isso. Morre de medo que ele se machuque. Phil não é italiano e Tina sente que ele não entende o quão vingativas essas pessoas podem ser. Quer saber o menos possível sobre essa história. Quanto mais fica sabendo, mais se preocupa.

Algumas noites, Tina passava mais tempo que o necessário na câmara escura ampliando suas fotos. Não suportava olhar para Inger de top e shortinhos, suas pernas magras e bronzeadas e sua barriga lisinha. Sonhava em recuperar o corpo que tinha antes das crianças. Quando tinha a idade de Inger, usava minissaias minúsculas, calças justas e se divertia muito com Isabella. Chamavam a atenção dos homens. Com certeza, Phil deve desejar essa garota.

Quando volta para o hotel em Barcelona, recebe um recado na recepção: deve ligar para Vivienne Aury, a editora da *Vogue* francesa.

Vivienne Aury é uma lenda no universo das revistas. Depois de trabalhar como editora da *Harpers' Bazaar* em Nova York, voltou para Paris nos anos 1970 para assumir a editoria da *Vogue*, onde está até agora. Tina sente uma pontada de entusiasmo. É uma grande honra receber uma mensagem da editora da *Vogue* francesa. Será que ela já chegou aos setenta anos de idade? Tomara que seja para propor um trabalho bacana.

Liga assim que entra no quarto.

— Tina Rosselli? — a francesa fala com um sotaque britânico carregado, apesar dos anos que viveu em Nova York. — Fico muito feliz que tenha recebido meu recado.

—Fiquei muito contente quando o recebi — Tina diz.

— Tenho te seguido há muitos anos, minha querida — Vivienne Aury joga confetes. — Sua estrela está brilhando cada vez mais. Tenho certeza de que sua mãe ficaria muito orgulhosa.

Tina franze a testa. Sua mãe é a última pessoa que imagina que ficaria orgulhosa de sua carreira como fotógrafa. É estranho essa mulher dizer isso.

— Bem — Vivienne continua —, quando descobri que nós duas estávamos em Barcelona na mesma época, achei que era uma boa coincidência. Gostaria de saber se você está livre para comermos umas *tapas*?

Encontram-se depois de algumas horas em um bar de *tapas* chique perto das ramblas. Vivienne já estava esperando por ela. É alta, elegante, de cabelos brancos à Joãozinho. Levanta-se assim que Tina entra e olha para ela, um tanto emocionada. Tina não entende.

— *Mon Dieu!* — admira-se, olhando fixamente para Tina, o que a deixa um pouco desconfortável. — Já tinha visto fotos suas, mas não estava preparada para te ver em carne e osso.

Tina fica um pouco confusa. Não acha que tenha uma aparência tão marcante assim.

Sentam-se e pedem vinho e algumas *tapas*, apesar de Tina não estar com

fome. Fica intrigada. Tem a impressão de que esse encontro reserva algo mais do que apenas uma proposta de ensaio ou de uma conversa sobre o mundo da moda. Mesmo assim, têm uma conversa agradável sobre o mundo que habitam. Apesar de sua idade, Vivienne é precisa e atenta. Tina gosta dela na hora. *Será que ela vai me oferecer um trabalho e nos mudaremos para Paris?*, Tina pensa. A ideia a agrada de imediato. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, Tina quer afastar Phil dessa história da máfia.

— Bem, minha querida — Vivienne diz, limpando o canto da boca com um guardanapo. — Tenho certeza de que você está se perguntando por que te liguei e pedi para encontrá-la. É óbvio que você não tem a menor ideia de quem eu sou.

Tina franze a testa. É claro que sabe quem ela é. Vivienne Aury é uma das maiores editoras de revista de moda do mundo.

— Deixe-me explicar — Vivienne diz diante da confusão de Tina. — Sou uma velha amiga de sua mãe.

— Da minha mãe! — Tina é incapaz de disfarçar seu espanto.

— Nos conhecemos quando ela morava em Paris. Não foi por muito tempo, mas nos tornamos muito próximas.

— Sinto muito, mas acho que você deve ter me confundido com outra pessoa. Minha mãe nunca foi a Paris em toda a vida.

Vivienne fica surpresa e olha para Tina de modo penetrante.

— Sua mãe não é Maria Rosselli, filha de Belle Brzezinska, de Veneza? — dispara.

— Sim, esse é o seu nome, o nome de minha avó, mas...

— Ela estudou dança em Londres e, então, veio morar em Paris em 1948 — Vivienne diz.

— Não, não pode ser minha mãe — Tina parece não acreditar. — Ela não foi dançarina. Passou a vida toda na Itália até... — hesita — até pegar um avião para os Estados Unidos...

Vivienne se inclina e coloca a mão sobre a mão de Tina.

— Eu sei — diz suavemente. — Ela morreu no acidente de avião — faz uma pausa respeitosa. — Finalmente estava indo me visitar em Nova York. Sinto muito, Tina. Deveria ter escrito na época para oferecer minhas condolências, mas não sabia se você tinha ouvido falar de mim, se conhecia o passado de Maria... Agora vejo que você não sabe de nada.

Tina dá um gole de vinho tinto. Quer dizer a Vivienne que ela está redondamente enganada. A mulher que ela pensa ser Maria Rosselli não pode ser sua mãe, mas Tina tem um flash de memória de quando era criança. Lembra-se de abrir a porta e ver sua mãe dançando. Estava sozinha, usando avental e lenço na cabeça, com um espanador na mão, girando sob a luz do sol, tirando o pó das

janelas. As partículas de pó pareciam ouro brilhando à sua volta. Sua mãe não a viu. Tina ficou encantada. Sua mãe era uma princesa. Tinha se esquecido disso até agora.

— Por favor — pede: — Me diga quem era minha mãe.

— Maria Rosselli era uma jovem dançarina muito talentosa, apesar de ter omitido isso de mim. Descobri mais tarde — Vivienne conta. — O que posso dizer sobre sua mãe? Era uma verdadeira alma livre, uma mulher à frente de seu tempo, uma libertina no bom sentido. Foi ela quem me inspirou a seguir meu sonho e ir para Nova York virar editora.

Tina fica de queixo caído, chocada. A descrição que Vivienne faz de sua mãe é o oposto de como ela descreveria sua própria mãe.

— Ela não era assim quando eu era criança — Tina diz, pensando no passado. Lembra-se de que sua mãe vivia pegando no seu pé e estava sempre de joelhos, rezando. Parecia tão velha e opaca...

— Ela era muito triste — Tina se recorda. — Para ser honesta, eu era mais próxima de meu pai.

Vivienne desvia o olhar e seu rosto fica levemente vermelho. Tina percebe.

— O que foi que aconteceu? Por que minha mãe se mudou?

— Ela tinha um amante em Paris. É por isso que foi para lá — Vivienne diz.

— Um amante? — Tina repete, incrédula.

— Sim. Fazíamos parte da cena de uma pequena região de Paris chamada Saint-Germain-des-Prés. Passávamos a noite inteira dançando jazz, frequentando cafés, onde discutíamos arte e política com pessoas como Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Juliette Greco, Albert Camus e Jean Cocteau.

Tina está sem palavras. Parece absurda a ideia de que sua mãe, de terno e vestido azul, com o lenço preto que usava na cabeça fizesse chuva ou fizesse sol, ficasse sentada em um café discutindo feminismo com Simone de Beauvoir.

— Seu amante, Félix Leduc, fazia parte daquela cena. Era um cineasta surrealista como Cocteau.

— Não posso acreditar. Isso é incrível! — Tina está estupefata.

— Me desculpe pelo choque — Vivienne diz. — Quando me mudei para Nova York, deixei minha vida antiga, a que levava durante a guerra e que tirou tanto de mim, para trás — ela tosse e limpa a garganta com um gole d'água antes de continuar. — Mas desde que voltei para a França, encontrei alguns velhos conhecidos. Félix é um deles.

Tina já ouviu falar de Félix Leduc. Acha que até já assistiu a um de seus filmes. Quando poderia imaginar que ele foi amante de sua mãe? O que aconteceu com Maria Rosselli, o que a fez mudar tanto?

— Na verdade, estou aqui em nome de Félix — Vivienne diz, olhando-a com

seus olhos verdes, ainda brilhosos, apesar da idade.

— Jura? — Tina não se cansa de se surpreender.

— Sim, ele gostaria muito de conhecê-la, mas está velho e debilitado. Temos a esperança de que você aceite me acompanhar até Paris para visitá-lo.

É um pedido estranho.

— Vivienne, fico muito tocada, mas sem querer ser rude, por que ele quer me conhecer? Obviamente, perdeu o contato com minha mãe há muitos anos.

Vivienne fica sem jeito. Tina tem certeza de que deve ser a única pessoa que já viu a editora da *Vogue* sem saber o que dizer. Algo começa a incomodá-la. Sente um mal-estar no estômago.

— Talvez se eu te contar que sua mãe deixou Paris em agosto de 1948... E, enfim, talvez seja melhor eu te mostrar uma coisa.

Abre a bolsa e tira uma fotografia em branco e preto. Tina vê um grupo de jovens abraçados em semicírculo.

— Esta sou eu — Vivienne diz, apontando para si mesma quando jovem, já com o inconfundível cabelo joãozinho. — E esta é a sua mãe — Vivienne aponta para uma linda jovem com cabelos encaracolados caindo sobre os ombros. Tina fica sem ar. Sua mãe parece tão feliz. Nunca a viu sorrir daquele jeito. Está rindo e olhando para o homem que estava ao seu lado, com os braços ao seu redor. Ele está olhando para a câmera. Tem um olhar confiante. — Esse é Félix — Vivienne diz calmamente.

Tina olha para o rosto de Félix e leva um susto. A foto cai de suas mãos. Vivienne não diz mais nada. Tina respira. Pega a foto de novo e observa o rosto de Félix Leduc. A semelhança é inconfundível. Não precisa se olhar no espelho. Não é à toa que não se parecia com seu pai, Guido.

— Meu Deus! — Tina suspira.

— Félix é seu pai, Tina — Vivienne confirma. — Está na cara. Ele quer te conhecer.

— Não — Tina balança a cabeça. — Ele pode ser meu pai biológico, mas meu pai de verdade era o Guido. Guido Rosselli.

— Tina, pense bem — Vivienne insiste. — Pode ser a sua única chance. Félix tem câncer, está morrendo.

Olha para a foto de sua mãe de braços dados com Félix Leduc e tem vontade de gritar de raiva. Controla-se e respira. Levanta-se, decidida.

— Me desculpe, Vivienne, não posso mesmo ir vê-lo.

Gira sobre os saltos e sai do restaurante. Tina acaba de dar as costas a uma das mulheres mais poderosas do mundo da moda, mas não se importa.

Corre pela rua com o coração batendo forte no peito e sente-se como se fosse ter um ataque cardíaco. Deve ser um pesadelo. Como sua mãe podia ter sido

amante daquele homem? Aquela não é a mulher que Tina conheceu, tímida, reservada e dedicada à família... O pior de tudo é que a foto de sua mãe com aquele cineasta arrogante acabou de destruir seu pai. Seu pai querido: Guido Rosselli.

Como é que Félix Leduc ousa querer conhecê-la agora que está morrendo? Não quis conhecê-la durante toda a vida. Teve quase quarenta anos para se apresentar. Seus pais morreram há quinze anos. Ainda que sua mãe não quisesse que ele a visse, poderia ter procurado Tina quando seus pais se foram. Se Vivienne sabia que sua mãe tinha morrido, deve ter contado para Leduc. É imperdoável.

De volta ao quarto de hotel, envergonhada, Tina começa a chorar. Perdeu seu pai de novo. Não era sua filha, afinal. Não sabe se está chorando por ela ou por Guido. Precisa ouvir a voz de Phil e contar para ele. Pega o telefone e liga para Milão. Inger atende.

— Boa noite, Tina, como está Barcelona? — a norueguesa pergunta.

— Bem — escuta uma música ao fundo —, como está Valentina?

— Está dormindo, com saudade de você. *Li Cachinhos Dourados e Os Três Ursinhos* para ela.

— Ela adora essas histórias.

— Sim — Inger para por um momento e continua: — Você quer falar com Phil? Ele está aqui do lado.

O que ela quer dizer com aqui do lado? Está logo atrás de você? Você está nua? Ele vai te comer?

— Oi, Tina! Como foi hoje? — Phil demonstra interesse.

Tina quer contar tudo, mas não consegue falar. Está tentando segurar as lágrimas.

— Tina, você está bem?

— Sim — responde com a voz rouca.

— Está tudo bem? — pergunta, mas Phil parece distraído, como se não estivesse ouvindo.

— Sinto sua falta — sussurra.

— Não, assim não, você vai quebrar a rolha desse jeito! — Phil grita de repente. — Desculpe, Tina, essa norueguesa boba estava quase arruinando uma boa garrafa de Ripasso. O que você acabou de dizer?

— Nada — suas lágrimas secam e seu coração se endurece.

— Ok, vou deixá-la cuidar de suas coisas — ele diz. — Tenho certeza de que está ocupada.

Estão tomando vinho juntos. Vão ficar bêbados e trepar.

— Tina — Phil continua —, cuide-se, amor. Te amo.

— Também te amo — sussurra, mas sente as palavras meio engasgadas na garganta.

Tina se senta sozinha no bar do hotel e observa o barman recolhendo os copos, enquanto termina o seu gim tônica. Ele assobia música flamenca enquanto trabalha. As revelações de hoje deixaram-na com a cabeça zonzinha. De repente, fica muito brava, furiosa. Por que seus pais não contaram a verdade? Tinha o direito de saber quem era seu pai verdadeiro. Então, pensa em Valentina e constata que está fazendo exatamente a mesma coisa com a própria filha. Está deixando Valentina acreditar que Phil é o pai de verdade. Será que isso acabará em dor e fúria no dia em que ela descobrir a verdade?

Sua raiva acalma e Tina se sente perdida e abandonada. Quer se sentir bem de novo. Tem vontade de encher a cara e fazer loucuras.

— Tem algum bom lugar para dançar por aqui? — pergunta ao barman.

— Tem uma boate do outro lado da rua — aponta na direção do lugar. — Eles tocam de tudo. É bom.

Promete a si mesma que vai tomar um único drink e dançar uma só música. A boate é perto do hotel, não há problema. Apesar de ser terça-feira, está lotada, mas o ambiente é tranquilo. Parece ser frequentado por uma galera jovem e de cabeça aberta. A maioria deve ser de artistas e universitários.

Pega um drink no bar e fica observando as pessoas dançarem. Já se sente um pouco melhor. A música é um pouco pop demais para o seu gosto, mas é boa para dançar. Então, uma de suas músicas favoritas começa a tocar: “Kashmir”, do Led Zeppelin. Tem que dançar. Toma o drink de uma vez e vai pra pista.

Sente-se bem, livre e solta. Dançar sozinha em uma boate cheia de estranhos, sem conhecer ninguém e sem se importar com o que pensam é a melhor terapia. Desencana da imagem de Phil e Inger tomando vinho juntos e se deixa levar, girando na pista de dança como um dervixe. Jovens vêm e vão; dançam um pouco com ela. Essa liberdade é maravilhosa; está adorando dançar com estranhos. Sente a resposta de seu corpo e se move sensualmente, sentindo a música.

Um garoto volta para dançar com ela toda hora. Ele tem cabelos encaracolados até a altura do ombro, é musculoso, mas não muito alto. Devem ter a mesma altura. Começam a dançar juntos pra valer. Ele a pega pela mão e a rodopia pela pista. Tina pulsa o corpo contra ele, curtindo a sensação de sentir esse corpo firme junto ao seu. Giram pela pista, movendo os quadris, sem inibição. Sente-se desejada e sexy. É isso que a dança fez com sua mãe Maria?

Vivienne disse que ela tinha a alma livre e era libertina? *Talvez, se era assim, não tinha como evitar*, Tina pensa. Deixa o garoto apertar o seu corpo e sente a tensão das pernas dos músculos da perna dele em contato com suas coxas macias.

Meia hora depois, atravessam a porta do quarto de hotel de Tina se beijando e arrancando as roupas. Ela tira os sapatos de salto alto e ele tira a camisa. Ele tem o peito bem peludo para um garoto tão jovem. Tina crava as mãos nele, apertando sua pele com as unhas, fazendo sua respiração acelerar. Arrancam as roupas um do outro. Os olhos do garoto brilham no escuro quando se abaixa para beijar o pescoço de Tina. Ela estica a cabeça, oferecendo a garganta. Ele aceita e beija, seguindo para a lateral do pescoço e a nuca. Começa a mordê-la delicadamente, provocando e puxando a pele de seu pescoço com os dentes. Pontadas de prazer correm pelo corpo de Tina, alimentando o desejo apimentado pelo receio. Ela devia mandá-lo parar; ele pode machucá-la... Já deve estar machucando, inclusive, mas não consegue. Está adorando a sensação.

Ele se joga na cama, puxando-a para cima de si. Seu jovem espanhol alterna beijos e mordiscadas em seus ombros e na lateral de seu corpo. Beija seus mamilos e os lambe delicadamente. Tina fica louca com a sensação dos lábios e língua em seus seios. Quer muito que ele a coma. De repente, ele cerra os dentes em seu mamilo esquerdo e morde, não muito forte, mas forte o suficiente para que ela sinta ao mesmo tempo dor e prazer. Isso é perigoso; esse homem pode realmente machucá-la, mas, mesmo sem saber o seu nome, gosta dessa combinação erótica de medo e ardor. Sente-se muito melhor. A dor das mordidas camufla a dor do seu coração. Ele desce pelo seu corpo, mordendo seus quadris e suas coxas.

Tina abre as pernas, desesperada para senti-lo por dentro. Sente os lábios dele em sua boceta e sua respiração acelera de ansiedade. Ele lambe uma, duas e, na terceira vez, morde delicadamente, subindo um pouco a boca e mordiscando seu clitóris. Está ficando louca com todas essas sensações em seu corpo, sente que está chegando perto do limite. De repente, ele enfia a língua dentro dela. *Meu Deus, esse homem é um animal*. Ele libera o que há de mais primitivo nela. Ela está se contorcendo, quase gozando. Como se percebesse, ele recua e se levanta. Olha-a demoradamente, enquanto ela observa o seu pau, já duro, surpreendentemente grande para um homem tão pequeno. Não falam nada. Tina abre bem as pernas, implorando para ser comida.

Ele pega a calça jeans e tira um pacote de camisinha, que abre com gosto. Ele lembra um pouco um toureiro, um homem bem macho. Antes que a penetre, Tina já sabe que ele vai meter fundo e com força. É isso que ela quer, é disso que

precisa.

* * *

Ele ainda está dormindo quando Tina se levanta na manhã seguinte. Junta suas coisas, tentando não fazer muito barulho. Ele está deitado de bruços. Parece tão inocente e pueril enquanto descansa. É muito jovem. Pela qualidade de suas roupas, julga que deve ser estudante.

Deixa um bilhete em espanhol na cômoda. Nele, escreve que teve que pegar um voo cedo de volta para a casa e que ele pode ficar na cama até a hora do check out. Já cuidou de tudo. Então, deixa um dinheiro para ele. Não sabe por que faz isso. Será que minimiza o que ela fez?

Tina se olha no espelho do armário antes de sair do quarto. Não consegue encarar sua cara de traidora. Como pode fazer isso com Phil? No que estava pensando? Não sabe como explicar a ira de ciúmes que a possuiu ontem. Tinha tanta certeza de que Phil e Inger estavam aprontando juntos em Milão, mas isso é um pensamento absurdo. Para seu desespero, vê que seu pescoço está cheio de marcas de chupões. Como vai cobrir isso quando chegar em casa? Pega uma echarpe e enrola várias vezes em volta do pescoço. Mas o que vai fazer quando tiver que tirar o lenço?

Enquanto está tomando café no aeroporto e tentando recuperar a calma, não consegue tirar os olhos do painel de embarque. Não está olhando o voo para Milão, mas sim o voo para Paris. Vê os minutos passando e a oportunidade de conhecer seu pai diminuindo.

Embarque. Portão fechando. Portão fechado.

Nesse momento, seu voo para Milão é anunciado. Tina pega a mala, ajeita a echarpe ao redor do pescoço e segue adiante. Seu corpo continua dolorido da noite anterior e seu coração está pesado. Mas quer ir para casa. Deseja mais do que tudo passar a noite nos braços de Phil. Ele é o único verdadeiro amor de sua vida.

Valentina

VALENTINA E LEONARDO estão sentados sobre as almofadas da sala de estar, comendo salada em embalagem para viagem.

— Vem morar comigo — Leonardo convida.

Valentina fica tão chocada que quase engasga com o faláfel.

— Como é que é? — Valentina acha que não entendeu direito.

— Disse pra você vir morar comigo — Leonardo reforça calmamente, tomando um gole de seu suco de laranja com beterraba. Pela sua expressão, Valentina vê que ele está falando sério.

— Mas por quê? — sabe que sua resposta não é muito educada, mas está sinceramente surpresa com o convite de Leonardo.

— Porque você precisa dar um pouco de espaço para Marco e Jake... — dá um sorriso tímido... — E porque eu quero.

— Tem certeza de que me quer por perto o tempo todo?

Pega um pouco de homus com um pedaço de pão sírio.

— Ter você por perto o tempo todo é o que eu mais gostaria no mundo — Leonardo fala com sentimento.

Suas palavras a assustam um pouco. Se for morar com Leonardo, não será algo provisório. Pode ser algo de grande importância em sua vida, talvez até permanente. Morde os lábios pensando na resposta.

— Não precisa responder agora — Leonardo diz. — Pense a respeito.

— Não preciso — Valentina está decidida. — Sim, eu aceito.

Fica muito emocionada. Tem uma sensação ambígua, algo entre dor e esperança. Finalmente, está dando passos no sentido de confiar em outro homem.

Terminaram toda a comida e beberam toda a garrafa de prosciutto. Pela primeira vez em meses, Valentina se sente muito bem; relaxada, mas excitada. Sua vida está mudando e não sabe para onde está indo, mas isso a anima. Não há nada pior do que previsibilidade. Vai morar com Leonardo... O que pode acontecer em seguida?

Estão sentados no futon, um de frente para o outro, ouvindo Sigur Rós, cujas melodias de sonho criam uma rede sedutora ao redor de ambos.

— Você se lembra de quando te toquei, de quando massageei a sua yoni? — Leonardo sussurra.

Valentina sentiu como se estivesse derretendo nas mãos de Leonardo. Foi uma

das experiências mais sensuais de sua vida.

— Sim! Foi incrível.

— Queria te mostrar que há muitas formas de usar um simples toque quando se faz amor.

— O que você quer dizer? — pergunta.

— Claro que nos tocamos quando fazemos amor, mas não exploramos o suficiente os efeitos eróticos do toque. No Tantra, tentamos tocar com amor e percepção nas mãos, de modo que, quando você está sendo tocada, você se permite receber o toque. Você absorve o calor dentro do corpo.

— Então, quando você me massageou, não era apenas você fazendo algo em mim? — ela pergunta.

— Exatamente, você não é passiva... Você está ativamente recebendo o toque e isso possui um efeito sobre mim.

Agora entende o que ele está dizendo. Que ele sentiu que estavam ligados através de uma interação sexual quando fez a massagem.

— Valentina — Leonardo sussurra, passeando os dedos pelo seu rosto e olhando-a com tanta devoção que ela sente seu coração acelerar —, hoje à noite, quero que você faça amor por você; não por mim, mas por você.

Ela franze a testa.

— Quero fazer amor com você — diz. — Quero te fazer feliz.

— Oh, Valentina, você faz — sorri. — Você não precisa se esforçar.

Ele a toma nos braços e se beijam lentamente. Vão tirando as roupas pouco a pouco e Valentina vai sentindo cada ponto de seu corpo que está em contato com cada parte de Leonardo. As pontas de seus dedos tocam as bochechas dele, seus seios estão em contato com o peitoral dele. Em, vez de caírem na cama, Leonardo senta em posição de lótus, posicionando Valentina sobre suas coxas.

Valentina coloca as pernas ao redor da cintura de Leonardo e os braços em volta das costas dele. Se abraçam. Ela se levanta um pouco para sentir o pau dele roçando seus lábios vaginais. Sente um arrepio, um tremor que chega ao seu útero.

— Apenas relaxe — Leonardo sussurra, olhando em seus olhos. Conscientemente, Valentina relaxa seu assoalho pélvico e imagina que está se abrindo para o pau de Leonardo. Vagarosamente, cada vez mais devagar, ele a penetra e, em resposta, ela sente que se abre ainda mais, complacente. Sente-o se mover dentro dela; não na forma de estocadas, mas serpenteando fundo dentro de sua yoni. É como se o pau de Leonardo tivesse inteligência própria, pois está controlando a transa, como se dissesse para onde devem se mover e quanto.

Ao olhar nos olhos de Leonardo, sente-se segura e amada, protegida. No entanto, apesar do êxtase que está sentindo, das sensações crescentes, não deixa

de desejar ter vivido essa experiência com Théo.

Valentina e Leonardo formam uma única entidade respiratória se movimentando para frente e para trás e, então, algo explode dentro de Leonardo.

Ele grita com uma voz rouca, tão diferente do seu habitual tom sereno.

— Oh, meu amor, Valentina! Eu te amo.

As palavras atravessam o coração de Valentina quando, com uma profunda e trêmula respiração, ele goza. Olha fixamente para ele, incapaz de responder, emudecida pela emoção dele. Ela sabia, é claro que sempre soube que ele estava apaixonado por ela, pelo menos no último ano. Que outro motivo o levaria a pedir que fosse morar com ele? Mas Leonardo sempre pareceu ter tanto controle sobre suas emoções com a sua ioga e os seus ensinamentos tântricos. Ouvi-lo gritando o seu nome, vendo-o perder o controle e dizendo que a ama tira Valentina da órbita. Não consegue dizer nada, mas seu corpo responde, começando a vibrar, unindo-se a ele na entrega, gozando de novo e de novo.

Tina

1989

ACHOU QUE ELE tinha morrido. Quando abriu a porta e viu Garelli, o policial amigo de Phil, parado na entrada, com aspecto sombrio, Tina achou que Phil tinha sido assassinado. Não é uma mulher histérica, mas gritou instintivamente. Sentiu como se estivesse sendo punida. Merecia perder Phil.

Inger veio correndo e usou o parco italiano que tinha para perguntar ao policial o que tinha acontecido.

— O Signor Rembrandt levou um tiro — Garelli explicou —, mas está bem. Foi apenas um ferimento no ombro.

— Ele está bem? — Inger se certifica enquanto Tina fica parada, muda, tremendo.

— Ele salvou a minha vida — Garelli disse. — Foi um herói.

— Não quero um herói — Tina reagiu. — Quero meu homem vivo e com saúde.

Era só uma questão de tempo até que algo acontecesse. Desde que tinha voltado de Barcelona, Phil trabalhava sem parar no artigo que estava escrevendo sobre os crimes violentos de uma facção da máfia perto de Sorrento. No início, Tina não reclamou. Sentia-se tão culpada pelo que tinha feito em Barcelona que ficou grata por ele continuar com ela, por não saber da traição. Porém, à medida que as semanas passavam, sentia que Phil estava dividido entre ela e o caso da máfia. Era como se tivesse dois relacionamentos.

— Você vai se machucar — alertou. — Phil, essas pessoas são muito perigosas.

— Eu sei — ele retrucou. — Mas alguém tem que os deter. Estou tentando ajudar Garelli e a polícia a solucionarem um caso.

— Por favor, Phil, deixe a polícia fazer o seu trabalho. Você não tem nem uma arma.

— E por que precisaria de uma arma? — riu de Tina. — Tenho o poder da minha caneta.

Ela não achou nada engraçado.

— Isso não é assunto pra piada — repreendeu-o.

— Eu sei — ficou sério. — Não quando uma garota é brutalmente assassinada e seu corpo é jogado em uma lata de lixo em Nápoles, simplesmente porque

estava no lugar errado, na hora errada. Ou quando um menino tem overdose de heroína comprada desses desgraçados, deixando-os tão ricos que conseguem fingir que são respeitáveis.

Tina balançou a cabeça.

— Eles têm muita força, Phil. Você não pode mudar isso sozinho.

— Eu posso tentar — disse. Tina nunca tinha visto Phil tão puto. — Aquele tal de Caruthers pensa que é rei. Seu filho estuda na escola particular mais cara da Inglaterra e está sendo criado para se tornar um pequeno lorde e administrar o seu império. E não são só drogas, Tina, é tudo: prostituição, roubo, assassinato. Não tem fim.

Quando setembro chega, Phil está trabalhando noite e dia, obcecado com o caso. Disse que estavam próximos de algo crucial. Um dia de manhã, Valentina estava na escolinha e Phil levou Inger com ele para tirar fotos de uma das gangues em um café, pois todos sabiam quem era Phil. Tina ficou furiosa quando descobriu.

— Como você ousa colocar a vida desta menina em perigo? — enfrentou-o. A própria Tina ficou surpresa com o afinho com o qual protegeu a jovem norueguesa. — Ela é completamente inocente.

— Ela se ofereceu para vir comigo — Phil disse. — Achou empolgante.

— Não me importo se foi o evento mais emocionante de toda a sua vida. Ela só tem vinte anos de idade. Você NUNCA mais vai levá-la com você.

Agora ele foi baleado e Tina corre para o hospital em seu carro. Não se importa se ele estava pedindo por isso ou não, só quer vê-lo bem.

— Olha aí a minha garota — Phil diz, sentando-se na cama. Seu braço está pendurado em uma tipoia e seu ombro está coberto de ataduras.

Tina começa a chorar. Não consegue parar. Ele parece tão vulnerável com todos aqueles curativos. Vê que Phil está sentindo dor, apesar do seu sorriso.

— Ei! — diz. — Vem cá, sua boba.

Tina senta na cama e enterra a cabeça no peito de Phil. Ele acaricia sua cabeça.

— Estou bem. Foi só um pequeno ferimento — conta.

Tina levanta a cabeça e olha para ele

— Achei que você tivesse morrido — soluça. — Quando vi Garelli, achei que tinham te matado.

— Não, eles não iam conseguir se livrar de mim assim tão fácil.

— Não brinque — implora.

— Ok, meu amor — diz delicadamente. — Vem aqui.

Tina deita na cama de hospital e se aninha no lado sem curativos de Phil. Ele coloca o braço ileso ao redor dela. Percebe que é a primeira vez em semanas que

se aconchegam. Ele andava tão ocupado com o trabalho.

Phil beija a cabeça de Tina e ela levanta o rosto para olhá-lo. Beijam-se suavemente. Tina sente sua pulsação acelerar. Tem vontade de fazer amor com ele.

— Sabe, sempre tive essa fantasia com enfermeiras — Phil provoca.

— Não vai inventar de seduzir uma das enfermeiras agora, hein? — Tina provoca de volta.

— Eu sequer sonharia com isso. Você é a única mulher que existe para mim, Tina Rosselli.

Recua quando lembra que o traiu. Duas vezes. Não merece o seu amor. Gostaria que tudo voltasse a ser como era antes de Phil começar a trabalhar com o caso da máfia, quando Valentina ainda era um bebê e Mattia não tinha ido para os Estados Unidos.

— Liguei para Mattia — Tina diz. — Ele vai pegar o voo de volta amanhã.

— Não há necessidade. Ele vai pagar uma fortuna.

— Phil, você é o pai dele. É claro que ele vai voltar. Vou pagar a passagem.

— Como ele está se saindo lá?

— Bem. Conseguiu um trabalho em uma empresa de mudanças em Nova York. E arrumou uma namorada, Debbie.

— E a nossa garotinha?

— Está no parque com Inger. Foram alimentar os patos. Valentina quer saber onde está o seu papá.

— Logo estarei em casa. Disseram que daqui a um ou dois dias estarei novo em folha. Vou ficar um pouco inchado, mas....

— Phil, você tem que parar — Tina diz.

— Mas quase o pegamos, Tina — Phil fala com entusiasmo. — Vou acabar com Caruthers.

— Escute o que estou dizendo, Phil, é perigoso demais.

— Vai ficar tudo bem — ele a acalma. — Está quase acabado.

— Estou preocupada com Valentina, Inger, todos nós... — Tina diz.

— Ok — Phil morde os lábios. — Você tem razão. Por que você e Valentina não passam um tempo com Mattia em Nova York até tudo acabar? Inger tem que voltar para a Noruega daqui a algumas semanas mesmo.

— Mas e você?

— Vou ficar aqui — ele diz. — Tenho que ir até o fim, Tina.

— Não — ela retruca em tom sério. — Não vou te deixar.

Phil afasta o cabelo da testa de Tina com sua mão boa e dá um beijo nela.

— Você sabe que te amo mais do que a minha própria vida, não sabe?

Tina diz que sim.

— Você precisa confiar em mim — suspira. — Não posso deixar as coisas desse jeito. Seria pior. Tenho que ter certeza de que Caruthers será preso.

Tina balança a cabeça.

— Por favor, Phil...

Ele a interrompe.

— Quero todos vocês em segurança. Então, talvez eu tenha que me afastar até tudo acabar...

— Não — Tina entra em pânico. — Não me deixe.

Ele sorri.

— Não seja louca; é claro que não vou te deixar... É só por um tempo.

— Não — Tina sussurra. — Não consigo viver sem você.

Sabe que isso é o tipo de coisa que os apaixonados dizem o tempo todo, mas é verdade. Quando viu Garelli parado na porta, quando achou que Phil tinha morrido, Tina sentiu como se estivesse morrendo por dentro também. É como se seu corpo começasse a desmoronar e seu coração despencasse como uma pedra.

— Um dia, talvez tenha que ser assim, Tina — Phil belisca seu queixo com o dedo. — Estamos todos sozinhos no final.

Valentina

VALENTINA REGA A planta de aloe vera no umbral da cozinha de Leonardo. Aperta suas folhas rechonchudas e suculentas e verifica a umidade da terra. A luz entra pela janela aberta. A primavera já virou verão. Pensa se deve ficar em Nova York durante todo o verão. Marco disse que fica insuportavelmente quente, mas Milão também fica. Quando contou que ia se mudar para o apartamento de Leonardo, Marco ficou contente por ela.

— Achei que você ainda não estava pronta para namorar — Marco contesta Valentina enquanto arruma as malas. — Imagine viver com alguém.

— Leonardo é diferente — Valentina diz.

— Ele vai cuidar de você — enquanto fala, Marco dobra uma de suas camisas com mais capricho do que ela mesma dobraria.

Está morando com Leonardo há menos de uma semana e tem sido um sonho. Conseguiu afastar todos os pensamentos sobre Glen e o seu bilhete sinistro. A polícia não disse mais nada sobre o roubo, apenas confirmou que o desenho de Klimt era original e que, infelizmente, não havia impressões digitais ou outras provas que permitissem análise de DNA. Examinaram o tubo e localizaram a agência postal de onde o objeto foi enviado, no Harlem. Assistiram às imagens das câmeras de segurança, mas estavam em um beco sem saída. Valentina finalmente decidiu abrir mão de tudo. Mesmo da vingança contra Glen. É perigoso demais. Não vale a pena. É assim que se sente graças a Leonardo. De qualquer forma, Glen não deve estar mais em Nova York. O cara seria louco se ficasse na cidade onde todos os policiais estão atrás dele.

Todas as manhãs, Valentina é despertada pelo seu amante com uma xícara de chá de ervas Kusmi. Toma o chá enquanto Leonardo massageia seus pés. Às vezes, quando não estão com pressa, Leonardo aproveita para massagear o resto de seu corpo, então já começam a manhã fazendo amor.

Hoje, enquanto estavam deitados na cama com os pés se tocando, Leonardo fala um pouco mais sobre sexo tântrico.

— No Tantra, o orgasmo não é mais um objetivo primordial que tem que ser atingido através de esforço e tensão — Leonardo explica. — Quando acontece, é bom, mas quando não acontece, também é bom.

— Acho isso difícil de entender — Valentina admite, acariciando a parte interna do braço de Leonardo. — Já transei sem gozar, mas sempre fiquei com uma sensação de insatisfação. E, quando era meu parceiro que não gozava, me

sentia um fracasso.

— Isso acontece quando se coloca um alvo ou um objetivo para o sexo. O foco é mais no prazer do que no êxtase.

Leonardo acaricia seu rosto.

— O que estou tentando te mostrar é que quando se traz o relaxamento para o sexo, mas relaxamento no verdadeiro sentido da palavra, ele se torna uma revelação mágica em vez de um padrão que deve ser seguido à risca todas as vezes.

— O que você quer dizer com relaxamento?

Leonardo estica os braços atrás da cabeça. Parece um gato: tranquilo, mas alerta.

— Não digo um estado de exaustão ou colapso. O que chamo de relaxamento acontece quando você transfere sua atenção da ausência para dentro, da atividade para o repouso, fazendo menos e sendo mais. É a ideia de liberar o controle com o qual fazemos amor para não termos que corresponder aos hábitos...

Valentina vira-se de lado e olha para Leonardo, dando um beijo em sua testa.

— Estou me sentindo bem relaxada agora.

— Você não acredita em como você é tensa. Você precisa liberar essa tensão conscientemente. Da próxima vez que transarmos, tente achar esses focos de tensão no seu corpo. Por exemplo, quando você relaxa o maxilar, é possível sentir um efeito de suavização imediato na região pélvica. Da mesma forma, ao relaxar os pés, dobrando e esticando seus dedos, você pode relaxar a vagina.

— Então, quando é a próxima vez que faremos amor? — Valentina se apoia no cotovelo e dá um sorriso atrevido.

Leonardo olha longamente para ela, sorrindo devagar. Parece ainda mais um gato, como se fosse ronronar. Puxa-a para cima dele e beija seus lábios suavemente. Valentina também o beija, colocando as mãos ao redor do rosto dele, como se fosse um tesouro. Tem vontade de fechar os olhos, de se perder em fantasia, mas Leonardo fixa seu olhar nela. Valentina corresponde e, ao manter os olhos abertos, descobre que, assim, a percepção de seu próprio corpo se abrindo para ele é ainda maior. Senta em Leonardo, recua e mantém essa posição por um momento. Suas mãos estão no coração um do outro e respiram em uníssono. Valentina sente o pau de Leonardo crescendo e pensa em tudo que ele a ensinou. Precisa perceber o seu corpo tanto quanto o dele. Tem que fazer amor consigo mesma tanto quanto com ele. Dessa forma, pode amá-lo melhor. Abaixa-se e o beija, sentindo o pau dele penetrá-la instintivamente e devagar. Ela contrai os músculos e o segura, sugando-o fundo dentro de si. Sente como se a cabeça do pau estivesse tocando a parte mais sagrada e sensível de seu corpo. Determina que não vai pensar no resultado e se concentra nas sensações de seu

corpo. Relaxa o maxilar, sentindo a pélvis se abrir mais, puxando-o ainda mais pra dentro. Pela primeira vez na vida, pensa na força e no poder que tem por dentro. Imagina um diamante brilhando em seu diafragma, Deseja que a luz se espalhe e relaxa. Para seu espanto, sente uma repentina onda de ânsia, um embrulho no estômago quando toda a dor e sofrimento do último ano vêm à tona. Fica assustada, mas Leonardo a segura com força e olha em seus olhos, curando-a silenciosamente com o seu amor. Estão fazendo amor sem esforço, sem tensão. A união vira uma dança, um vai e vem sensual de seus corpos, como se fossem duas serpentes enroladas uma na outra.

Fazem amor durante duas horas. Antes, se alguém lhe contasse que passou duas horas seguidas transando sem gozar, Valentina não acreditaria. Teria julgado frustrante e até mesmo desconcertante se nenhum dos dois conseguisse gozar. Porém, quando a dança apaixonada deles desacelera e os dois se desenrolam, ela se sente eufórica, seu corpo irradia êxtase e todos os pensamentos de dor do passado e insegurança do futuro são apagados pela entrega do presente. Sente como se estivesse trazendo Leonardo para dentro de si com todo o seu amor e positividade. Todas as chaves do sexo tântrico estão ajudando a destravar o seu temor de intimidade.

Quer guardar esse sentimento consigo durante o restante do dia, mas assim que Leonardo vai para sua aula de ioga, começa a se sentir um pouco ansiosa de novo. Tudo seria perfeito se não fosse por Glen e pela tela de Klimt. Tenta afastar isso da mente de novo. Tem um ensaio agendado para esta tarde. Uma modelo chamada Sophie quer que ela faça uma série de fotos experimentais para o seu portfólio. Decidiram usar vários pontos icônicos de Nova York: Central Park, Guggenheim, Times Square e o topo do Rockefeller Center. Valentina está entusiasmada com esse projeto. Pensa em brincar com técnicas de processamento digital, como multiplicidade e composição.

Assim que acaba de ajeitar todo o material que vai usar, seu telefone toca.

— Oi, querida. É Tina.

Por que sua mãe não se autodenomina “mamãe” como todas as outras mães? Detesta ter que a chamar de Tina. Para começar, o nome delas é mais ou menos parecido.

— Ah, oi.

— Como vão as coisas? Está cheia de trabalho?

O assunto sempre é trabalho quando fala com a sua mãe.

— Sim. Na verdade, estou ocupada.

— Bom... — sua mãe faz uma pausa. Não vou dar nenhum conselho dessa vez.

Há um momento de silêncio.

— Então, estou em Nova York — sua mãe anuncia.

— Ah, não diga? — Valentina pergunta cautelosamente. *O que ela quer?*, pensa.

— Sim, sabe... — mais uma pausa estranha. Sua mãe não costuma ficar sem palavras.

— O que foi, mamma?

— Gostaria de vê-la assim que possível. Precisamos conversar.

— Sobre o quê?

Sua mãe está dez anos atrasada. Valentina já desistiu de tentar se entender com ela. É capaz de tolerá-la, mas nunca serão próximas.

— Tenho conversado com Phil — sua mãe revela.

Valentina não diz nada. Seu coração fica pesado. Pretendia evitar ter essa conversa com sua mãe. Tinha enterrado o fantasma do pai ausente quando encontrou Phil Rembrandt e ele contou que, na verdade, não era seu pai verdadeiro. Quando estava em Sorrento com Théo, decidiu que não queria saber mais nada sobre seu pai e que nunca tocaria nesse assunto com sua mãe ou com Mattia. Estava brava com eles por terem mentido, mas por que resgatar isso agora? Não queria mais dor em sua vida. Ademais, quando perdeu Théo, a busca pelo seu pai verdadeiro pareceu muito irrelevante em comparação ao seu sofrimento.

— Por que não me contou que sabia... de Karel?

— Não vi motivo... Achava que você é quem deveria me dizer.

— Eu nunca ia te contar — Tina fala sem rodeios.

— Exatamente — Valentina diz friamente. — Então por que falar sobre isso?

— Mas agora você sabe. Preciso te contar tudo sobre ele.

— Por quê?

— Porque Phil me fez entender que o que eu fiz está errado. Me desculpe, Valentina.

Fica estupefata. Não consegue se lembrar de ter ouvido sua mãe pedir desculpas um dia.

— Olha — sua mãe continua —, não quero ter essa conversa pelo telefone. Podemos nos encontrar em algum lugar?

Valentina olha para o relógio. Combinou de encontrar Sophie em um restaurante chamado Steak Frites às quatro da tarde. Agora é meio-dia.

— Ok, quer almoçar comigo em um lugar chamado Steak Frites? É um restaurante francês que fica na esquina da 18ª com a 5ª.

— Te encontro lá à uma em ponto.

Steak Frites é decorado com o estilo de um bar parisiense da década de 1920,

com papéis de parede, espelhos e chapéus vintage enfeitando as prateleiras. Virou um dos lugares favoritos de Valentina para beber e comer porque lembra aquela época. Também disse para Sophie que seria uma boa locação para uma das fotos. É um lugar um pouco esquisito, as lâmpadas ficam perduradas em suportes feitos de chapéu-coco. O restaurante tem vários detalhes teatrais e referências da época.

Chega alguns minutos antes de sua mãe. No ano passado, quando Théo morreu, viu sua mãe pela primeira vez depois de nove anos. Ficou surpresa, pois ela quase não tinha mudado. Na verdade, se mudou, foi para melhor. Hoje, ainda conserva os cabelos pretos e lustrosos com o mesmo corte curto, sua pele pálida e macia. Tem poucas rugas para a idade, provavelmente porque teve o cuidado de proteger a pele. Afinal, para Tina Rosselli, a manutenção pessoal é uma prioridade de vida. Continua impecável: não tão magra quanto antes, mas delgada e vestida de forma simples com jeans skinny, camisa branca e botas de salto alto pretas. Valentina sente-se um pouco desproporcional com sua minissaia e ankle boots. Por que se arrumou tanto só para encontrar sua mãe?

Sentam perto da janela da frente e pedem uma salada Steak Frites cada uma com fritas de acompanhamento. Sua mãe escolhe uma garrafa de vinho tinto.

— Você está melhor — Tina comenta. — Ganhou peso, mas te cai bem.

Valentina não sabe se foi um elogio ou um insulto.

— Você está incrível como sempre — Valentina comenta.

Sua mãe sorri como se já soubesse e Valentina se arrepende de tê-la elogiado. Já está ficando irritada. Respira fundo. Precisa se esforçar para não ficar tensa e brava.

— Então, como está se sentindo? — Tina pergunta. — A mudança para Nova York te ajudou a superar aquele cara?

Valentina dá um gole no vinho tinto. Sente uma fúria crescendo por dentro.

— Não era simplesmente um cara, mamma. Ele se chamava Théo e era o meu noivo — sente seu tom de voz aumentando. — Íamos nos casar.

Sua mãe a observa espantada.

— Ok, acalme-se, nunca percebi que era sério. Você mencionou casamento no ano passado, mas achei que estivesse fantasiando... Você nunca me disse que iam se casar ou que tinham voltado. Só fiquei sabendo do acidente...

— Ele foi o grande amor da minha vida, mamma.

Valentina tem um arroubo emocional. Sua declaração a deixa arrasada. É verdade, mas, ao dizer isso, sente como se estivesse traindo Leonardo de alguma forma.

Sua mãe fica consternada. Emudece por um momento. Inclina-se e pega na mão da filha.

— Eu sei o que é perder o amor da sua vida.

Não importa o quão pessoal seja o assunto, sua mãe transforma tudo o que Valentina diz em uma conversa sobre si mesma. Valentina olha para a mãe e tenta adivinhar quem seria o seu grande amor: Phil ou seu pai, o misterioso Karel, ou talvez algum outro, que nunca soube que era um grande amor para sua mãe.

— Não achei que você acreditasse nessas coisas, mãe.

— Toda garota acredita que há alguém especial, Valentina. No fundo, todas nós esperamos secretamente pela chegada do nosso príncipe — dá uma risada triste e bebe o vinho.

— Sei que minha mãe teve um amor secreto antes de conhecer meu pai — continua. — E, claro, minha avó Belle teve Santos Devine. Todas têm alguém. Algumas de nós têm sorte e conseguem ficar com eles, mas outras não... — Tina dá mais um gole no vinho. — Mas devemos ser gratas pelo tempo que tivemos com eles e nunca nos fechamos de novo para o amor por causa de um coração partido. Pode não ser a mesma coisa, mas, ainda assim, é amor.

Tina está começando a soar como Leonardo. A comida chega. Valentina quer devorar tudo. Enche a mão de fritas e molha no ketchup.

— Então, você veio até aqui para falar do meu pai, não? — vai direto ao ponto.

— Na verdade, estou indo visitar Mattia e a família dele — diz. — Mas quis conversar com você antes.

Claro. Sua mãe não viria para Nova York só para vê-la. Tinha que ter alguma outra razão.

— Por que você não vem visitar Mattia comigo? — sugere.

Valentina balança a cabeça.

— Estou ocupada.

Quer adicionar “se apaixonando”. Sabendo como sua mãe é, se conhecesse Leonardo, insistiria para que ele fizesse uma de suas massagens yoni de cura nela. Fica horrorizada com a ideia.

— Vamos, Valentina, você conhece a Debbie e eu não me dou tão bem com ela. E ainda não conheceu as crianças. Mattia está magoado.

— Ele pode vir me ver em Nova York. Por que não?

— Você sabe que ficou mais difícil pra ele desde que a empresa foi transferida. Por que você não pode fazer um esforço por ele? Ele sempre se preocupou com você.

Dá de ombros para não demonstrar seu verdadeiro sentimento, mas sua mãe não é boba.

— Você está brava com ele? — pergunta.

— Ele sabia a respeito de Phil e Karel, mas nunca me contou nada.

— Não é culpa dele, Valentina. A culpa é minha. Fui eu quem quis manter o segredo. Obriguei-o a prometer que não te contaria.

— Por que isso, afinal? Por que você permitiu que eu crescesse acreditando que meu pai era Phil e que ele não queria saber de mim? Você não enxerga o mal que estava me fazendo?

— Enxergo agora. Phil também está muito chateado por eu ter te deixado acreditar nisso. Ele se sente culpado por não ter tido um papel mais importante em sua vida — para e toma um pequeno gole de vinho. — Mas, Valentina, a culpa é toda minha. Fui eu quem te afastou de Phil. Não permiti que ele voltasse para minha vida. Estava tão magoada com ele.

— Por quê? Por que você estaria magoada? Foi você quem foi embora e teve um bebê com outro homem... Não vejo onde está o erro de Phil.

Tina suspira.

— É muito mais complicado do que você imagina, Valentina. Talvez quando for mais velha e casada com alguém há alguns anos, você entenderá como estavam as coisas entre nós quando fui para Berlim.

Valentina dá uma garfada no bife malpassado. É macio e sangrento. Dá um gole no vinho em seguida para contrabalançar o amargor, o gosto de raiva na boca. Sua mãe pega uma batata e mergulha no ketchup, mas, em vez de comer, segura-a entre o polegar e o indicador.

— Era muito jovem quando conheci Phil, Valentina. Eu era tão inexperiente — Tina gesticula com a batata enquanto fala. — Ficamos juntos durante vinte anos no total. Phil estava muito preocupado com o próprio trabalho quando fui para Berlim... Eu me sentia sozinha... — coloca a batata no prato.

— Não quero saber os porquês — Valentina rebate. Sabe que está sendo dura com sua mãe, mas gostou de Phil quando o encontrou em Londres. De certa forma, está furiosa porque ele não é seu pai de verdade. Entende que uma das razões pelas quais não quer ver Mattia é justamente pelo fato de ter ciúmes. Seu irmão tem um pai com o qual tem um relacionamento e ela não tem nada.

Tina parece que foi açoitada. Brinca com a comida no prato. Para aumentar sua irritação, Valentina percebe que sua mãe não está comendo. Sempre ficou louca com sua mãe brincando com a comida. Ela pede pratos refinados e fartos e os deixa intocados. Isso faz Valentina querer exagerar, enfiar cada uma daquelas batatas oleosas goela abaixo.

— Conte sobre o meu pai. Quem é ele?

Sua mãe tosse, parece um pouco desconfortável.

— Era um músico muito talentoso. Na verdade, era um violoncelista célebre no Bloco Soviético. Seu nome era Karel Slavik. O pai dele era tcheco e a mãe,

alemã. Ele tinha as mãos mais lindas, dedos incrivelmente fortes...

Tina desvia o olhar de Valentina e olha para fora do restaurante, para a calçada movimentada. — Era mais novo do que eu — diz.

— Quanto?

— Dez anos. Ele tinha vinte e cinco. Tinha sido um filho próspero da RDA. Quando o conheci, ele já tinha gravado muitos discos famosos. Karel era um leal defensor do socialismo.

— E como você o conheceu?

— Fui assistir a um de seus concertos em Berlim Oriental. Fui a Berlim Ocidental para um ensaio de moda e uma das modelos tinha uma prima que vivia do outro lado do muro. Eu tinha curiosidade de saber como era do lado de lá, ou melhor, de como as pessoas eram.

Valentina tenta imaginar sua mãe glamorosa e consumista em Berlim Oriental com esse músico comunista dez anos mais jovem do que ela. Talvez seja porque adora o filme *Asas do Desejo*, mas sempre imagina Berlim Oriental em branco e preto. Aquele jovem devia levar uma vida muito diferente da vida de sua mãe. Ele devia ser inocente ante a corrupção do Ocidente. Ainda assim, Tina Rosselli se infiltrou lá e pegou o que queria desse pobre Karel Slavik. Agora a história vai ficando mais clara para Valentina.

— Como você pode ser tão irresponsável? — repreende sua mãe.

Tina abaixa a cabeça como se fosse uma criança levando bronca de um dos pais.

— Como você se deixou engravidar por um homem da Alemanha Oriental, alguém que nunca poderia ver a filha crescer, a não ser que, de repente, você virasse comunista e fosse viver com ele? — Valentina fala em tom sarcástico, pois a ideia de sua mãe um dia abdicar de suas liberdades é impensável.

— Eu não era assim, Valentina. Foi um acidente. Essas coisas podem acontecer.

Uma voz dentro de Valentina diz “*Eu sei*” e, de repente, sente muita vontade de contar sobre a sua gravidez acidental, de como perdeu o bebê e de como Théo a ajudou a superar. O amor de Théo a salvou e a segurou. Se contasse para sua mãe, talvez ela entendesse o que Théo significava. Mas agora é a vez dela. Finalmente, sua mãe está falando claramente a respeito de seu pai. Tem que ouvir até o final.

— Ele ia desertar — Tina conta. — Ia fazer uma turnê internacional aprovada pelo partido. O primeiro concerto era em Viena. Tinha prometido ir até lá e ajudá-lo a fugir. Porém, inesperadamente, o Ministério da Cultura cancelou sua autorização para viajar. Disseram que ele tinha composto uma música que era antissocialista e burguesa, mas Karel acha que alguém descobriu que ele tinha a

intenção de fugir... Ele foi traído.

A voz de sua mãe oscila. Tina para por um momento e toma mais um gole de vinho. Valentina observa sua mãe com curiosidade, nunca a viu tão emotiva.

— Só descobri que estava grávida depois que a turnê foi cancelada...

— Você o viu novamente? — Valentina pergunta, inclinando-se para frente.

Sua mãe diz que sim.

— Uma vez. Achei que ele devia saber que eu estava esperando um bebê dele. Estava grávida de quatro meses quando voltei para vê-lo em seu apartamento em Berlim Oriental. Ele estava sendo vigiado, mas não me importei. Disse que estava grávida dele. Eu não devia ter feito isso... Foi uma bobagem da minha parte...

A voz de sua mãe desaparece. Pega a garrafa de vinho e enche o copo com as mãos trêmulas.

— Valentina, admito que a razão pela qual nunca te contei essa história antes é porque é difícil para mim falar sobre isso. Tentei esquecer. Meu caso com Karel terminou em tragédia e acabei perdendo Phil, o único homem que me amou incondicionalmente e que, ainda assim, abandonei por causa de uma loucura com um cellista comunista de Berlim Oriental. Foi uma loucura.

— Mas o Muro caiu em 1989 — Valentina lembra. — Você não ficou sabendo mais nada dele nem foi procurá-lo?

— Claro que fui procurá-lo. Da última vez em que o vi, prometi que, assim que o muro caísse, eu levaria você para que ele a conhecesse. Ele nunca acreditou que isso fosse acontecer, mas sempre tive esperanças. Então, assim que o muro começou a cair... — sua mãe pausa e gira o garfo pelas folhas de alface no prato. — Você não se lembra? — olha para Valentina. — Você devia ter cinco anos de idade. Levei você comigo pra Berlim.

Valentina franze a testa. Lembra que Phil contou que sua mãe a levou para Berlim e que queria que ele fosse junto. Mas não consegue se lembrar de onde foi com sua mãe, apenas de um lugar que não era uma casa e onde fazia muito frio.

— Você o encontrou? — pergunta.

Será possível que Tina o tenha encontrado e ele tenha virado as costas para elas? Ele não quis conhecer a sua filha de cinco anos de idade? Esse pensamento a machuca; tenta evitá-lo, mas sente-se magoada por aquela garotinha.

Sua mãe a olha com olhos pesarosos.

— Sim, Valentina; de certa forma, eu o encontrei.

Sente um frio na espinha ao ouvir sua mãe falando daquele jeito.

— Como assim?

— Você se lembra da minha amiga Lottie e do lugar onde ela nos levou

naquele dia?

Valentina balança a cabeça negativamente.

— Ela nos levou para o cemitério... Para o túmulo de seu pai. Descobri que ele tinha morrido, meu bem. Ele morreu por minha causa. Então, agora você entende por que eu nunca quis te contar?

Valentina fica horrorizada ao ver Tina Rosselli chorando. Nunca tinha visto sua mãe chorar. Essa cena a deixa em pânico. Não sabe o que sentir: raiva por descobrir que seu pai está morto e que nunca vai conhecê-lo? Ou pena de sua mãe, que se culpa por isso?

Valentina fica sentada do outro lado da mesa, paralisada. Não conforta sua mãe, sequer a toca. Começa a se lembrar. Uma memória enterrada lá no fundo começa a emergir. Lottie. Sim. Vê aquela mulher de cabelos grossos e escuros, alta como uma bruxa. Ela a assustou. E, agora, lembra-se do cemitério. De como estava frio e de que não queria entrar. Lembra-se de Lottie segurando firme em sua mão e tentando virá-la, mas ela já tinha visto sua mãe caindo de joelhos em frente do túmulo, emitindo um pranto tão alto que a assustou. Só não sabia que era seu pai.

— Como ele morreu? — pergunta impiedosamente, cerrando os punhos sobre a mesa.

— Ele foi assassinado enquanto tentava atravessar o muro — sua mãe diz, olhando para ela, desesperada e em prantos. — Um tiro nas costas. Estava tentando chegar até você, Valentina. Queria ver sua menininha.

O coração de Valentina se despedaça. Achou que tinha blindado seu coração contra sua mãe, que Tina não podia mais a ferir. Mas ele está se derretendo agora. Talvez, antes do amor que sentiu por Théo e antes da presença curativa de Leonardo e de tudo que ele fez para libertá-la, Valentina teria ouvido essa história calmamente, quase clinicamente.

Queria ver sua menininha.

Será que é verdade? Seu pai tinha morrido de tanto que queria conhecê-la? Olha para sua mãe se desintegrando à sua frente e algo acontece. Sua mãe tinha tentado fazer o melhor. Diante do pranto dela, seus sentimentos voam violentamente, como um pássaro repentinamente libertado da gaiola.

— Oh, mamma!

Sua voz vacila e sente seus olhos começarem a se encher de lágrimas. Tina Rosselli se estica e agarra suas mãos. Unem as mãos e Valentina finalmente entende quem é sua mãe. Levou quase trinta anos, mas nunca é tarde demais para recomeçar.

— Me perdoe, Valentina. — sua mãe implora, quase sussurrando.

— Já perdoei.

Tina

1990

DESDE QUE CHEGOU a Londres, na segunda-feira, para um ensaio para a edição francesa da *Marie Claire*, Tina não tem conseguido se concentrar. O ensaio será nas ruas de Londres e o objetivo é trazer um visual mais arrojado para as leitoras francesas. Elegeu o East End, próximo a Bow, e o canal como locações, assim como alguns pontos mais conhecidos de Londres, como as antigas igrejas de Wren. Apesar de passar muitas horas trabalhando, todas as noites pega o metrô para a Rua Finchley, mas nunca consegue atravessar a saída da estação e acaba voltando para o centro da cidade.

Hoje é sua última noite. Sua última chance de ver Phil. Sabe exatamente onde ele mora. Pegou o endereço com Mattia há algumas semanas. Fez o filho prometer que não contaria nada e o convenceu de que queria o endereço dele para escrever a respeito de Valentina. Para ser honesta, não acha que Mattia se importa muito com o que a mãe pretende fazer de qualquer forma. Tem a sua própria vida nos Estados Unidos com a namorada. Parece ter renegado Tina e Phil e começado de novo.

— É a idade — Isabella a consola.

— Como é que você sabe? — pergunta para a amiga. — Você não tem filhos. Isabella levanta os ombros.

— Eu não sei — diz —, mas acho que não há nada que você possa fazer.

Está hospedada no apartamento luxuoso de Isabella e seu atual amante. Na noite anterior, depois de muitas taças de vinho, perguntou à amiga se devia visitar Phil. Esperava que Isabella dissesse que devia esquecê-lo, aproveitar a vida de solteira e ir para a balada com ela, já que seu namorado estava viajando, mas Isabella a encorajou a ir vê-lo.

— Vocês dois são pra valer — disse.

Então, aqui está ela, no meio da Rua Finchley, mais próxima do que nas noites anteriores. Como permitiu que o estranhamento entre eles durasse tanto tempo? Nunca quis que aquilo acontecesse. Quando voltou de Berlim, devastada pelo que descobriu, deveria ter ligado para Phil e contado que estavam de volta a Milão. Mas estava tão confusa. Durante meses, culpou-se pela morte de Karel. Não merecia Phil. Também havia uma parte dela que estava brava por ter sido abandonada por ele, por mais que seu coração soubesse que ele só se foi para

protegê-las do homem que tinha atirado nele. Sempre teve a intenção de voltar, até Tina dizer que estava indo morar com Karel em Berlim.

Então, Phil sumiu do radar. Tina perguntou a Mattia sobre ele, mas seu filho disse que Phil tinha mudado de número e que nem ele sabia qual era. Logo depois, ficou sabendo pelo jornal que Caruthers tinha sido preso. Garelli era o policial responsável pela prisão e artigos de Phil foram publicados nos principais veículos de comunicação. Tinha terminado o trabalho exatamente como havia prometido. Quando ele entrou em contato com Mattia, Tina já tinha se enterrado no trabalho. Sempre que pensava em Phil, doía, então o melhor a fazer era trabalhar mais e mais. Sabia que estava ficando obcecada; chegava a levar Valentina na maioria dos ensaios, mas não conseguia se controlar. Qualquer coisa era melhor do que ficar sentada em casa sozinha, sentindo-se indesejada.

Agora que está aqui na cidade natal de Phil, não consegue resistir à vontade que tem de vê-lo. Nem que seja só para apertar a sua mão e desejar tudo de bom. Terminaram as coisas de um jeito tão ruim.

Olha para o endereço anotado no caderninho e verifica o nome da rua. Está certo. Vira na esquina e conta as casas. Já está escuro, então consegue ver o interior daquelas que têm luzes acesas. É hora do jantar e Tina vê casais e famílias à mesa ou assistindo à TV. *Éramos uma família*, lembra com tristeza. Ela, Phil, Mattia e Valentina. Tudo se despedaçou. E de quem é a culpa? Dela ou de Phil?

Para na frente da casa de Phil, com a mão no portão que dá para a porta da frente. Não vê luzes e está prestes a dar meia-volta quando a da entrada se acende. Não há cortinas na janela, então tem uma visão perfeita da sala. É a cara de Phil: paredes repletas de prateleiras de livros, móveis antigos e vasos de plantas. De repente, ela o vê. Seu coração quase sai pela boca quando o avista andando pela sala com uma garrafa de vinho na mão e um abridor. Está ainda mais divino: parece mais alto, os cabelos já têm alguns fios grisalhos, mas seu rosto continua jovem. Dá um passo adiante, empurra o portão e para no meio do caminho. Phil não está sozinho. Uma mulher está atrás dele carregando duas taças de vinho. Phil fala alguma coisa e a mulher ri. *Ela é bem bonita*, Tina pensa. Seu coração começa a esfriar. A mulher é cheia de curvas, quase gordinha, de cabelos ruivos encaracolados, olhos azuis e um grande sorriso. Não tem nada a ver com ela. A mulher leva as taças até Phil, que abre o vinho e coloca na mesa de centro em frente ao sofá. Phil vira-se para ela e ela se estica em direção a ele. Beijam-se.

Aquela cena dilacera seu coração. Tina dá meia-volta e vai embora. A cada passo, parece que está caminhando sobre o fogo. Seu coração está se congelando e o seu corpo está queimando de arrependimento, de autodepreciação.

Você esperou demais, Tina se repreende. Perdeu-o para sempre.

No dia seguinte, está andando na estação King's Cross para pegar um metrô para o aeroporto, quando vira no lugar errado. Em vez de cair na estação de metrô, acaba em uma plataforma de trem. Tem tempo de sobra até a hora do voo de volta para Milão, então, decide tomar uma última xícara de café inglês antes de deixar a Inglaterra, um país para o qual nunca mais pretende retornar, agora que perdeu todas as esperanças de reatar com Phil.

O café está vazio, a não ser por uma outra mulher sentada no canto, lendo um jornal. Tina não consegue deixar de notar como ela é impressionante. Passa sua vida profissional fotografando lindas mulheres e essa garota nunca daria uma modelo, mas há algo nela que chama muito a atenção. É levemente cheinha, suas bochechas são rosadas e os cabelos são lustrosos e ruivos, caindo sobre os ombros como os da mulher de Phil. Quanto mais olha para ela, mais se lembra da mulher que viu com Phil na noite anterior. Seus lábios carnudos fazem-na se parecer com um anjo de Da Vinci e seus olhos são extraordinários. Quando cruzam olhares, Tina percebe que um olho é castanho e o outro é azul, como um gato que teve quando era criança. O olhar que a garota lança deixa Tina desconcertada, é como se a estivesse despindo. Tina termina a xícara de chá e vagueia pela multidão.

Olha para o painel de embarque e caminha em direção à entrada do metrô. Vê que o Expresso do Oriente partirá em cinco minutos para Veneza. Como gostaria de estar em Veneza agora. Sempre se sentiu mais em casa lá do que em Milão, o que ela acha que faz sentido, já que sua mãe e sua avó são de lá. Uma loucura toma conta dela. Quando se dá conta, percebe que gastou todo o dinheiro que ganhou com o ensaio em uma passagem do Expresso do Oriente e está sentada em um dos vagões *vintage* dos anos 1920, com uma taça de champanhe à frente, olhando pela janela, quando o trem começa a deixar a estação de King's Cross. O que está fazendo? Tem que voltar hoje para Milão, para Valentina. Não pode abandonar a filha. Se bem que não sabia quanto tempo o ensaio duraria quando deixou a Itália e disse para Natalia, a nova *au pair*, que talvez não estivesse lá no final de semana. Tina decide que precisa desse pequeno descanso. Voltará renovada, cheia de energia positiva. Terá esquecido Phil e sua nova mulher. Certamente, é melhor estar bem para sua filha em vez de triste e solitária como está agora.

Veneza. A ideia de estar na cidade dos seus sonhos a deixa animada. Até lá, vai aproveitar a experiência de viajar no Expresso do Oriente. Sua cabine é maravilhosa, toda feita de madeira escura e com decoração vintage, uma pequena mesa e uma luminária de verdade. Por sorte, trouxe algumas roupas da época que eram de sua avó, para sair com Isabella e seu namorado em Londres. Pode ir para a cidade e se arrumar.

Quase todos os outros viajantes do trem estão usando roupas de noite da época. Quando atravessa o corredor usando um dos vestidos de noite de seda de Belle, com os cabelos penteado como os de sua avó, com uma pluma de avestruz branca no melhor estilo Louise Brooks, Tina se sente puro glamour. Não importa que tenha quarenta anos de idade. Sente-se esbelta e suntuosa, muito sedutora. Pouco a pouco, a visão do pesadelo da noite passada começa a desaparecer.

Escorrega para um assento em uma mesa vazia, imaginando quem gostaria de se juntar a ela. O garçom anota seu pedido: champanhe, é claro. O que mais poderia querer?

Faz um brinde silencioso em homenagem à sua avó Belle e toma um delicado gole. Está gelado e contagiantemente espumante. O vagão do restaurante começa a encher e, então, Tina vê a mulher do café da estação. Está olhando para ela com seus estranhos olhos castanhos e azuis. Não fica surpresa quando ela vem em linha reta até a sua mesa. Está usando um vestido de seda azul safira com diamantes pendurados nas orelhas.

— Posso me sentar? — pede, com um sotaque inglês de alta classe.

— Sim, por favor — Tina responde.

— Lucinda Green — diz a dama, estendendo a mão para Tina.

— Tina Rosselli — Tina aperta a mão dela, que é macia e suave como a de um bebê.

— Espero que você não se incomode se o meu marido se juntar a nós — diz para Tina.

— Não, de modo algum.

Conversam informalmente até a chegada do marido de Lucinda. Ela conta que é o embaixador da Inglaterra em Roma e que passarão por Veneza no caminho para Roma, a cidade eterna.

— Sempre sonhei em viajar no Expresso do Oriente, então Rudi fez uma surpresa para mim e nos presenteou com um final de semana em Veneza e os bilhetes de trem em comemoração ao nosso aniversário de um ano de casamento.

— Vocês são casados há um ano apenas?

— Sim, somos recém-casados — sorri. — E você, é casada?

— Não — Tina muda rapidamente de assunto. — Moro em Milão. Sou fotógrafa.

— Espere um pouco — Lucinda diz. — Você é Tina Rosselli, a fotógrafa de moda?

— Sim, sou eu.

— Oh, tenho um livro com algumas fotos suas. Sou uma grande fã.

— Obrigada — Tina diz, subitamente distraída quando um dos homens mais incríveis que já viu na vida chega ao vagão do restaurante.

— Pela sua expressão, imagino que meu marido tenha acabado de chegar — Lucinda comenta com um sorriso levemente forçado.

— Me desculpe — Tina fica vermelha. — Não quis ser tão deselegante.

— Tudo bem. Na verdade, fico muito lisonjeada e já estou acostumada. Cabeças se viram quando Rudi adentra qualquer recinto.

É quase tão lindo quanto Karel, Tina pensa, mas não tanto. Ninguém alcançou a beleza do violoncelista que ela perdeu. Rudi vagueia pelo restaurante, obviamente procurando por Lucinda. Tem os ossos do rosto bem marcados, grandes olhos castanhos, pele morena e uma barba sexy. Está de smoking completo, de gravata borboleta, mas conserva um ar descontraído.

— Ah, aí está — Rudi diz assim que chega à mesa. De perto, ele é ainda mais de cair o queixo.

— Gostaria de te apresentar Tina Rosselli, Rudi. Ela é minha nova amiga.

Tomam duas, três, quatro garrafas de champanhe. A comida é perfeita, mas, como sempre, Tina come só um pouco. Tudo fica meio vertiginoso e fora de foco, mas está adorando a companhia de Lucinda e Rudi. Após o jantar, vão cambaleando pelo corredor do trem.

— Você gostaria de tomar um drink em nossa cabine? — Lucinda convida.

A cabine vintage foi transformada em um quarto de luxo. Tina desliza as mãos pelos móveis de madeira que, de tão encerados, quase refletem o seu rosto.

— O que é isso? — Tina pergunta quando Rudi lhe oferece uma bebida espumante marrom.

— Pimm's Royale — Lucinda diz. — É Pimm's com um pouco de champanhe. Minha bebida favorita.

— É tudo muito inglês — Tina repara.

— Bem, é isso que somos — Rudi comenta.

— Hum, gostei! — Tina experimenta.

Senta-se na cama e Lucinda se senta ao seu lado enquanto Rudi senta em uma banqueta em frente a elas. Desfaz o nó da gravata-borboleta e abre o primeiro botão da camisa.

— Nem acredito que estou sentada ao lado de Tina Rosselli — Lucinda diz.

— E você também é tão bonita! — Tina olha para o rosto angélico de

Lucinda. Sua pele é muito macia e atraente. Seus olhos irradiam milhões de tons diferentes de azul e castanho. Está sentada bem próxima a ela, pode sentir o seu perfume. Sente lavanda e baunilha, uma combinação intoxicante. Mais tarde, não consegue entender como tudo começou, mas, de repente, se vê beijando Lucinda. Nunca tinha beijado uma mulher na boca antes e a sensação é surpreendentemente diferente. Suave e agradável como uma lambida de suculentas pétalas de flor. Aproximam-se, incapazes de parar e, quando Lucinda abaixa a alça do vestido de Tina, ela não consegue impedi-la. Sabe que Rudi está parado como um gato estudando sua presa. Ele está assistindo a sua esposa seduzir Tina. A situação é estranha, mas muito sexy.

As duas ficam de lingerie e continuam se beijando. Lucinda deita Tina na cama e abre as pernas dela. Beija todo o corpo enquanto tira o restante da lingerie, até deixá-la nua. Essa mulher tem curvas tão macias, roça seus seios nos seios de Tina, percorre seu corpo com a boca, a acaricia... Tina se derrete. Lucinda arranca o sutiã. Seus seios são fartos, seus mamilos parecem grandes amoras. Vai até a ponta da cama quando Rudi se levanta e se inclina sobre Tina.

— Você sabe o que deixa minha esposa feliz, Tina? — Rudi pergunta com voz baixa, rouca como o gosto de *single malt* envelhecido.

— O quê? — Tina sussurra, sentindo-se exposta, mas muito excitada pela sua presença nua na frente deste homem maravilhoso.

— Ela gosta de me ver trepar com outras mulheres. Isso a agrada muito. — Lambe os lábios e olha para ela — Você gostaria de agradá-la, Tina?

— Sim — murmura, quase sem ar.

Ri de satisfação enquanto Lucinda sai da cama.

— Toque-se, Tina; quero te ver todinha.

Ela dobra os joelhos e abre as pernas, revelando-se para ele.

— Você tem uma boceta linda, Tina. Não é mesmo, querida? — Rudi diz.

Mas Lucinda está ocupada despindo seu marido. Tira a camisa de dentro da calça e a desabotoa. Em seguida, abre as calças e puxa-a para fora, com a cueca. Pega as roupas e as dobra sobre uma cadeira. Os dois estão nus de frente para Tina. Agora Lucinda vê Tina se masturbando.

— Oh, nossa; sim, Tina, sua vagina é muito bonita — Lucinda repara.

Por alguma razão, os elogios excitam Tina ainda mais. Acaricia seus lábios vaginais com uma mão e circula o clitóris com a outra, enquanto olha para Rudi nu, com seu pau duro pronto pra ela. Imagina-o dentro de si. Apesar de sua esposa estar ali com ele, não sente que está fazendo algo errado.

— Acho que você deve comê-la, querido — Lucinda diz, pegando um pacote de camisinha e abrindo com os dentes. Coloca a camisinha nele e se senta na cama, engatinhando atrás de Tina para assistir.

Rudi puxa as mãos de Tina e, usando uma só mão, prende-as atrás da cabeça. Com a outra mão ele guia o pau para dentro dela. Uma metida forte e funda. Tina abre a boca e respira. Como é bom sentir de novo um pau dentro de si. Não transava desde que Phil havia ido embora. Phil. Aperta os olhos já fechados.

Não pense nele, Tina. Nada dura para sempre.

Rudi começa a se movimentar para dentro e para fora, começando devagar. Escuta pequenos gemidos atrás dela e olha para o lado. Lucinda está se masturbando enquanto assiste a seu marido comer a nova amiga. Tina vira-se para olhar Rudi, mas ele está com a cabeça voltada para Lucinda, afinal ele também está olhando para sua esposa. É surreal, pois apesar de estar dentro dela, transando com ela, Rudi está claramente conectado com sua esposa. É a coisa mais estranha. Tina fecha os olhos. Não se importa, só quer sentir um pau duro metendo nela e imagina que voltou com Phil.

Rudi a vira de bruços e começa a comê-la por trás. O balanço do trem potencializa a sensação das estocadas fundas do pau dele. Sente toda a tensão que tinha acumulado dentro de si no último ano, culminando com o momento em que viu Phil com outra mulher. Precisa deixá-lo partir, libertá-lo. Quando Rudi goza, ela também goza, gemendo aliviada. Fica deitada com a cabeça enfiada no travesseiro e sente-o se afastar. Vira-se de costas e vê Rudi tirar a camisinha e ir em direção a sua esposa, que continua se masturbando. Seus cabelos ruivos estão flamejando no lençol branco. Rudi se ajoelha em frente dela na cama e, surpreendentemente, já está de pau duro de novo. Coloca Lucinda sentada em seu colo e ela envolve a cintura dele com as pernas. Estão se olhando nos olhos, transando, como se Tina não estivesse mais lá. Espera e espera, mas eles continuam fazendo amor. Tina entende que foi apenas o aperitivo da refeição completa que eles vão fazer. Desliza para fora da cama, engatinha pelo quarto, pega suas coisas e se veste. Para na porta da cabine.

— Bem, boa noite — sussurra.

Rudi está de costas para ela, mas Lucinda acena com os olhos semicerrados.

— Obrigada — balbucia.

Tina entra no corredor do trem e toma fôlego. O que foi isso que acabou de acontecer dentro daquela cabine? Lembra-se de Lucinda dizendo que ficava lisonjeada por Tina achar seu marido atraente. Obviamente, ela não faz o tipo ciumenta. Mas, então, disse que estava acostumada. Talvez esta seja sua forma de segurar o marido. Em vez de ser traída por ele pelas costas, ela se organiza. Lucinda estava no controle. *Garota esperta*, Tina pensa enquanto atravessa o corredor a caminho de sua cabine. Um pouco esperta demais para o seu próprio bem. Será que valia a pena? Ver o seu homem transando com outra mulher só para manter uma aliança no dedo? Ou Lucinda achava mesmo aquilo sexy? Toca

os lábios e lembra-se de como a garota a beijou. Há tantas formas diferentes de enxergar a situação.

Chega a sua cabine e cai na cama, com o corpo ainda pulsando, mas se sente melhor do que vem se sentindo desde que Phil partiu. O sexo a acalmou, fez com que se sentisse melhor, quase como se fosse um tônico. Adormece e só acorda quando estão chegando a Veneza. Nunca mais viu Lucinda e Rudi. Para ela, aquela noite no Expresso do Oriente foi uma reviravolta em sua vida. Ao tirar uma das roupas vintage de Belle, Tina blinda a sua pele e se torna uma nova Tina. A Tina que sua filha virá a conhecer: uma mulher orgulhosa de ser independente e que protege o próprio coração como se fosse um filho. Apesar dos muitos namorados que Tina Rosselli teve no decorrer dos anos, nunca mais se apaixonou.

Valentina

ANTES DE IREM embora, sua mãe entregou um pequeno pacote marrom para Valentina. Dentro havia um CD com uma foto do Obelisco da Vitória na capa, com seu anjo dourado levantando a mão.

— Quando voltei a Berlim Oriental em 1989 e fiquei sabendo do que havia acontecido com Karel— Tina conta para Valentina —, Lottie me deu uma gravação que ele fez. Ela me disse que essa música foi composta especialmente para você.

Valentina pegou o CD com as mãos.

— Para mim? — repetiu em choque.

— O nome é *O que Valentina Vê* — sua mãe disse. — Você teria exatamente um ano de idade quando Karel morreu, em 17 de maio de 1986. Ao menos se ele tivesse esperado alguns anos...

— Você esperaria indefinidamente para pegar o seu bebê no colo pela primeira vez? — Valentina perguntou para sua mãe.

— Não — Tina balançou a cabeça. — Também teria tentado fugir, é claro.

Valentina olhou para a capa do CD.

— Tirei essa foto na época em que conheci seu pai — sua mãe contou. — Passei a gravação para CD pra te dar — Valentina abriu a caixinha. Não estava preparada para o que encontrou. O encarte trazia a foto de um homem que devia ser seu pai. Está sentado em uma cadeira, segurando um violoncelo entre as pernas, e suas mãos (lindas, como sua mãe descreveu) repousavam sobre o braço do instrumento, como se fosse uma namorada. O homem olha diretamente para a câmera e sua imagem é hipnotizante. Parece impossivelmente jovem, tem os cabelos escuros e espessos e um rosto felino. Ele era lindo. Valentina entende por que sua mãe se apaixonou por ele.

— Esse é Karel — Tina diz, triste.

Agora está de volta ao apartamento de Leonardo. Já terminou o ensaio com Sophie, apesar de passar o tempo todo sentindo que não estava realmente presente, apenas tirando fotos instintivamente e não com a alma. Sentada no futon, entre as pernas de Leonardo, contou tudo para ele. Ele colocou os braços ao redor de Valentina e escutou tudo o que ela tinha a dizer. Quando ela terminou de contar a história, ele a abraçou com força antes de falar.

— É incrível que este homem seja o seu pai — Leonardo conta.

— Mas nunca vou conhecê-lo. Está morto. Minha mãe se culpa por ter contado a ele sobre mim. Diz que é por isso que ele tentou atravessar o muro... Mas Léo, você acha horrível uma parte de mim ficar feliz por ele saber de minha existência e querer me ver?

— Claro que não é horrível, é natural. Ele tinha instinto paterno. Um instinto tão poderoso que o levou à morte.

— Ele morreu por minha causa — Valentina lamenta.

Leonardo a abraça forte.

— Claro que não; não é culpa sua nem de sua mãe. É culpa do guarda da fronteira que atirou nele pelas costas. É culpa daqueles que deram ordem pra atirar. É culpa do regime comunista da Alemanha Oriental, que negou a Karel Slavik o direito de viajar para o Ocidente.

— Agora sei por que mamma é do jeito que é — Valentina diz. — Só queria que ela tivesse me contado isso antes.

Sentam em silêncio durante alguns minutos, ouvindo os sons que entravam pela janela: nova-iorquinos ligando uns para os outros, música tocando no carro do outro lado da rua, um carro de polícia passando correndo.

— Quer ouvir a música, Valentina? — Leonardo pergunta delicadamente. Ela responde que sim. É a única coisa que tem de seu pai, a única chance de conhecê-lo. Porém, tem medo de que a música não signifique nada para si.

Valentina fecha os olhos e as notas do violoncelo de Karel se derramam sobre ela. Esperava uma música que a deixaria triste, ainda mais porque o som do violoncelo é naturalmente melancólico, mas a composição de seu pai faz com que se sinta diferente. É quase alegre. Percebe que Karel está tentando descrever o mundo através dos olhos imaginários de sua bebê. Está tocando para a criança dentro da barriga e invoca algo mágico e iluminado. É uma música que faz o coração de Valentina vibrar, deixa-a com vontade de sorrir. Seu pai está vivo nessa música. Imagina o jovem sério do encarte do CD tocando o violoncelo energeticamente, seu corpo dançando com o belo instrumento, seus dedos longos e fortes pressionando as cordas no braço com toda a intensidade de sua frustração. Nesta música, ele está tocando todas as canções de ninar que nunca teve a chance de tocar para ela, declamando todos os versinhos de criança que nunca pôde declamar, contando todas as fábulas e histórias de sua terra natal e de sua família que nunca chegou a compartilhar com ela. Valentina abre os olhos de novo e vê Leonardo a observando, decifrando os seus sentimentos. Ela faz algo tão raro: sorri. É um sorriso que começa lá no meio do ventre e se espalha pelo peito, pelo coração e ilumina seu rosto.

Tocam a música sem parar. Estão nus nos braços um do outro. O sol de fim de tarde atravessa as cortinas enquanto Valentina está aninhada em seu amante, sentindo-se segura e desejada. Leonardo deita de lado e aproxima sua pélvis de Valentina. Enrola suas pernas em volta das pernas dela e ambos ficam se roçando. Pega as mãos de Valentina e as leva até o seu pau. Ela luta contra o desejo de estimulá-lo, vê-lo endurecer. Espera que Leonardo mostre o que quer que ela faça. Essa ideia faz seus seios latejarem, seus mamilos se retesarem e ela começa a ficar molhada. Leonardo, então, dobra os dedos das mãos de Valentina, menos o indicador e o dedo do meio, que se transformam em dois garfos. Posiciona um dos “garfos” na base e o outro em volta da cabeça de seu pau. Não precisa dar mais instruções. Instintivamente, ela o atrai para dentro, respirando profundamente e abrindo-se para recebê-lo. Relaxa, atraindo-o ainda mais. Leonardo está dentro dela, relaxado, mas nenhum dos dois se move: olham um para o outro e para a nudez da união. Tem que ser o momento sexual mais honesto de sua vida. Começa a sentir o pau de Leonardo e sua vagina pulsa com ele sem que nenhum dos dois precise fazer nada. É como se algo mágico estivesse acontecendo dentro dela. O pau de Leonardo vai se tornando autônomo, pulsando nela. Ele toca os seios dela fazendo movimentos circulares em seus mamilos com as palmas das mãos, enquanto ela acaricia sua bunda e suas coxas. Seu pau começa a vibrar mais forte e vai crescendo e endurecendo dentro de Valentina, forçando, dançando e serpenteando para cima. É a penetração mais emocionante.

Valentina não sabe dizer durante quanto tempo ficam assim, mas logo Leonardo começa a rotacionar, penetrando-a mais fundo. Seu corpo responde com vibrações de estremecer o coração quando se vira com ele, que fica ajoelhado acima dela, ainda dentro. Apoia os pés nos ombros dele. Ficam nessa posição por um momento e ela o sente ir mais e mais fundo, até que abre as pernas e as deixa cair quando ele mete. Sente-se decifrada por Leonardo, aberta e complacente. Sem esforço ou intenção, ambos sobem. Ela se imagina no topo de um penhasco e, abaixo, enxerga o cintilante mar mediterrâneo. Essa cena já foi um pesadelo de perda e morte, mas agora Valentina quer mergulhar nesse mar com Leonardo. Nadar até o fundo de mãos dadas. Gozam juntos e em absoluta sincronia. Seus olhos continuam abertos, sem lugar para qualquer simulação, expondo a nudez de corpo e alma.

Ficam deitados de conchinha. Valentina sente o pau de Leonardo relaxado novamente, encostado em suas costas. Quer beijá-lo, mas fica onde está. Sente-se protegida de tudo o que há fora do quarto dele desde que permaneça em seus braços. É tão grata por tudo o que ele fez por ela. Porém, apesar da revelação desta nova linguagem sexual, sabe que, no fundo, não é como Théo. Ama

Leonardo, é claro que ama. E ele também a ama. Mas está apaixonada por ele? Há uma diferença?

Sua mãe falou em estar aberta para o amor mesmo quando se perde o grande amor da vida. Valentina não pode se punir para sempre. Merece ser amada. O que mais pode querer além de ser amada por Leonardo?

Na manhã seguinte, Leonardo se levanta cedo e diz que vai participar de um seminário sobre sexo tântrico.

— Vou passar o dia todo fora — diz, colocando sua xícara de chá no armário ao lado do colchão — Tudo bem?

— Claro — Valentina diz, esticando-se, ainda adormecida. — Posso passar o dia na preguiça?

— Se não vai trabalhar, tem certeza de que não quer vir comigo?

Valentina balança a cabeça.

— Fiquei de encontrar minha mãe de novo mais tarde. Ela vai ficar mais uns dias em Nova York; está tentando me convencer a visitar Mattia.

— Você devia ir — Leonardo aconselha.

Valentina se vira para o lado.

— Talvez — cogita.

Quando Leonardo sai, ela toca a música de seu pai de novo. A cada vez que escuta, ama ainda mais. É um bálsamo para o seu coração. *Meu pai fez essa música para mim*. Sente-se especial e, ao mesmo tempo, muito triste pela sua morte. Quando perdeu a vida, ele era mais jovem do que ela é hoje.

Seu telefone começa a tocar. Pensa em ignorá-lo. Quer ficar em paz para ouvir a música de seu pai e pensar em si. Afinal, atende. Pode ser trabalho, sobretudo porque é o número de Marco que aparece na tela.

— Valentina — Marco fala sério.

— O que foi? — Valentina já pergunta tensa. — Tá tudo bem?

— Está acompanhando as notícias?

— Não — responde, prendendo a respiração. Pelo tom de sua voz, algo ruim aconteceu.

— Encontraram o segurança da Neue Galerie — conta.

Valentina se lembra do rosto suado do cara.

— Como assim, encontraram?

— No Rio Hudson... Valentina, ele está morto.

Seu coração dispara e sua boca fica seca.

— Meu Deus — sussurra.

— Acham que só pode ter sido Glen. Você tinha razão, Valentina. Ele é um assassino.

Valentina fica dando voltas pelo apartamento. Já deixou duas mensagens para Balducci, mas ele não retornou seus telefonemas. Será que ele acha que ela não pode dar nenhuma contribuição para a investigação? Desde que se mudou para o apartamento de Leonardo, os policiais haviam cancelado a vigilância por não acreditarem que Glen era perigoso. Mas agora... Bem, agora está claro que seu inimigo continua em Nova York. Toda a calma e segurança que Leonardo criou ao seu redor estão indo abaixo. Isso não é bom, não pode desistir. Precisa descobrir onde está Glen. Valentina se convence de que assim conseguirá ajudar a polícia, mas ela sabe que o que realmente a impulsiona é o desejo de descobrir a verdade. O que ele fez com Théo? Cogita ligar para Leonardo, mas acaba deixando o telefone na bolsa. Diz para si mesma que o telefone de Leonardo deve estar desligado, já que ele está em um seminário, mas sabe que, no fundo, não quer ligar. Sabe que ele diria para deixar isso de lado.

Pensa bastante. Só há uma única pessoa em toda a Nova York que pode saber qual o paradeiro de Glen.

Sai do apartamento de Leonardo pela rua East 20th, desce a 14^a e vai até a estação de metrô Union Square. Pega o metrô da Rua 14^a e 8^a Avenida. Desce no bairro Meatpacking e anda até encontrar o endereço que estava procurando. Claro que pode ser que ela não esteja em casa, mas suspeita que Lori esteja evitando o mundo exterior nesse momento.

Toca o interfone uma vez e não há resposta. Tenta de novo. Na terceira tentativa, ouve um clique.

— Sim?

— É a Valentina — diz. — Posso falar com você?

— Já disse tudo para a polícia. Vá embora — Lori corta o papo.

Valentina aperta o botão do interfone de novo e de novo. Mantém o botão pressionado durante cinco minutos.

— Puta que o pariu, vai embora ou eu chamo a polícia — Lori finalmente responde.

— Não, você não vai chamar ninguém — Valentina retruca, ríspida. — A última coisa que você quer é que a polícia volte aqui. — Há uma nova pausa, mas Lori não bate o interfone na cara de Valentina dessa vez.

— Me deixa subir só um pouco, Lori, por favor.

A garota não diz nada, mas a porta se abre. Valentina entra correndo no prédio antes que Lori mude de ideia.

Lori a recebe em seu minúsculo apartamento, que é mais uma quitinete. Há

um espaço principal, uma cama desarrumada no canto, uma poltrona ao lado da janela, uma mesa com a sua caixa de maquiagem e, do outro lado, uma cozinha com uma ilha rodeada de quatro bancos altos. Lori senta em um dos bancos com os braços cruzados em defensiva e dá um olhar hostil. Não oferece nem uma xícara de café para Valentina.

— Você já está sabendo? — Valentina pergunta.

A garota fica pálida e diz que não com a cabeça. Deve estar pensando que pegaram Glen.

— Encontraram o segurança. Morto.

Lori parece ainda mais chocada. Deixa os braços caírem.

— Ah, não, meu Deus! — sussurra.

— Você o conhecia? — Valentina pergunta.

— Sim, conhecia... — está horrorizada. — Ele saiu com uma prima minha há um tempo. Eu o apresentei para Peter.

— Você sabe que o nome verdadeiro dele é Glen, Lori — Valentina fala suavemente.

Lori pisca para Valentina.

— Não para mim — diz. — Peter não teve nenhum envolvimento com a morte de Wayne... Só pode ser algum tipo de engano...

Valentina vê que Lori se agarra desesperadamente à imagem que tem de Glen... Peter. Sabe que uma mulher é capaz de fazer qualquer coisa para proteger o homem que ama. Sabe com certeza ainda maior que Lori pode ajudá-la a encontrar Glen.

— Lori, ele matou meu namorado — Valentina fala baixo.

Lori olha para ela, incrédula, balançando a cabeça sem parar.

— Não, não — diz repetidamente. — Não.

Valentina vê os olhos de Lori se encherem de lágrimas. Sabe que é cruel, mas ela tem que entender o quão letal Glen é.

— Lori, ele tentou me matar. Ele é louco. Ele me arrastou para o fundo do mar e tentou me afogar. Queria tanto me matar que estava disposto a morrer também.

— Por quê? — Lori sussurra.

Valentina morde os lábios. Por que mesmo? Por que Glen a odiava tanto? Théo sempre disse que era por culpa dele, que ela era um meio para atingi-lo, mas Valentina sempre achou que a implicância de Glen com ela era pessoal.

De qualquer forma, responde:

— Ele queria atingir o meu namorado.

Lori cruza os braços com força. Valentina vê que ela está tremendo tanto que está quase caindo do banco.

— É melhor você ir — Lori sussurra. — Não sei de nada.

— Você tem que saber, Lori. Você saiu com Peter... Glen durante mais de um ano. Você deve saber de um lugar onde ele poderia se esconder...

— Não posso falar nada — Lori não para de tremer. Então, Valentina percebe. A garota não está protegendo Glen porque pensa que ele é inocente. Não! Ela está é com medo dele! Pode amá-lo, mas seus sentimentos por Glen são baseados no medo. Ela está sob o controle dele.

— Ele te ameaçou? — Valentina pergunta delicadamente.

Lori não consegue falar, apenas concorda com a cabeça enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto.

— Você precisa contar para a polícia — Valentina aconselha.

— Não — Lori sussurra. — Ele disse que vai machucar minha mãe... — cobre a boca com a mão. — Por favor, não diga nada para a polícia, por favor. Deixe-o fugir. Ele vai embora hoje.

— Você acha mesmo que ele machucaria sua mãe?

— Você disse que ele é um assassino... — Lori lambe os lábios e sua voz fica rouca. Seus olhos exprimem medo. — Ele pôs uma faca na minha garganta. Acordei de manhã e ele estava logo ali — Lori tira a echarpe e mostra um pequeno corte vermelho. — Ele me ameaçou. Disse que mostraria como estava falando sério.

— Onde sua mãe mora?

— Greenwich Village, mas ele não está lá agora — Lori respira fundo. — Eu sei onde ele vai hoje. Sua família tem um depósito na esquina. É lá que ele vai buscar o quadro. Mas, Valentina — Lori agarra o seu braço —, não vá lá sozinha, é perigoso.

— Só quero ver se ele está lá... Caso esteja, vou chamar a polícia.

— Deixe-o ir... Não vale a pena.

— Me dá o endereço, Lori — Valentina fala com firmeza.

Lori deve estar certa, mas Valentina não consegue não ir atrás de Glen. Precisa encontrá-lo. Vai ligar para a polícia quando o vir, contando onde ele está. Prometeu a Lori que não fará nada antes de vê-lo. E prometeu ficar escondida. Lori está a caminho do apartamento de sua mãe para se certificar de que ela está segura.

Cinco minutos depois de sair do prédio de Lori, Valentina o vê descendo prepotentemente a Rua 15ª Oeste. Seu coração quase para. Quais as chances daquilo acontecer? Ele tingiu o cabelo de novo, está quase preto, e deixou uma barba rala crescer, mas Valentina reconheceria aquele andar em qualquer lugar: a marcha ameaçadora de Glen Clarke. Ela o segue pela rua. Glen segue na direção

do bairro Meatpacking, de onde ela tinha acabado de sair. Abaixa a cabeça com medo de que ele se vire e a veja, mas Glen parece estar com pressa. Quase tem que correr para não o perder de vista. Atravessa as ruas até chegar ao Rio Hudson, que brilha sob o sol como uma lâmina de aço ondulada. De repente, vira à esquerda. Valentina espreita a esquina. Glen parou em frente a um grande depósito que fica em um endereço diferente do que Lori passou. Então, afinal, ela não sabia onde ele estava. Valentina observa Glen abrir a porta. Tem que se controlar, pois tem vontade de ir até ele e golpeá-lo na cabeça com sua bolsa, mas sabe que isso é ridículo. Ele a renderia em um segundo. Agora é a hora de ligar para a polícia, mas não pode perdê-lo de vista. Sabe que é idiota de sua parte, mas Valentina não consegue parar e, muito cuidadosamente, abre a porta do depósito. Atravessa a porta e olha ao redor. Glen desapareceu. Ela está em uma área grande com paredes grafitadas. Agarra a bolsa no peito como se estivesse se protegendo. Está pensando se deve sair e ligar para a polícia quando, de repente, ouve vozes. É tarde demais para sair pela porta. Esconde-se atrás de uma pilha de caixas. As vozes vão ficando mais altas. Valentina vê um corredor no final daquele espaço e ouve passos. Agacha-se, apoia as costas nas caixas e prende a respiração, ainda com a bolsa no peito. Está morrendo de medo. Que ideia estúpida foi essa de seguir o bandido do Glen até o esconderijo de sua gangue. Quantos são? Como vai sair de lá? Percebe que os homens estão conversando. Não consegue entender o que eles estão dizendo porque está muito longe. Levanta a cabeça e se estica. O que Valentina vê congela seu sangue e a faz sentir seu coração cair como uma pedra. Escuta o zumbido de sua própria tempestade interior, sua garganta seca e fica completamente emudecida. Diante dela, de frente para ela, conversado com o homem que ela pensava que o tinha assassinado está o amor de sua vida, Théo.

Tina

1993

PARECIA UMA BOA ideia unir um ensaio de fotografia a uma viagem pré-Natal com Valentina para a terra do verdadeiro Papai Noel. Valentina nunca tinha visto tanta neve em toda a vida. Pra melhorar, renas, huskies, raposa-do-ártico e passeios de trenó. Como sempre, Valentina não reclama por estar sentindo frio e se diverte saltando da pilha de madeira para o montinho de neve, fazendo cavernas de gelo e esculpindo anjinhos. No entanto, Tina não tinha percebido o quanto ela mesma detesta o frio e as longas horas de escuridão. É o dia mais curto do ano e, no Ártico, quase não há luminosidade. O sol nunca brilha acima do horizonte, mas, graças a isso, o cenário ganha um tom azul-escuro e reflexos cor pastel se projetam sobre a neve. Tem sorte de haver muita neve, pois ela reflete a luz e possibilita fotos incríveis.

O ensaio foi em apoio a uma campanha contra o uso de pele de animais. Decidiram fazer um ensaio exibindo casacos de pele falsos no ambiente ártico para mostrar que as pessoas não precisam usar pele de verdade para se aquecer. Tina escolheu modelos escandinavas. Berit era alta e parecia sueca. Seus cabelos compridos brilhavam como lâminas de ouro em contraste com a neve. Estava em seu hábitat natural, deslizando de esqui pela neve. Contou para Tina que cresceu no norte do Círculo Ártico, na Suécia. Tove, a outra modelo, era Finlandesa. Tinha os cabelos pretos muito lisos e os olhos bem azuis. Era extremamente alta, magra e de semblante taciturno, mas só até começar a beber vodka, quando virava a modelo mais animada e loquaz que Tina já tinha conhecido.

Apesar do frio, Tina gostou do ensaio porque sentiu que fez algumas das imagens mais belas de sua carreira e a equipe se divertiu bebendo no lounge do hotel todas as noites. A luz do inverno era impressionante e impunha desafios com os quais ela nunca tinha se deparado. Uma noite, a aurora boreal iluminou o céu para eles. Valentina estava ao seu lado e ficou empolgadíssima. Disse que eram princesas dançando no céu com seus vestidos luminosos. Tina tirou algumas fotos de Berit e Tove com as luzes ao fundo. As cortinas dançantes de luzes verdes e roxas contrastavam com as meninas usando peles artificiais.

Concluíram o trabalho havia vinte e quatro horas e todos foram para casa se preparar para o Natal. Tina estava se coçando para voltar para Milão. Por que decidiu fazer essa viagem com Valentina? Estavam hospedadas em um hotel tranquilo na periferia de Tromsø, uma pequena cidade no norte da Noruega.

Quando Valentina dormia, Tina não conseguia ir para lugar nenhum nem fazer nada. Apenas ficava sentada no lounge do hotel, bebendo uma garrafa de Mac, a cerveja local, entediada. Se estivesse em Milão, poderia arrumar uma babá e sair. Vinha fazendo isso com bastante frequência ultimamente.

Depois de sua viagem no Expresso do Oriente, começou a achar que a vida de solteira não é nada ruim. Pode fazer o que gosta e viver exatamente do jeito que quer, sem ter que ficar o tempo todo pensando nas necessidades de um homem.

— Sim, mas você não se sente sozinha? — é o que todas as mulheres orgulhosas de estarem casadas perguntam.

— Não, claro que não. Quando preciso de companhia, não é difícil encontrar. Posso transar a qualquer hora. Sou uma alma livre — argumenta.

Para Tina, ser solteira significa cuidar do próprio nariz. Ela se cuida, anda sempre arrumada, em boa forma.

— É maravilhoso quando você sabe que ainda pode atrair a atenção de homens jovens — conta para suas amigas casadas. — E, na transa, eles fazem você se sentir uma deusa.

— Mas e o amor? — perguntam.

— Eu me amo — Tina se defende. — Amo meu filho. Amo minha filha. É amor suficiente para mim.

O que ela não conta é que também há dias em que se odeia e se arrepende de ter perdido Phil, que sofre por desejar algo mais em sua vida. É um sofrimento que nada, nem uma avalanche de abraços de sua filha pode abrandar. A única coisa que faz com que se sinta melhor é dar uma. Quando está deprimida, em vez de sentar em frente à televisão tomando sorvete, liga para a babá, se arruma e vai à luta. Já ouviu a expressão “papa-anjo” para designar uma mulher que sai com homens mais novos e acha que é nisso que se transformou. Mas esses jovens não são vítimas. Eles adoram a liberdade de dormir com uma mulher como Tina, que sabe o que está fazendo e não está interessada em comprometimento.

Está começando a ficar deprimida nesse hotel chato em Tromsø. Tina sabe do que precisa para se animar, mais está presa aqui com Valentina. Quando está prestes a se resignar com mais uma noite deplorável assistindo ao campeonato de esqui na televisão, a porta se abre e entra um jovem vestindo um suéter de natal ridículo. Ele tem os cabelos curtos e escuros, rosto largo e os olhos azuis mais brilhosos que já viu. Não é alto, mas tem certeza de que ele é todo musculoso por baixo daquele suéter vermelho, preto e branco com ziguezague branco e botões prateados na gola.

— Hei — ele diz em norueguês.

— Olá — Tina responde em inglês.

— Onde você conseguiu essa cerveja? — pergunta em inglês.

— É minha! — ela diz, em tom de brincadeira. — Comprei na conveniência, sirva-se — aponta para uma sacola ao lado de sua cadeira. — Já devem estar ficando quentes.

Ele pega a cerveja e tira a tampa com as mãos. Tina levanta as sobrancelhas.

— Você tem mãos fortes — diz.

— Sim, tenho trabalhado muito com renas. Tem que ser forte.

— Você é um pastor de renas? — pergunta, incrédula.

Ele responde que sim.

— Então você é sami?

Sempre se interessou pelos samis, um grupo étnico que vive no nordeste da Europa, num território que passa pela Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia.

— Sim. Sempre vivi aqui.

— Meu Deus, como você consegue? Digo, toda essa neve, esse frio, essa escuridão. Como você aguenta?

— Eu adoro. Quando saio, sinto falta do norte. Acho que está no sangue.

— Bom, sou do sul, definitivamente — diz, ajeitando-se na cadeira. — Não quero ser indelicada, mas acho este lugar frio, deprimente e chato.

Ele não diz nada por um instante. Bebem a cerveja juntos, assistindo à televisão.

— Posso te mostrar um lado do norte que não é chato nem frio — O homem fala baixo. — E nada deprimente.

Tina vira-se para ele, que a observa intensamente. Ela topa e sente aquele desejo urgente. Precisa de sexo agora. Mas aonde iriam? Ele está hospedado no hotel?

Ele se levanta e estende a mão.

— Posso te levar a um lugar que você nunca esquecerá — diz.

— Verdade? — Tina fala com ar tímido e os cílios baixados.

— Mas precisamos colocar nossas roupas de neve primeiro.

— Temos que sair do hotel?

Tina pensa em Valentina dormindo no quarto. Não deveria nem estar no lounge, muito menos sair do hotel, mas o sami a olha de um jeito que deixa claro que quer agradá-la. Tina morde os lábios, indecisa.

— É longe? — pergunta.

— Não — ele diz.

Tina acredita que ficará tudo bem. Valentina vai dormir a noite toda. Ela nunca acorda durante a noite e já não é mais uma bebê. Está com oito anos de idade. Quando é que terá outra oportunidade como essa?

— Ok — diz.

Tina veste as calças de neve, casaco, calça as luvas e botas. Não se sente nada sexy. Arrastam-se do lado de fora do hotel, na noite ártica. O frio bate na cara dela. A temperatura deve ser de dez graus negativos, ou menos. O sami está colocando um par de esquis.

— Não tenho esqui — Tina diz.

— Tudo bem, sobe no meu e segura na minha cintura. Eu te levo.

Tina sobe no esqui, ajeita as mãos em volta do sami e ele começa a esquiar. Encosta seu corpo no dele com as roupas de neve e suas pernas se movimentam para frente e para trás, sincronizadas, enquanto deslizam pela neve. É emocionante quando ele aumenta a velocidade e esquia para longe do hotel. Tina vê o hotel e os demais prédios de Tromsø ficarem pequenos e desaparecerem à medida que adentram a inabitada tundra ártica. Olha para o alto e vê a aurora boreal brilhando no céu como uma cortina ondulante de cores e partículas. É como se estivesse em um dos contos de fadas de sua filha. Lembra-se das histórias que sua mãe costumava ler quando era pequena, histórias sobre príncipes exóticos e terras encantadas.

Vê uma luz distante brilhando. Vão deslizando pela neve e Tina começa a entender como alguém pode amar viver lá. A velocidade, a textura e a profundidade da neve abaixo deles são estimulantes. Agora vê que a luz vem da janela de uma cabana circular de madeira. O sami para ao lado da cabana e desce do esqui com as pernas um pouco trêmulas devido ao esforço. Pendura os esquis do lado de fora da cabana, pega na mão enluvada de Tina e abre a porta. Entram em uma pequena varanda, onde tiram as botas e todas as roupas de neve, pendurando-as em ganchos. Então, o sami a conduz até a área principal da cabana. Uma fogueira queima no meio da sala e Tina vê a fumaça formando círculos e saindo pelo telhado. A sala é iluminada apenas por velas. O chão é coberto de peles de rena e tapetes de pele de carneiro. Mas Tina não presta atenção nesses detalhes e se concentra no sami, que trouxe uma garrafa de algum tipo de licor dourado e serviu duas taças, passando uma para ela.

— O que é isso? — pergunta.

— Aquavit — responde. — É uma bebida especial da Noruega, feita de ervas e especiarias. O seu sabor especial vem do transporte em barricas de carvalho da Noruega até a Austrália e depois de volta da Austrália para a Noruega pelo equador.

— Sério?

— Sim, claro — conta. — Faz uma grande diferença no sabor da bebida. Ao que parece, o constante movimento, a alta umidade e as mudanças de temperatura amadurecem e enriquecem o sabor.

Tina dá um gole na bebida. Não é agradável, tem um gosto predominante de anis e cominho. Toma tudo de um só gole. A bebida aquece seu ventre e a ajuda a relaxar.

— Como você se chama? — pergunta.

— Gunnar — ele responde.

— Sou Tina.

— Olá, Tina — ele a toma nos braços e dá um beijo defumado. O seu cheiro é incrível, misturando os pinhos nevados e pontiagudos da tundra e a fumaça amadeirada do interior da cabine.

Gunnar se afasta e sorri.

— Você já experimentou sauna? — pergunta.

— Não — Tina responde, balançando a cabeça.

— Você gosta de calor? — os olhos nórdicos de Gunnar estão brilhando.

— Às vezes — diz, lembrando-se dos dias absurdamente quentes que pegou na Sardenha com Phil quando era jovem.

— Bem — ele vai tirando o suéter nórdico —, tenho a minha própria sauna no fundo da cabana. Preparei-a logo antes de sair, então deve estar perfeita agora. Você gostaria de vir comigo?

— Claro — aceita. Nunca foi muito fã de saunas, mas quer ver Gunnar nu. Ele tira as roupas na frente de Tina sem nenhum pudor.

— Venha — convida-a, sorrindo. — Você está com vergonha?

— Não, nem um pouco. — Tina responde com ousadia e começa a arremessar suas roupas em uma pilha ao lado da fogueira.

Apesar da temperatura negativa lá de fora, a sala está quente. É muito boa a sensação de estar nua e livre das camadas de roupa que vem usando há dias.

— Por aqui — Gunnar diz, andando pela cabana e abrindo a porta da sauna. Tina sente uma onda de calor quando entra no minúsculo suadouro. Senta ao lado dele em um banco de madeira, que está tão quente que parece que vai queimar a sua pele. Gotas de suor começam a se formar na testa de Gunnar.

Tina se inclina para trás e fecha os olhos, respirando lenta e vagarosamente. Estar nua ao lado desse homem na sauna é intensamente relaxante e incrivelmente sensual. Sente cheiro de óleos essenciais, como se a fumaça tivesse eucalipto. Abre os olhos e vê que Gunnar está olhando para ela.

— Fogo ou gelo? — ele sussurra.

Fica curiosa.

— Fogo — sussurra.

Ele se senta e posiciona Tina de costas na bancada. Deita em cima dela. A pele dele é tão quente, sente como se estivessem queimando um ao outro. Ele vai descendo a boca pelo corpo de Tina até chegar à bunda. Começa a chupá-la,

esfregando as mãos suadas em suas coxas. Ela dá um gemido. Sente tanto calor que está prestes a desmaiar.

— Gelo — sussurra. — Preciso de frio.

Gunnar se agacha e seus olhos azuis riem.

— Às ordens!

Um pouco zozna, Tina vê Gunnar se dirigir para outra porta no fundo da sauna. Ele abre a porta e um repentino e breve sopro de ar agradavelmente frio invade o local antes que ele a feche novamente. Tina fecha os olhos e sente-se derreter ainda mais no calor e no vapor da sauna. Gunnar volta para ela. Ajoelhado à sua frente, ele a levanta pelos quadris e leva a boca até sua boceta, abrindo espaço entre os lábios com a língua. Sua língua está estranhamente fria. Tina tenta se esquivar, mas Gunnar consegue introduzir uma pedrinha de gelo na sua vagina. Ela grita de susto enquanto ele lambe o gelo e a neve que escorre pelos lábios vaginais. Sente o gelo derreter imediatamente e, passado o susto inicial, sente uma combinação inebriante de dor e prazer.

— Oh, meu Deus — sussurra.

— Você gosta? — Gunnar pergunta baixinho.

Em seguida, Gunnar apoia os pés de Tina sobre os ombros, abrindo mais ainda suas pernas, e enche a boca com algum líquido. Ela fecha os olhos e sente o líquido morno se espalhando por toda a sua boceta. Talvez seja o aquavit. Está vibrando com as sensações. Gunnar a leva ao limite; Tina se sente possuída por algo selvagem e animal.

Ele repousa os quadris de Tina e a puxa pelos braços até que grudem seus corpos suados um no outro. Eles se contorcem juntos, deslizando e se esfregando. Está desesperada para sentir aquele pau dentro dela, mas ele continua postergando.

— Quer fazer uma coisa muito selvagem? — ele pergunta.

— Sim — Tina sussurra.

Gunnar a carrega nos braços e atravessa a minúscula sauna, abrindo a segunda porta e saindo na neve. Ela está nua em uma temperatura de dez graus negativos, mas seu corpo ainda não está frio. Continua queimando com o calor que há entre eles.

— Temos que ser rápidos — ele avisa. — Não quero que você fique com hipotermia.

À sua frente, há um cavalete de serrador coberto de peles de rena. Ele a carrega até lá e a apoia de frente sobre o cavalete; seus mamilos são estimulados pela maciez quente das peles, enquanto os pés tocam a neve seca e cortante. A neve não está úmida nem congelante; parece mais uma areia refinada, como se minúsculas chispas de cristais tocassem a sola de seus pés. Ela se curva sobre o

cavalete com o corpo ainda queimando, com um turbilhão de sensações entre as pernas quando Gunnar a penetra. Ele segura a cintura dela com as mãos e mete fundo. Ela o escuta ofegar e gemer como uma fera da floresta e adora esse sexo animal sob a aurora boreal da tundra ártica. Enquanto Gunnar a penetra, Tina sente-o estimular seu clitóris, aumentado ainda mais o prazer. Em seguida, ele se estica atrás dela na ponta dos pés e dá mais uma estocada forte. O pau de Gunnar desliza dentro dela, tocando o seu ponto G. Tina geme alto. Ele muda o ângulo de cada metida, estimulando cada canto da boceta dela. Gunnar acelera com metidas rítmicas e rápidas, sua respiração vai encurtando e ficando mais breve; até que ele goza dentro dela. A sensação daquele pau quente vibrando dentro dela a leva também ao orgasmo. Tina goza, escorrendo pela pele.

Rapidamente, ele a carrega de volta para a sauna. Pega uma toalha e a enrola nela. Só então Tina percebe que está tremendo de frio, mas sentia-se muito quente lá fora. Ele a esfrega com a toalha e diz para ela se deitar e relaxar. Ficam na sauna por mais cinco minutos, suando juntos, trocando beijos sensuais e suaves. Depois, vão até o chuveiro e lavam um ao outro sob o jato de água abundante. Gunnar coloca a mão de Tina em seu pau, pressionando a base com delicadeza e depois deslizando sua mão até a cabeça aveludada. Os olhos de Gunnar se acendem e ele a pega pela cintura. Tina coloca as pernas ao redor dele e, apoiada sobre as telhas, fazem amor novamente sob a água fumegante.

Agora estão exaustos. Aconchegam-se nas cobertas em frente à fogueira, tomando cerveja gelada. Tina está satisfeita como uma gata gorda, saciada e paparicada de frente para o fogo crepitando.

— Quer passar a noite aqui? — sussurra, abraçando-a.

Há quantas horas sua filha está sozinha? E se acordar e ficar assustada?

— Desculpe, Gunnar, mas preciso ir.

— Agora? — olha para Tina, incrédulo.

— Sim... É que... Tenho que voltar para o hotel. Minha filha está dormindo sozinha no quarto.

— O quê? — Gunnar fica horrorizado. — Quantos anos ela tem?

— Ela não é um bebê — Tina responde na defensiva. — Já tem oito anos.

Gunnar se levanta e o clima entre eles é cortado de maneira irremediável. Ele não fala nada, mas seu olhar deixa claro que ele pensa que ela é uma péssima mãe.

— Vou te levar de snowmobile — diz. — É mais rápido.

Para seu alívio, Valentina continua dormindo profundamente quando Tina volta para o quarto. Porém, quando olha para o relógio, percebe que ficou mais de três horas com Gunnar. Senta-se na cama e observa a inocência pura da filha.

Fica abalada ao pensar no que poderia ter acontecido com sua menininha. Qualquer coisa. Se o hotel pegasse fogo, ela morreria na cama? Ou ainda, poderia ter acordado e ido procurar pela mãe na neve, se perdido e morrido de hipotermia... Poderia ter ficado doente e traumatizada pelo restante da vida. Todo o bem-estar proporcionado pela experiência sexual com Gunnar passou instantaneamente. Na verdade, aquela sensação prazerosa foi substituída por uma constatação sofrível e pesarosa. Se a sua necessidade de sexo e o seu desejo de transar são tão fortes a ponto de abandonar sua filha durante a noite, então ela tem algum problema.

Valentina

A RAIVA TOMA conta do corpo de Valentina e se torna o motor de suas ações. Não se importa mais com a própria segurança e, assim, resolve sair de trás das caixas. Théo a vê imediatamente. Dá um passo para trás, chocado, transfigurado, enquanto Valentina caminha em sua direção.

— Desgraçado! — berra, dando um tapa bem no meio da cara dele com toda a força. Valentina é incapaz de dizer qualquer outra coisa, pois a emoção a deixa completamente sem palavras.

Dá meia volta e deixa a fábrica num rompante. Vê Glen à esquerda e ele parece tão surpreso quanto Théo pela sua aparição.

Já na rua, começa a correr sem rumo, desenfreadamente. Está tomada de dor e ódio. Não consegue entender. Ele está vivo! Deveria ficar feliz com isso, mas está magoada e machucada demais pela traição e não consegue se sentir bem.

— Valentina! Valentina, espere!

Ela pode escutá-lo. O pânico toma conta dela, só quer fugir e fugir.

— Valentina! Pare, por favor.

Théo a alcança e agarra seu braço. Ela se esquivava com toda a força, mas ele a segura.

— Valentina, Valentina, Valentina... — Théo repete seu nome como um mantra, incapaz de dizer outra coisa.

Seus olhos estão brilhando. Se não estivesse tão confusa, poderia jurar que ele estava feliz em vê-la. Tenta abraçá-la, mas Valentina o empurra.

— Não! — grita.

Ele luta para contê-la, mas ela o afasta.

— Ei, senhorita, você está bem? — um homem grita do outro lado da rua. Théo abaixa os braços para de tentar segurá-la à força. Olham um para o outro. Valentina está sem ar pela corrida e pela emoção. Poderia pedir ajuda àquele homem e chamar a polícia. Percebe que Théo tem consciência disso, pois ele olha para a calçada.

— Por favor, Valentina — sussurra. — Só me deixe explicar.

Ela vê a cabeça dele abaixada e, de repente, se dá conta: ele não está morto. Apesar da fúria e da confusão, sente um grande peso sair de suas costas.

— Estou bem, obrigada — responde para o pedestre preocupado que, então, dá de ombros e segue adiante.

Théo levanta a cabeça.

— Obrigado — estende a mão. — Por favor, vamos até algum lugar para conversar. Deixe-me explicar tudo.

Valentina ignora a mão estendida. Está tremendo de emoção. Sente-se aliviada por ele estar vivo e com ódio pela perda com a qual tem convivido, pela culpa que carregou pela suposta morte dele durante mais de um ano.

— Achei que você tinha morrido, Théo — fala com a voz embargada. — Como você pode fazer isso comigo? E com os seus pais? Meu Deus, como você foi capaz de ser tão cruel?

— Eu sei, eu sei — Théo diz, passando a mão pelos cabelos. Valentina nota o seu aspecto cansado: está pálido e com olheiras. Mas o azul desses olhos continua a enfeitiçá-la. Não consegue virar as costas para ele. — Mas você tem que acreditar, eu não tive escolha — Théo murmura.

O que ele quer dizer? O que aconteceu exatamente entre Théo e Glen na Gruta Azul? Eram inimigos e agora parecem sócios. Valentina olha atrás de Théo e não vê sinal de Glen.

— Como você pode se associar a Glen? Ele tentou me afogar, Théo, você não se lembra?

— É claro que me lembro. Por favor, vamos até algum lugar onde possamos sentar e conversar.

Ela toma fôlego.

— Ok — responde grosseiramente. Sabe que não pode ir embora agora, tem que descobrir por que ele a abandonou. Andam pela rua lado a lado. Valentina sente-se tentada a olhar para ele, a tocá-lo para se certificar de que é de verdade. Lá no fundo, sabia que ele ainda estava vivo, não sabia? Quando Delaney e Balducci tiveram suas suspeitas, Valentina teve uma pontada de premonição. Simplesmente não queria acreditar que ele fugiria dela... Não queria acreditar que Théo não a queria.

Vão até um bar tranquilo e escuro, todo de madeira. São os únicos clientes. Ainda não é a hora do almoço.

— Vou tomar um café — ela diz.

— Quer comer alguma coisa? — ele oferece.

Valentina não responde.

Estão sentados de frente um para o outro. Ela fixa o olhar no café. Não suporta olhar para ele e lembrar-se do homem que amava, do rosto da pessoa com quem quis se casar, ter filhos, que achou que a amava tanto quanto ela o amava. Não suporta olhar para a cara do homem que ela pensava que estava morto e enterrado no fundo do mar. Ele ressuscitou, mas na mesma encarnação. Não importa o que ele vai contar, o fato é que ele a enganou, a traiu, a fez

acreditar que estava morto... O que justifica isso? Sente vontade de sair correndo de novo e se esconder no futon de Leonardo até seu parceiro voltar.

Théo tosse nervosamente.

— Meu Deus, Valentina — fala emocionado. — É tão maravilhoso te ver de novo, cara a cara — olha para ela com as pálpebras abaixadas. Seus olhos estão azuis-cintilantes, brilhando de alegria.

— Como assim cara a cara?

— Eu te vi de longe — admito —, depois que você chegou a Nova York...

— Você me seguiu?

— Só uma ou duas vezes quando você chegou, aí ficou perigoso demais. Você estava sendo monitorada pela polícia.

— Meu Deus, Théo, você roubou aquela tela do Klimt com Glen?

— Sim — ele sussurra. — Tive de roubar.

— O que você quer dizer com ter de roubar? Aquele quadro não tem nenhuma relação com o tesouro nazista. Por que você teve de roubar?

— Tudo tem a ver com você, Valentina.

— Comigo? — fica chocada.

— Você se lembra da última coisa que te disse na Gruta Azul, Valentina?

Ela diz que sim, lembrando-se daquela tarde assombrada que virou sua vida do avesso.

— Você disse “eu não vou te deixar em apuros” — sua voz enfraquece com a flagrante ironia daquela frase. — Mas você me deixou — fala com firmeza. — Você partiu meu coração, arruinou a minha vida...

Vira-se e engole as lágrimas com raiva. Não pode perder a frieza e deixar transparecer que está sofrendo.

— Por que você acha que saí de sua vida tão repentinamente e de forma dramática? Por que tomei aquela decisão na Gruta Azul?

Ela não diz nada por um momento e começa a pensar hipóteses possíveis.

— Foi algo que Glen te falou? — pergunta vagarosamente.

— Sim, foi uma conversa que tivemos. Acredite, ele não é meu amigo, nem meu sócio, mas fui forçado a trabalhar com ele no último ano.

— O que ele disse sobre mim? — ela pergunta, afobada. — Com quais mentiras ele te envenenou?

— Glen não disse nada sobre você, Valentina. Ele disse claramente que sua vida estaria correndo sérios riscos se eu não concordasse em fazer exatamente o que ele mandasse.

— Mas nós o superestimamos... Poderíamos simplesmente ter levado Glen até a polícia e contado que ele estava me ameaçando...

— Você não entende, Valentina? Não é o Glen que está por trás disso tudo.

Nosso roubo foi planejado para ser uma isca que distrairia os policiais enquanto as pessoas para as quais Glen trabalha roubavam bancos aqui em Nova York...

Claro, é isso que os jornais tinham dito. O furto da obra de arte era uma fachada para o assalto a banco.

— Eles queriam os melhores ladrões para esse trabalho e Glen contou a eles como eu era bom. Eles me disseram que se eu não fizesse o que mandassem, matariam você — Théo faz uma pausa, juntando as mãos enquanto fala. Valentina nunca o viu tão sério. — O combinado foi que eu trabalharia com Glen no roubo de uma obra de arte de uma galeria em Nova York. Tínhamos que esperar pela hora certa, quando a quadrilha estivesse pronta para fazer o roubo. Prometeram que, assim que eu cumprisse a minha parte, depois de um mês poderia largar o quadro onde eu quisesse, devolvê-lo sem ser pego, e aí estaria livre.

Valentina fica sentada em silêncio, chocada. Isso que Théo está dizendo parece mais um filme de suspense e não a sua vida real.

— Mas por que você não me contou tudo isso? Por que teve que fingir que estava morto?

— Porque o acordo era partir com Glen dali, naquela hora. Ele apontou para um dos membros da quadrilha no alto da colina, em Capri. Vi que ele tinha uma arma apontada para você enquanto você remava de volta para o barco. O comandante do nosso barco também estava envolvido no esquema. Ele tinha ordens para matá-la se eu não entrasse no jogo deles.

— Mas você não podia ter me escrito depois explicando o que estava acontecendo?

— Não podia arriscar. Se você soubesse de algo, ia tentar me dissuadir. Sabia que não ia querer que eu roubasse a tela. Você não teria valorizado a sua vida tanto quanto eu a valorizei. Não teria deixado aquelas pessoas te intimidarem... Mas acredite, eles não estavam de brincadeira.

Valentina pensa na morte do coitado do segurança da Neue Galerie, Wayne Datcher. Será que Théo está envolvido no assassinato? Estremece só de pensar.

Ele respira e se inclina sobre a mesa.

— Valentina, agora você entende por que eu sumi da sua vida subitamente? — Théo fala com desespero.

— Mas por que daquele jeito? Em todo esse tempo, você não podia ter dado um jeito de me enviar algum tipo de mensagem... Só pra me avisar que ainda estava vivo!

— No início, achei melhor não. Achei que seria uma tortura para você. Sempre que pensava no quanto você estava sofrendo, sentia uma frustração profunda, mas nunca achei que fosse demorar tanto. Eles nos obrigaram a

esperar até o esquema de hacking ficar pronto. Mas quando Glen me disse que tinha te visto na galeria, não aguentei e te mandei o desenho da criança que se parece com você. Achei que você faria a ligação.

— Foi você?

— É claro que fui eu. Você não se lembra do bilhete?

Você não está sozinha, Valentina.

— Achei que fosse uma ameaça do Glen — conta.

Théo balança a cabeça.

— Foi o meio que encontrei para te avisar de que eu continuava aqui e que sempre estaria cuidando de você.

— Mas você me deixou sozinha — Valentina diz com raiva. — Você me abandonou em Capri. Achei que você tinha se afogado... Isso quase me matou.

Théo olha para o seu coração. O azul penetrante de seus olhos quase hipnotiza Valentina.

— Eu sei porque também quase morri longe de você... E por saber pelo que você estava passando. Fiz o que fiz para mantê-la em segurança, entende?

— Você deveria ter procurado a polícia, Théo. Nunca deveria ter se envolvido com essas pessoas.

— Eu não podia arriscar. Vi o tamanho da arma apontada pra você do alto daquela colina e Glen estava com um celular na mão, pronto para acioná-lo. Eles teriam ido até o fim, Valentina. E você é preciosa demais para mim.

Valentina está confusa. Seu coração é um turbilhão de emoções e sua cabeça está girando. Théo está à sua frente em carne, osso e coração pulsante.

— O que você vai fazer agora, Théo? — Valentina sussurra, hesitante.

— Assim que Glen e eu nos livrarmos do quadro em algum lugar seguro e ele for encontrado e devolvido, serei um homem livre...

— Você acha mesmo que vão te deixar escapar? — rebate.

— Sim, o único que eu conheço pessoalmente é Glen. Tenho provas suficientes para colocar a gangue inteira atrás das grades por muitos anos.

— Eles vão te matar assim como mataram o segurança da Neue Galerie.

— Ele está morto? — Théo se assusta.

— Sim, o corpo foi retirado do Rio Hudson hoje de manhã. Théo, você nunca vai se livrar de Glen. Não agora.

Ele franze a testa, pensativo.

— Você tem que confiar em mim, Valentina. Vou até a polícia, prometo. Farei um acordo. Farei qualquer coisa para tentarmos de novo. Podemos começar uma vida nova em um lugar onde ninguém nos conheça.

Théo olha para ela com seus olhos cintilantes carregados de esperança.

— Não — Valentina responde duramente, desviando o olhar — Levei muito

tempo para superar a sua perda. Não posso simplesmente abandonar tudo que tenho agora. Recuperei a minha vida, Théo.

Ele concorda, mortificado.

— Você tem razão, claro. Como poderia esperar que você me perdoasse? — suspira. — Espero que tenha me esquecido, Valentina.

Ela tem vontade de dar mais um tapa na cara de Théo. Como ele pode pensar que um dia ela seria capaz de esquecê-lo?

Valentina junta as mãos e entrelaça os dedos. Olha para os pelos loiros do antebraço de Théo e lembra-se de como era tocá-lo com as mãos. Ele disse que sua vida estava em risco, mas não podia ter encontrado uma maneira de avisar que não estava morto? Théo simplesmente desapareceu. Como poderia perdô-lo? No entanto, no fundo de seu ventre, há uma voz que grita cada vez mais alto *ele está vivo, ele está vivo*. Por alguma razão, Valentina se pergunta o que sua mãe faria nessa situação. Será que Tina passaria por cima da dor e da traição e aceitaria de volta o único amor verdadeiro de toda a sua vida?

— Théo, preciso pensar... Preciso de tempo... — começa a dizer.

Théo pega a mão de Valentina que, dessa vez, deixa. Imediatamente, sente aquela velha química entre eles começando a emergir. Sente os dedos fortes e quentes dele em sua mão. Encaixam-se perfeitamente.

— Tome o tempo que quiser — ele diz.

— Me envolvi com outra pessoa... — fala um pouco sem jeito.

— Oh — Théo fica baqueado. — Claro... Desculpe... Não imaginei...

— É Leonardo — revela.

Théo fica tenso e larga a mão de Valentina.

— Fico feliz por vocês — se esforça para dizer. — Não quero estragar isso. Leonardo é um cara legal.

— Ele é um homem bom — Valentina fala com sentimento. — E ele me ajudou pra valer, Théo... Se não fosse por ele, eu teria desmoronado. Ele esteve ao meu lado — Valentina gagueja, emocionada. — Mas... mas...

— Mas o que, linda?

Théo olha em seus olhos de novo e Valentina pode ver que ele ainda tem sentimentos por ela. Está claro e transparente como no último dia em que o viu na Gruta Azul.

— Será que podemos? — Théo começa a falar. — Talvez a gente possa tentar?

Valentina balança a cabeça, magoada.

— Tarde demais — interrompe. — Estou com Leonardo agora, já te disse.

— Tem certeza, Valentina?

Ela se levanta, dá a volta na mesa e Théo também se levanta. Olham um para

o outro. Valentina sente a sinergia entre eles. Seu corpo clama para tocá-lo, para ser tocado, mas ela consegue se segurar.

— Adeus, Théo — ela diz. — Boa sorte.

Ele fica desesperado, em pânico.

— Por favor, preciso te ver de novo. Você precisa entender por que eu fiz o que fiz...

— Eu entendo — Valentina retruca com a voz surpreendentemente calma. — Entendo que você fez o que fez para me proteger. Sei que foi por amor... Mas levei um ano para superar isso e deixá-lo partir... Agora é tarde demais para começar de novo.

Théo coloca a mão sobre o braço de Valentina e seu corpo inteiro estremece.

— Apenas diga que não me ama e você não vai me ver nunca mais — ele diz.

Não pode. Valentina tenta, mas as palavras ficam travadas na garganta. Ela puxa a mão e vai embora sem dizer nada.

Valentina corre pelas ruas com o coração saindo pela boca e a cabeça girando. Não sabe para onde está indo, até ver o Central Park. Continua correndo. Tem que encontrar um lugar fechado onde ninguém possa vê-la. No final de um pequeno lago, cai de joelhos, totalmente sem forças. Valentina se balança para frente e para trás como se tentasse confortar a si mesma. Nunca imaginou que sofreria pela perda de Théo duas vezes na mesma vida.

Você não está sozinha, Valentina.

Agora ela se lembra. Como pôde esquecer? No primeiro ano do relacionamento com Théo, ela tinha muito medo de se machucar. Tentou de tudo para não depender dele, mas acabou se apaixonando, apesar de resistir muito. Foi o aborto que mudou drasticamente as coisas entre eles. Na noite em que Valentina abortou, Théo foi muito amável e delicado. Ela fecha os punhos quando se lembra. Pelo fato de ter crescido sem a presença de um pai, Valentina nunca tinha sentido a ternura de um homem. Ela se entregou aos cuidados dele pela primeira vez. Estava tão fraca e adoecida. Ele deu banho nela, limpou todo o sangue e a abraçou debaixo das cobertas a noite inteira.

Porém, no dia seguinte, a desconfiança voltou. Foi para o hospital sozinha quando Théo saiu. Negou a ele a chance de estar com ela e dividir a sua dor. Afinal, o filho que ela perdera era dele também, não? Durante dias, Valentina se fechou. Trancou-se em seu estúdio e dormia no sofá. Esperava que Théo saísse e, quando ouvia a porta bater, voltava a ser ela mesma. A experiência que Valentina tinha até então era de que todas as pessoas que a amavam, partiam: Phil, sua mãe, Mattia, Francesco...mas Théo não foi a lugar algum. Na verdade, ele colocou uma cadeira do lado de fora do estúdio e dormiu lá como se fosse um

fiel cão de guarda. Valentina só saía depois que Théo ia trabalhar. Em volta da cadeira que ele trouxe, havia folhas de papel picotadas, uma tesoura e revistas recortadas. O que ficava fazendo durante a noite? Valentina tocava a coberta jogada sobre a cadeira, ainda quente, passava o dedo pela borda da caneca de café tomada até a metade e se olhava no espelho com raiva de si mesma. — Vá embora — dizia para o seu reflexo. — Me deixe em paz.

Na terceira noite, ele passou um cartão por debaixo da porta. Na frente, havia uma incrível colagem azul com todos os tons dos olhos dele, e mais. Com as tiras de papel azul, criou a imagem de dois lindos pássaros azuis voando juntos e cujas pontas das asas se tocavam enquanto atravessavam o céu. Tina abriu o cartão. Ele escreveu uma só linha, criando as palavras a partir de letras recortadas de revistas e papéis.

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA, VALENTINA.

Foram as palavras que a modificaram. Pela primeira vez, percebeu que não tinha mais que encarar todos os desafios da vida sozinha. Entendeu que poderia escolher enfrentá-los com Théo. Eles não dividiriam só os altos, mas os baixos também. Aquilo era amor verdadeiro.

Sente uma dor profunda e se abaixa, apoiando-se no chão com as mãos.

— É tarde demais – suspira.

A vida com Théo é complicada, intensa e, ainda assim, eufórica. Sente-se viva novamente só por ter estado na presença de Théo durante uma hora. Mas é assustador. Fica muito vulnerável e exposta quando está com ele. O amor que Leonardo tem por ela é diferente. Ele a cura.

Valentina se senta e se endireita. Finalmente, sua vida voltou aos trilhos. Sua carreira decolou em Nova York rumo a um novo patamar de produtividade, está cultivando um relacionamento com um homem dedicado e até fez as pazes com a mãe. Por que fugiria com Théo para uma vida de incertezas, perigos e dificuldades?

Seu telefone toca na bolsa. Balducci está retornando a sua ligação de hoje de manhã.

— Senhorita Rosselli, é Mike Balducci. Desculpe não ter ligado mais cedo. Você tem alguma informação para nós?

Não sabe mais o que dizer agora que descobriu que Théo está envolvido no roubo.

— Fiquei sabendo do segurança — Valentina diz.

— Pois é, não é nada bom — Balducci constata. — Você pode nos ajudar com alguma coisa? Viu Glen Clarke?

Se contar para a polícia onde fica o depósito, vão pegar Théo. Bem, e por que não deveriam? Uma voz interna atormenta Valentina. Ele merece ser pego, pois agora é um criminoso. Mas não consegue. Valentina é incapaz de entregá-lo.

— Você sabia que Wayne Datcher tinha namorado uma prima de Lori, a maquiadora do nosso ensaio?

— A garota que estava saindo com o Sr. Clarke? Não, não sabia. Interessante — Balducci diz.

— Acho que vocês devem conversar com ela novamente — Valentina avisa. — Ela tem muito medo de Glen Clarke.

— Ok, obrigado senhorita Rosselli — ele faz uma pausa retórica. — E está tudo bem com você? Tem certeza de que não há mais nada que queira me contar?

— Não. Era só isso.

Depois de desligar o telefone, olha para o aparelho sem entender o que está fazendo. Então, agora ela está obstruindo o curso das investigações?

O telefone vibra em sua mão e ela vê uma mensagem de um número desconhecido:

Valentina, por favor, me encontre no observatório The Top of The Rock, hoje, às 20h. Se vier, você verá o quanto significa para mim. Théo.

Lê a mensagem calada e seu coração volta a bater forte. Levanta-se e, vagarosamente, se dirige para fora do parque. Decide não responder à mensagem de texto. Mas ele sabe que ela vai estar lá. Não consegue resistir. Valentina franze a testa, pensativa. Não pode esconder isso de Leonardo, não é justo. Liga para ele, mas o telefone está desligado. Ele disse que o seminário só acabaria às 20 h, na mesma hora em que Théo quer encontrá-la. Sabe que Leonardo não vai verificar o telefone até lá, mas deixa uma mensagem mesmo assim.

— Oi, Leonardo! Algo espantoso aconteceu — pausa e lambe os lábios, nervosa. Está com a voz trêmula. — Théo está vivo. Eu sei... É bem.... Inacreditável... — Valentina se embaralha com as palavras, pensando em qual será a reação de Leonardo quando ouvir. — Olha, vou conversar com ele hoje à noite no prédio do Rockefeller Center. Vamos nos encontrar na cobertura às oito. Se você também quiser vê-lo, venha nos encontrar assim que sair daí.

Fez a coisa certa. Valentina se recusa a enganar Leonardo, mas o encontro não será mais entre Théo e ela apenas. Lá no fundo, sabe que contou para Leonardo porque está com medo de ficar sozinha com ele e baixar a guarda. Valentina tem medo de demonstrar que ainda o ama.

Sai do parque e sobe a 5ª Avenida. Vê o Guggenheim à sua frente. Já tinha visto fotos desse prédio, mas não imaginava que fosse tão lindo ao vivo. É imponente, mas simples ao mesmo tempo. O edifício central é um cilindro que

expande seu raio à medida que os andares aumentam, passando serenidade e calma. Entra no prédio e fica parada em frente ao domo de vidro, vendo uma instalação de redes de plástico cheias de água colorida. Pensa que a aparência externa do Guggenheim, ou seja, a de um templo modernista autônomo e pacífico, é muito diferente do seu interior. Sim, há uma sensação de calma nos andares brancos que formam uma espiral, mas o entrelaçamento dessas redes com seus conteúdos coloridos lembra o ziguezague da vida. É um tipo de rede caleidoscópica feito de cores que se complementam e cores que se repelem. É um jogo, como a vida. Por que temos que fazer disso algo tão pesado, desesperado e obscuro, se o amor deveria nos fazer rir? Lembra-se do famoso lema de Théo: *Divirta-se*. Essa é uma frase que Valentina sempre achou vazia, mas agora ela ganha um significado completamente diferente.

Ainda não sabe o que vai dizer a Théo e Leonardo hoje à noite, no alto do Rockefeller Center, mas tem certeza de uma coisa: será honesta consigo mesma.

Tina

2004

OLHA PARA SUA filha e, de repente, a vê como mulher pela primeira vez. Valentina não é mais uma menininha que precisa de proteção e cuidados. Já é uma pessoa de direitos, uma jovem feroz. Fica pasma com o eco das palavras de sua filha:

Você repeliu meu pai, você afastou todos os homens que te amaram; até o seu filho partiu. Ninguém consegue te suportar por muito tempo...

Sente como se sua filha tivesse dado um soco em seu peito. Para sua surpresa, começa a ficar emocionada, sentindo um nó se formar na garganta e os olhos se encherem de lágrimas. Tem vontade de saltar do sofá e agarrar Valentina. Quer abraçá-la com força e pedir desculpas, implorar para que não a abandone também. Porém, antes que tivesse a chance de fazer isso, Valentina grita: “Vou me mudar!”, desaparece corredor afora e bate a porta do quarto com força.

Tina fica sentada no sofá, paralisada. Não sabe o que fazer. Lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto. Não pode permitir que Valentina a veja desse jeito, acabada e arrasada. Levanta-se e vai até o banheiro, pega um punhado de lenços e seca os olhos, forçando as lágrimas a pararem de brotar. Volta para a sala e toma sua taça de vinho de uma só vez. O que Tina tinha feito de tão errado assim?

Só queria vingança pela sua filha. Era terrível ver Valentina sofrendo tanto. Quando estavam na Grécia, odiou aquele homem, Francesco Merico, mas odiou tanto que teria o maior prazer em enfiar uma faca em seu peito. Dentro de poucos meses, ele tinha transformado sua filha, que deixou de ser uma estudante de fotografia focada e virou uma louca histérica. Ele era casado e sua esposa estava grávida. O cafajeste dava aula para Valentina na faculdade e seduziu sua filha virginal, partindo seu coração. Tina tinha que o tirar da vida dela, então conversou com algumas pessoas que conhecia na reitoria da faculdade e conseguiu que ele fosse demitido. A reitoria não apreciava professores que seduziam suas alunas. De certa forma, foi um processo catártico, pois reverteu o mau tratamento que recebeu de seu primeiro amante que, ironicamente, também era professor na sua faculdade.

Mas Valentina está furiosa por causa disso e a acusou de interferir em sua vida. Tina acha que ela está sendo injusta. Sempre se preocupou em não sufocar Valentina e dar espaço para ela quando estava crescendo. Começa a ficar

assustada. Sempre contou com o amor de sua filha, mas agora parece que ela a odeia. Será que é verdade que ela afasta todo mundo? Phil a deixou. Mattia cresceu. E quanto aos namorados, bem, provavelmente a maioria a deixou, mas ela secretamente desejava que partissem. Tina se cansava fácil. Sempre teve orgulho de não ser possessiva, mas talvez esse fosse o seu problema. Não demonstrava o que sentia pelos seus amantes. Não conseguia, pelos menos não depois de Karel. Olha o que o seu amor tinha feito com ele? Ainda se sente responsável por sua morte.

Talvez deva se sentar com Valentina e contar a respeito de seu pai verdadeiro. Contar que ele morreu porque queria muito a ver. Tina enche mais uma taça de vinho e dá um gole. Não, isso iria deixá-la triste e confusa. Agora, era tarde demais para contar a verdade para Valentina, sobretudo porque parecia estar afastando sua filha também. O que há de errado com ela?

Tem se sentido lenta ultimamente. Sabe que tem a ver com o que aconteceu antes de ir para a Grécia com Valentina. Deveria conversar com alguém sobre isso, mas tem muita vergonha.

Tinha retomado seu velho mau hábito. Isso se deu em parte porque, à medida que envelhecia, achava mais difícil conhecer um homem que se interessasse de verdade por ela. Por outro lado, sua fama também atrapalhava. Os últimos namorados que teve só estavam com ela por quem ela era. Eram jovens bajuladores sem personalidade que queriam que ela pagasse tudo para eles. Como podia sentir tesão por homens assim? Então, depois de seu último relacionamento desastroso, Tina decidiu ficar solteira e abster-se de sexo por um tempo. Ficar solteira não era problema, mas a abstinência sexual era muito difícil.

No começo, ela mesma se dava prazer. Quando foi fotografar um ensaio na Suécia, achou um sex shop e comprou vários brinquedinhos: um pequeno vibrador pink para o clitóris, um vibrador rabbit para penetração e alguns livros. Mas não foi suficiente. Claro que conseguia gozar, mas não era isso que buscava no sexo. Queria intimidade com outro ser humano. Chegou a pensar em sair com mulheres. Lembrou que gostou de beijar aquela garota, Lucinda, no Expresso do Oriente, anos atrás. Mas foi só uma preliminar que esquentou a trepada com o marido dela. A verdade é que Tina adora pau. Deseja ser penetrada e sentir cheiro de homem em contato com a sua pele.

No passado, quanto tinha vontade de transar, esperava até ter um ensaio no exterior. Muitas pessoas sabiam quem ela era em Milão. Mas, num sábado à noite em particular, havia alguns meses, estava louca por um momento de intimidade. Valentina ia passar a noite na casa de sua velha amiga da escola, Gaby, então tinha o apartamento só para ela, o que era um alívio. Tentou o

máximo que pôde se comportar e não sair. Tomou uma grande taça de vinho tinto, assistiu a alguns filmes pornôns enquanto se masturbava, mas acabou se sentindo ainda mais frustrada. Ao final, alegriinha com o vinho, decidiu sair.

Talvez não tenha sido muito cuidadosa em relação à própria aparência naquela noite. Talvez o seu vestido estivesse justo demais e fosse jovial demais para ela, ou sua maquiagem estivesse muito pesada, seus lábios estivessem vermelhos demais. Tenta encontrar uma razão para explicar o que aconteceu, mas sempre que se lembra daquela noite, sente um misto de raiva e vergonha. Como pode ter deixado aquilo acontecer com ela?

Foi a um bar em um bairro de Milão que não costuma frequentar. No início, pareceu uma boa ideia porque o bar estava lotado de homens bonitos. Sentou no balcão e logo alguém se aproximou com um drink e começou a papear. Ele era loiro e tinha dentes muito brancos. A última coisa da qual se lembra é de estar dançando com o loiro na minúscula pista de dança, luzes piscando ao seu redor, música alta demais e seu coração acelerando. Lembra-se de que pensou que a bebida que ele deu para ela tinha batido forte e tinha ficado mais bêbada que o normal. Depois disso, não se lembra de mais nada.

Na manhã seguinte, acordou com uma dor de cabeça muito forte e dor de barriga em um quarto de hotel estranho. Arrastando-se para fora da cama, conseguiu chegar a tempo no banheiro e vomitou na privada. Ficou abraçada ao vaso sanitário durante cerca de uma hora, esvaziando sua barriga. Estava tonta e assustada. O que tinha acontecido com ela? Finalmente, engatinhou de volta para o quarto. Analisou a cena: cama vazia, um balde com gelo derretido e uma garrafa de champagne vazia, taças quebradas, seu vestido estava rasgado e não havia sinal de sua lingerie. Deu um pequeno grito de choro quando viu três camisinhas usadas, descartadas no tapete ao lado da cama. O que tinha acontecido? Não conseguia se lembrar de nada. Quando olhou para seu corpo no espelho, ficou horrorizada: estava coberta de hematomas e grandes mordidas vermelhas. Desceu as mãos para se tocar e não conseguiu. Estava dolorida. Alguém tinha transado com elas várias vezes e agressivamente. Sentiu um nó no estômago e correu para o banheiro para vomitar de novo. Nunca tinha se sentido tão enjoada em toda a sua vida. Apoiou os cotovelos na banheira para se levantar quando viu o que estava escrito no espelho com o seu batom vermelho:

Sua puta velha e suja!

Tina levou as mãos até a boca e começou a chorar. Aquelas palavras a dilaceraram, fizeram com que se sentisse pequena diante de tanta vergonha. Engatinhou até um canto do banheiro, levou os joelhos até o peito e chorou de soluçar. Voltou a ser uma garotinha. Sozinha no mundo, sem ninguém para amá-

la ou tomar conta dela. Queria Phil. Precisava tanto que ele cuidasse dela e a tomasse em seus braços. Havia anos que não o via, mas ele continuava sendo aquele que Tina queria que a protegesse e afastasse os pesadelos. Ficou ali durante horas. Permaneceu sentada no canto do banheiro, tremendo, vomitando e engatinhando de volta para o canto. Ouviu a camareira bater algumas vezes se oferecendo para arrumar o quarto.

Tinha sido violentada. E não foi uma única vez, foram três vezes. Sequer sabia quem a tinha estuprado. Seria o loiro do bar? Ou outro homem? Talvez mais de um homem? Havia duas garrafas de champanhe e quatro taças quebradas no chão do quarto. Não conseguia se lembrar de nada do que tinha acontecido naquela noite. Sabe que tinha alguma droga em sua bebida. Caso contrário, como teria apagado? É por isso que se sentia tão enjoada. Deveria ter ligado para a polícia. Mas estava muito envergonhada para fazer isso.

Tina tem cinquenta e cinco anos de idade. Que mulher na sua idade é estuprada? É claro que sabe que a culpa não é sua, mas não consegue encarar o julgamento os outros. Imagina que todos vão julgá-la, inclusive sua filha. Qual cinquentona vai sozinha a um bar, no sábado à noite, vestida de perigete? Uma mulher atrás de encrenca, certamente, ou uma prostituta. Ele tinha dito isso no espelho: *Sua puta velha e suja*.

Pegou uma toalha e tentou tirar o batom do espelho, deixando uma grande mancha vermelha. Precisava sair do hotel antes que chamassem a gerência.

O insulto final foi descobrir que estava no cinco estrelas mais caro de Milão: o Savoie Regency, o hotel que sempre teve um lugar especial em seu coração, porque era lá que Phil estava hospedado quando se conheceram anos atrás. Para o seu desespero, quando fez o check out usando um vestido rasgado e usando um par de óculos escuros que felizmente encontrou na bolsa, o gerente a tratou pelo nome. Quando perguntou se o quarto já tinha sido pago, ele respondeu com uma voz suave e de zombaria:

— Mas é claro que a senhora pagou ontem à noite, com seu cartão de crédito, Signora Rosselli, não se lembra?

Quando chegou em casa, tomou três banhos seguidos. Esfregou a pele até sangrar. Então, deitou na cama, fraca de tanto vomitar, com vontade de morrer. Quando Valentina chegou em casa, Tina fingiu que estava doente. Não podia encarar a filha.

Tinha planejado contar para Valentina quando estivessem na Grécia. Queria dividir esse sofrimento, essa humilhação. Precisava confiar essa história a

alguém. Quem melhor do que sua filha? Queria que fossem amigas. Mas Valentina tinha se distanciado tanto. Sempre que tentava falar com ela, Valentina dizia que queria ficar sozinha. Nunca encontrava a hora certa para se abrir com ela. Tina queria se purificar do que aconteceu naquela noite em Milão. Escalaram durante horas, dia após dia, subindo colinas pedregosas e vagando por ruínas antigas. Tentou inspirar um pouco de amor pela vida naquele lugar lindo, mergulhando nas profundezas do mar Egeu, desejando ir até o fundo e adentrar outro mundo, um reino mágico submerso onde reinava o amor supremo. Pensou muito em Karel enquanto estava na Grécia. Talvez porque, a cada dia, Valentina ficava mais parecida com ele. O que teria acontecido se ele estivesse no cruzamento da fronteira havia todos aqueles anos?

Todos os dias, Tina tentava esquecer as horríveis palavras deixadas pelo estuprador. Puta. Velha. Suja. É estranho, mas a palavra que mais machucou foi a mais inofensiva: velha. Tentou evitar que aquilo a amargasse e a levasse a odiar os homens. Agora vê que não adiantou. Sentiu necessidade de se vingar do homem casado de Valentina. Fez com que ele pagasse pelo que tinha acontecido com ela naquela noite em Milão.

Tina senta no sofá e observa o quarto. Sempre viveu nesse apartamento. Ali sempre foi o seu santuário. Agora, parece uma prisão. Tem que ir embora de Milão. Não apenas porque não suporta a ideia de voltar a encontrar o seu estuprador ou os seus estupradores sem saber... Mas porque, se não for embora de Milão, Valentina vai deixá-la. Não suportaria isso. Tem que dar algum tipo de estabilidade para sua filha, então dá o seu apartamento para que ele possa ser o santuário dela. E, sinceramente, acredita que Valentina ficaria melhor sem ela no momento. Talvez logo possam voltar a morar juntas, mas sua filha precisa de independência agora, precisa bater as asas para além de sua mãe disfuncional. Ficar só vai ferrar com a vida dela. Sabe que Valentina vai pensar que Tina está brava com ela, ainda mais se partir sem dizer nada, mas sua resolução enfraqueceria até de manhã. Decide que tem que ir agora, antes que mude de ideia, antes que prejudique ainda mais a vida da filha.

Vai para os Estados Unidos. Já esteve lá muitas vezes e tem um ensaio em Nova York na semana que vem. Partirá amanhã cedo. Tem uma amiga chamada Sedona no Arizona. Parece um lugar idílico e cheio de hippies gentis new age. Seria bom ter um pouco de paz, de silêncio. Tina toma uma decisão. Resolve parar com tudo da noite para o dia. A partir de agora, decide que não vai transar nunca mais, a não ser que se apaixone. Duvida muito que possa voltar a se apaixonar. Deixou suas chances escaparem, então tem que aprender a viver com

as consequências.

Valentina

VALENTINA CHEGA AO Rockefeller Center uma hora e meia antes da hora marcada com Théo. Antes de entrar, fica observando o elegante arranha-céu cujo brilho se destaca no céu noturno. É menos suntuoso que o Empire State e o prédio da Chrysler, mas Valentina sempre se interessou mais pelo edifício Rockefeller. Esse prédio é o símbolo de um tempo que existiu em Nova York quando os sonhos realmente podiam ser realizados da noite para o dia. De certa forma, esse edifício é a materialização daquela esperança.

Passou a tarde inteira andando por Manhattan, tentando entender seus sentimentos. Felizmente, sua mãe tinha mudado a data do café que tinham inicialmente marcado para hoje. Algo tinha surgido e Tina sugeriu que remarcassem para um almoço amanhã. Antes, teria ficado aborrecida com sua mãe e interpretado o cancelamento como rejeição, mas hoje não se sente mais assim. Na verdade, ficou aliviada porque acha que se contasse toda a história sobre Théo e Leonardo, sua mãe diria para ficar com Théo. Valentina não tem certeza se quer ouvir esse conselho.

Valentina entra no Rockefeller e vai para a fila do The Top of the Rock. Compra um ingresso para subir ao observatório em uma hora. Passeia pelo shopping vazio até avistar o Rockefeller Café. Passou o dia sem comer. Valentina se convence de que precisa sentar e comer alguma coisa, mas o que quer mesmo é espiar os passantes. Se cruzasse com Théo ali embaixo seria muito melhor. Valentina prefere não subir até o alto porque nunca gostou de altura, sobretudo depois do episódio no topo da colina em Capri. Acha estranho que ele tenha escolhido esse lugar. Talvez seja romântico. De repente, olha para suas mãos e percebe que ainda está usando o anel de noivado que ganhou na Itália. Gira o anel em volta do dedo. Agora, tem que devolver, apesar do que a Sra. Steen disse. Valentina tenta imaginar como ele vai se explicar para os pais. Será que o perdoarão?

Pede um bolinho de siri e um cocktail Valentina, que é a melhor coisa que Russell fez por ela. Enquanto degusta a mistura fortificante de licor de framboesa adocicado e limoncello amargo, pensa que parece que não vê Russell há séculos. Não pode acreditar que permitiu que um homem tivesse tanto poder sobre ela. Como aquilo foi acontecer? Foi Leonardo quem a salvou de Russell e de seu comportamento autodestrutivo. Leonardo libertou seu coração petrificado.

Valentina olha ao redor quando entra no bondinho que vai levá-la até o topo do Rockefeller, mas não vê Théo em lugar algum. Está rodeada por uma família francesa que fica fazendo comentários entusiasmados enquanto sobe. No teto do bondinho, há uma projeção de imagens e luzes. Sente um frio no estômago e olha para baixo, cerrando os dentes enquanto escuta o papo dos franceses. Descem em um espaço de exposição. Valentina passa pelo lado de fora, sobe para o andar de cima pela escada rolante e, então, sobe mais um lance de escadas até o observatório. Está ventando, mas isso não a inibe. Caminha até a ponta, grata por estar protegida por camadas de Perspex, um material plástico transparente. À sua volta, turistas tiram fotos. A vista noturna é de tirar o fôlego. É a primeira vez que vê Manhattan de cima. Lá do alto, o espaço entre as construções desaparece, virando uma colagem abstrata de vários tons escuros marcada pelas silhuetas dos arranha-céus, domos iridescentes, coroas de luz em alguns prédios, coberturas de vidro com múltiplos ângulos e, claro, a vista do Empire State Building bem à sua frente. Caminha pelo deck do observatório e, de repente, identifica uma área afastada completamente escura que deduz ser o Central Park. Mais adiante, vê o brilho de imagens em movimento da Times Square. Aquelas centenas de torres de prédios parecem um mundo mágico. Enxerga cada janela acesa como se fosse uma possibilidade de vida, uma nova oportunidade.

Ainda não há sinal de Théo. Sobe mais uma escada até o ponto mais alto. Há alguns poucos turistas se debruçando sobre o parapeito para tirar algumas fotos da cidade à noite. Anda até a outra ponta e olha para a cidade quando um repentino golpe de ar a faz tremer por baixo da jaqueta fina.

— Boa noite, Valentina.

Sua voz é cortante como uma lâmina de gelo. Vira-se, apavorada. À sua frente, Glen.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta, horrorizada.

— Pedi para que me encontrasse aqui.

Valentina balança a cabeça, atônita. Não acredita no que está acontecendo.

— Claro que tive que ser um pouquinho desonesto — dá um sorriso forçado.

— Sabia que você não viria se te pedisse para me encontrar, então contei uma mentirinha.

— Foi você que mandou a mensagem? — a voz de Valentina parece um sussurro fantasmagórico.

— Eu mesmo! — Glen dá um passo na direção de Valentina, que se espreme na parede de concreto do observatório.

— Por que Théo perderia seu tempo se você fugiu com o melhor amigo dele?

Valentina olha por cima do ombro de Glen. Há muitas pessoas e ela consegue

ver um segurança do outro lado do deck. Só precisa gritar.

Glen dá mais um passo. Seus olhos são escuros e malevolentes, sua pele parece transparente de tão pálida. Valentina imagina que sangue cruel corre pelas veias de Glen, alimentando ódio e maldade.

— Eu avisei. O que mais ele poderia esperar de uma garota como você? Uma vagabunda — fala com desdém.

Valentina se sente ultrajada.

— Fique longe de mim — fala com o máximo de calma que consegue. — Se você não sair daqui agora, vou gritar tão alto que todos os seguranças dessa cobertura virão correndo.

— Ah, não — Glen diz. — Eu não faria isso.

Ele respira na cara dela. Valentina tenta desviar o rosto, mas ele não deixa. Sente algo afiado picando seu queixo e, para seu desespero, olha para baixo e vê uma faca na mão de Glen. Como foi que ele conseguiu passar pelo detector de metais no térreo? Passa a faca pela ponta do queixo dela e depois pelo pescoço, roçando sua jugular. Lembra-se do que Lori contou a respeito de acordar com uma faca no pescoço. Lembra-se de que a garganta de Wayne Datcher estava cortada quando encontraram seu corpo boiando no Rio Hudson.

— Sabe — Glen sussurra —, se gritar, nunca mais vai ver Théo, o seu queridinho.

Valentina gela.

— O que você fez com ele?

— Digamos apenas que o Sr. Steen não vai se safar tão fácil assim dessa encrenca — balança a cabeça como quem está magoado. — Sabe, Valentina, apesar de você viver dizendo que sou um assassino, não queria ter feito aquilo com o pobre do Datcher.

Glen coloca o dedo indicador na boca de Valentina, ordenando silêncio. Ela tenta escapar, mas acaba sentindo o gosto de sal da pele dele.

— Ele ficou audacioso, sabe. Nunca o tinha visto como um empecilho, até ele começar a ameaçar abrir a boca...

Glen suspira.

— Ele pediu — fala como quem diz algo banal.

Valentina tenta olhar atrás de Glen. Alguém deve ter notado a presença deles. Estão em um canto escuro no deck de observação. Porém, ele é tão alto e está tão grudado em Valentina que ela não consegue ver direito. Começa a entrar em pânico, talvez ninguém os esteja vendo ali.

— Agora, com você é diferente, Valentina — Glen diz. — Você tem algo a mais... — coloca a mão livre embaixo da jaqueta e da camisa de Valentina.

— Tira a mão de mim! — ela sente as mãos de Glen em seu peito e seus

mamilos endurecem involuntariamente. Ele ri suavemente.

— Queria te tocar desse jeito há tanto tempo, Valentina, só que você sempre foi tão fria comigo. Não sou bom o suficiente pra você?

Olha no brilho escuro dos olhos de Glen e percebe que ele é mais do que um engenhoso ladrão de arte, ou um bandido; Valentina vê que ele tem um caráter perturbado, que é um homem doente. É um psicopata, gosta de machucar as pessoas. Nessa hora, entende que, independentemente do que aconteça com ela, Théo nunca ficará livre desse homem.

— Por que você me odeia? — ela pergunta.

Glen inclina a cabeça para o lado.

— Eu odeio, não é mesmo? — pergunta com ironia. — Mas tenho uma boa justificativa, Valentina. O seu pai tirou de mim tudo o que eu tinha.

Por um instante, Valentina pensa em seu pai verdadeiro, o etéreo Karel, mas quando Glen continua, percebe que ele está falando de Phil Rembrandt.

— Meu pai era um grande homem, Valentina. Se fosse romano, teria sido um imperador. Tinha seguidores.

Glen passeia a faca pelo pescoço de Valentina até a base do pescoço.

— Mas o seu pai o derrubou... E pra quê? Pra vender jornal! — ri com infâmia.

— Phil Rembrandt não é meu pai — Valentina fala baixinho.

Glen pressiona a parte plana da faca contra a base de sua garganta e Valentina quase sufoca.

— Não minta, Valentina — solta a faca.

Ela está com tanto medo que não diz nada. Por favor, implora internamente. Alguém tem de notá-los. Como era possível ninguém perceber que estava sendo ameaçada por Glen?

— Meu pai morreu arruinado em uma prisão. Ele se matou, Valentina. Tudo por causa do seu pai.

— Não foi culpa de Phil — sussurra. — Ele só estava fazendo o seu trabalho.

— Assim como Théo estava fazendo o seu trabalho quando levou todo o meu trabalho? Tive que o fazer pagar. Tive que fazer vocês dois pagarem. Então pensei: o que seria melhor do que fazer Valentina acreditar que ele está morto? E fiz com que ele acreditasse que você morreria se te procurasse... Não sei quem se torturou mais, você ou Théo — Glen abafa o riso. — Oh, doce vingança.

Valentina tenta se soltar, mas ele se gruda mais, ainda com a mão apertando seu peito. O cheiro de Glen é muito forte. Valentina sente o gosto do bolinho de siri na boca e tem vontade de vomitar.

— E então, que lindo é deixar vocês dois se encontrarem novamente, mas não por muito tempo, apenas o suficiente para seus corações voltarem a bater um

pelo outro de novo... E aí, bum!

Glen desliza a mão que estava em seu peito até o meio de suas pernas.

— Destruo vocês de novo.

Valentina grita de susto e de medo.

— Psiu — Glen dá um olhar ameaçador e coloca a lâmina sobre o peito de Valentina. Sente a ponta da faca em seu mamilo.

— Ei, o que está acontecendo aí? — um segurança aparece atrás de Glen. Valentina tenta avisá-lo com os olhos, mas Glen enfia sua boca na dela e a toma em seus braços. Ela tenta se afastar, mas sente a faca contra o coração e sabe o que vai acontecer se lutar.

— Ok, pombinhos, não fiquem aqui a noite toda — o segurança diz e se distancia. Ela arregala os olhos, desesperada para fazer algum sinal, mas ele se afasta de costas para ela. Glen esfrega sua boca na boca de Valentina, que tenta manter os lábios fechados, mas ele morde até que ela sinta o gosto de sangue e abra um pouco a boca. Ele então enfia a língua. Valentina sente gosto de metal, de morte. Tem vontade de vomitar.

Enfim, ele para de beijá-la e a observa de cima a baixo.

— Seu gosto é bom, Valentina. É uma pena que a gente nunca tenha ficado junto — ele ri como se fosse o Coringa do Batman.

— O engraçado é que esse tempo todo Théo achou que estava te protegendo, só que era tudo mentira.

— Mas ele disse que um dos seus comparsas estava apontando uma arma para mim... Que o marinheiro do nosso barco estava trabalhando pra você... — Valentina sussurra.

— Tudo bobagem. Só pedi para um amigo ficar na colina com um par de binóculos que, refletido pela luz, parecia uma arma. E o marinheiro... Nem sei como se chama.

— Mas o assalto a banco realmente aconteceu — Valentina diz.

— Ah, eu sabia disso... Uns amigos do meu pai estavam trabalhando naquele roubo havia um ano. Perguntaram se eu queria participar, mas não quis. Porém, era o álibi perfeito para o roubo da obra de arte. Você vê — ele diz —, a polícia acha que o roubo do quadro foi uma fachada para o roubo do banco, mas, na verdade, foi o contrário.

— Você nunca vai vender aquele quadro — Valentina sussurra.

— Eu sei. E não me importo — Glen desdenha —, apesar de que Datcher com certeza se importava — ele franze a testa. — Besta estúpida e audaciosa! Porra, Valentina, o cara sangrou feito um porco. Estragou minha melhor camisa.

— Por favor, Glen, deixe-me ir... — ela implora.

Ele dá uma risada curta.

— Mas isso é a última coisa que vou fazer, Valentina. Você não entende? Essa parada sempre foi para corrigirmos os pecados de nossos pais. Toda a história do roubo do quadro foi só pra te pegar, você não percebe?

— Mas como você sabia que eu viria para Nova York?

— Pessoas como eu conhecem muita gente... Quem você acha que foi a primeira pessoa a sugerir para Taylor que te contratasse? Lori, a maquiadora... Que é minha doce namoradinha. Quer dizer, era.

Valentina fica petrificada.

— Você a machucou? E a mãe dela?

— É claro que não. Você acha que sou um maníaco? — zomba. — Mas aquela vaca acabou indo até a polícia... Então é só uma questão de tempo, Valentina.

A mão de Glen continua no meio das pernas de Valentina. Ele tenta avançar, mas ela trava as coxas.

— Que friidez é essa, Valentina? Não te deixo com tesão? Tenho certeza que te excito um pouquinho, não? Dizem que o sexo é como a morte... Quando você goza, sente que está ultrapassando o limite. Gostaria de ir além do limite comigo? — ele a empurra contra a parede do deck de observação. Logo abaixo, há o deck inferior. Se caírem no deck logo abaixo, não será uma queda tão grande, porém, dependendo da forma como caírem, podem se machucar.

— Você se lembra da Gruta Azul, não lembra? Do nosso mergulho?

Valentina começa a tremer, tentando bloquear essas imagens que a assombram quase todas as noites.

— Eu estava submergindo com você, Valentina. Não ia te deixar morrer sozinha, claro que não; íamos juntos para essa entrega da morte. Ouço falar que é uma forma de morrer em paz. No final, você se entrega ao mar e flutua para todo o sempre.

Glen retira a mão do meio das pernas de Valentina e agarra o seu braço. Ele a coloca de frente para a vista de Nova York.

— Então pensei: o que poderia ser melhor do que aquilo? E aí pensei que você gostaria de voar comigo. Podemos pular juntos de mãos dadas — Glen olha em seus olhos. Seus olhos estão selvagens. — Não é perfeito?

Valentina tenta ficar calma. Há pessoas ao redor. Olha para baixo e vê as camadas de Perspex em volta do deck do observatório.

— Não podemos pular — ela diz. — Há barricadas.

— Ah, mas vem comigo — ele a vira repentinamente e coloca a faca em suas costelas. — Não seja estúpida de tentar alguma coisa. Você sabe que eu te esfaqueio — Glen sussurra.

Valentina tenta cruzar o olhar com alguma pessoa, mas todos estão concentrados tirando fotos da vista, buscando os melhores ângulos. Ninguém vê

Valentina, nem o seu desespero. É irônico. O fato de todas essas pessoas estarem tirando fotos cria um muro de invisibilidade ao redor dela e do seu algoz, bem embaixo do nariz deles. É assim que Valentina sempre usou a fotografia? Como uma armadura que a impedia de viver a vida?

Descem as escadas até o deck do observatório inferior. Todos estão amontoados em volta da vista para o Empire State, mas Glen a leva até o fundo do deck, com vista para o parque, um buraco negro no horizonte de Nova York.

Ele se aproxima da barreira de Perspex.

— Você sabe que sou perfeccionista, Valentina. E que tenho muitos talentos.

Glen coloca a mão sobre a barricada de Perspex.

— Estou trabalhando nisso há muitos dias. Na verdade, há semanas. Estava esperando o momento perfeito.

Quando Glen empurra o Perspex, ele começa a se soltar! Valentina olha para Glen e, pela primeira vez, realmente acredita que ele vai até o fim. Vai matá-la. Valentina tenta se soltar. Não se importa mais com a vida. É melhor ser esfaqueada do que cair desse prédio.

— Comporte-se — Glen tenta imobilizá-la com a mão livre e vai empurrando mais o Perspex com a outra mão. A barreira começa a rachar, a se soltar. Valentina vê um flash da cidade abaixo dela e luta para não desmaiar. Sua cabeça está girando e fica paralisada com a vertigem.

— Ah, você tem medo de altura? — Glen zomba.

— Deixe-a em paz!

Glen vira o pescoço e o coração de Valentina sai pela boca. Vê Théo parado do outro lado do deck e Leonardo atrás dele. Um segurança vem correndo.

— O que está acontecendo aqui?

Glen tira a faca. Valentina sente a lâmina fria contra a garganta de novo. O segurança para no meio do caminho e pega o rádio para pedir reforço.

— Não, não, não — Glen fala como se estivesse dando bronca em uma criança desobediente. — Abaixa isso ou corto a garganta dela.

Os turistas começam a se aglomerar atrás do segurança, fazendo burburinho. Alguém berra.

— Todo mundo calmo — Glen grita. — Isso vai acabar logo.

Dá um último empurrão no Perspex e ele cai, se estilhaçando como um míssil. A multidão se assusta e uma criança começa a chorar. A faca começa a forçar a garganta de Valentina. Sente a lâmina rasgando sua pele vagarosamente. Sua cabeça está apontada para a vista e consegue ver Théo e Leonardo com o canto do olho. Ambos estão prontos para se lançar como dois predadores.

— Afaste-se, Théo. Vou cortar a garganta dela, meu amigo...

No meio do desespero, da confusão de sua cabeça, Valentina tem um lampejo

de lucidez, claro como cristal. Tem que se salvar, ninguém mais pode fazer isso por ela. Se Leonardo ou Théo derem um passo adiante, Glen vai cortar sua garganta. *Pense, Valentina, pense*. Seu coração está batendo forte e ela se sente tonta com a altura. Seria mais fácil se render e voar como Glen quer?

Glen a arrasta até a beira. Sente o vento batendo neles. Felizmente, o vento sopra por trás, mantendo-os estáveis. Precisam de um impulso para pular. Valentina pensa nos últimos instantes de sua vida. Ela e Glen voando. O casaco de Glen voa no ar como as asas de uma ave de rapina que a conduz para a morte. Quando caírem Rockefeller abaixo, vão se unir como um só ou ela vai lutar com ele até o final?

— Não! — Leonardo grita. Vê a dor da perda de Leonardo antes mesmo que ela se vá. Ignorando a pressão da faca em sua garganta e as consequências de seu movimento, Valentina dá um chute na canela de Glen e ele cambaleia para trás, derrubando a faca. A faca gira no escuro e faz barulho quando cai. Glen continua segurando a mão esquerda de Valentina com força, mas quando ele a puxa, Valentina se joga para frente com toda a força, estendendo sua mão direita. Théo e Leonardo correm em sua direção com os braços esticados.

— Valentina! — ambos gritam.

Só um deles pode pegar sua mão e salvar sua vida. Se Valentina hesitar, morre. Pega a mão do homem que mais ama.

Tina

2013

TINA NUNCA FICOU tão nervosa em toda a vida. Não consegue ficar parada, mas tem medo que ele chegue enquanto ela busca um café ou dá uma volta. Tem que ficar plantada ali, em frente ao portão de desembarque, para ser a primeira pessoa que Phil veja quando chegar ao aeroporto de Newark. A reação espontânea dele ao se deparar com ela dirá se suas esperanças são válidas ou não.

Tina não é mais a mesma mulher que deixou Milão nove anos atrás. Agora, dirige uma galeria de arte em Santa Fé com uma amiga, Suzy. O negócio não apenas funciona bem do ponto de vista comercial, como também permite que ela desenvolva seu trabalho autoral. Vive em uma linda casa com vista para o vale e tem muitos bons amigos, além de uma cachorra fiel, Sheba.

Tina se mudou para Santa Fé em 2008 e logo se apaixonou pela cidade. Sempre foi fã das telas de Georgia O'Keefe e vê suas paisagens por toda parte nessa cidade que se tornou sua casa. O deserto a tranquiliza. Achou que seria difícil viver tão distante do mar, porém, por incrível que pareça, sente ecos do oceano na paisagem. Suzy explicou que a região onde hoje é o México era submersa. Se olhar de um avião, é possível perceber.

— É como se estivéssemos vivendo no fundo do mar que secou — Suzy conta. — Se procurar, ainda pode encontrar conchas.

Tina adora isso. Finalmente, encontrou o caminho para o fundo do mar, mas, em vez de estar se afogando, está vivendo e ficando mais forte a cada dia que passa.

Foi difícil quando chegou aos Estados Unidos. Tina era uma viciada lutando para não sucumbir ao desejo, mas ao menos estava em um país que reconhecia a sua doença. Após passar alguns meses no Arizona, decidiu morar na Califórnia e entrou para um grupo de terapia para viciados em sexo. Durante anos, não revelou seu problema para ninguém fora do grupo. Achou que iam rir dela, mas a ninfomania não é nada engraçada. Durante as sessões, ouvia histórias de partir o coração sobre famílias divididas e vidas destruídas.

Após dois anos de terapia, finalmente se sentia melhor. Aquele desejo incontrollável que a invadia quando se sentia sozinha ou triste diminuiu e ela começou a ter esperanças de que poderia voltar a se socializar sem risco. Começou a viajar pelos Estados Unidos e, nessas ocasiões, fotografava

mulheres.

Tinha um projeto de longo prazo sobre a beleza de todas as mulheres, não apenas dos rostos exóticos e corpos perfeitos das modelos com as quais trabalhou durante toda a vida, mas de mulheres como ela, com todas as suas imperfeições: mulheres de todas as etnias, cores e credos. Quer mostrar a beleza da imperfeição em mulheres jovens, maduras e idosas. Até que enfim, “velha” não é mais um palavrão pra ela. Seus retratos favoritos são os das senhoras idosas: rostos de mulheres que viveram de tudo e cujas histórias são contadas em cada ruga; marcas que, para ela, tornam essas mulheres tão majestosas e sublimes. Os olhos dessas senhoras são impressionantes: cheios de profundidade e sabedoria, muitas irradiam uma espécie de amor universal e a maioria tem luz e esperança. Tina quer ser como elas, aceitando a verdadeira natureza e deixando-a brilhar. Quer permanecer jovem no coração, mas, para isso, precisa que seus filhos voltem a amá-la.

Levou anos para construir laços com Mattia, apesar de achar sua esposa, Debbie, difícil. Acredita que Debbie esteja apenas querendo proteger o seu marido, afinal a esposa de Mattia é testemunha do mal que Tina fez a ele com os anos de abandono em casa seguidos do colégio interno. Como pode ser uma mãe tão ruim? Foi difícil de admitir a verdade e a razão pela qual Valentina não quis saber dela durante anos. Porém, agora que reviu a filha em Nova York, sente a conexão entre elas voltar a crescer. Aquele laço incrível que tinha com a filha desde que ela nasceu continuava lá.

Desapontou Valentina tantas vezes quando era criança. No entanto, parece que a filha ainda a ama. Pensa em sua própria mãe e em como lutou contra ela. Sempre achou que sua mãe se sentia decepcionada com ela, apesar de seu sucesso profissional. Sempre buscou o consolo de seu pai, Guido. Porém, mesmo com todas as brigas, sempre amou sua mãe tanto quanto seu pai. Tina se lembra de como sofreu com a morte repentina dos pais, sobretudo por sua mãe ter morrido sem que fizessem as pazes.

Tina se pergunta o que Maria Rosselli pensaria a seu respeito agora. Será que teria orgulho? Ela sempre gostou de Phil e Tina a desapontava por não querer se casar com ele. Mal pode acreditar que, após vinte e três anos de silêncio, reencontrará Phil hoje.

Por mais estranho que pareça, foi Valentina que os aproximou sem querer. Quando Tina voltou daquela viagem horrível para Milão no ano passado sem a filha, que se recusou a vir com ela, abandonando o fantasma do seu namorado desaparecido (Tina se recusava a dizer que ele estava morto... Ainda não estava convencida), tinha uma carta de Phil esperando por ela. Não era uma carta longa.

Na verdade, era tão curta que Tina não entendeu por que ele não preferiu enviar um e-mail. Já que Mattia tinha obviamente dado o seu endereço, por que não passou o e-mail também?

Na carta, Phil disse que Mattia tinha contado a respeito da perda de Valentina e que tinha ficado sabendo que Tina havia ido visitá-la, então queria saber como ela estava. Foi estranho porque, com certeza, o próprio Mattia deve ter contado para Phil sobre o estado de Valentina. No cabeçalho da carta, havia o endereço e o e-mail de Phil. Não podia aguentar a lerdeza do correio normal, então escreveu um e-mail.

Querido Phil, obrigada pela carta. Fiquei muito surpresa e feliz por você ter escrito após todos esses anos. Não vou mentir, Milão foi difícil. Valentina está muito abalada. Também está brava comigo. Fui uma péssima mãe e agora tenho que aguentar as consequências.

Espero que esteja tudo bem com você.

Com amor, Tina.

Ele respondeu imediatamente. Mais uma vez, foi breve.

Querida Tina, você não é uma mãe ruim. Você fez o melhor que pôde e ama seus filhos, o que a torna uma boa mãe na minha opinião.

Estou bem. Moro em Londres agora. Continuo dando aulas, mas desisti do jornalismo. Não fez bem para o meu coração!

Com amor, Phil.

O que será que Phil quis dizer com não fazer bem para o coração? Estava se referindo ao aspecto físico? Emocional? Será que continuava com a ruiva que Tina viu em Londres anos atrás?

Começaram a trocar e-mails. No começo, eram mensagens curtas e educadas.

Como vai? O que está fazendo?

Tina contou sobre a galeria de arte em Santa Fé e sobre seu projeto de fotografia. Ele contou que estava escrevendo um livro de história sobre a Blitz em Londres e também falou sobre alguns colegas da Universidade de Londres. Depois, começaram as lembranças.

Você se lembra daquelas férias na Sardenha?

De quando o Mattia quebrou o braço porque caiu do balanço no parque?

De quando o projeto dele foi o primeiro lugar na escola?

Apenas memórias seguras, anteriores à viagem para Berlim, anteriores a Valentina.

Um dia, ela não aguentou mais não saber.

Está solteiro? — digitou só essa linha e enviou.

Sim — Phil respondeu quase que imediatamente.

Eu também — escreveu de volta.

Acho difícil de acreditar — Phil replicou.

É verdade, juro. O que há de errado com os homens de Santa Fé?! — Phil se surpreendeu.

Digo o mesmo a respeito das londrinas.

Há seis semanas, Phil escreveu outro e-mail. Tina viu que a mensagem foi enviada de Londres, de madrugada. Tinha uma única linha: nada de “querida Tina”, nem de “com amor, Phil”.

Por que você nunca contou à Valentina quem é o verdadeiro pai dela?

Essa mensagem a deixou sem ar. Supõe que Phil tenha escrito esse e-mail depois de ter bebido várias doses de uísque e que sua raiva justificada está finalmente vindo à tona.

Pensou em tentar se explicar. Pensou em escrever contando que descobriu que seu pai biológico não era Guido Rosselli, mas um cineasta surrealista francês e em como isso a afetou. Em parte, foi por isso que o relacionamento deles não deu certo. Tina pensou em explicar que era melhor para Valentina não saber de nada e que a ignorância é uma bênção, mas nenhuma de suas explicações a convenceu. Tina sabia que tinha errado e ele também. Enfim, limitou-se a escrever:

Estraguei tudo. Como sabe que eu nunca disse nada para ela?

Phil respondeu:

Valentina veio me ver em Londres no ano passado, antes da morte do seu namorado. Estava muito magoada comigo por tê-la abandonado. Tive que contar que não era o seu pai verdadeiro. Tina, se você estragou tudo, eu também. Posso não ser o pai biológico, mas fui o único pai que Valentina conheceu e eu a abandonei.

Esse e-mail teve um efeito devastador. Tina ficou sentada na varanda com a cabeça de Sheba apoiada nas coxas, chorando. Valentina sabia a verdade e não disse nada. Tina ficou em Milão durante mais de uma semana quando Théo desapareceu e sua filha não fez nenhum comentário. Não era de espantar que estivesse tão brava com ela. Era por isso que a tinha ignorado até que ela

desistisse e voltasse pra casa. Estava brava até com Mattia.

Depois do último e-mail de Phil, Tina decidiu parar de remoer o passado e isso incluía parar de se corresponder com ele. Por que isso? Ele estava em Londres, ela em Santa Fé e tinham tantos dedos um com o outro que eram incapazes de conversar pelo telefone.

Como Tina não respondeu, Phil voltou a escrever.

Está tudo bem? Você recebeu o meu último e-mail?

Sentiu que devia responder, era o mínimo:

Sim, me desculpe. Estou muito chocada por Valentina ter ido te ver e não ter dito nada para mim quando eu estava em Milão.

Então você não conversou com ela sobre Karel? — Phil escreveu de volta imediatamente.

Não — foi só o que Tina conseguiu escrever.

Phil respondeu na hora:

Querida Tina, desculpe a minha intromissão, mas realmente me importo com Valentina. Você sabe onde Karel está? Tem como pedir para que ele entre em contato com ela? Acho que ela precisa conhecê-lo. Com amor, Phil.

Tina ficou estarrecida diante da tela do computador e releu o e-mail várias vezes. Nunca disse uma só palavra a ninguém. Nem para Mattia. É o seu segredo mais vergonhoso, pior do que as coisas que fez quando era viciada em sexo. Respira fundo. É hora de abrir o jogo:

Meu querido Phil,

Você se lembra que levei Valentina para conhecer Karel quando o Muro de Berlim caiu? Está lembrado que eu queria que você fosse conosco? Ela nunca chegou a conhecê-lo porque ele já estava morto. Em 1986, um ano depois do nascimento de Valentina, ele tentou pular o Muro. Contou para uma amiga que queria ver sua bebezinha e que não aguentava mais esperar. Foi baleado pelos guardas da fronteira e morreu no hospital. Eu nunca deveria ter contado que estava grávida. Karel poderia estar vivo hoje se eu o tivesse deixado em paz.

Tina não consegue continuar escrevendo, então aperta o botão enviar. Seu telefone toca no minuto seguinte. Olha no visor e vê um número comprido com código internacional. Reconhece o código da Inglaterra.

— Alô — sussurra.

— Tina — a voz de Phil a deixa muito emocionada, tem vontade de chorar.

— Oi, Phil.

— Tina, eu não sabia... Sinto muito por Karel. Por que você não me disse nada na época? Eu teria voltado pra você.

— Eu sei — Tina está com a voz embargada. — Mas, Phil, eu só iria continuar te machucando ainda mais. Não faço bem pra você.

— Acho que posso tomar decisões por mim mesmo.

Foi tão bom escutar a voz dele e saber que o homem que escrevia para ela não era produto de sua imaginação, mas seu amor que estava voltando para ela.

— Você precisa falar com Valentina sobre Karel — Phil diz com delicadeza.

— Eu sei, eu vou...

— Mattia me contou que ela está em Nova York.

— Eu sei, já liguei pra ela. Pedi para ela vir me visitar, mas ela não quer.

— Você tem que ir vê-la em Nova York e conversar com ela antes que seja tarde demais.

— Acho que já é tarde demais, Phil.

Lembrou-se do ataque de Valentina quando foi visitá-la em Milão no ano passado.

Você não significa nada para mim.

Foi isso que sua filha gritou bem na sua cara.

— Não é tarde demais, meu amor — Phil a encoraja.

As palavras dele tocam seu coração. Ele a chamou de meu amor como sempre costumava chamá-la. Sabe que é uma expressão de ternura comum na Inglaterra e que ele deve dizer isso o dia inteiro em Londres, mas ainda assim ele a chamou de meu amor.

Phil estava certo. Depois do almoço com Valentina, ligou para ele transbordando de alegria e emoção, chorando ao telefone.

— Acho que deveríamos nos reunir como uma família — ele disse. — Todos nós, Mattia e Debbie também. Vou comprar minha passagem de avião agora mesmo.

O coração de Tina disparou. Tudo ia muito bem com a troca segura de e-mails, mas, vê-lo de novo em carne e osso? Envelheceu muito desde a última vez em que ele a viu. Já são vinte anos.

Tina observa o painel de voos. Faz meia hora que o avião dele aterrisou. Ele vai atravessar aquela porta a qualquer minuto a partir de agora. Tina se sente enjoada e com frio na barriga. Tenta controlar a respiração. Está segurando um ramalhete de rosas vermelhas cujos espinhos estão machucando seus dedos. Sente-se um pouco boba. Qual mulher de sessenta e quatro anos presenteia um homem com rosas vermelhas?

A porta se abre e ela o vê imediatamente. É o seu Phil, exatamente como da última vez em que o viu. Pode estar com os cabelos brancos, usando óculos e com milhares de rugas, mas tem o mesmo rosto sorridente, os mesmos olhos preciosos e o trejeito de realeza. Respira fundo e encontra o olhar dele. Balança as rosas no ar como uma idiota, derrubando pétalas para todos os lados. Ele a vê e dá um sorriso de orelha a orelha enquanto caminha em sua direção em meio à multidão.

— Tina, é você! — ele a abraça com muita força, quase quebra seus ossos. Ela está tão feliz. Nunca imaginou que fosse voltar a sentir tamanha alegria.

Eles se soltam e Tina entrega as rosas.

— Você trouxe flores para mim — Phil cheira as rosas. Tina olha para ele e vê lágrimas por trás dos óculos. Ela não consegue dizer nada, apenas coloca as mãos em volta daquele rosto tão querido e lhe tasca um beijo na boca.

Até o final da vida, Tina se lembrará daquela tarde iluminada em que reencontrou Phil como o momento em que sua vida desabrochou. Podem ter mais de sessenta anos de idade, mas, naquela noite, na cama com Phil, finalmente entendeu que sua feminilidade, ligação sexual e o amor profundo que existe entre eles não têm nada a ver com aparência externa. Tampouco têm idade: é uma força poderosa e profunda que existe dentro deles. Fazem amor de um jeito diferente, sem a urgência de quando eram jovens, ou a pressão de mostrar desempenho. O amor desabrochou pétala por pétala até flutuar em seus corações como uma flor de lótus; a causa e o efeito da história de amor que construíram. Tina compreendeu que ela e Phil tinham criado o amor que sentiam um pelo outro, ele não existia simplesmente: eles construíram esse amor, o desconstruíram e agora o construíram novamente. Suas almas eram a mesma, a unidade em que se transformaram é pura como sempre foi, apesar do passar dos anos e dos muitos amantes que tiveram. Nada daquilo importava mais. Só o que valia era o agora.

Deitam nos braços um do outro, trocando beijos e carícias, despertando ainda mais a paixão. Phil deslizou dentro de Tina, ainda macia. Ela se abriu para ele, total e completamente relaxada. Tina sentiu Phil crescer dentro de seu corpo, preenchendo-a com sua mágica, seu calor, seu amor. Permaneceram assim durante horas, juntos, unidos, vendo o sol se por e nascer novamente no Rio Hudson.

Valentina

DUAS MÃOS PUXAM Valentina: uma é fria como gelo, prendendo seus dedos como um alicate de pressão, e a outra é quente e forte, segurando firme seu pulso e puxando-a para cima com toda a força. Outro par de braços a agarra pela cintura, içando seu corpo. Gritos, comoção, correria. Enquanto isso, a mão fria da morte tenta puxá-la para baixo, para dentro da noite escura. Glen é muito forte. Ela o vê de novo em seu pesadelo nos segundos que antecedem o momento em que ele se solta de Valentina. Poderia tê-la levado com ele, ela sabe disso. Viu a determinação nos olhos dele, apesar da cabeça balançando de um lado para o outro ao sabor do vento. Viu dor naqueles olhos brilhantes e cintilantes, viu a necessidade que Glen tinha de acabar com tudo. Com certeza, viu que Théo e Leonardo a puxavam para cima e que o segurança estava tentando se debruçar para salvá-lo. Glen olhou para Valentina e parou de odiá-la. Naquele momento, ele a deixou viver para que ele pudesse morrer.

Valentina começa a gritar porque sabe que está salva. Seu pranto parece o de um bebê recém-nascido.

— Valentina! Valentina!

Marco está em sua cama, segurando-a em seus braços, enquanto Jake faz carinho em suas costas.

— É só um pesadelo. Acorde, Valentina — Marco a conforta.

Está tremendo descontroladamente, não consegue falar. Os meninos deitam ao seu lado na cama e a abraçam com muito amor, como se ela fosse sua filha. Não consegue mais dormir. No entanto, fica calma por ouvir o ronco de Marco e sentir Jake se virando ao seu lado na cama. Ela está bem, diz para si mesma. Acabou.

Ainda não consegue entender por que pegou a mão de Théo. Mas foi seu antigo amante que instintivamente estendeu a mão quando ela realmente precisava. Depois disso, não consegue se sentir da mesma maneira em relação a Leonardo. Estranhamente, Valentina sentia como se o tivesse traído, mas é claro que Leonardo não pensava dessa forma. Ele estava demasiado feliz por ela estar viva.

Foi surreal. Depois que Glen mergulhou para a morte e a polícia se aglomerou ao redor deles, Théo deu um passo para trás. Foi Leonardo quem pôs os braços em volta de Valentina, embora ela e Théo não conseguissem parar de se olhar.

Sabiam que foi o braço dele que Valentina agarrou quando estava caindo.

Balducci apareceu e Théo imediatamente se desmaterializou. Instintivamente, nem ela nem Leonardo fizeram menção a Théo, nem ao fato de que o namorado que Valentina acusava Glen de ter assassinado ainda estava vivo. A última coisa que queria era a polícia investigando sua vida pessoal e, ainda, queria proteger seu noivo, apesar de ele ter cometido um crime. Agora, nada o ligava ao roubo além do quadro, se Glen estivesse falando a verdade. O assalto a banco e o roubo da tela de Klimt não tinham ligação alguma, então a gangue desconhecia o envolvimento de Théo. Desde que não voltassem a cruzar com Balducci e Delaney de novo, não havia motivo para suspeitarem dele.

Horas depois de interrogatórios intermináveis, Valentina e Leonardo voltaram para casa dele. Ela ainda tremia de choque e não conseguia se tranquilizar. Tudo parecia errado. Era como se estivesse em um universo paralelo, em outra realidade. Leonardo tentou acalmá-la com uma massagem. Ele limpou os cortes que Glen fez em sua garganta e passou arnica em seu peito e entre suas pernas. Tentou abraçá-la e beijá-la, mas Valentina não parava de pensar que tinha pegado a mão de Théo e não a de Leonardo, quando achou que fosse morrer.

Tinha que dizer a verdade.

— Meu querido Leonardo — Valentina disse deitada em seus braços, respirando o aroma suave de incenso e laranjas.

— O que foi, Valentina?

Ela se virou e olhou nos olhos dele, que é um homem sensível e inteligente e sabia o que Valentina estava prestes a dizer. E, como como se já tivesse escutado, disse:

— Eu te amo, Valentina. Sempre vou te amar, mas, acima de tudo, quero que você seja feliz.

Ele, então, levou as mãos de Valentina até os lábios e beijou-as.

— Vá atrás dele — disse.

— Não — Valentina respondeu. — Não vou procurar Théo, Leonardo.

Ele ficou surpreso.

— Preciso ficar um pouco sozinha. Você se lembra de como ficou quando se separou da Raquel? Você teve que passar uns meses sozinho... Acho que também preciso disso.

— Mas você e Théo... — Leonardo suspirou. Valentina podia ver que ele estava sofrendo ao dizer essas palavras. — Eu estaria mentindo se dissesse que vocês dois não pertencem um ao outro. Ele te ama.

— Eu sei — a voz sai carregada de tristeza. — E eu também amo. Mas não posso ficar com ele depois do que fez comigo.

— Tem certeza?

— Para ser honesta, não. Mas acho que vou passar uns tempos com a minha mãe no Novo México. Vou conhecê-la de novo.

— Isso é bom, Valentina.

Leonardo pegou suas mãos.

— Lembre-se de que sempre estarei aqui se precisar de mim.

Valentina levantou os olhos e olhou para ele, sentindo o calor de seu amor e sua amizade. Ela o envolveu em seus braços e lhe deu o maior abraço de sua vida.

— Eu sei — Valentina sussurrou atrás do pescoço quente de Leonardo. — E eu também sempre estarei aqui pra você.

Valentina olha pela cabine do táxi enquanto ela, Marco e Jake passam pela área do East Village. É sábado à noite e as ruas estão bombando: bares, restaurantes e boates lotados de pessoas de todas as cores e credos. Valentina ama a diversidade de Nova York, onde diferentes culturas coexistem. Está aqui há poucas semanas, mas já se sente em casa. Tenta adivinhar como será a vida no Novo México. Imagina desertos, rochas vermelhas (ou isso é Arizona?), vales, montanhas, céu azul. Valentina se imagina em todos esses lugares.

— Muito obrigada por virem comigo, meninos — agradece aos amigos.

— O prazer é nosso, Valentina — Jake diz.

— Além do que — Marco acrescenta —, não vejo a hora de conhecer a sua mãe. A Tina Rosselli!

Valentina vira os olhos.

— Ah, não, você também?

— Ah, vai... — Marco se justifica. — Como você quer que eu não fique alucinado? Ela é uma de minhas heroínas da moda. Por que você acha que virei seu amigo? — Marco brinca com Valentina.

— Bem, se isso fizer com que você se sinta melhor, nunca ouvi falar de sua mãe — Jake diz.

Valentina dá um tapinha no joelho de Marco.

— Deve ser porque você ainda é muito novo, ao contrário do Marco aqui.

Marco bufa, mas está de bom humor.

— A que horas chega o voo de Antonella e Mikhail? — ele pergunta.

— Devem ter aterrissado há quinze minutos — olha o relógio. — Vão direto para o restaurante.

— Estou doido pra saber da boate que eles abriram em Moscou — Jake diz.

— Espero que ela não exagere nos detalhes sórdidos — Valentina resmunga.

— Tenho certeza de que sua mãe leva numa boa — Marco diz.

— Não é com minha mãe que estou preocupada...é com a minha cunhada,

Debbie, que é um pouco careta.

— Isso vai ser interessante — Marco observa. — Finalmente, vou conhecer sua mãe, seu irmão e a sua cunhada... A família toda de uma só vez.

— Quase toda — Valentina não consegue deixar de pensar em Phil, ainda que não seja o seu pai verdadeiro.

Combinaram de se encontrar em um restaurante pequeno em Greenwich Village, cuja especialidade é risoto, o prato favorito de sua mãe (porém, conhecendo Tina, sabe que ela provavelmente vai comer uma única garfada). Ao atravessar a porta do restaurante, Valentina imediatamente vê Mattia, que está pedindo bebidas no bar. Ele corre em sua direção e dá um grande abraço nela, que fica surpresa de se sentir tão bem por ser abraçada pelo irmão. Todo o ressentimento que tinha em relação a ele se desfez. E daí se tinham pais diferentes? Somos irmão e irmã, é isso que importa.

— Mamma me contou sobre os dramas pelos quais você tem passado — dá mais um abraço apertado nela. — Meu Deus, Valentina. Quem diria que...

Ela olha nos olhos de seu irmão.

— Senti sua falta, Mattia.

Mattia passa as mãos no cabelo de Valentina, quase chorando.

— Também senti sua falta, minha irmã.

Caminham de braços dados até a mesa. Marco e Jake já estão instalados. Debbie está sorrindo para Valentina, ao lado de sua mãe. Para sua surpresa, quem está do outro lado de sua mãe é Phil Rembrandt. Ele está com os braços sobre os ombros de Tina e os dois estão radiantes como um casal em lua de mel.

— Querida — sua mãe diz, emocionada —, queríamos te fazer uma surpresa!

Valentina nunca viu sua mãe tão linda como agora. Não está sofisticada como um ícone do glamour, é uma outra mulher. Uma mulher ainda mais especial pela falta de artificialidade. Sua pele está radiante como a de uma garota e seus olhos transbordam felicidade.

Phil se levanta e dá um abraço em Valentina. É bom estar em seus braços; é ainda mais reconfortante do que ser abraçada por Mattia.

— Como você está? — ele se preocupa. — Está com o ar cansado — Phil segura o braço de Valentina e a olha com ternura.

— Não tenho dormido muito bem — ela responde, sentando-se ao lado dele, enquanto Mattia se senta à sua frente. Valentina não sabe se contará a respeito de Glen para Phil, se contará que a verdadeira razão pela qual ele a perseguiu foi a batalha de Phil contra o pai dele.

— Você passou por muita coisa — Phil diz. — Precisa se cuidar. Você pode estar com síndrome de estresse pós-traumático.

— Você teve isso depois que levou um tiro? — Valentina pergunta.

— Acho que não — Phil responde.

Ao mesmo tempo, sua mãe se vira e diz:

— Sim, ele teve — dá um tapinha na mão de Phil e olha para ele. — Você não se lembra?

— A verdade é que o estresse apagou minha memória. Não me lembro de quase nada até a mudança para Londres.

Phil e Tina olham um para o outro. Todos na mesa estão ocupados papeando, mas Valentina nota aquele olhar demorado, o arrependimento e a profundidade que silenciosamente compartilham.

De repente, a porta do restaurante se abre e há uma comoção com a chegada de Antonella, a amiga artista de Valentina, que faz uma entrada dramática com o seu delicado amante russo a reboque.

— Valentina, meu amor — cambaleia até a mesa de salto plataforma mega-alto. Sua aparência é de tirar o fôlego. Valentina não consegue deixar de notar que a pobre da Debbie fica pálida de susto e Mattia arregala os olhos para ver tudo. Antonella está usando um minivestido preto minúsculo e justo, com um decote que deixa pouco para a imaginação. Seus cabelos ruivos estão ainda mais vibrantes do que o normal, presos no alto da cabeça como uma torre em chamas. Por trás da aparência exótica e das excentricidades dela, há uma garota com o coração sólido. Valentina fica muito feliz em vê-la, pois sua amiga decidiu vir para Nova York assim que soube do que tinha acontecido.

— Antonella, que bom te ver — ela diz enquanto sua amiga começa a cumprimentar a família de Valentina.

— Que criatura maravilhosa — Tina murmura, lançando um olhar de admiração para Antonella. — Você é a sobrinha de minha velha amiga Isabella? — pergunta.

— Sim, tia Isa... Ela é muito louca, né, Valentina?

Tina vira-se para Phil para explicar.

— Você se lembra de Isabella, que você conheceu da primeira vez em que foi para Milão? Que te convidou para aquela conferência? Ela mora em Londres agora. Antonella e Valentina ficaram hospedadas no apartamento dela na época em que Valentina foi te visitar.

— Mio Dio! — Antonella exclama. — É seu pai, Valentina?

Há um estranho silêncio na mesa. Valentina sente Mattia se aproximar. Quando olha para ele, vê que ele sabe que ela sabe da verdade.

— Disse algo errado? — Antonella pergunta ao perceber a tensão que gerou.

— Bem, na verdade — sua mãe começa a explicar, mas Valentina a interrompe.

— Sim, é meu pai — Valentina afirma.

Sente que Phil se vira para olhá-la, mas, em vez de olhar de volta, Valentina estica o braço por baixo da mesa e pega sua mão. É uma mão forte e quente que retribui o gesto.

Há um mês, ela não teria acreditado que estaria sentada à mesa com o irmão, a mãe e o pai para uma refeição com seus amigos. Théo teria tanto orgulho. Valentina tenta tirá-lo da cabeça. Não pode permitir que seus sentimentos estraguem a noite.

— Bom, imagino que você esteja se perguntando o que estamos fazendo aqui juntos... — Tina diz, fazendo carinho em Phil. Ver sua mãe assim com um homem é estranho. Em todos esses anos e apesar de tantos namorados, Tina nunca pareceu tão feliz no amor como hoje.

— Sabe, vínhamos nos falando por e-mail e telefone. Quando disse para Phil que você estava aqui em Nova York e que íamos visitar Mattia, ele decidiu vir também.

— Achei que era a hora de reunirmos a família — Phil diz.

Valentina olha para ele e sente carinho, apesar de ter sido abandonada por ele quando era criança. Hoje entende que não foi culpa dele. Nesse momento, percebe que aquilo que Phil fez ao deixar Tina e a filha anos atrás é exatamente a mesma coisa que Théo fez com ela. Phil foi embora para protegê-las, exatamente como Théo. Claro que a reação de sua mãe foi diferente, mas agora, ao vê-los juntos, fica claro que pertencem um ao outro. Quantos anos passaram distantes e solitários?

— Sabe — Tina continua —, assim que nos vimos no aeroporto ontem... Bem... Foi uma avalanche de emoções, foi incrível.

— Nos atiramos nos braços um do outro como dois adolescentes totalmente apaixonados — Phil ri.

— Oh, Valentina... — sua mãe suspira —, passamos a noite mais maravilhosa do mundo.

Mattia levanta a mão e Valentina faz careta.

— Ok, muita informação. Obrigado — Mattia diz.

— Eu acho tão romântico — Antonella se comove.

— Somos a prova de que nunca é tarde para uma segunda chance — Tina diz.

Estão tomando café quando a porta do restaurante se abre e um homem de terno preto, usando uma máscara veneziana branca e carregando um ramalhete de rosas brancas, aparece. Por estarem em Nova York, não é um personagem tão surpreendente. Valentina fica curiosa para ver quem é o destinatário sortudo. Para sua surpresa, ele caminha direto em sua direção.

— Senhorita Valentina Rosselli? — pergunta. A voz é familiar. Ela sente um

tremor. Será? Todos na mesa viram-se para ela.

— Sim? — responde com uma pergunta, cautelosa.

Ele entrega as rosas com uma reverência e, então, retira um cartão do bolso com as mãos calçadas em luvas.

Ele para por um momento, limpa a garganta e se dirige a ela.

— Formosa — ele a saúda. — Hei de tocar-te com meu pensamento. Tocar-te e tocar e tocar, até que de repente me dês um sorriso, timidamente obsceno. Formosa, hei de tocar-te com meu pensamento. Tocar-te, e só, suave e inteiramente tu hás de tornar-te com leveza infinita o poema que não hei de escrever¹.

Valentina reconhece o poema de E. E. Cummings que ela e Théo adoram. Lembra-se da noite em que descobriram o poema. Théo percorreu seu corpo com a ponta dos dedos durante horas enquanto lia. Alguns eram engraçados e causavam risos; outros os excitaram muito. Foram seduzidos pelas palavras e pelo som que emitiam quando pronunciadas, pelas imagens fugazes que passavam pela imaginação.

— Que lindo — Tina murmura. — De quem é? — pergunta para Phil.

— Acho que é E. E. Cummings — Phil arrisca.

— Sim, é ele — Valentina diz, olhando para o homem mascarado e tentando ver se seus olhos são azuis.

— Bem, quem é o senhor? — Antonella pergunta com os olhos bem abertos. — Tire a máscara e revele sua identidade.

O homem, contudo, não diz nada. Fica de pé com os braços cruzados, observando a mesa. É a voz dele, ela tem certeza disso. O personagem tem os mesmos cabelos encaracolados e escuros e o mesmo porte, mas Valentina não remove a sua máscara nem pede para que mostre seu rosto. Há algo nesse anonimato que torna essa aparição pública sedutora e inesperadamente erótica, apesar de estar em meio a familiares e amigos.

Ele entrega o envelope, faz uma reverência e vai embora. Valentina não faz nada para impedi-lo.

— O que está escrito? — Antonella pergunta alto. — Que intrigante!

Não há nada escrito no lado de fora do envelope. Valentina abre e lê em voz alta:

Bar do Hotel Sherry-Netherland. Hoje, às nove da noite.

Só isso, mas é o suficiente. Ele não desistiu, não vai deixá-la partir. Está lembrando Valentina dos jogos que costumavam fazer, dos encontros secretos em hotéis anônimos. A mensagem contém muito mais do que o nome de um hotel e um horário. Trata-se de uma pergunta:

Você me ama o suficiente para me perdoar?

— Quem era aquele cara? — Antonella pergunta.

— Era Théo — Valentina responde.

Marco e Jake trocam olhares preocupados e sua mãe franze a testa como quem está refletindo.

— O quê?! Que canalha! — Antonella declara, ultrajada. — Como ele ousa vir até aqui depois de tudo o que te fez passar...?

— Valentina? — Debbie, sua discreta cunhada, pergunta, mas, sem querer, Valentina a interrompe.

— Como ele sabia que estaríamos aqui? — pergunta para o grupo.

— Fui eu — Mattia se manifesta. — Ele me ligou e implorou por ajuda... Fiz mal?

— Não, não fez — Valentina morde o lábio, pensando no que deve fazer. Deve ir até o hotel? Pode voltar a confiar em Théo?

— Valentina, sabe... — Debbie tenta de novo.

— Não vá, Valentina! — Antonella exclama, interrompendo a coitada da Debbie.

— Eu sei que você está brava com ele porque me ama, mas, por favor, Antonella, o Théo não é o homem que você pensa que ele é — Valentina se vê defendendo-o.

Sua amiga balança a cabeça. Mikhail coloca a mão no braço de Antonella e diz algo em russo. Ela dá de ombros com cara de brava, mas não diz mais nada.

— Théo é o namorado que todos pensavam que estava morto? — Phil pergunta para Tina.

Sua mãe olha para ela e algo um tanto quanto milagroso acontece. É como se o tempo parasse, como se cada fragmento do olhar que sua mãe dá para ela fosse absorvido em seu coração. Pela primeira vez desde que era criança, Valentina sente o amor dela. Isso é um sopro de vida e a enche de coragem, pois, aconteça o que acontecer, estará segura.

— Théo é o amor da vida de Valentina — Tina vira-se para Phil e põe as mãos sobre a dele. — Assim como você é para mim.

— Valentina! — Debbie exclama até finalmente todos darem atenção para ela.

— O que foi, Debbie? — Valentina fica um pouco irritada porque sua cunhada interrompeu o momento.

— Você tem que ir, menina! — avisa. — Já são quase nove horas!

Para sua surpresa, é a própria Debbie que a tira do restaurante e a coloca em um táxi.

Valentina olha para o relógio enquanto o táxi se movimenta no trânsito denso de sábado à noite. Já são nove e dez. E se ele não esperar por ela?

O Hotel Sherry-Netherland fica de frente para a principal entrada do Central Park, na 5ª Avenida. Valentina entra correndo no lobby e, assim que vê o interior do hotel, não consegue não ficar comovida. É exatamente esse tipo de lugar que Théo sabe que ela ama: todo vintage, com chão de mármore e candelabro de estilo bem italiano. Procura o bar do hotel. Quando descobre que o bar se chama Harry Cipriani Bar e que é uma réplica do Harry's Bar de Veneza, entende tudo. Se Théo pudesse, encontraria Valentina em Veneza e esse lugar é o melhor e mais próximo de lá que podem achar em Nova York. Entra no bar, mas não o encontra. Fica um pouco sem jeito porque está muito vazio.

— Boa noite, senhora — o barman diz. — Posso servir um dos Bellinis da casa?

— Sim, obrigada.

Onde ele está? Por que Théo a faz esperar? No entanto, Valentina sabe que essa espera faz parte do jogo. Ele sabe que isso a deixa com tesão.

O barman traz a bebida.

— Por acaso você é a senhorita Rosselli? — ele pergunta.

— Sim, sou eu.

Entrega um envelope endereçado para ela. Valentina abre. Encontra um cartão com um número de quarto. É isso. Toma o Bellini de um só gole e se levanta. Volta para o lobby se sentindo um pouco tonta. É como se estivesse em um sonho. Valentina se belisca. Será que é verdade? Théo ainda a ama? Estará esperando por ela neste quarto de hotel?

Fica parada do lado de fora do quarto, tentando controlar o nervosismo e amarrando o cinto do casaco. É agora. Ela está aqui. Vai descobrir se o amor entre ela e Théo sobreviveu à dor, ao sofrimento e à traição do último ano.

Ele abre a porta. Está com um uma camisa preta com o colarinho desabotoado, calça social e pés descalços. Seus olhos azuis estão ardendo sedutoramente. Valentina tem vontade de se jogar em seus braços e cobri-lo de beijos, mas se segura. Ele não diz nada, apenas a puxa pela mão. O quarto está iluminado por uma única luminária e as cortinas estão fechadas. No centro, uma enorme cama de casal sem cobertas. Valentina olha para a cama em vez de olhar para Théo. Parece que não precisa dizer nada. Em silêncio, Théo começa a beijá-la no pescoço e no ombro.

— Théo, o que... — Valentina começa a perguntar, mas ele a silencia com um beijo na boca e, ao mesmo tempo, começa a desafivelar o cinto em volta do seu *trench coat*, abrindo-o e revelando o vestido de seda justo. Ele dá um gemido baixinho e seus olhos transbordam de desejo. Coloca as mãos por baixo do vestido e acaricia seus seios. Théo continua beijando Valentina, que se sente

como se estivesse sendo bebida por ele. É tão diferente de quando ela está com outros homens. Tudo o que quer é senti-lo por dentro, muito. Valentina reconhece que as sessões de sexo tântrico com Leonardo mudaram sua linguagem sexual, mas quer que Théo a penetre profundamente, como Leo descrevia.

Théo tira o casaco dela, escorregando-o pelos ombros e deixando que caia no chão. Abaixa as alças do vestido e o desliza para fora do corpo. Ele vagueia ao seu redor, admirando-a. Seus mamilos começam a forçar o sutiã de renda e Valentina sente o calor subindo. Está molhada e lânguida. Théo solta o sutiã e toma seus seios. Em seguida, ele a puxa para mais perto de seu corpo. Ele continua vestido e a textura da camisa de seda e da calça de algodão em contato com o corpo nu de Valentina a deixa ainda mais excitada. Ele a beija profundamente, escorregando os dedos para dentro de sua calcinha fio dental e toca-a delicadamente. Geme ao senti-la pronta para ele. Num gesto repentino e decidido, rasga a calcinha. Agora, ela está apenas de cinta-liga, meias e salto alto. Ele recua e a conduz até a cama. Valentina se senta. Théo se ajoelha de frente para ela e solta uma meia por vez. Enquanto as desenrola, enche sua perna de beijos furtivos. Levanta o pé direito dela, leva-o até a boca e chupa cada um de seus dedos. Faz o mesmo com o esquerdo. Então, delicadamente, repousa ambos de volta no carpete. Théo se inclina e desabotoa sua cinta-liga, beijando seu ventre quente antes de se afastar.

Valentina está nua, sentada de frente para ele, que está de pé. Seus olhares se encontram e ela arde com a paixão que transborda daqueles olhos profundamente azuis. Ele começa a desabotoar a camisa devagar e, então, arranca-a abruptamente de dentro da calça e a arremessa. Depois, desabotoa a calça e deixa-a escorregar até o chão. Não está usando cueca. Está de pau duro. Meu Deus, que pau lindo, que Valentina quer cobrir de beijos. Porém, quando ela se estica para beijá-lo, ele a afasta gentilmente, balançando negativamente a cabeça. Ele mesmo se toca, segurando-o com a mão e mostrando o peso e o tamanho dele, fazendo movimentos suaves. Ela quer tanto acariciar aquele pau, mas, toda vez que tenta, ele delicadamente a afasta para trás e, agora, ela já está deitada. Ele sobe na cama e se ajoelha ao lado dela. Começa a beijá-la todinha. Começa pela boca, desce para o queixo, pescoço, chegando aos seios. Continua beijando seu corpo, passando do peito e pelo ventre. Vai para a pélvis e desce mais.

Valentina sente a língua dele em seu clitóris, para cima e para baixo. Todo o seu ser está vibrando, mas ela não quer gozar, ainda não. Quer que essa noite não acabe nunca. Estica as mãos e puxa-o pelos ombros, forçando-o a se sentar. Ela o puxa para baixo e passa a perna por cima dele enquanto força a pélvis na direção

dele, formando uma tesoura. Finalmente sente a extremidade macia e aveludada daquele pau gostoso em sua vagina. Olha dentro de seus olhos e respira profundamente, imaginando que todo o seu ser está se abrindo para o amor de sua vida. Ele, então, a penetra, mas não mete; apenas se contorce como uma serpente, como se atraído por um ímã. Ela o prende, sentindo-o crescer e pulsar, relaxando e se abrindo ainda mais.

Théo começa a se movimentar de um lado para o outro em vez de para frente e para trás. Vai mais fundo. Estão acoplados em perfeita harmonia. Valentina sente ondas de orgasmo percorrer seu corpo, crescendo em intensidade. Instintivamente, ambos começam a girar. Sem tirar Théo de dentro, sem desmanchar aquela fusão entre eles, Valentina ergue a perna esquerda e vira-se de costas. A posição permite que ele a penetre ainda mais fundo. Valentina, então, se deita de bruços e, graças ao peso do corpo, ele a penetra tão fundo que ela sente como se estivesse adentrando um novo mundo, um lugar de imensurável entrega ao êxtase. Tudo o que aprendeu com Leonardo está fazendo sentido e agora ela entende por que sempre sentia que faltava algo quando fazia amor com o seu amigo. Ele não era o homem certo para ela. Com Théo, a combinação é perfeita. Ele é o cara.

Valentina fica de quatro e Théo começa a se apoiar no calcanhar, puxando-a para trás, até que ela fique sentada em suas coxas. Valentina começa a deslizar para cima e para baixo. Ele a segura pelos quadris, erguendo-a, direcionando os seus movimentos. Théo lambe costas e pescoço, acaricia todo o corpo dela enquanto cavalam juntos. Respiram em uníssono, profundamente, e, juntos, gritam ao gozar.

Ficam deitados abraçados, com os corpos nus entrelaçados. Valentina sente o coração de Théo batendo contra seu peito.

O coração de Théo bate. Ele está vivo.

Sente-se feliz. Apesar de todas as complicações e decepções, ao final, seu verdadeiro amor ressuscitou. Nem todas as viúvas têm tanta sorte. Jura que cuidará daquilo que encontraram como se fosse um tesouro. Nunca mais vai perdê-lo.

— Você está vivo — Valentina sussurra, agarrando seus ombros e olhando no fundo do lago azul dos olhos dele.

— Estou vivo — sorri delicadamente.

Não dizem mais nada, afinal há muito a ser dito. A vida está mais complicada agora. Théo terá que explicar a seus pais e a todos aqueles que o conhecem que ressurgiu das cinzas. Terá que evitar ser preso pelo roubo da tela de Klimt da

Neue Gallerie e encontrar um jeito de devolvê-la. Há tantas coisas que poderiam dar errado agora, mas Valentina está radiante com a volta dele, agora e para sempre.

Eu te quero dentro de mim para sempre. Quero me unir a você num só corpo, alma e coração pelo restante da vida e por toda a eternidade.

Valentina senta na cama e puxa Théo de modo que eles se sentam de frente um para o outro. Dão-se as mãos, olhando-se nos olhos. Valentina pega uma das mãos de Théo, coloca-a sobre o coração dele e cobre-a com a sua própria mão, sentindo o seu batimento e a sua respiração. Ela sussurra:

— Deite de bruços.

Ele lança um olhar questionador.

— Tenho um presente para você – diz.

— Uma surpresa? — ele pergunta.

— Sim, uma prova do meu amor por você.

Valentina vê que Théo se emociona com suas palavras. Normalmente, é muito difícil para ela expressar seus sentimentos. Porém, esta noite, quer gritar para o mundo inteiro ouvir: *Eu te amo, Théo Steen*.

Théo deita-se de bruços enquanto Valentina pega um pequeno frasco de óleo de coco da bolsa, que costuma usar para deixar os cabelos brilhosos, e coloca um pouco na palma da mão. O aroma exótico e sedutor do coco aquece suas mãos.

Valentina começa a massagear os ombros do seu amado. Faz movimentos circulares nas costas. São movimentos largos e rápidos, como se fossem dois pássaros dançando juntos. Valentina se lembra do cartão de pássaros azuis que Théo fez para ela depois do aborto. *Você não está sozinha, Valentina*. Tudo se encaixa. Sente Théo através do toque de sua pele na dele. Coloca um pouco mais de óleo nas pernas dele e o massageia até os pés, subindo novamente até o seu bumbum firme e forte. Valentina deita sobre ele, esfregando seu corpo contra o dele. Como é maravilhoso roçar os seios nas costas, sentir a boceta tocando a bunda dele enquanto inala o másculo aroma de coco e o contempla totalmente relaxado, completamente entregue a ela, todo dela. Valentina tem uma sensação de grande liberdade, pois não há interesses velados naquele quarto, não há expectativas de desempenho ou perfeição.

Valentina se desgruda de seu amor vagorosamente, revelando o êxtase do descolamento de suas peles escorregadias.

— Agora vira — ela sussurra.

Seu olhar é imediatamente atraído para o pau ereto de Théo. Olha para ele de um jeito diferente. Não é apenas uma parte do corpo do seu amado que pode fazer algo por ela, mas que existe por si só. Ela adora aquele pau. Enche as mãos de óleo e, com os dedos pingando, passeia-os pelo torso dele. Massageia-o

lentamente, indo do peito até o interior de suas coxas e a pélvis. Valentina vê que ele está respirando fundo pelo ventre e que seu corpo está completamente relaxado. Ela se abaixa e beija seus lábios delicadamente. Théo murmura seu nome, nada mais.

Valentina despeja mais óleo sobre o pau e as bolas. Esfrega-o com movimentos lentos, mas firmes, desde as coxas até a pélvis. Sente a entrega dele. Fica excitada só de tocá-lo, só de sentir as sensações eróticas daquele momento. Começa a massageá-lo logo acima do pau, passando a mão pelo osso púbico e descendo até as bolas, que pressiona com muita delicadeza ao massageá-las por trás, mas sem tocar a bunda. Faz carícias fortes e descendentes, da cabeça do pau até a bunda, alternando com movimentos circulares intermediários, pressionando um ponto específico com o dedo.

Valentina segura o pau de Théo com muito carinho, abraçando-o com a mão como se fosse um daqueles pássaros azuis resplandecentes. Começa a massageá-lo em toda a extensão, delicadamente apertando a base com a mão direita e deslizando a outra mão para cima. Derrama mais óleo e faz a mesma coisa, trocando as mãos. Repete os mesmos movimentos ora com a mão direita, ora com a esquerda; direita e esquerda, direita e esquerda. Muda o sentido, deslizando mãos alternadamente da cabeça para a base. Depois de alguns minutos, pega o pau entre as mãos e esfrega as mãos para cima e para baixo como se estivesse acendendo uma fogueira. Valentina se pergunta se Théo está pegando fogo. Seus olhos estão fechados, sua boca está aberta e a ponta da língua está tocando o dente. Ele parece tão vulnerável e, ao mesmo tempo, tão magnífico. Valentina compreende que, no fundo, venera a essência de seu homem.

Coloca os dedos em volta da cabeça do pau e suavemente, faz movimentos para frente e para trás, até que envolve a cabeça totalmente com a mão, girando-a suavemente. Théo geme. Ela sabe que ele está no limite. Fica com tesão só de ver que está levando seu amado para o ápice do prazer e que ele a deixa fazer o que quiser. Ele eleva seu corpo em direção a ela. Valentina pode sentir as profundas vibrações internas do corpo dele. Sente que ele está quase gozando, mas desacelera no último instante. Théo respira tão profundamente que emite um som parecido com a vibração de um trovão. Muitas vezes, sente que ele vai gozar e é como se conseguisse trazer todo aquele êxtase de volta para o corpo dele em vez de liberá-lo.

Ela se inclina sobre ele e beija sua boca. Théo abre os olhos e olha dentro de Valentina.

— Preciso ter você, agora — sussurra.

Théo rola Valentina na cama e ela ri com a atitude repentina dele. O desejo

que sente por ela é um bálsamo para o seu coração machucado. Ele deita sobre ela, envolvendo seu rosto com as mãos, voltando a ficar sério.

— Eu te amo de todo o coração, Valentina — ele se declara e a penetra. Lágrimas começam a escorrer pelo rosto de Valentina. Théo vê essas lágrimas e sabe o quanto são raras e preciosas, pois são fragmentos do amor que perderam e reencontraram. Eles se movimentam como um só corpo; ela, nele; ele, nela, apaixonados, imersos no momento, flutuando juntos no mar iridescente do êxtase. Valentina sente Théo gozar dentro dela, olhando fixamente para ela com olhos despertos e renascidos.

Valentina liberta Théo.

* * *

[1.](#) CARDOZO, M. In: CUMMINGS, E. E. *O tigre de veludo (alguns poemas)*, org. e trad. de A. Müller, M. Domingues e M. Cardozo. Brasília: UnB, 2007.

Apêndice 1

As chaves do sexo tântrico de Leonardo

Leonardo ensina a arte do sexo tântrico para Valentina. Seguem algumas dicas tântricas práticas que tornarão o ato de fazer amor ainda mais intenso e arrebatador!

1. Olhe nos olhos de seu parceiro.
2. Respire lenta e profundamente enquanto estiver fazendo amor.
3. Compartilhe aquilo que estiver sentindo em seu corpo e em seu coração.
4. Relaxe de dentro para fora. Em vez de “fazer sexo”, tente “ser sexo”.
5. O toque, o carinho e a carícia são partes muito importantes do ato de fazer amor. Os seios são a zona erógena mais poderosa da mulher.
6. Diminua as preocupações quando estiver fazendo amor. Pare de se preocupar em atingir o orgasmo e procure se concentrar no momento com o seu parceiro.
7. A penetração suave é uma forma fácil e potente de iniciar o ato de fazer amor.
8. As energias sexuais mais extáticas da mulher ficam localizadas na parte superior da vagina. A penetração profunda e prolongada é uma forma de despertar isso na mulher. O pênis pode se tornar um poderoso ímã se a mulher relaxar e recebê-lo.
9. Quando estiver fazendo amor, tente retirar o pênis da vagina o mínimo possível, deixando que formem uma unidade e gire em torno desse eixo único. A mudança de posições durante o amor cria uma dança de amor entusiástica.

Se quiser aprender mais sobre sexo tântrico, recomendo o livro *The Heart of Tantric Sex*, de Diana Richardson.

Apêndice 2

Como fazer a massagem Yoni

Leonardo faz uma massagem yoni em Valentina. Além de ser extremamente erótica, também é uma experiência muito curativa para mulheres, especialmente as que sofreram algum tipo de abuso sexual e têm dificuldade de relaxar na hora de fazer amor.

Quando Leonardo fez a massagem yoni em Valentina, ela teve orgasmos múltiplos, porém o orgasmo não faz necessariamente parte da massagem. Trata-se, sobretudo, de um profundo relaxamento sexual e cura da vagina.

Comece com uma massagem por todo o corpo com óleos aromáticos aquecidos. A massagem yoni pode durar até duas horas e meia e é melhor se a experiência for lentamente intensificada para que a mulher que está sendo massageada sinta todos os benefícios e relaxe completamente. Assim, massageie a mulher deitada de costas, inicialmente focando nos seios. Quando ela se virar de bruços, massageie costas, bumbum e pernas, pressionando o seu corpo nu contra o dela. Isso é uma experiência altamente sensual tanto para a massageada quanto para a pessoa que estiver fazendo a massagem.

Quando a mulher estiver pronta, eleve a perna esquerda dela, vire-a para fora e a repouse sobre o seu colo. Coloque óleo aromático aquecido nas mãos e espalhe pela pélvis e vagina.

Massageie delicadamente o monte de Vênus e os lábios externos da yoni. Não se apresse. Pressione suavemente os lábios externos e, em seguida, deslize os dedos para cima e para baixo, por toda a extensão de cada lábio. Repita o processo com os lábios internos da yoni. Escorregue e deslize para cima e para baixo repetidamente. Acaricie o clitóris com delicadeza no sentido horário e no anti-horário, com movimentos circulares, pressionando como fez com a vagina. Continue aplicando óleo. Insira, então, o dedo dentro da yoni com cuidado. Imagine que está massageando cada célula interna. Não deve haver um ponto de chegada para essa massagem, como orgasmo ou algum outro resultado. Leve o tempo necessário, sentindo-a para cima e para baixo, para os lados, variando a profundidade, velocidade e pressão. Explore a massagem interna até estar massageando o ponto G da parede vaginal. Faça movimentos laterais, para frente, para trás e, ao mesmo tempo, volte a fazer movimentos circulares no clitóris. Nesse momento, ela pode ter um orgasmo, mas não pare! Peça que ela continue respirando enquanto massageia o ponto G e o clitóris ao mesmo tempo.

Ela pode gozar novamente, mas não pare ainda! Deixe-a aproveitar a onda orgásmica de novo e de novo, cada vez mais intensamente.

Remova o dedo suavemente e de forma gradual, acariciando as coxas e a barriga o tempo todo. Dê tempo a ela para voltar. Abrace-a!

Apêndice 3

Como fazer a massagem Lingam

Quando reencontra Théo, Valentina faz uma massagem Lingam em seu verdadeiro e único amor. Leve o seu parceiro à loucura com essa experiência. Além disso, essa massagem é extremamente sensual e erótica tanto para quem recebe quanto para quem faz.

É muito importante estar nua ao fazer a massagem porque torna a experiência ainda mais erótica.

Primeiro, sente-se de frente ao seu parceiro na cama. Ambos devem estar nus. Posicione a mão do seu amante sobre o coração dele e coloque sua mão por cima. Deixe-o fazer o mesmo com você. Olhe-o nos olhos e respire com ele, sempre usando o diafragma (respiração com os músculos do abdome).

Deite-o de bruços e aqueça um pouco de óleo aromático. Derrame um pouco nos ombros e costas dele e comece massageando com movimentos circulares amplos e rápidos. Despeje mais óleo nas pernas dele, descendo até os pés e voltando até o bumbum. Deite sobre ele, pressionando seu corpo contra o dele. Desgrude-se e peça para que ele se vire.

Encha as mãos de óleo e espalhe pelo torso, massageando vagarosamente o peito e descendo para o interior das coxas e pélvis, até que ele esteja completamente relaxado.

Coloque uma pequena quantidade de óleo no pênis e nos testículos. Esfregue o óleo nas coxas e suba até a pélvis, sempre com movimentos firmes e lentos. Comece a massageá-lo logo acima do pênis, passando a mão pelo osso púbico e descendo até os testículos. Enquanto massageia as bolas, dê uma leve puxada. Como muitos homens têm muita sensibilidade nesse local, tenha o cuidado de ser delicada e pergunte o quanto de pressão ele gosta. Desça as mãos e massageie atrás dos testículos. Coloque todo o seu corpo nos movimentos de suas mãos e faça carícias fortes e descendentes do pênis até o bumbum. Alterne com movimentos circulares, delicadamente pressionando o ponto G do bumbum com um de seus dedos.

Em seguida, segure o pênis com muito carinho. Comece a massageá-lo, delicadamente apertando a base com a mão direita e, depois, deslize-a para cima, até ultrapassar a cabeça. Ponha mais óleo nas mãos e faça a mesma coisa com a mão esquerda, pressionando o pênis na base, deslizando a mão na direção ascendente para além da extremidade do pênis. Faça novamente com a mão

direita, depois a esquerda, alternando sempre. Em seguida, mude de sentido, alternadamente deslizando as mãos desde a extremidade do pênis até a base. Após alguns minutos, tome o pênis entre as mãos e esfregue-as rapidamente, como se estivesse acendendo uma fogueira (e, provavelmente, você está). Pegue a cabeça e, suavemente, balance o pênis para frente e para trás. Então, envolva a cabeça com a palma da mão e gire-a como se estivesse espremendo um limão. Nesse momento, é provável que seu parceiro esteja perto do orgasmo, mas, para que a experiência seja extremamente intensa, pare ou diminua um pouco a velocidade, pedindo a ele que respire devagar. Repita a massagem no pênis até ele atingir o orgasmo — ou até que ele peça para fazer amor com você exatamente como Théo fez.

Apêndice 4

Coquetel Valentina

O coquetel Valentina foi criado por Andy Seach, que dirige a empresa de coquetéis sob medida Barfly UK (<http://www.barflyuk.com>), e foi experimentado por minhas amigas de confiança: Ila, Sidsel, Ann, Nina, Marianne e Tracey.

O coquetel evoca o espírito de Valentina e é uma poderosa combinação de sensações. Por favor, beba com moderação. É muito forte!

Como preparar:

Triture gelo e coloque em uma coqueteleira.

Acrescente 35 ml de gim, 15 ml de limoncello e 15 ml de Chambord (licor de framboesa).

Bata bem.

Se quiser deixar a bebida com menos teor alcoólico, substitua o Chambord por uma bebida não alcoólica à base de framboesa.

Agradecimentos

Do fundo do coração, obrigada às minhas agentes Marianne Gunn O'Connor e Vicki Satlow, pela fé e trabalho árduo. Obrigada às minhas brilhantes editoras, Leah Woodburn e Sherise Hobbs; e a Emily Kitchen, Veronique Norton, Lynsey Sutherland, Kim Hardie e o restante da fabulosa equipe da Headline pela ajuda e dedicação durante a criação da Trilogia Valentina. Obrigada, Pat Lynch, pelo apoio infinito; e a Turid Løvskar, Silje Karin Iversen, Dilani Vampahan, da Bazar Forlag, Joeska de Wijs, da House of Books, e Eva Schubert, da Random House.

Obrigada, Andy Seach, da Barfly UK Bespoke Bars (<http://www.barflyuk.com>), por criar o coquetel Valentina.

Obrigada, Tracey Ann Skjæråsen, que me acompanhou na pesquisa de campo em Nova York e me ajudou muito. Obrigada a todas as minhas amigas por continuarem me apoiando e me encorajando a escrever: Kate Pengelly, Donna Ansley, Monica McInernery, Sinead Moriarty, Suzy Wilson, Carol O'Connor, Bernie McGrath, Therese Dalton, Nina Rolland, Ila Moldenhauer, Ann Seach, Sidsel Humberset, Marianne Mølholm, Hege Isaksen, Synnøve Bakke, Emmanuelle Chaze, Page Allen e Elisa Bjersand. Obrigada à minha família: Fintan & Eimear Blake Kelly, Jane & Jon Birman, Jed Harrison & Caroline Cole, Paul & Sue Harrison, Joyce D'Silva, Mary Ansley, Maria & Bryce Wilby e Liz Davies.

O maior agradecimento de todos vai para a minha afilhada Helena, meu filho Corey e meu marido Barry, que me suportaram quando fiquei reclusa escrevendo. Obrigada de coração, pois não teria conseguido sem sua ajuda.

Por fim, gostaria de me despedir de Valentina. Obrigada por me inspirar com seu espírito livre e por me levar com você nessa viagem de amor, luz e criatividade.

Beijos, Evie

Table of Contents

Folha de rosto
Sobre este livro
Sobre a autora
Expediente
Dedicatória
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30

[Apêndice 1](#)

[Apêndice 2](#)

[Apêndice 3](#)

[Apêndice 4](#)

[Agradecimentos](#)